

SILVANA RODRIGUES DE SOUZA QUEIROZ

O VOCABULÁRIO ALENCARIANO DE  
*O SERTANEJO*: UMA ANÁLISE  
LÉXICO-SEMÂNTICA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA - UFU  
Instituto de Letras e Linguística – ILEEL  
2006

SILVANA RODRIGUES DE SOUZA QUEIROZ

O VOCABULÁRIO ALENCARIANO DE  
*O SERTANEJO*: UMA ANÁLISE  
LÉXICO-SEMÂNTICA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Lingüística – Curso de Mestrado em Lingüística do Instituto de Letras e Lingüística da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Lingüística.

Área de concentração: Estudos em Lingüística e Lingüística Aplicada.

Orientador: Prof. Dr. Evandro Silva Martins.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA – UFU  
Instituto de Letras e Lingüística – ILEEL  
2006

## FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pelo Sistema de Bibliotecas da UFU / Setor de  
Catalogação e Classificação / mg / 04/06

Q3v

Queiroz, Silvana Rodrigues de Souza, 1960-

O vocabulário alencariano de O Sertanejo: uma análise léxico-  
semântica / Silvana Rodrigues de Souza Queiroz. - Uberlândia,  
2006.

357 f. : il.

Orientador: Evandro Silva Martins.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,  
Programa de Pós-Graduação em Lingüística.

Inclui bibliografia.

1. Lexicologia - Teses. 2. Alencar, José de, 1829-1877 – O Sertanejo - Crítica e Interpretação - Teses. I. Martins, Evandro Silva. II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Lingüística. III. Título.

CDU: 801.3

SILVANA RODRIGUES DE SOUZA QUEIROZ

O LÉXICO ALENCARIANO DE *O SERTANEJO*:  
UMA ANÁLISE LÉXICO-SEMÂNTICA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Lingüística – Curso de Mestrado em Lingüística do Instituto de Letras e Lingüística da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Lingüística.

Área de concentração: Estudos em Lingüística e Lingüística Aplicada.

Orientador: Prof. Dr. Evandro Silva Martins.

Dissertação submetida à defesa em 19 de Junho de 2006, pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:

---

Orientador: Prof. Dr. Evandro Silva Martins – (UFU)

---

Profa. Dra. Lídia de Almeida Barros – (UNESP)

---

Profa. Dra. Waldenice Moreira Cano – (UFU)

*Dedico este trabalho, em especial, ao meu inesquecível pai, Itamar, que, antes de partir para além daqui e transformar-se em saudade, despertou em mim o amor pelas palavras. E a minha mãe, Manoela, pela alegria, pelo exemplo de luta e coragem. Ao meu esposo José Carlos, pelo companheirismo e presença. Aos meus queridos filhos, Vinícius, Leonardo e Bruno, pelo amor e luz em minha vida. Aos meus irmãos, irmãs e sobrinhos, pela alegria do convívio.*

## AGRADECIMENTOS

*A Deus, pelas bênçãos em minha vida.*

*Ao amigo e orientador Prof. Dr. Evandro Silva Martins, em especial, pelas palavras, pela indicação do caminho, pela serenidade, paciência, pelo exemplo de humanidade; a minha amizade, admiração e eterna gratidão.*

*Aos professores Dr. Waldenor Barros Moraes Filho e Dr<sup>a</sup>. Waldenice Moreira Cano, pelas valiosas considerações e sugestões apresentadas durante o Exame de Qualificação.*

*À Profa. Dra. Eliana Dias, pela disponibilidade e atenção..*

*A todos os professores do Mestrado em Lingüística, em especial ao Prof<sup>o</sup> Dr Luiz Carlos Costa (in memorian) e à Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Alice Cunha de Freitas, pelas aulas, pelos conhecimentos compartilhados, pelo convívio sempre enriquecedor.*

*Ao UNICERP, Centro Universitário do Cerrado – Patrocínio, pela liberação das atividades de docente para a conclusão do Mestrado.*

*Ao Colégio Atenas, em especial, ao Diretor Prof. Ivan Batista da Silva, pela concessão da licença para cursar o Mestrado.*

*À Biblioteca Municipal de Patrocínio, pelo empréstimo dos dicionários.*

*Aos meus alunos e ex-alunos do Colégio Atenas e do UNICERP.*

*Ao José Carlos, por tudo que vivemos; pelo amor e pela presença constantes.*

*Aos meus filhos, Vinícius, Leonardo e Bruno, pelo amor, pela confiança que sempre depositaram em mim e pela alegria que são para minha vida.*

*Ao meu pai Itamar (in memorian) por ter sido o primeiro a incentivar-me e a mostrar-me o caminho das letras. Pelo amor, pela convivência, pelo seu exemplo de vida, pelos valores éticos que herdei, a minha admiração e saudade.*

*À minha mãe, pelo amor, pela coragem e exemplo de luta, a minha gratidão.*

*Aos meus irmãos, irmãs e sobrinhos, pela presença amiga e alegre em minha vida, pessoas indispensáveis à minha formação.*

*A todos que contribuíram para a realização deste trabalho, o meu respeito e amizade.*

*“Todo homem, orador, escritor, ou poeta, todo homem que usa a palavra, não como um meio de comunicar as suas idéias, mas como um instrumento de trabalho; todo aquêlê que fala ou escreve, não por uma necessidade da vida, mas sim para cumprir uma alta missão social; todo aquêlê que faz da linguagem, não um prazer, mas uma bela e nobre profissão, deve estudar e conhecer a fundo a fôrça e os recursos desse elemento de sua atividade. A palavra tem uma arte e uma ciência: como ciência, ela exprime o pensamento com toda a sua fidelidade e singeleza; como arte, reveste a idéia de todos os relevos, de todas as graças, e de todas as formas necessárias para fascinar o espírito. O mestre, o magistrado, o padre, o historiador, no exercício do seu respeitável sacerdócio da inteligência, da justiça, da religião e da humanidade, deverá fazer da palavra uma ciência; mas o poeta e o orador devem ser artistas, e estudar no vocabulário humano todos os seus segredos mais íntimos, como o músico que estuda as mais ligeiras vibrações das cordas de seus instrumentos, como o pintor que estuda todos os efeitos da luz nos claros-escuros.”*

*José de Alencar*

*Cartas sobre a “Confederação dos Tamoios (1856)*

## RESUMO

Neste trabalho, realizamos um estudo léxico-semântico dos substantivos representativos do campo léxico da flora e da fauna na obra *O sertanejo*, de José de Alencar, com o objetivo de verificar aspectos do léxico utilizado por Alencar na configuração do espaço geográfico denominado, por ele, sertão. Objetivamos demonstrar, ainda, que a formação desses campos léxicos são reveladores da intenção do autor em relação ao seu propósito maior: o de criar uma literatura que revelasse os “modos brasileiros”, seja na língua, na cultura, na natureza ou na geografia. O modelo teórico eleito para a organização e análise dos campos léxicos foi o *Sistema de Conceitos*, cuja autoria é de Rudolf Hallig e Walter von Wartburg; obra publicada em 1952, com o propósito de oferecer suporte e orientação para obras lexicográficas. Tal sistema propõe a divisão conceitual do mundo em três grandes categorias: A – *Universo*; B – *Homem*; C – *Relações entre universo e homem*. Feitas as descrições contextuais e análises dos campos conceptuais da flora e fauna, consideramos confirmada a nossa hipótese, pois foi possível constatar, através do léxico, que o sertão de Alencar não é o sertão cearense, como se poderia supor, já que ele é filho do Ceará; mas o seu sertão é um *sertão literário*, é um sertão nacional, é o próprio Brasil. Através da idealização do sertão, da descrição da natureza, Alencar vai criando e revelando a nação brasileira, na busca de sua autonomia literária, lingüística e cultural. A língua e a literatura tornaram-se, para Alencar, o instrumento fundamental na constituição de uma identidade para uma nação recém independente. Assim, percebemos que os itens lexicais representativos dos campos conceptuais da flora e fauna na obra *O sertanejo* foram reveladoras da intenção de Alencar em tornar a nossa literatura, a nossa língua, a nossa cultura, em manifestações genuinamente brasileiras.

Palavras-chave: Lexicologia, campos léxicos, descrição semântica, vocabulário, José de Alencar.

## ABSTRACT

This paper performs a lexical-semantic study of the main nouns in the flora and fauna lexical fields of the novel *O Sertanejo* by José de Alencar. With the purpose of verify lexical aspects used by the author in the establishment of the geographical space named by him as *sertão*. It is still tried to demonstrate that the formation of these lexical fields are revealing of the author's intention in relation to his major proposal: to create a literature that shows the Brazilian ways in language, culture, nature or geography. The theoretical model chosen to organize and analyse the lexical fields was the *Concept System* by Rudolf Hallig and Walter von Wartburg, which was published in 1952 with the purpose of offering support and orientation to lexical books. This system proposes the concept division of the world into three major categories: A – *Universe*; B – *Man*; C – *Relationships between man and universe*. With the contextual descriptions and flora and fauna field analysis performed, we consider our hypothesis confirmed since it was possible to verify, via lexicon, that the *sertão* of José de Alencar is not the *sertão* of Ceará, Brazil, as the previous assumption, since he was born in Ceará; but the *sertão* of José de Alencar is a literary one, it is the national *sertão*, it is Brazil itself. Through the idealization of the *sertão*, the description of the nature, José de Alencar creates and reveals the Brazilian nation, seeking its literary, linguistic, and cultural autonomy. Therefore, portraying the flora and fauna, in all its diversity and beauty, was one of the ways to build our nationality. The language and the literature become, to José de Alencar, the fundamental tool in the constitution of an identity to a recently independent nation. This way, we can notice that the representative lexical items of the conceptual fields of flora and fauna in José de Alencar's novel *O Sertanejo* were revealing of his intentions to make our literature, our language, our culture into genuine Brazilian manifestations.

Key words: Lexicology; lexical field; semantic description; vocabulary, José de Alencar.

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- 1 AMS – Antônio de Moraes Silva
- 2 AGC – Antônio Geraldo da Cunha
- 3 CF – Cândido Figueiredo
- 4 DV – Domingos Vieira
- 5 RVI – Rodolpho von Ihering
- 6 N/C – Nada Consta
- 7 OC – Ocorrências
- 8 SC – Sistema de conceitos
- 9 DHPPOT – Dicionário Histórico das Palavras Portuguesas de Origem Tupi
- 10 DAB – Dicionário dos Animais do Brasil

## ÍNDICE DE TABELAS

	Página
Tabela 1: Palavras classificadas como neológicas .....	319
Tabela 2: Itens lexicais utilizados para nomear elementos da flora brasileira .....	320
Tabela 3: Itens lexicais utilizados para nomear elementos da fauna brasileira .....	326
Tabela 4: Classificação dos vocábulos representativos da flora quanto às marcas de uso e região de ocorrência.....	329
Tabela 5: Classificação dos vocábulos representativos da fauna quanto às marcas de uso e região de ocorrência. ....	33

## SUMÁRIO

<b>RESUMO</b> .....	06
<b>ABSTRACT</b> .....	07
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>CAPÍTULO I – A PESQUISA</b> .....	18
1.1 - Justificativa .....	18
1.2 - Objetivos .....	20
1.2.1. Objetivo geral .....	20
1.2.2. Objetivos específicos .....	20
1.3 - Hipótese .....	21
1.4– Fundamentação teórica .....	22
1.5 –Aspectos metodológicos.....	23
1.5.1. Estabelecimento e análise do <i>corpus</i> : procedimentos e critérios.....	23
1.5.2. Critérios para as entradas abonatórias.....	26
1.6 - Plano de trabalho .....	27
<b>CAPÍTULO II – FUNDAMENTOS HISTÓRICOS</b> .....	29
2.1 - O movimento romântico: breve comentário .....	30
2.2 - O Romantismo e o Nacionalismo lingüístico no Brasil do século XIX.....	31
2.2.1 - Romantismo no Brasil: contexto histórico-cultural.....	31
2.3 - José de Alencar: do Ceará para o Brasil.....	35
2.3.1 - Dados biográficos .....	35
2.3.2 - Alencar no Romantismo: características literárias.....	39

2.3.3 - Alencar e a emancipação lingüística.....	44
2.4 - O romance O sertanejo e a brasilidade .....	52
2.4 - O sertão romântico.....	57
<b>CAPÍTULO III – FUNDAMENTOS TEÓRICOS.....</b>	<b>62</b>
3.1- O léxico.....	62
3.2 - O vocabulário .....	67
3.3 – As ciências do Léxico .....	69
3.3.1 – Lexicologia e Lexicografia .....	69
3.4 – Neologismo e Neologia: breve comentário .....	76
3.4.1 – Neologismo na Literatura .....	83
3.5 - O estruturalismo de Saussure .....	86
3.6 - Teoria dos campos: algumas posições teóricas .....	90
3.7 - O Sistema de Conceitos de Hallig-wartburg .....	95
<b>CAPÍTULO IV – APRESENTAÇÃO, DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO <i>CORPUS</i></b>	
.....	119
4.1. A organização e classificação dos itens lexicais em campos léxicos segundo o SC.	
.....	124
4.1.1 - Categoria A: <i>O Universo</i> .....	124
4.1.1.1 - Item I – As plantas .....	124
4.1.1.2 – Item II – Os animais .....	127
4.2. A análise do <i>corpus</i> .....	131

<b>CAPÍTULO V – NEOLOGISMO EM ALENCAR: BREVE COMENTÁRIO</b> .....	301
5.1 – Neologismo na Literatura .....	301
5.2 - Unidades lexicais classificadas como neológicas .....	304
<b>CAPÍTULO VI – DISCUSSÃO DOS DADOS</b> .....	316
<b>CONCLUSÃO</b> .....	338
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	345
<b>ANEXO</b> .....	355









## INTRODUÇÃO

Inicialmente, é importante registrar que o trabalho que ora apresentamos, denominado – *O vocabulário alencariano de O sertanejo: uma análise léxico-semântica* – teve como propósito inicial, fazer um estudo do vocabulário, dito regionalista, na obra *O sertanejo* de José de Alencar (1875), a fim de investigar a criação ou não de formações neológicas, visando à elaboração de um glossário neológico.

Cumpramos ressaltar que tal propósito foi elaborado, tendo em vista uma pesquisa maior intitulada –*Dicionário de neologismos literários do Português do Brasil* – desenvolvida pelo professor Doutor Evandro Silva Martins, na Universidade Federal de Uberlândia, e que objetiva elaborar glossários e dicionários dos neologismos literários do Português do Brasil.

No entanto, ao longo do desenvolvimento do trabalho começamos a perceber que não havia um número muito expressivo de neologismos na obra em análise. Em razão disso, e, sobretudo, por termos verificado, desde o início das investigações, a predominância de certos universos léxicos na obra, vimos, por ocasião do Exame de Qualificação, na necessidade de redirecionarmos nossa pesquisa. Assim sendo, nos propusemos a fazer uma descrição semântica da classe gramatical “substantivo” em campos lexicais, com o propósito de mostrar, por meio do léxico, que o autor da obra em análise, através da descrição de quadros da natureza, cria um sertão não regional, mas brasileiro; e utiliza-o como elemento de afirmação da nacionalidade. Para tanto, estabelecemos como fonte de referência para a composição do *corpus* os campos conceptuais da fauna e da flora na obra *O sertanejo* (1875) de José de Alencar.

Importa mencionar que não deixamos de levar em conta, em nossas análises, os aspectos históricos e culturais que envolveram a produção artística no Brasil do século XI, por entendermos e admitirmos a relação incontestável entre língua e sociedade, língua e cultura.

Ressaltamos, ainda, que, embora tenhamos redirecionado nosso propósito, não ignoramos o viés que liga nosso trabalho ao projeto do orientador, qual seja, a identificação e análise dos neologismos, ainda que, em número pouco expressivo, encontrados na obra em estudo. Por isso, tecemos algumas considerações sobre neologismos.

Posto isso, passemos a algumas informações sobre o léxico e seu estudo. Já é por demais conhecida a idéia de que é pela palavra que o homem nomeia, cria e transforma o universo real. É pela linguagem que ele troca experiências, fala sobre si mesmo, fala de seu mundo, conhece seu passado e constrói sua história. Produz as ciências e as artes. Assim sendo, o estudo do léxico, esse acervo vocabular interiorizado na mente do indivíduo, torna-se de suma importância, já que, por meio dele, podemos conhecer o processo de desenvolvimento e de transformação de uma língua. Ao apreender e nomear a realidade que o cerca, o falante atua sobre o sistema lingüístico e essa sua interferência reflete no léxico por ele utilizado.

É, portanto, no léxico que vemos refletidos os aspectos do mundo bio-sócio-cultural de uma determinada comunidade lingüística, o que nos possibilita a compreensão da forma como uma sociedade concebe seu mundo num dada época, num dado lugar. Isso lhe confere o *status* de sistema aberto, susceptível a transformações e a reacomodações, evidenciando assim, a estreita relação entre léxico e sociedade.

Dessa maneira, o estudo do léxico tem sido, ultimamente, objeto de interesse e preocupação de vários pesquisadores. Também é verdade que, talvez pela própria natureza do seu objeto de estudo, não é tarefa simples realizar qualquer investigação sistemática do léxico de uma língua. Mas, ainda assim, temos assistido, ultimamente, a um significativo

crescimento e interesse de pesquisadores em torno da investigação sobre o Léxico. No próprio meio acadêmico têm surgido inúmeras pesquisas que objetivam ao estudo sistemático do Léxico, focalizando-o em seus mais diversos aspectos.

Não foram poucos os estudiosos que já se posicionaram sobre a relação natural que envolve léxico e sociedade. Nomes importantes surgiram na formulação de estudos sobre essa relação. Um deles, por exemplo, foi George Matoré (1953) ao preconizar que o léxico é “testemuho da sociedade” e reflete as diferentes fases que determinam e compõem a história dessa sociedade.

Isso posto, acreditamos que fazer um estudo léxico-semântico do vocabulário representativo da flora e da fauna na obra *O sertanejo*, de José de Alencar, será uma forma de revelar o desejo desse escritor de investigar e interpretar, através da Arte, aspectos da realidade sócio-histórica- política e cultural do Brasil daquela época.

Dessa maneira, o objetivo primeiro dessa pesquisa é, pois, organizar, descrever e analisar semanticamente e contextualmente, os substantivos representativos da flora e fauna na obra supracitada, com vistas a verificar aspectos do léxico utilizado por Alencar na configuração do espaço denominado sertão.

Intentamos mostrar, por meio do estudo do vocabulário alencariano, que o autor da obra em análise, através da idealização do sertão, da descrição da natureza, vai criando e revelando uma nação brasileira, que buscava sua autonomia literária, lingüística e cultural.

Para tanto, buscamos os pressupostos teóricos que nortearam nossas reflexões e análises, nos autores que se dedicaram ao estudo das ciências do léxico, tais como Matoré (1953), Guilbert (1975), Haensch (1982), Boulanger (1990), Vilela (1991), Barbosa (1991) e Biderman (2001). Já para os conceitos e informações sobre a teoria dos campos, buscamos orientações a partir das reflexões propostas por Trier-Weisgerber (1934), Geckeler (1976) e Coseriu (1977). E utilizamos, ainda, como instrumento auxiliar para organização e

classificação dos vocábulos em campos léxicos, o *Sistema de Conceitos* de Hallig-Wartburg (1963), que nos permitiu a ordenação das unidades lexicais que compõem o *corpus*.

Para a elaboração de tal Sistema, os autores recorrem a dois princípios: o primeiro é o de que a língua, além de servir de meio para a comunicação, cria um mundo que se insere entre o “eu” e o “mundo exterior” que é atestado pelo uso da língua materna; e o segundo é o princípio da articulação, isto é, todos os meios de expressão de uma língua compõem um sistema em que cada parte se relaciona com as outras e está condicionado por elas.

Sobre a escolha de José de Alencar e uma de suas obras para a constituição do *corpus*, queremos registrar que o elegemos, primeiramente, por ter sido esse autor um dos nomes mais representativos do romance brasileiro, considerado pela história literária como uma figura singular dentro da literatura brasileira, no que diz respeito à consolidação e desenvolvimento do Romantismo brasileiro. E também, porque, embora tenhamos redirecionado nossa pesquisa por ocasião do Exame de Qualificação, conforme já mencionamos, o nosso estudo foi elaborado em conformidade com o projeto de nosso orientador, Professor Doutor Evandro Silva Martins, e que objetiva elaborar glossários e dicionários dos neologismos literários do Português do Brasil, nas obras dos autores representativos do Romantismo brasileiro.

Verificamos, ainda, que são escassos os estudos dedicados à obra *O sertanejo*, sobretudo, quanto ao tema proposto. Considerada pelo crítico literário Araripe Júnior (*apud* MARTINS 1997, p. 16) como “sombra pálida do Guarani”, ocupa posição marginal nos estudos alencarianos.

Ademais, José de Alencar foi uma figura interessante e curiosa dentro de nossa literatura. Aliando sua vocação política, a expressão de seus sentimentos ao gênero literário, chamou atenção pelo trabalho que realizou com a literatura e com a língua portuguesa no Brasil pós-independência, por imprimir a esta e àquela “modos brasileiros”. Podemos pelos seus inúmeros prefácios perceber no poeta, o lingüista.

Dono de uma capacidade extraordinária de criação e movido por forte sentimento de nacionalidade, Alencar acabou atraindo para suas produções leitores e críticos que viam na temática de suas obras, a possibilidade da construção de uma língua e, conseqüentemente, de uma literatura com “estilo brasileiro.” Alencar tinha consciência da necessidade de criar uma literatura que fosse essencialmente brasileira, que retratasse a realidade cultural do Brasil, consoante o ideário romântico. Uma literatura que expressasse a nação com sua geografia, seus costumes e sua cultura própria. E, para a consecução de tal intento, a questão da língua não poderia deixar de ser tratada. E, desta questão, Alencar cuidou muito bem. Foi, conforme podemos perceber nas várias referências feitas a ele nas diversas obras da crítica literária brasileira, um lingüista no seu tempo, pois soube, como poucos em sua época, tomar uma posição diante da linguagem, rompendo com os moldes impostos pela tradição lusitana. Fez da língua e da literatura instrumentos de expressão da realidade, da identidade, isto é, da criação da auto-imagem do Brasil.

Portanto, fazer o estudo de alguma obra de José de Alencar será sempre uma forma de revelar um pouco do propósito desse artista romântico de construir, no plano ficcional e pela palavra, uma nação brasileira, consoante o ideário romântico.

Além disso, optar por um texto literário para realização de uma investigação lingüística é, também, promover a articulação entre Lingüística e Literatura. Aliás, a articulação entre Lingüística e Literatura existe não é de hoje. Sabemos que na história da Lingüística da Europa Ocidental, a crítica e o conhecimento literário, ao lado dos estudos filosóficos, já constituíam importante fonte de estudo sistematizado da língua.

Embora não operem na totalidade de um mesmo campo, nem procedam da mesma maneira, é possível determinar entre elas pontos de interseção e pontos de distanciamento. Ao relacionarmos o texto literário ao não-literário, vemos que o texto literário, dado o seu aspecto estético e plurissignificativo, viabiliza a criação de novas relações de sentido, com a

resignificação de itens lexicais que, pelas mãos do escritor revestem-se de novos sentidos. Mas, nem por isso deixa de ser um espaço relevante de reflexão sobre a realidade, envolvendo um processo de recriação dessa realidade. No caso de Alencar, um espaço de luta pela independência literária e cultural do Brasil, em que a língua desempenhou importante papel no processo de constituição da identidade da nação.

Assim, entendemos que a linguagem literária, embora se configure como um uso especial da linguagem, não deixa de ser um ato lingüístico, na medida em que o autor, no processo de criação, vale-se, para sua expressão, do sistema da língua por ele utilizada. E Alencar esteve sempre atento à questão da língua como instrumento de representação dos fatos sociais, por isso foi tão criticado por não se ater, sempre, às regras impostas pela norma lusitana.

Ora, sendo a literatura a abordagem artística do material básico das línguas, objeto da Lingüística, valer-se de um texto literário para um estudo lexicológico, só poderá beneficiar a amplitude de compreensão da abordagem lingüística. Mesmo porque o escritor ou o poeta quando luta com as palavras, não o faz apenas por ele, mas por todos os que se utilizam da língua.

Assim, admitimos que fazer uma análise léxico-semântica das palavras é revelar não só seus aspectos formais, mas também é penetrar num mundo da significação para além delas mesmas.

Posto isso, passemos ao capítulo I, em que fazemos algumas considerações sobre o léxico e seu estudo.

## CAPÍTULO I – A PESQUISA

Este capítulo tem como propósito a caracterização da pesquisa apresentando sua justificativa, os objetivos (geral e específicos), a descrição da metodologia, bem como os procedimentos deste estudo e o plano de trabalho.

### 1.1 – JUSTIFICATIVA

É incontestável o fato de que a língua, como fato social que é, esteja intrinsecamente relacionada à sociedade e à cultura que dela fazem uso. Assim, encontramos em toda e qualquer forma de manifestação lingüística, elementos que revelam a forma como uma determinada comunidade concebe o seu mundo em uma determinada época. Sobre isso, Câmara Jr. (1965) explica:

A língua é uma representação do universo cultural em que o homem se acha, e, como representa esse universo, as suas manifestações criam a comunicação entre os homens que vivem num mesmo ambiente cultural. A língua se apresenta como um microcosmo da cultura. Tudo o que esta possui, se expressa através da língua; mas a língua em si mesma é um dado cultural. É fragmento da cultura de um grupo humano a sua língua. A língua é essencialmente a representação de um mundo extralingüístico em que os falantes se movem e que entra dentro de uma dada configuração formal. (CÂMARA Jr. 1965, p. 48).

Assim, não há como desconsiderar a influência exercida pela cultura, pela realidade social de uma dada comunidade lingüística, na formação da língua.

E todo o movimento de expansão, de alteração e de acréscimo na língua é revelado, sobretudo, no léxico, nível lingüístico que representa e retrata a visão que a sociedade forma sobre o seu próprio universo. É, então, neste nível, que vamos perceber as marcas que evidenciam as diferentes formas que uma determinada comunidade lingüística, em

determinado espaço geográfico, em um determinado tempo, concebem e apreendem a realidade.

Assim, o uso de obras literárias para estudos na área da linguagem tem sido comum pelos estudiosos que pretendem investigar e analisar os processos de criação lexical no texto literário, bem como desvelar a realidade de uma determinada época através do estudo do léxico. Sabemos que o discurso literário, dado a liberdade própria do processo de criação, o uso próprio da linguagem, torna-se fonte de interessantes descobertas no âmbito lexical.

Assim, por meio deste estudo, podemos, além de priorizar o estudo de um autor brasileiro, analisar e descrever também, aspectos do universo léxico no âmbito literário, atendendo às necessidades do desenvolvimento dos estudos científicos da linguagem.

O presente trabalho justifica-se, pois, pela importância da elaboração de um estudo léxico-semântico, pensando na possibilidade de melhor caracterizar o léxico alencariano na obra em análise, evidenciando assim, a pretensão e/ou o empenho do autor em revelar, pela palavra e pelo universo ficcional, a nação recém independente em seus aspectos bio-sócio-histórico e cultural daquela época.

Ademais, tal pesquisa poderá contribuir para a valorização e resgate desta obra que, embora muito criticada por alguns estudiosos da área, é de valor para a literatura brasileira. Através deste estudo, o consulente poderá, também, constatar o empenho de Alencar em conferir à língua portuguesa o seu “modo brasileiro”.

Isso é confirmado por Preti (1977), quando afirma que Alencar foi

o primeiro defensor da causa de uma “língua brasileira” mais na prosa de ficção, no diálogo de suas personagens, mais de uma vez se manifestou sobre o purismo lingüístico, advogando sempre a tese da existência no Brasil de uma língua nova, evoluída em relação aos padrões portugueses, por fatores extralingüísticos, língua que a literatura não poderia deixar de retratar. (PRETI, 1977, p. 56)

É importante também ressaltar que análises dessa natureza podem ser úteis não só àqueles que têm interesse pelo estudo do léxico, mas também aos leitores, professores,

especialistas que se interessam pelo estudo das obras de Alencar, já que são poucas as obras encontradas em que se propuseram fazer um estudo do léxico nas obras regionalistas desse autor. E, para os envolvidos no ensino de língua e literatura, acreditamos poder colaborar para uma atuação mais significativa quanto ao ensino, por entendermos que estudos desta natureza podem constituir-se numa nova forma de ensinar literatura e língua nas escolas de ensino médio e por que não dizer nos Cursos de graduação em Literatura.

## **1.2 - Objetivos**

### **1.2.1 – Objetivo Geral**

Este trabalho tem como objetivo organizar, descrever e analisar semanticamente a classe gramatical substantivo, na obra *O sertanejo*, em campos lexicais representativos da fauna e flora, com vistas a verificar aspectos do léxico utilizado por Alencar na configuração do espaço geográfico denominado sertão. Para tanto, utilizamos como instrumento auxiliar no estudo do vocabulário o modelo teórico denominado *Sistema de Conceitos*, de Rudolf Hallig e Walter von Wartburg.

### **1.2.2 - Objetivos Específicos**

- a) identificar todos os substantivos presentes na obra em análise;
- b) organizar os itens lexicais nos campos léxicos da fauna e flora e seus respectivos subcampos;
- c) fazer a análise e descrição semântica da classe substantivo em campos lexicais, a partir do *Sistema de Conceitos* de Hallig-Wartburg;

e) verificar se o sertão para Alencar era algo delimitável ou se se tratava de uma realidade nacional.

f) verificar se o léxico reproduz a realidade sugerida pelo título da obra e se o autor cria neologismos.

### **1.3 – Hipótese**

Segundo a história literária brasileira, o Romantismo nasce no Brasil poucos anos depois de nossa independência política. Essa independência política, ocorrida em 1822, desperta na consciência de intelectuais e artistas nacionais, à vista do ideário romântico, a necessidade de criar uma cultura genuinamente brasileira identificada com suas próprias cores, com suas raízes históricas, lingüísticas e culturais. Para tanto, a língua, instrumento de caracterização e expressão de um povo, foi o veículo maior para a independência cultural, literária e política. Neste sentido, partimos do princípio de que língua, sociedade e cultura estão intimamente entrelaçadas, pois as palavras estão a serviço do falante para que o mesmo possa, a cada necessidade sua, nomear novas realidades ou designar conceitos próprios de sua cultura.

Os primeiros artistas românticos estão empenhados em caracterizar e definir um perfil da cultura brasileira em vários aspectos: na língua, na raça, nas tradições, nos costumes, nas diferenças regionais etc. Assim, pode-se dizer que o nacionalismo é o traço que caracteriza a produção de nossos escritores românticos, como é o caso de José de Alencar. E que o ideário romântico no Brasil era a busca pela identidade de um Brasil que estava nascendo.

Dessa forma, partimos da hipótese de que a pretensão de Alencar era criar, mediante o léxico, um universo ficcional verossímil, consoante o ideário romântico sem perder de vista o

contexto sócio-histórico e cultural do Brasil do século XIX. Desse modo, buscamos verificar se o sertão alencariano passa a ser um sertão nacional.

#### **1.4 - Fundamentação teórica**

Quanto ao suporte teórico para o desenvolvimento de nossa pesquisa, buscamos as orientações em pesquisas e obras de autores que discorrem sobre questões referentes ao léxico e seu estudo tais como: Matoré (1953), Guilbert (1975), Boulanger (1990), Vilela (1991), Barbosa (1991) e Biderman (2001).

E, sobre a teoria dos campos, buscamos as posições teóricas de autores que, inspirados em Humboldt, Herder e Saussure, trouxeram importantes contribuições na formulação de uma teoria dos campos. São eles: Trier (1934), Geckeler (1976) e Coseriu (1977). Para a organização dos itens lexicais em campos semânticos, utilizamos o *Sistema de Conceitos*, modelo teórico proposto e apresentado por Rudolf Hallig e Walter von Wartburg em 1952, no Sétimo Congresso Internacional de Lingüística, ocorrido em Londres. Tal sistema se caracteriza por conter os conceitos gerais da linguagem e por estabelecer certos princípios de classificação, alicerçados em uma base fenomenológica. É um sistema empírico de referências extra-lexicais e que permite a ordenação do vocabulário léxico sem a necessidade de recorrer à ordem alfabética.

Ressaltamos que, considerando os objetivos propostos para este estudo, fizemos alguns recortes no *Sistema de Conceitos*, a fim de adaptá-lo aos nossos interesses neste estudo. Dessa maneira, o *Sistema de Conceitos* serviu-nos apenas como um instrumento auxiliar na organização e classificação dos itens lexicais selecionados para análise.

## 1.5 – Aspectos metodológicos

Neste item, apresentamos os procedimentos metodológicos adotados para o desenvolvimento deste estudo, o estabelecimento do *corpus*, os critérios que direcionarão as análises dos itens lexicais, os critérios para as abonações para, em seguida, proceder à apresentação do plano de trabalho.

### 1.5.1 - Estabelecimento e análise do corpus: procedimentos e critérios

A organização do *corpus* se deu a partir das seguintes etapas: num primeiro momento, fizemos um levantamento bibliográfico, a fim de coletar informações relativas aos estudos e pesquisas envolvendo o estudo do léxico nas obras regionalistas de Alencar, para a escolha da obra a ser investigada.

Escolhida a obra, realizamos a pesquisa e importação da obra em meio eletrônico do site *eBooksBrasil.com*, edição baseada na digitalização da edição em papel da Editora José Olympio, 1955. Como decidimos trabalhar com a primeira edição da obra, e não a encontramos em meio eletrônico e nem em nossas bibliotecas, fizemos aquisição da mesma, através da biblioteca da UFU pelo sistema de COMUT com a UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina). De posse da 1ª edição da obra, fizemos a conferência com a obra adquirida em meio eletrônico, complementando-a de acordo com a primeira edição. Revista e conferida com a 1ª edição, partimos para a constituição do *corpus* da pesquisa.

A constituição do *corpus* de nossa pesquisa resultou da identificação de todos os substantivos presentes na obra *O Sertanejo* de José de Alencar. Para isso, utilizamos o programa *Folio Views 4*, que nos permitiu fazer o levantamento de todas as palavras na obra

do autor, de A a Z e também proceder à identificação do contexto em que a palavra foi utilizada, bem como o número de ocorrências das unidades lexicais no *corpus*.

Após a seleção de todas as palavras que constituem a obra, o que totalizaram 7279 vocábulos, identificamos e selecionamos apenas os substantivos, o que resultaram em 2449 itens lexicais. Na seqüência, recortamos apenas os itens lexicais relacionados a aspectos físicos da natureza, ou seja 320 vocábulos com 1712 ocorrências. Destes selecionamos somente os vocábulos que compõem o campo léxico da flora e da fauna, o que totalizaram 125 vocábulos com 934 ocorrências. Excluímos de nosso levantamento os substantivos com função adjetiva e também aqueles que julgamos ter um sentido óbvio dentro do contexto.

Importa registrar, ainda sobre a constituição do *corpus*, que a opção pelos substantivos se justifica não só pela necessidade de delimitação do estudo, já que o mesmo poderia ser feito com outras classes gramaticais, mas também pelo fato de ser os substantivos a classe das designações e das nomeações. Isso os tornam imprescindíveis ao estudo em questão, uma vez que pretendemos revelar a pretensão do autor em caracterizar a nação brasileira, delineando, pela palavra, os aspectos sócio-históricos, culturais e geográficos da realidade brasileira no século XIX.

Após identificação e seleção dos substantivos representativos da flora e fauna na obra em análise, fizemos no *Sistema de Conceitos*, o recorte dos itens que atenderiam ao nosso propósito, elaborando, a partir da estrutura original do referido Sistema, a nova estrutura adaptada aos nossos objetivos.

Feito isso, elaboramos os procedimentos e critérios para o desenvolvimento deste estudo, a começar pela estruturação e organização do vocabulário a partir do SC. A seqüência do trabalho foi a seguinte:

1 – após a seleção de todos os vocábulos que compõem o campo léxico da flora e da fauna, fizemos a disposição dos mesmos classificando-os na estrutura da 1ª categoria - O

Universo - do *Sistema de Conceitos*, adaptado por nós, e o registro, ao lado de cada item lexical, do número de ocorrências;

2 – após a classificação dos vocábulos no SC adaptado, apresentamos em um quadro o item vocabular, impresso em negrito e com a classificação gramatical, seguido abaixo, da abonação e número da página. Registramos, ainda, nesse quadro, o número de ocorrências e a definição dos dicionários de língua e os de especialidade;

3 – abaixo de cada um desses quadros, registramos a nota lingüística, momento em que procedemos à análise semântica dos itens vocabulares, conforme o contexto lingüístico e situacional.

Lembramos, também, que os dicionários representativos do século XIX que utilizamos na pesquisa foram: Dicionário da Língua Portuguesa de Antônio de Moraes Silva, FAC-Símile da segunda edição (1813); Novo Diccionario da Língua Portuguesa de Candido de Figueiredo, 4ª edição, (1925); Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa (1982) de Antonio Geraldo da Cunha e o Dicionário Histórico das Palavras Portuguesa de Origem Tupi (1998), também de Antônio Geraldo da Cunha.

Já as obras específicas das áreas de Botânica e Zoologia foram pela ordem a *Enciclopédia de Plantas Brasileiras*, (c1988), o livro *Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil* (1992 – 2002) de Harri Lorenzi e o *Dicionário dos Animais do Brasil* (2002), de Rodolpho von Ihering.

Utilizamos, ainda, outras fontes lexicográficas tais como livros, catálogos e enciclopédias específicas de Botânica e Zoologia, além de pesquisa em meio eletrônico em alguns sites como tais como: [www.ibama.gov.br](http://www.ibama.gov.br) (IBAMA), *Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Renováveis*, [www.ipef.br](http://www.ipef.br) (IPEF), *Instituto de Pesquisa e Estudos Florestais*. Utilizamos, também, os dicionários versão eletrônica do Houaiss e Aurélio século XXI. Além disso, é importante lembrar, também, que os dicionários consultados foram

identificados pelas letras iniciais dos autores, da seguinte forma: **AMS** – Antonio Moraes Silva; **AGC** – Antônio Geraldo da Cunha; **RVI** – Rudolpho von Ihering.

Finalmente, resta-nos esclarecer que, embora não tenhamos utilizado o *Sistema de Conceitos* em toda a sua extensão, decidimos por mantê-lo completo no corpo do trabalho, para que o leitor possa conhecê-lo na íntegra.

### **1.5.2 - Critérios para as passagens abonatórias**

Para o registro dos trechos abonatórios, adotamos os seguintes critérios:

- as abonações aparecem no quadro abaixo do vocábulo, em itálico e seguidas do número da página entre parênteses;
- a palavra em análise foi destacada das demais no trecho abonatório por meio dos símbolos <, no início, e > no final da palavra;
- transcrevemos apenas uma passagem abonatória para as palavras que, embora ocorram mais de uma vez, apresentaram o mesmo traço sêmico ou que ocorram no feminino ou no plural;
- como não encontramos nenhum critério que precise a extensão de uma passagem abonatória, transcrevemos o período completo ou, parte dele, quando isso não comprometia a compreensão do contexto, indicando com reticências a supressão de parte do texto;
- os vocábulos foram classificados e organizados em campos léxicos, segundo a estrutura adaptada a partir do SC;
- foram impressos na forma minúscula, singular e negrito, seguidos da classificação gramatical;
- os vocábulos foram registrados respeitando a ortografia própria da época.

Lembramos ainda, que, conforme já mencionamos na introdução deste trabalho, respeitando e admitindo o viés que este estudo mantém como o projeto de meu orientador,

fizemos em um capítulo à parte algumas considerações sobre os itens vocabulares que apresentaram novos traços sêmicos no contexto em que foram empregados.

Sendo assim, é preciso registrar que, para a identificação e análise dos neologismos presentes na obra, estamos considerando a posição teórica de Boulanger (1990), para quem o neologismo é aquela palavra lexicalizada, mas que ganha nova proposição. Portanto, consideramos neologismo neste trabalho, aquela palavra já dicionarizada, mas que, dentro de um contexto, passou a veicular novos sentidos.

## **1.6 – Plano de trabalho**

Objetivando a uma melhor organização do trabalho, decidimos pela divisão do mesmo em 6 capítulos, quais sejam:

No primeiro capítulo, após a introdução, justificamos a escolha do tema, do autor e obra, apontando para a importância do estudo do léxico para a compreensão da língua como fato social e da difusão de aspectos da criatividade lexical no âmbito literário. Apresentamos, ainda, os objetivos gerais e específicos da pesquisa, e, finalmente, a composição geral do trabalho.

No segundo capítulo, procuramos situar historicamente autor e obra em 4 seções: a primeira discute o Romantismo no Brasil e o nacionalismo lingüístico no Brasil do século XIX. A segunda tece alguns comentários sobre a língua portuguesa no contexto sócio-histórico-cultural do século XIX. A terceira situa Alencar em sua época e Alencar e a autonomia lingüística. E a quarta o romance *O sertanejo* e a brasilidade.

No terceiro capítulo abordamos questões relativas às noções teóricas que fundamentam nosso estudo. Discorreremos sobre o léxico, sobre a importância da Lexicologia e da Lexicografia para o desenvolvimento deste estudo no que se refere ao suporte teórico-

metodológico para a realização do estudo científico do léxico. Expomos, também, algumas posições teóricas de alguns estudiosos sobre a teoria dos campos lexicais. Na seqüência, registramos, em linhas gerais, algumas informações sobre o *Sistema de Conceitos* de Hallig-Wartburg (1963), dando ênfase para a aplicação deste Sistema no estudo do léxico alencariano na obra em análise. Tecemos, ainda neste capítulo, algumas considerações sobre vocabulário.

No quarto capítulo tratamos da seleção, organização e análise do vocabulário, a seleção do *corpus*, a adaptação do sistema de conceitos para a análise do *corpus*, a organização dos lexemas, segundo o sistema de conceitos e análise do *corpus*.

No quinto capítulo, considerando a relação deste estudo com o projeto de nosso orientador, fazemos um breve comentário sobre neologismo e, na seqüência, apresentamos a análise dos itens lexicais considerados neologismos.

Já no sexto capítulo propomos a discussão dos dados para, na seqüência, apresentarmos as conclusões, seguidas das referências bibliográficas e dos anexos..

Definido o nosso plano de trabalho, passemos ao capítulo seguinte, momento em que abordamos os fundamentos históricos, já que, em se tratando do estudo da língua como o lado social da linguagem, é inaceitável que não levemos em consideração a influência dos fatos históricos na constituição do léxico das línguas, da cultura e dos modos de vida de uma sociedade.

## CAPÍTULO II – FUNDAMENTOS HISTÓRICOS

Nosso objetivo neste capítulo, não consiste em abordar somente o aspecto histórico ou as características do movimento romântico, mas, sobretudo, ressaltar a importância do Romantismo no Brasil para estabelecer a identidade do país naquela época, seja nas artes, na cultura, na língua, na sua composição étnica e geográfica.

Para tanto, baseados em leituras de alguns escritores e críticos literários, apresentamos um breve comentário sobre o surgimento do Romantismo no âmbito mundial e algumas considerações sobre o Romantismo no Brasil – contexto histórico-cultural e o nacionalismo lingüístico, ressaltando a figura de Alencar, nome de grande representatividade no cenário intelectual do Brasil imperial. Ele é tido por alguns historiadores e críticos literários como o precursor na luta pela independência estética e lingüística do escritor brasileiro e na busca da afirmação da nacionalidade brasileira em contraposição a Portugal.

Na seqüência, descrevemos, além dos dados biográficos do autor, suas características literárias, Alencar e a emancipação lingüística e o romance *O sertanejo* e a brasilidade.

Reafirmamos que as informações abaixo registradas e que versam sobre os itens acima mencionados, foram fruto das diversas leituras que fizemos de obras de autores renomados no âmbito da história e da crítica literária no Brasil, tais como: Marroquim, (1934), Proença (1966), Melo (1972), Cândido (1975), Menezes (1977), Sales (1977), Sobrinho (1977), Pinto (1978), Coutinho (1986), Elia (1992).

Buscamos, também, orientações a partir da leitura dos diversos prefácios de Alencar, ressaltando *O nosso cancionero*, *Ao correr da pena* e *Carta a Confederação de Tamoios* e, ainda, alguns artigos colhidos em meio eletrônico nos sites: [www.vidaslusófonas.pt/jose\\_alencar.htm](http://www.vidaslusófonas.pt/jose_alencar.htm) e [www.mec.gov.br](http://www.mec.gov.br), mestres da literatura, o site da Associação Brasileira de Literatura, dentre outros.

## 2.1 – O Movimento Romântico: breve comentário

Consoante a história literária, o Romantismo é tido como um movimento de grandes transformações culturais, pelas quais passou a cultura ocidental, e que contrariava o estilo proposto pelo classicismo. Nasceu em meio a importantes acontecimentos históricos ocorridos na Europa entre os séculos XVII e XVIII e que fundamentaram e determinaram a sua natureza. Na Europa, ocorriam a Revolução Francesa, a Declaração dos Direitos do Homem, o Iluminismo e os regimes absolutistas e, na Inglaterra, ocorria a Revolução Industrial. Assim nasce o movimento romântico em um contexto de inovação e intenso desejo de liberdade: das nações, do povo, a liberdade de escolha, a liberdade de criação, em todos os aspectos.

Na literatura, o Romantismo é comumente descrito como um amplo movimento internacional, um estilo artístico, uma tendência que se manifesta nas artes e na literatura do final do século XVIII até o fim do século XIX. É o que confirmamos em Coutinho (1986, p.5) quando afirma que “o romantismo foi um fenômeno em história literária e artística e consistiu numa transformação estética e poética desenvolvida em oposição à tradição neoclássica setecentista e inspirada nos modelos medievais”. Começa na Alemanha e Inglaterra, no final do século XVIII, mas, é na França que se consolida e de lá, através dos artistas franceses, os ideais românticos espalham-se por outros países da Europa e das Américas.

O Romantismo apresenta-se em oposição ao racionalismo e ao rigor do neoclassicismo. Caracteriza-se pela defesa e valorização da liberdade de criação e pela primazia da emoção sob a razão. Por isso, conforme Coutinho (*opus cit* p. 31), diferentemente do clássico, que é absolutista, o romântico é relativista, busca satisfação na natureza, no regional, no selvagem, e vale-se da imaginação para fugir do mundo real e transportar-se para um passado remoto ou para lugares distantes ou fantasiosos. Enfim, as obras românticas

valorizam, dentre outros aspectos, a fantasia, o individualismo, o sofrimento amoroso, a religiosidade cristã, a natureza, os temas nacionais e o passado.

Segundo o autor supracitado, o romântico não está preocupado em reproduzir a realidade, mas idealizá-la. Afirma, ainda, que, em decorrência da liberdade, da espontaneidade e individualismo, que caracterizam fortemente este movimento, [...] o romântico não se submete a regras e formas prescritas, ao contrário, a regra suprema é a inspiração individual, que aponta a maneira própria de elocução. Daí o predomínio do conteúdo sobre a forma.”

Algumas obras e alguns nomes constituíram marcos do Romantismo no mundo. A título de exemplificação, temos: *Cantos e Inocência* (1789), do poeta inglês William Blake, é considerada o marco da literatura romântica. O livro de poemas *Baladas Líricas*, do inglês William Wordsworth, é tido como o manifesto do movimento. Mas o poeta fundamental do romantismo inglês é Lord Byron. No romance histórico, podemos citar o escocês Walter Scott e, na Alemanha, o maior nome foi Goethe.

Na França, o Romantismo estabelece-se no fim da década de 1820 com Victor Hugo, autor de *Os Miseráveis*. Outro nome é o de Alexandre Dumas, autor de *Os Três Mosqueteiros*.

## **2.2 - O Romantismo e o nacionalismo lingüístico no Brasil do século XIX**

### **2.2.1 – Romantismo no Brasil: contexto histórico-cultural**

Historicamente, a introdução do Romantismo no Brasil se dá no ano de 1836, quando Gonçalves de Magalhães publica na França, em Paris, a revista “Niterói – Revista Brasiliense”, que trazia como epígrafe: “Tudo pelo Brasil e para o Brasil” e, ao mesmo tempo,

lança um livro de poemas românticos intitulado, “Suspiros poéticos e saudades”. Essa revista, elaborada por intelectuais que estudavam na Europa, tinha como propósito a investigação e o estudo da literatura, das artes e ciências brasileiras.

Assim, quando chega ao Brasil, o movimento romântico marca a passagem da literatura de um estágio indefinido e de pouca produção para uma fase de importantes manifestações artísticas. Embora marcado por fortes influências européias, sobretudo dos franceses, o Romantismo encontra no Brasil ambiente ideal à sua propagação. Chega em meio à euforia do processo de Independência. Um país recém emancipado, ávido por revelar sua identidade, ainda difusa, de expressar os propósitos nacionais e de se estabelecer como nação livre, tinha na língua seu recurso maior e mais imediato de auto-afirmação. Para tanto, os artistas brasileiros, cientes da necessidade de se criar uma literatura genuinamente brasileira, procuram na natureza e nas questões sociais e políticas do país sua fonte de inspiração.

Assim, a nossa ficção e, mais especificamente, a nossa literatura, foi estimulada pelo processo de independência, adquirindo contornos acentuadamente políticos, sociais, enfim, nacionalistas.

Segundo a história literária brasileira, o Romantismo no Brasil, em oposição ao europeu, que geralmente tratava de assuntos da Idade Média, caracteriza-se, dentre outros aspectos, por buscar nas recordações da história local, nas lendas do passado e na glorificação do índio, as motivações para a volta às origens próprias, que passaram a constituir a fonte de inspiração dos artistas e de toda a nação brasileira. Era preciso encontrar heróis e mitos nacionais que pudessem compor a nossa história, a nossa cultura. A língua, a figura do índio, a exaltação da natureza brasileira, na obra de Alencar, serviu a esse propósito.

Em decorrência desse clima de independência e do próprio senso de relativismo do movimento, o Romantismo no Brasil, embora se apresente como uma extensão do movimento europeu assumiu, em virtude da coincidência com os movimentos políticos que consolidaram

com a independência, outros aspectos além de seu significado primeiro – o de ser uma reação à tradição clássica. Assumiu contornos próprios, revelados nas especificidades da realidade a qual se acomodou, ao lado dos elementos gerais, que o filiam ao movimento europeu. Tornou-se, assim, um movimento de rejeição à literatura produzida na época colonial, já que toda a produção literária colonial estava presa aos moldes culturais e estéticos lusitanos.

Dessa forma, segundo nossos historiadores e críticos literários, podemos afirmar que uma das características mais fortes do Romantismo no Brasil é o nacionalismo, que significava a ruptura com os moldes lusitanos. Porém, há que se considerar que, nessa época, o Brasil continuou a importar cultura buscando, mais especificamente, na França, o modelo ideal. Os intelectuais brasileiros, herdeiros da cultura portuguesa, mas influenciados pelo contato e pelas leituras de autores europeus, como por exemplo, José de Alencar, acabaram por imitar os modelos europeus naquilo que, na literatura brasileira, não encontravam.

Uma das figuras mais importantes nesse momento foi a de José de Alencar, que procurou na língua, a forma maior de expressão da independência da nação, buscando os traços que caracterizavam a variante brasileira e que a diferenciava da língua do colonizador. E, compreendendo a literatura como a forma mais genuína de expressão da cultura de um povo, nosso literato empenha-se incansavelmente no processo de nacionalização de nossa literatura. Começa, então, pela literatura, a se estabelecer uma forma originalmente brasileira de escrever a língua portuguesa, valorizando o vocabulário e as expressões da variante brasileira e até criando novas expressões. Mas, a história literária nos mostra que esse escritor foi duramente criticado nesse seu intento, uma vez que a elite aristocrática detinha o poder e insistia na manutenção dos padrões clássicos, pois tal classe dependia economicamente dos favores externos e necessitava viver sob os moldes europeus.

Graças a esse sentimento de nacionalidade, aliado ao desejo de criação de uma literatura brasileira, é que, conforme constatamos pelas leituras dos vários autores que

pesquisaram as produções de Alencar, vamos encontrar, seja no plano sintático, fonológico e, sobretudo, no léxico dos românticos, marcas de uso resultantes das influências deste momento de independência e do próprio estilo do autor. É aí que, na tentativa de inovar a língua, de caracterizar a língua em uso, vão aparecer nas obras dos românticos, como por exemplo, na obra de Alencar, expressões populares, latinismos, indianismos, arcaísmos, privilegiando a modalidade tanto da cidade quanto do campo.

No Brasil, o Romantismo assume, pois, outro aspecto além de seu significado primeiro – o de ser uma reação à tradição clássica -, passa a ser, também, um movimento de rejeição à literatura produzida na época colonial, já que toda a produção literária colonial estava presa aos moldes culturais e estéticos lusitanos. Valorizar a variante brasileira passou a ser a meta de escritores como Alencar.

Dessa forma, reafirmamos apoiados nos autores consultados, que uma das características mais fortes do Romantismo no Brasil é o nacionalismo e cabia, sobretudo, aos escritores o papel de propagadores dessa onda nacionalista.

Finalmente, o Brasil tinha, pela primeira vez, um movimento com raízes e contornos bem brasileiros. É o que podemos constatar nas palavras do crítico Andrade Murici (1922 *apud* COUTINHO, 1986):

O Romantismo é das nossas glórias maiores e mais brasileiras, visto ter tido manifestações que só entre nós seriam possíveis; porque trouxe representações da natureza e da alma humana, e não de alguma vista através de livros; porque então, como nunca, os acontecimentos sociais e políticos refletiram-se fundamentalmente na poesia e sofreram por sua vez a poderosa e benéfica reação desta. (ANDRADE MURICI, 1922 *apud* COUTINHO, 1986, p. 29)

Desse modo, é a partir do Romantismo, e principalmente através de Alencar, que começa a existir, realmente, uma literatura genuinamente brasileira, no conteúdo e na forma, permitindo a expressão de nossas singularidades e colocando em primeiro plano a preocupação brasileira em revelar a sua própria realidade e de dar às nossas produções literárias o tom tropical da nação brasileira.

## 2.3 - José de Alencar: do Ceará para o Brasil

### 2.3.1 - Dados biográficos

Sobre os dados biográficos de José de Alencar, buscamos nos registros da *Academia Brasileira de Letras*, site <http://www.academia.org.br>, as informações abaixo mencionadas.

José de Alencar nasceu em Mecejana, CE, em 1º de maio de 1829, e faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 12 de dezembro de 1877. Ocupou, por indicação de Machado de Assis, a Cadeira número 23. Era filho do padre, depois senador, José Martiniano de Alencar e de sua prima Ana Josefina de Alencar. E neto, pelo lado paterno, do comerciante português José Gonçalves dos Santos e de D. Bárbara de Alencar, uma pernambucana que se consagraria heroína da revolução de 1817.

José de Alencar viveu em um ambiente familiar intelectualizado e favorável à formação cultural. Alguns relatos sobre sua infância mostram-no lendo velhos romances para a mãe e as tias, em contato com as cenas da vida sertaneja e da natureza brasileira e sob a influência do sentimento nativista que lhe passava o pai revolucionário. Nas informações sobre sua vida consta, ainda, que entre os anos de 1837 e 1838, viajou, juntamente com seus pais, do Ceará à Bahia, pelo interior, e as impressões dessa viagem refletiriam mais tarde em sua obra de ficção. Transferiu-se depois com a família para o Rio de Janeiro, onde o pai desenvolveria carreira política e onde frequentou o Colégio de Instrução Elementar. Em 1844 vai para São Paulo, onde permanece até 1850, terminando seus estudos preparatórios e cursando Direito, salvo o ano de 1847, em que faz o 3º ano na Faculdade de Olinda. Uma vez formado, começa a advogar no Rio de Janeiro e passa, a convite de seu colega de Faculdade, Francisco Otaviano de Almeida Rosa, a escrever para o *Jornal do Commercio* os folhetins que, em 1874, reuniu sob o título de *Ao correr da pena*. Redator-chefe do *Diário do Rio de Janeiro* em 1855. Filiado ao Partido Conservador, foi eleito várias vezes deputado geral pelo

Ceará; de 1868 a 1870, foi ministro da Justiça. Não conseguiu realizar a ambição de ser senador, devendo contentar-se com o título do Conselho. Desgostoso com a política, passou a dedicar-se exclusivamente à literatura.

Segundo a história literária, a notoriedade de Alencar começou com as Cartas sobre a Confederação dos Tamoios, publicadas em 1856, com o pseudônimo de Ig, no Diário do Rio de Janeiro, nas quais critica veementemente o poema épico de Domingos Gonçalves de Magalhães, favorito do Imperador e considerado então o chefe da literatura brasileira. Estabeleceu-se, entre ele e os amigos do poeta, apaixonada polêmica de que participou, sob pseudônimo, o próprio Pedro II. A crítica por ele feita ao poema denota o grau de seus estudos de teoria literária e suas concepções do que devia caracterizar a literatura brasileira, para a qual, a seu ver, era inadequado o gênero épico, incompatível à expressão dos sentimentos e anseios da gente americana e à forma de uma literatura nascente. Optou, ele próprio, pela ficção, por ser um gênero moderno e livre.

Ainda em 1856, publicou o seu primeiro romance conhecido: *Cinco minutos*. Em 1857, revelou-se um escritor mais maduro com a publicação, em folhetins, de *O Guarani*, que lhe granjeou grande popularidade. Daí para frente escreveu romances indianistas, urbanos, regionais, históricos, romances-poemas de natureza lendária, obras teatrais, poesias, crônicas, ensaios e polêmicas literárias, escritos políticos e estudos filológicos. A parte de ficção histórica, testemunho da sua busca de tema nacional para o romance, concretizou-se em duas direções: os romances de temas propriamente históricos e os de lendas indígenas. Por estes últimos, José de Alencar incorporou-se no movimento do indianismo na literatura brasileira do século XIX, em que a fórmula nacionalista consistia na apropriação da tradição indígena na ficção, a exemplo do que fez Gonçalves Dias na poesia. Em 1866, Machado de Assis, em artigo no Diário do Rio de Janeiro, elogiou calorosamente o romance *Iracema*, publicado no ano anterior. José de Alencar confessou a alegria que lhe proporcionou essa crítica em *Como*

*e porque sou romancista*, onde apresentou também a sua doutrina estética e poética, dando um testemunho de quão consciente era a sua atitude em face do fenômeno literário.

Diante disso, podemos afirmar que a obra de Alencar sobressai-se nas letras brasileiras, não só pela seriedade, pelo sentimento nacionalista, pela técnica com que escreveu, mas também pelo empenho na construção da nacionalização da literatura no Brasil. Por isso foi chamado “o patriarca da literatura brasileira”.

Pelas informações acima registradas, constatamos que, além da literatura, o jornalismo era uma das grandes aspirações de Alencar. Pesquisando mais sobre esse seu mérito, encontramos em Menezes (1977), a seguinte exposição:

Romancista por excelência, não começou pelo romance, mas pelo jornalismo. Ensaiou-se como folhetinista, então na moda. Encheu rodapés, comentando os assuntos mais diversos da semana, tais como os esfervilhantes bailes do Casino, ou alguma apaixonante peça de teatro, ou ainda os calorosos debates políticos na Câmara e no Senado. (MENEZES, 1977, p. 2)

Diante disso, já percebemos no jornalista, o literato e o político. Seu primeiro romance, *Cinco Minutos* (1856), por exemplo, saiu ao pé-da-página no jornal em que trabalhava e depois transformado em “brinde de festa” aos assinantes.

Cumpramos ressaltar, ainda, que, consoante a história literária, Alencar estava sempre atento e envolvido com questões políticas de sua época. Como o pai, ingressou e militou na vida política vindo a ser deputado provincial do Ceará em quatro legislaturas. Foi Ministro da Justiça de 1868 a 1870. Foi eleito senador, mas não foi escolhido em lista sêxtupla, pelo imperador D. Pedro II.

Essa sua tendência para a política pode ser comprovada em um dos trechos de *Ao correr da pena*, folhetim do “Correio Mercantil” publicado em 3 de setembro de 1854, onde se lê:

Falemos sério. – A independência de um povo é a primeira página de sua história; é um fato sagrado, uma recordação que se deve conservar pura e sem mancha, porque é ela que nutre esse alto sentimento de nacionalidade, que faz o país grande e o povo nobre. Cumpramos não marear essas reminiscências de glória com exprobrações pouco generosas. Cumpramos não falar a linguagem do cálculo e do dinheiro, quando só deve ser ouvida a voz da consciência e da dignidade da nação. (ALENCAR, 1854)

Conforme a história literária, o fato de ter-se envolvido com política, e não foi só o caso de Alencar, mas de todos os escritores da primeira fase romântica, comprometeu-os com a classe dominante. Por isso deixaram de tratar de questões sociais graves, tais como a escravidão, a pobreza e a miséria das ruas. Ao invés disso, celebraram e glorificaram a natureza, mitificaram as regiões, criando assim, uma arte conservadora.

Importa registrar, também, que a política lhe trouxe grandes aborrecimentos, pois seus desentendimentos com os próprios colegas do ministério, resultaram em ataques constantes de seus adversários. Profundamente magoado, deixou a política após ter seu nome vetado pelo imperador para o cargo de senador. Atormentado pela doença, deprimido e muito debilitado, foi para a Europa na tentativa de recuperação da saúde perdida. Mas, não conseguindo restabelecer-se, voltou à pátria para falecer no Rio a 12 de dezembro de 1877. Nessa ocasião escrevia o poema *Os filhos de Tupã*.

Suas principais obras são: no romance, *Cinco Minutos* (1856); *A Viuvinha* (1857) *O Guarani* (1857); *Lucíola* (1862); *Diva* (1864) *As Minas de Prata* (parte inicial: 1862 - obra completa: 1864-65); *Iracema* (1865); *O Gaúcho* (1870); *A Pata da Gazela* (1870); *O tronco do Ipê* (1871); *Sonhos d'Ouro* (1872); *Til* (1872); *Alfarrábios* ("*O Ermitão da Glória*" e "*O Garatuja*") (1873); *A Guerra dos Mascates* (1873); *Ubirajara* (1874); *Senhora* (1875); *O Sertanejo* (1875); *Encarnação* (1877).

No teatro: *Demônio Familiar* (1857); *Verso e Reverso* (1857); *A asas de um anjo* (1860); *Mãe* (1862); *O Jesuíta* (1875).

Nas Crônicas: *Ao correr da pena* (1874).

Autobiografia: *Como e Porque Sou Romancista* (1893).

Cartas: *A Confederação dos Tamoios* (1856); *Ao Imperador: Cartas Políticas de Erasmo* (1865); *Ao Imperador: novas cartas políticas de Erasmo* (1865); *Ao povo: cartas políticas de Erasmo* (1866); *O Juízo de Deus* (1867); *Visão de Jó* (1867).

### 2.3.2 - Alencar no Romantismo: características literárias

A literatura nacional que outra cousa é senão a alma da pátria, que transmigrou para este solo virgem com uma raça ilustre, aqui impregnou-se da seiva americana desta terra que lhe serviu de regaço; e cada dia se enriquece ao contato de outros povos e ao influxo da civilização? (ALENCAR, 1872)<sup>1</sup>

Talvez a idéia mestra, para a compreensão da obra de Alencar, esteja nessas suas célebres palavras registradas no prefácio a *Sonhos d'Ouro* em 1872. Depreendemos daí a idéia da língua e da literatura como armas políticas. Ou seja, para Alencar cabia à literatura expressar a nação. É nela que o povo deve reconhecer-se como nação, deve conhecer sua geografia, seus costumes, sua cultura, antes ignorada em função da imposição da cultura do colonizador. Enfim, é pela literatura, pela emancipação lingüística, que a nação poderia encontrar e registrar uma identidade, construir uma auto-imagem. É o que podemos constatar nos seguintes dizeres de Alencar (1873, *apud* PINTO, 1978, p. 121): “[...] e o escritor verdadeiramente nacional, acha na civilização da sua pátria, e na história já criada pelo povo, os elementos não só da idéia, como da linguagem que a deve exprimir”.

Para tanto, Alencar procurou retratar em seus romances não só a temática brasileira, os nossos valores, as nossas tradições ou a apresentação do país nas suas dimensões geográfica ou histórica. Era preciso ir além, isto é, era preciso tomar uma posição diante da linguagem. Isso significava romper com os modelos estilísticos da literatura lusitana. Livrar-se das amarras impostas pela tradição portuguesa. Foi, por isso, muito criticado, o que o levou a ter que se explicar nos vários pós-escritos e prefácios de suas obras.

Mas, embora criticado, continuou “nacionalisticamente” com seu projeto de construção de uma literatura brasileira de exaltação, de apreciação da natureza brasileira; da

---

<sup>1</sup> José de Alencar, 1872, “Benção Paterna” (prefácio a *Sonhos d'ouro*), *apud* Edith Pimentel Pinto, *O Português do Brasil – textos críticos e teóricos, I – 1820/1920, fontes para a teoria e a história*. v. I, p. 91. Foi mantida a ortografia original da citação.

exaltação dos sentidos em detrimento do intelecto, da emoção em detrimento da “clássica” razão.

Corroborava isso o grande romancista Machado de Assis (1946), quando num discurso proferido por ele na cerimônia da primeira pedra da estátua de José de Alencar, assim afirmou:

Nenhum escritor teve em mais alto grau a alma brasileira. E não é só porque houvesse tratado assuntos nossos. Há um modo de ver e de sentir que dá a nota íntima da nacionalidade, independente da face externa das cousas [...] O nosso Alencar juntava a esse dom a natureza dos assuntos, tirados da vida ambiente e da história local. Outros o fizeram também; mas a expressão do seu gênio era mais vigorosa e mais íntima. (ASSIS, 1946, p. 625)

José de Alencar é, por isso e muito mais, considerado um dos maiores e mais expressivos romancistas do Romantismo brasileiro. Foi um dos mais fabulosos escritores de nossa literatura. Retratou em sua obra todo um perfil da cultura brasileira, na busca de uma identidade nacional que abarcasse os seus aspectos sociais, geográficos e temáticos, numa linguagem mais brasileira, tropical, sem o estilo português, que até então permeava os livros de outros romancistas.

Dessa maneira, podemos afirmar que o movimento romântico teve, seguramente, na figura de Alencar, uma importância extraordinária na nossa literatura, promovendo um movimento em prol de nossa independência literária, da valorização de nossa cultura, de nossos recursos naturais, de nossa geografia, enfim, conquistando liberdade de pensamento e de expressão. Com ele nossa literatura adquiriu contornos próprios, seja se nas formas ou nos temas. E é neste contexto que Alencar deve ser lembrado. Sobre ele Coutinho (1986) declara:

Sobressai nesse instante a figura de José de Alencar, o patriarca da literatura brasileira, símbolo da revolução literária então realizada, a cuja obra está ligada a fixação desse processo revolucionário que enquadrou a literatura brasileira nos seus moldes definitivos. Incitando o movimento de renovação; acentuando a necessidade de adaptação dos moldes estrangeiros ao ambiente brasileiro, em lugar de simples imitação servil; defendendo os motivos e temas brasileiros, sobretudo, indígenas, para a literatura, que deveria ser a expressão da nacionalidade; reivindicando os direitos de uma linguagem brasileira; colocando a natureza e a paisagem física e social brasileiras em posição obrigatória no descritivismo romântico; exigindo *o enquadramento da região e do regionalismo na literatura*; apontando a necessidade de ruptura com os gêneros neoclássicos. (COUTINHO, 1986, p. 15)

Alencar foi, assim, aquele que deu asas à literatura brasileira, permitindo sua autonomia e marcando umas das épocas de maior significação, de maior revolução na literatura brasileira, pois, soube, como nenhum outro em sua época, lutar pela autonomia da literatura brasileira.

Alencar sobressaiu-se também, pela sua preocupação constante com o estilo. Para ele, a produção de uma obra literária não poderia ficar restrita apenas à forma, deveria ser uma conjugação entre forma e conteúdo. Percebeu ainda que não seria possível haver independência cultural e literária se não nos desvencilhássemos dos modelos lingüísticos portugueses, tão distantes de nossa realidade lingüística. E que, para tanto, todo escritor deveria ser um profundo conhecedor de seu instrumento de trabalho, isto é, a língua.

Sobre isso, Alencar (1856) escreveu nas Cartas sobre “*A confederação dos Tamoios*” onde se pode ler que:

Todo homem, orador, escritor ou poeta, todo homem que usa a palavra, não como um meio de comunicar suas idéias, mas como um instrumento de trabalho; todo aquele que fala ou escreve, não por uma necessidade da vida, mas sim para cumprir uma alta missão social; todo aquele que faz da linguagem não um prazer, mas uma bela e nobre profissão, deve estudar e conhecer a fundo a força e os recursos desse elemento de sua atividade. (ALENCAR, 1856, p. 72)

Verifica-se, então, que Alencar, como artista da palavra, foi conhecedor profundo do idioma e buscava um estilo que lhe permitisse incorporar à linguagem erudita marcas do falar brasileiro e, nesse sentido, foi muito criticado pelos seus contemporâneos que alegavam descuido e incorreção por parte do escritor na tentativa de criar uma língua brasileira. O que, na verdade, segundo alguns estudiosos, não era o objetivo de Alencar, conforme podemos constatar em Melo (1972), quando afirma que:

Alencar escreveu em língua portuguesa. Com efeito, língua é sistema. E todo o sistema de Alencar é português: a flexão nominal, a flexão verbal, a construção da frase. O vocabulário novo só por si e desde que se enquadre no sistema da língua, isto é, obedeça às tendências fonéticas e tipos morfológicos da língua, não é bastante para alterar esta, antes a enriquece. É muito mais um fato de palavra, de estilo, que de língua. (MELO, 1972, p. 71)

E, também, o próprio Alencar manifesta-se sobre isso no Pós-escrito a 2ª ed. de *Iracema* (1870), afirmando que:

Acusa-nos o Sr. Pinheiro Chagas a nós escritores brasileiros do crime de insurreição contra a gramática de nossa língua comum. Em sua opinião estamos possuídos da mania de tornar o brasileiro uma língua diferente do velho português!  
Que a tendência, não para a formação de uma nova língua, mas para a transformação profunda do idioma de Portugal, existe no Brasil, é fato incontestável. Mas, em vez de atribuir-nos a nós escritores essa revolução filológica, devia o Sr. Pinheiro Chagas, para ser coerente com sua teoria, buscar o germe dela e seu fomento no espírito popular, no falar do povo, esse “ignorante sublime” como lhe chamou. (ALENCAR, 1870 Posfácio à 2ª edição de *Iracema*, *apud* PINTO, 1978, p. 75)

Podemos depreender que seu objetivo, sua preocupação era criar um estilo brasileiro, uma forma de escrever que revelasse o modo, o espírito do povo brasileiro, as particularidades sintáticas e vocabulares do falar brasileiro e não uma outra língua. O que se buscava era um estilo próprio, diferente, brasileiro, que refletisse o meio, a realidade brasileira. E esse para Alencar era o papel do escritor. Tudo isso lhe custou muito estudo, muita observação e muitas críticas.

E Alencar conseguiu seu intento escrevendo de forma extraordinária sobre os mais importantes temas que estavam em voga na literatura da época. Descreveu desde os modos de vida da sociedade burguesa do Rio até o índio ou o sertanejo das regiões mais afastadas. Por isso, consoante nossa história literária, os seus romances são, normalmente, divididos em quatro temas distintos: romance urbano, romance indianista, romance regionalista e romance histórico.

No primeiro, Alencar procura retratar a alta sociedade carioca com todos os seus luxos e fantasias de amor, configurando-se como tem o típico romance de folhetim.

Seus romances urbanos são: *Cinco Minutos*, *A Viuvinha*, *Lucíola*, *Diva*, *A Pata da Gazela*, *Sonhos d'Ouro*, *Senhora* e *Encarnação*. Já as obras indianistas revelam a tendência romântica do autor pelo exotismo, representado pela figura do índio, com todos os seus costumes, crenças e relações sociais. O índio era para ele um recurso para a nacionalização de

nossa literatura. Sua descrição é feita sempre em oposição à imagem do homem branco, corrompido pelo mundo civilizado. Seus romances indianistas são: *O Guarani*, *Iracema* e *Ubirajara*.

Nos seus chamados romances regionalistas, tidos como representativos de determinadas regiões, Alencar revela um deslocamento de interesse, conforme afirma Coutinho (1986, p. 262) “do geral nacional para o geral regional”, limitando, de certa forma, o seu campo de observação ao focalizar as regiões mais afastadas do Brasil, seja, ainda segundo o autor supracitado, porque tais regiões lhe parecessem mais diferenciadas, ou porque nelas naturalmente se dividia o país, naquela época: o norte, o centro e o sul.

Assim, nos romances regionalistas, podemos constatar o interesse de Alencar em focalizar, ainda que de maneira imaginária, o aspecto interior de cada região, o modo de vida de seus habitantes, seus costumes, hábitos, tradições e as relações sociais ou os aspectos da vida coletiva, deixando de lado os traços urbanos das capitais para revelar a capacidade do homem do campo em aliar seus hábitos sociais à beleza natural das terras brasileiras. Seus romances ditos regionalistas são: *O Gaúcho*, *O Tronco do Ipê*, *Til* e *O Sertanejo*.

Com seus romances históricos – *As Minas de Prata* e *A Guerra dos Mascates* – segundo a história literária brasileira, Alencar também buscou, no passado histórico brasileiro inspiração para escrever seus romances, criando quase sempre uma nova interpretação literária a fatos marcantes da colonização. Seus enredos revelam, em vários momentos, um nacionalismo exaltado e o orgulho pela construção da pátria.

Sobre esse seu desejo de dar à nação recém-independente uma identidade própria, sobretudo, na caracterização de uma literatura nacional, compreendida como reflexo da paisagem física e social do novo país, é o que apresentamos no item abaixo, quando nos propomos a discorrer sobre Alencar e a emancipação lingüística.

### 2.3.3 - Alencar e a autonomia lingüística

Conforme já mencionamos, baseados em Coutinho (1986), o Romantismo inicia-se no Brasil em meio à euforia de nossa independência política ocorrida em 1822 e, por isso, conforme registra confunde-se com a própria história política brasileira da primeira metade do século XIX, pois nasce, justamente, das possibilidades que surgem com a Independência política e suas conseqüências sócio-culturais. Surge um novo público leitor, as instituições universitárias e, sobretudo, o surgimento de um intenso espírito nacionalista que desperta na população o desejo de liberdade, inclusive lingüística, motivando os escritores a buscarem a integridade nacional valorizando a língua usada pelo povo, ou seja, a língua fruto de nossa cultura, de nossos costumes.

Portanto, fazia-se necessário, naquele momento, valorizar nosso falar, nosso estilo para determinar o uso brasileiro da língua portuguesa. Para tal, era necessário distanciar-se do modelo-padrão lusitano. Isso levou aqueles escritores que aderiram aos ideais românticos, como é o caso de Alencar, a inovarem e a buscarem a integridade nacional valorizando a língua usada pelo povo, ou seja, a língua fruto de nossa cultura, de nossos costumes. Sobre isso Coutinho (1986, p. 257), afirma que Alencar pretendia “... flagrar a vida nacional em seu processo, captando o que nela se contivesse de mais característico e representativo...”

Assim sendo, foi com a independência do país em 1822 e com o Romantismo que a questão da língua no Brasil passou a ser observada e discutida, pois, até então, imperava o prestígio dos clássicos. Assim, o sentimento nacionalista, fruto da independência político-cultural, teve no Romantismo a razão maior para a ruptura lingüística dos padrões lusitanos em face da variante brasileira. Indubitavelmente, esse nacionalismo desempenhou papel preponderante, pois com o sentimento de liberdade à flor da pele, despertou no povo a crença de se ter uma língua autenticamente brasileira, isto é, repetindo as palavras do próprio José de

Alencar (1874), quando nos chama a atenção para o valor de nossa individualidade, de nossa emancipação lingüística e o papel do escritor nesse processo:

“Admiremos Portugal nas suas tradições grandiosas; nos esforços generosos de seu renascimento; prezemos sua literatura e seus costumes; porém nunca para imitá-lo servilmente. Importaria isto anular a nossa individualidade.” (ALENCAR, 1874)<sup>2</sup>

E continua:

Se nós, os brasileiros, escrevêssemos livros no mesmo estilo e com o mesmo sabor dos melhores que nos envia Portugal, não passaríamos de uns autores emprestados: renegaríamos a nossa pátria, e não só ela, como a nossa natureza, que é berço dessa pátria. (ALENCAR, 1874, *apud* PINTO, 1978, p. 129-130)

Assim, baseados nas informações fornecidas pela nossa história literária, percebemos, claramente, que a ficção brasileira foi estimulada pelo processo de independência adquirindo contornos acentuadamente políticos, sociais, enfim, nacionalistas.

Alencar surge, então, nesse contexto profícuo ao desenvolvimento dos ideários nacionalistas. Ele foi ímpar quanto a essa sua capacidade em criar impressionante mundo de ficção na literatura brasileira. Atento à visão romântica da realidade buscou, segundo Coutinho (1986), na idealização do índio e na natureza, o símbolo do povo americano, o qual desejava emancipar-se. E foi, justamente, pela idealização do índio e da natureza americana que Alencar propõe a renovação de sua linguagem literária, a emancipação lingüística, afastando-se dos padrões clássicos, postulando a dinamização da língua, seja com a criação de neologismos, seja no uso de arcaísmos, regionalismos ou tupinismos, criando para a literatura brasileira um novo estilo. Aliás, a questão do estilo, foi para Alencar motivo de grande interesse.

Analisada no seu conjunto, a obra de Alencar revela, assim, uma consciência literária vinculada à visão romântica e nacionalista. Soube como ninguém dar expressão brasileira a língua que recebemos de Portugal, nacionalizando, assim, a nossa literatura. Corrobora isso

---

<sup>2</sup>José de Alencar, 1874, “*O nosso cancionero*” (Carta I) *apud* Edith Pimentel Pinto, *O Português do Brasil – textos críticos e teóricos, 1 – 1820/1920, fontes para a teoria e a história.* v. I, p. 129.

Melo (1972), ao afirmar que “nenhum de nossos escritores conheceu tão fundamente e exprimiu tão belamente a alma brasileira, no que ela tem de característico, de distintivo, como o fez Alencar”. (MELO, 1972, p. 53)

Além disso, Alencar revela, ainda, uma concepção de língua como instrumento de vida, de luta e de expressão da nacionalidade. É o que podemos constatar pelas próprias palavras do autor (1874) em *O nosso cancioneiro* – carta I- quando afirma que:

Nós, os escritores nacionais, se quisermos ser entendidos de nosso povo, havemos de falhar-lhe em sua língua, com termos ou locuções que ele entende, e que lhes traduz os usos e sentimentos. Não é somente no vocabulário, mas também na sintaxe da língua, que o nosso povo exerce o seu inexaurível direito de imprimir o cunho de sua individualidade, abasileirando o instrumento das idéias. (ALENCAR, 1874, *apud* MENEZES, 1977, p. 325)

É o que encontramos, também, nos prefácios e posfácios de *Diva* (1864) e *Iracema* (1865), em suas segundas edições, de 1865 e 1870:

- “A língua é a nacionalidade do pensamento como a pátria é a nacionalidade do povo; [...]”

*Diva*.

- “O conhecimento da língua indígena é o melhor critério para a nacionalidade da literatura;

*Iracema*.

- “Je n’ai pas la folie de vouloir régler et fixer une langue vivante”<sup>3</sup>, sentença proferida pela Academia Francesa, em 1704, e citada por José de Alencar em 1874, em *O País*.

- “Entend(o) que sendo a língua instrumento do espírito, não pode ficar estacionária quando este se desenvolve”, diz, também ele, no pós-escrito à segunda edição de *Diva*, em 1865.

- “A manga, da primeira vez que a prova, acha-lhe o estrangeiro gosto de terebentina; depois de habituado, regala-se com o sabor delicioso.” (...)

Essa visão nacionalista da literatura e da língua, exemplificada nos trechos acima citados, orienta o movimento e permite a exploração de vários enfoques. Dentre eles, destacam-se o indianismo, o regionalismo, a pesquisa histórica, folclórica e lingüística. Tudo

<sup>3</sup> Eu não sou louco de querer regular e fixar uma língua viva. (Tradução nossa)

isso na busca do objetivo principal: o projeto de construção de uma literatura nacional, que revelasse a maneira própria de ser e de falar da nação brasileira.

Podemos perceber em toda a obra de Alencar que ele, na verdade, além de um nacionalista, grande divulgador de nossa brasilidade, foi um escritor ousado, pois centralizava as atenções na língua buscando o estilo de ser brasileiro, de uma expressão brasileira. Esse envolvimento do escritor com a questão da língua, foi surpreendente, pois, apesar de ser a língua a matéria-prima para o escritor, não constituía, para os românticos, objeto de muita atenção. Por isso, as tinham por intocável, até do ângulo gramatical. E, como Alencar não admitia essa rigidez ou este purismo em relação à língua, infringia a forma contrariando, sobremaneira, àqueles que concebiam a língua como intocável. Alencar foi, por isso, muito atacado e criticado, mas se justificava, como já mencionamos anteriormente, nos vários prefácios e pós-escritos de seus livros, revelando a sua própria concepção de arte.

Foi um inovador, um lingüista no seu tempo, ao advogar no “Poscrito” da 2ª edição de *Diva*, em 1865, a legitimidade da diversificação da língua portuguesa no Brasil, ao revelar sua posição diante da língua: *“Entendo que sendo a língua instrumento do espírito, não pode ficar estacionária quando este se desenvolve”*. Vê-se, pois, que, para ele, a mutabilidade das línguas é um processo natural e irreversível e, em se tratando de língua, não se pode ignorar a relação que esta mantém com a cultura. Assim, a cada povo, a cada comunidade corresponde uma maneira própria de ser, de pensar e de falar. Ignorar isso é ignorar a História, é desprezar a diversidade cultural, é desrespeitar as singularidades de um povo, de uma cultura.

Por isso, admitia a criação de novas palavras, o emprego de vocábulos tais como os galicismos ou arcaísmos, regionalismos, tupinismos, neologismos como processos naturais de enriquecimento da língua e produtos da vontade e necessidade do falante ao usar a língua na denominação de seu meio, na formação de sua cultura. É o que podemos confirmar no prefácio a *Sonhos d’Ouro*, quando ele afirma sua posição a favor dos novos usos: “Censurem,

piquem, ou calem-se, como lhes aprouver. Não alcançarão jamais que eu escreva neste meu Brasil cousa que pareça vinda em conserva lá da outra banda [...]”<sup>4</sup>

Nesse sentido, importa ressaltar que Alencar sempre demonstrou, diante da questão da língua, uma visão inovadora. Mais uma vez reafirma isso o próprio Alencar, agora no Pós-Escrito de Iracema (1870, p. 166), quando afirma “Que a tendência, não para a formação de uma nova língua, mas para a transformação profunda do idioma de Portugal, existe no Brasil, é fato incontestável”.

Sobre isso escreveu Melo (1972), ao afirmar que Alencar procurou um “*estilo nacional brasileiro*” e acrescenta que, neste sentido, o papel de Alencar foi importantíssimo, pois ele foi

O primeiro que acenou para a existência de uma diversidade de espírito entre Portugal e Brasil, fundada na diversidade de formação nacional.. De ter sido o primeiro que advogou a adoção dos modismos brasileiros, que defendeu a liberdade de expressão brasileira, enfrentando embora as fúrias de puristas e reacionários que queriam bitolar a língua e os escritores pelos seus gostos ou pelos antigos padrões, tornados eternos. (MELO, 1972, p. 36)

Fica, pois, evidente, nas próprias palavras de Alencar, que não foi seu intento criar uma língua brasileira, mas sim um estilo nacional, um “abrasileiramento” da língua portuguesa, reagindo, por isso, à gramatiquice e a um exagerado purismo, o qual ignorava as inevitáveis diferenças entre o português europeu e o americano.

Assim sendo, podemos, baseados na história e na crítica literária brasileira, concluir que Alencar tinha a consciência de que o Romantismo, ao romper com os ideários classicistas, não podia mais acatar os modelos únicos e absolutos para a criação literária, e nisso estava também a língua. Portanto, a língua para ele, conforme afirma Melo (1972, p. 24), “... não poderia ficar estacionada e que era mister procurar ajustá-la, como instrumento dócil, à manifestação dos novos gostos, das novas instituições, das novas condições de vida”. Logo estaria sujeita às transformações e reacomodações

---

<sup>4</sup> José de Alencar, “*Benção paterna*”, prefácio a *Sonhos d’Ouro*, 2ª edição, São Paulo, Melhoramentos, s.d.

A partir disso, podemos constatar que Alencar concebia a língua como um instrumento ideológico e, como tal, estaria a serviço do projeto de autocriação histórica, literária, política, enfim, um instrumento de autocriação cultural. Ainda sobre essa questão, vamos encontrar também no prefácio a *Sonhos d'Ouro*, 1872 a seguinte indagação do próprio autor: “O povo que chupa o caju, a manga, o cambucá e a jabuticaba pode falar uma língua com igual pronúncia e o mesmo espírito do povo que sorve o figo, a pêra, o damasco e a nêspêra?”

Depreende-se disso, mais uma vez, a concepção que Alencar tinha da língua como reveladora dos hábitos, da cultura e do meio em que vive o homem. Logo, era de se esperar, por parte dos escritores, e, sobretudo em Alencar, a preocupação em destacar a variante brasileira com os regionalismos, neologismos, indianismos e africanismos existentes. É o podemos constatar nas palavras do próprio (ALENCAR, 1873), quando afirma que “[...] o escritor verdadeiramente nacional, acha na civilização da sua pátria, e na história já criada pelo povo, os elementos não só da idéia, como da linguagem que a deve exprimir”. (ALENCAR, 1873, *apud* PINTO, 1978, p. 121)

Percebe-se aí, o espírito nacionalista de Alencar e a sua consciência sobre a necessidade de se criar uma literatura genuinamente brasileira, que registrasse a cultura do povo brasileiro, inclusive a sua linguagem própria, uma literatura que nascesse da realidade social e cultural do povo, da nação.

E, finalmente, podemos afirmar que a preocupação nacionalista sempre perseguiu José de Alencar, o que também fica evidente numa carta de próprio punho de Alencar, dirigida aos redatores da revista *Lux* (Revista científico-literária). Pesquisando sobre a vida e obra de Alencar, buscamos tal carta no *site* [www.museuimperial.gov.br/](http://www.museuimperial.gov.br/) do Museu Imperial, localizado em Petrópolis RJ e que conta com um dos mais importantes arquivos históricos do Brasil, a qual transcrevemos abaixo:

*“Cordialmente agradeço a V. S<sup>a</sup>. os exemplares que se dignaram remeter-me do seu interessante periódico; e faço votos para que a Revista Científica e Literária medre e prospere, como promete sua ilustração. Muita satisfação tive ao ler as observações com que, em um dos seus números anteriores, a revista, acompanhou alguns apontamentos sobre ortografia, que ás pressas espalhei pelas notas da 2<sup>a</sup> edição de Iracema, edição incorretíssima, feita por uns compositores franceses que mal algaraviavam o português.*

*Nós, os brasileiros, temos descurado inteiramente o máximo assunto da nacionalidade de nossa literatura; e por uma timidez censurável nos deixamos governar pela férula do pedagogismo português, que pretende o monopólio da ciência e polimento de nossa língua.*

*Eu insurgi-me contra essa tirania literária; e não por acinte, senão por uma natural impulsão do gênio brasileiro, que eu sinto em mim e no país que me cerca, tão outro do português, embora seu irmão carnal pela origem e pela língua.*

*Coloquem-se, ao lado um do outro, dois exemplares das várias classes portuguesas e brasileiras, desde a base até o cimo da sociedade. Ao cabo de uma hora de prática e de observação, não há quem não os distinga perfeitamente. Eles se destacam por suas excelências e defeitos recíprocos, assim como pelos seus ridículos e cacoetes próprios.*

*Ora, a teima, em negar o fato que se impõe, a pretensão de destruir a realidade para substituí-la por uma convenção impossível sob o nome de “classicismo”, é a insana tarefa de Sísifo. Rolem os “puristas”, que o não são porque há muitas feras no tal purismo; rolem a pedra, quantas vezes queiram, que lê há de retroceder e tornar ao chão: onde a colocou a revolução dos tempos e o progresso da humanidade.*

*Quando Portugal descobriu o Brasil, encontrou o seu sucessor. E assim como a Lusitânia, glorificada por Camões, não é o Portus Cale do conde de Borgonha, também o Brasil de nossos dias não é e não pode ser a colônia das Índias Ocidentais.*

*Eis porque me enche de prazer e de estímulos a conformidade que por ventura encontro neste ou naquele irmão das letras, quando se trata de nacionalidade de nossa literatura.*

*Somos nós, é o Brasil quem deve fazer a lei sobre a sua língua, o seu gosto, a sua arte e a sua literatura. Essa autonomia, que não exclui a lição dos mestres antigos e modernos, é não só um direito, mas um dever.*

*Quanto dinheiro se não tem gasto entre nós por causa de algumas nesgas de terra disputadas pelos nossos vizinhos? Bastam as guerras, sem falar das embaixadas e tratado.*

*Entretanto, o meu patriotismo se revolta com muito maior força, quando vejo que brasileiros há, e escritores de talento, que nos submetem ao bolo de férula lusitana; do que se cedêssemos umas tantas léguas de terra, que não nos fariam falta.*

*Seria da maior conveniência que, em todos os pontos do Brasil onde a literatura nacional desponha nessas generosas expansões da imprensa periódica, fosse um dos artigos do programa das revistas essa preocupação de nossa individualidade literária. Se tivesse a felicidade de ver aceita a idéia, eu concorreria por minha parte, indicando os meios que me parecem mais idôneos ao fim e dos quais já tenho cogitado.*

*Com muito apreço, etc. 26 de novembro de 1874.”<sup>5</sup>*

Constata-se, por intermédio dessas palavras, mais uma vez, o empenho de Alencar em conferir à língua portuguesa o seu “estilo brasileiro”, não propondo uma nova língua – como já chegaram a afirmar, equivocadamente, alguns estudiosos, mas de diferenciá-la do velho idioma português, ressaltando o “dialeto brasileiro”, fruto de nossas tradições, hábitos, costumes, linguagem, enfim, de tudo aquilo que evidencia as especificidades do Brasil. Isso é confirmado pelas palavras de Alencar no Pós-escrito à 2ª ed. de *Iracema*, 1870, quando ele afirma que:

<sup>5</sup> Foi mantida a ortografia original.

Quando os povos de uma raça habitam a mesma região, a independência política só por si forma sua individualidade. Mas se esses povos vivem em continentes distintos, sob climas diferentes, não se rompem unicamente os vínculos políticos, opera-se, também, a separação nas idéias, nos sentimentos, nos costumes, e, portanto, na língua, que é a expressão desses fatos morais e sociais”. (ALENCAR, 1870, *apud* PINTO, 1978, p. 75)

Depreendemos, dessa sua citação, mais uma vez a admissão pelo autor de uma concepção de língua como fato social, como produto da cultura, dos costumes, das tradições e da história de um povo. Assim sendo, a língua constitui-se no veículo de expressão desses aspectos evidenciando assim, a estreita relação entre língua e sociedade e língua e cultura. Portanto, natural seria que no Brasil a língua portuguesa se revestisse do estilo e do jeito brasileiro de ser, revelando as características de seu povo. Isso é confirmado, também, por Gonçalves (2000), ao afirmar que “na realidade, Alencar via a língua como um produto social e que não deveria ser imposta independentemente da vontade do homem, mas que o homem poderia influir no destino das línguas”. (GONÇALVES, 2000, p. 104)

#### **2.4 - O romance *O sertanejo* e a brasilidade**

O autor inicia essa obra demonstrando um pouco de nostalgia em relação ao seu mundo interiorano, onde passara a infância, conforme se pode observar pela frase inicial do romance:

“Quando te tornarei a ver, sertão da minha terra, que atravessei há muitos anos, na aurora serena e feliz da minha infância? Quando tornarei a respirar tuas auras impregnadas de perfumes agrestes, nas quais o homem comunga a seiva dessa natureza possante?.”

Essas indagações do autor nos levam a perceber que, da perspectiva de Alencar, o sertanejo era quem ainda vivia em contato direto com a natureza, e que dela poderia absorver sua força física e sua energia. Quanto mais proximamente o homem vivesse da natureza,

maior seria a intensidade com que ele se beneficiaria da força da natureza, pois a vida no sertão lhe permite o conhecimento da mata e estreita a sua relação com a natureza, o que nos revela uma grande marca de brasilidade na obra.

É o podemos comprovar pelo seguinte trecho da obra: “Para o sertanejo a floresta é um mundo, e cada árvore um amigo ou um conhecido a quem saúda, passando. A seu olhar perspicaz as clareiras, as brenhas, as coroas de mato, distinguem-se melhor do que as praças e ruas com seus letreiros e números.” (*O sertanejo*, p. 46)

Num primeiro momento, parece-nos que os romances chamados regionalistas ou sertanistas nascem dessa nostalgia do autor em relação às suas lembranças da infância vivida no interior do Ceará. Porém, no prefácio a *Sonhos d’Ouro* (1872), quando Alencar explica o que pretendia ao revelar o interior do País, vamos encontrar razões mais fortes para a sua real intenção ao retratar o interior do país:

Onde não se propaga com rapidez a luz da civilização que de repente cambia a cor local, encontra-se ainda em sua pureza original, sem mescla, esse viver singelo de nosso país, tradições, costumes e linguagem, com um sainete todo brasileiro. Há, não somente no país, como nas grandes cidades, até mesmo na corte, desses recantos, que guardam intacto, ou quase, o passado.<sup>6</sup>

Desta passagem, podemos depreender a idéia de que, para Alencar, a verdadeira essência brasileira, na sua condição mais original e simples, está no mundo rural, no interior do país, o que mais uma vez revela o projeto do romancista em mapear o país, revelando-o em toda a sua extensão geográfica, mostrando a unidade da nação, os modos de vida do homem do interior, enfim, os aspectos mais originais da vida rural. É justamente o que encontramos em *O sertanejo*: o campo resguardado das influências dos centros urbanos, o campo que ainda conserva em sua forma original de viver, as tradições e costumes do país, “*com um sainete todo brasileiro*”.

---

<sup>6</sup>José de Alencar, 1872, *Benção Paterna*” (prefácio a *Sonhos d’ouro*), apud Edith Pimentel Pinto, *O Português do Brasil – textos críticos e teóricos*, 1 – 1820/1920, fontes para a teoria e a história. v. I, p. 92.

Assim, nos romances regionalistas, vamos perceber o interesse de Alencar em focalizar, da perspectiva romântica e, ainda que, de maneira imaginária, o aspecto interior de cada região, o modo de vida de seus habitantes, seus costumes, hábitos, tradições e as relações sociais ou os aspectos da vida coletiva, deixando de lado os traços urbanos das capitais para revelar a capacidade do homem do campo em aliar seus hábitos sociais à beleza natural das terras brasileiras.

Para Coutinho (1986, p. 262), o romance regionalista no romantismo de Alencar significa o deslocamento do interesse do autor, do geral nacional para o geral regional, já que depois de ter iniciado o registro da vida brasileira como um todo, Alencar, como que limitando seu ponto de observação, propõe um romance representativo de determinadas regiões, seja porque elas lhe pareçam mais diferenciadas e de traços mais fortes, ou porque elas seriam regiões que naturalmente dividiam o país: o norte, o centro e o sul. E dentro de cada uma delas focalizaria o aspecto interior, a vida agrícola com suas peculiaridades, seus hábitos, seus costumes, suas tradições, as relações sociais aí verificadas, os pormenores da vida coletiva, abandonando o aspecto urbano das capitais e ressaltando a figura do sertanejo, do homem do interior, valorizando o seu modo de vida e o meio rural.

Importa ressaltar que, embora o autor direcione sua atenção para o interior, ele não perde de vista seu propósito maior: o de revelar pela descrição da paisagem física e social do Brasil todas as belezas e singularidades da nação recém-independente.

Assim, *O sertanejo*, uma das obras regionalistas de Alencar, pode, ser tomado como um de seus romances mais brasileiros, pois nele percebemos o quanto Alencar dá expansão ao seu estilo e gênero descritivos. É como afirma M. Cavalcanti Proença “O sertanejo é um fragmento do grande mural da nacionalidade que J. de Alencar realizou na sua obra de romancista”.<sup>7</sup>

---

<sup>7</sup>M. Cavalcanti Proença. “O sertanejo”, *Estudos literários*, Rio de Janeiro, José Olympio Ed/INL. 1974, p. 104. (Originalmente publicado em José de Alencar, *Obra completa*, v. I., Rio de Janeiro, Cia Aguilar Ed., 1959)

Nele, assim como na maioria de seus romances, a natureza simples e bela ocupam lugar de destaque na obra.

Conforme afirma Coutinho (1986) Alencar, embora não tenha sido o primeiro a publicar um romance regionalista no Brasil – Bernardo de Guimarães e Franklin Távora já haviam iniciado a publicação de suas obras - sobressaiu em relação aos demais pelo cuidado em apreender e revelar o processo de desenvolvimento entre a vida das capitais e a vida rural, demonstrando uma tendência realista já verificada nos romances histórico e urbano.

É importante ressaltar, ainda segundo Coutinho (1986), que “o romance regionalista, na literatura universal, nasceu da atividade e da estética românticas, como possível fruto da reação contra o subjetivismo exagerado, cujo epifenômeno era a hipertrofia do eu”. (COUTINHO, 1986, p. 263)

O mesmo autor explica que, no caso do Brasil, esse tipo de romance também nasceu da estética romântica, mas não de uma reação ao subjetivismo exagerado, mas de uma tendência realista que deu suporte e inspiração ao romance histórico.

*O Sertanejo* de Alencar torna-se, assim, um desdobramento do romance histórico, elaborado a partir dessa tendência realista, o que lhe configura o aspecto regionalista, embora haja por parte de vários historiadores e críticos a tendência em não incluir o romance regionalista em nosso Romantismo. No entanto, Coutinho (1986) entende essa parte da obra de Alencar como regionalista, pois nela uma unidade regional está, tanto quanto o possível representada e tem lugar de importância dentro da obra.

Por exemplo, a região em que se passa *O sertanejo*, não é a mesma em que se passa *O gaúcho*, nem no aspecto físico nem tampouco nos seus aspectos geográficos e culturais. Podemos até dizer que Arnaldo guarda algumas características de Peri, mas o mesmo não podemos afirmar em relação à figura do sertanejo com a de Manoel Canho, pois tanto um quanto outro são produtos de meios diferentes, mas sob uma perspectiva, que é a do autor. E

essa perspectiva era romântica, e nem se poderia exigir que não fosse, como aqueles que reprovam e criticam Alencar por não ter aprofundado o seu regionalismo.

O romance regionalista de Alencar talvez represente, dentro de sua obra e mesmo no conjunto do romance romântico, segundo Coutinho (1986),

aquele aspecto em que mais e melhor se desenvolveu e fixou a tendência realista do nosso Romantismo. Foi preocupação sua, aqui ou nos temas indígenas, registrar o que havia de típico em nossa sociedade rural, desde o comportamento individual e as relações domésticas, até o registro do folclore. (COUTINHO, 1856, p. 264)

Acrescenta-se a isso, os dizeres do crítico Agripino Grieco (*apud* COUTINHO, 1986) sobre a importância de Alencar para o estudo de nossas tradições, quando afirma que Alencar “foi o autor que pretendeu ver um país em conjunto, de extremo a extremo, e se tornou o grande poeta, o grande historiador, o grande pintor desse país.” Grieco (*apud* COUTINHO, 1986, p. 264)

É o que pode ser confirmado, também, nas palavras de Machado de Assis (1962), quando assim se refere a Alencar:

O espírito de Alencar percorreu as diversas partes de nossa terra, o norte e o sul, a cidade e o sertão, a mata e o pampa, fixando-as em suas páginas, compondo assim com as diferenças da vida, das zonas e dos tempos, a unidade nacional de sua obra. (ASSIS, 1962, p. 625)

Seus romances regionalistas demonstram o interesse pelas regiões mais distantes do Brasil, aliando os hábitos sociais da vida do homem do campo à beleza natural das terras brasileiras. Ao contrário das obras urbanas em que as mulheres eram figuras centrais, nos romances regionalistas os homens são figuras centrais, com toda a sua ignorância e rudeza, enfrentando os desafios da vida. As mulheres assumem papéis submissos e frágeis.

Finalmente, é preciso admitir que Alencar, se não realizou todo o seu projeto de construção de uma literatura genuinamente brasileira, pelo menos, abriu, através dos romances regionalistas, o caminho para o surgimento de um grupo de escritores denominados

regionalistas, isto é, escritores que, preocupados em revelar o Brasil na sua variedade geográfica, com seus hábitos específicos, passaram a produzir uma literatura de afirmação da nacionalidade através da valorização e expressão da vida do homem do interior. Para tanto, focalizavam as regiões revelando seus hábitos, crenças e sua linguagem.

Vemos, pois, que Alencar, ao focalizar em seus romances uma determinada região, como é o caso do Ceará em *O sertanejo*, não estava preocupado, especificamente com o regional, mas com o nacional. Assim sendo, é possível admitirmos que o elemento regional foi focalizado para revelar a diversidade, a grandiosidade do país em todos os seus aspectos sociais, culturais, geográficos e lingüísticos.

## 2.5 - O sertão romântico

Porque o vento do sertão é a liberdade, o homem sertanejo é o valente, o honrado, o melhor. Há um mito do sertão. Antigo. Está em José de Alencar, em Franklin Távora. Está nos documentos velhos, nos romances populares, cantados em quadra ou sextilha.

(M. Cavalcanti Proença)

Ao discorrer sobre o aparecimento da ficção na literatura brasileira, Antonio Candido (1975), afirma que “o romance romântico [...] elaborou a realidade graças ao ponto de vista, à posição intelectual e afetiva que norteou todo o nosso Romantismo, a saber, o nacionalismo literário”.<sup>8</sup> Assim, empenhados na construção de uma literatura mais brasileira, procuraram descrever lugares e costumes do povo, suas tradições e crenças.

Portanto, foi o patriotismo, o desejo de construção de uma pátria com cores e jeito bra-

---

<sup>8</sup> Antonio Candido, Formação da literatura brasileira, v. II, Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1981, v. 2, p. 112.

sileiros, que levaram os nossos primeiros romancistas, como é o caso de Alencar, a retratarem o país através da descrição de lugares e costumes do povo realçando a beleza e as particularidades do país nos seus mais diferentes aspectos, nas mais diferentes regiões.

Coutinho (1986), explica que numa cultura, até então, tradicionalmente dependente dos modelos lusitanos, o regionalismo no romantismo foi, até certo ponto, a maneira encontrada pelos escritores para apossar-se não só de um espaço, mas também de um tempo. O espaço é a natureza, os índios, a terra. E o tempo é aquele do passado, que nos dá o substrato histórico que nos aproxima dos paradigmas europeus, donos de um passado milenar. Daí podermos afirmar, a partir de nossas leituras sobre o Romantismo no Brasil, que o romance brasileiro nasceu com tendência regionalista e de costumes, demonstrando, desde o início, preferência para a descrição e focalização de tipos humanos, costumes e a vida social nas cidades e nos campos.

E é, justamente, esse caráter de exploração, de mapeamento do país e de valorização das especificidades locais, que caracteriza a ficção romântica como tomada de consciência da realidade brasileira no que diz respeito à arte, o que revela o ideal de nacionalismo literário, tão preconizado pela Revista Niterói.

As palavras de Candido (1981) reforçam essas considerações. Para ele,

o nosso romance tem fome de espaço e uma ânsia topográfica de apalpar todo o país. Talvez o seu legado consista menos em tipos, personagens e peripécias do que em certas regiões tornadas literárias [...]. Assim, o que se vai formando e permanecendo na imaginação do leitor é um Brasil colorido e multiforme, que a criação artística sobrepõe à realidade geográfica e social. (CANDIDO, 1981, p. 112)

Assim sendo, o sertão foi uma das regiões tornadas literárias nesse período. Nesse contexto, autores como José de Alencar, Franklin Távora e Taunay, dentre outros, possibilitaram o aparecimento de uma literatura sertanista, entendendo o sertão não apenas como uma região geográfica, mas um espaço imaginário, fruto da visão romântica da natureza, simulando uma imagem que garantisse seu uso como elemento de afirmação da

nacionalidade, pois, como sabemos, o nacionalismo foi um dos traços mais marcantes do Romantismo no Brasil.

E, no romance, a consequência disso foi a descrição de lugares, cenas, fatos, costumes do Brasil. Essa tendência deu à nossa literatura o sabor brasileiro, regional.

Importa ressaltar que, para tanto, num primeiro momento, a figura do índio representou mais fortemente o brasileiro do século XIX, mas o sertanismo foi, também, uma grande marca de brasilidade. É, por exemplo, o que vamos encontrar em *O sertanejo*, obra que, segundo a história literária, seria o momento da substituição do mito indianista pelo sertanista. O sertanejo é representado como descendente do índio e herdeiro das suas virtudes. *O sertanejo* seria, então, o epílogo da epopéia indianista delineada por José de Alencar, pois nele verificamos o fim deste povo, quando, derrotado pelo avanço do colonizador, só lhe resta refugiar-se em lugares distantes ou submeter-se às suas ordens.

Ainda sobre essa questão, ressaltamos a contribuição de Lima (1966) que explica: “O sertanismo nasceu do indianismo. A falsa ilusão nativista da independência lançara a nossa literatura em busca de um espírito novo, de temas fornecidos pela terra e desenvolvendo-se no meio local”. (LIMA, 1966, p. 596)

E é, justamente, essa atitude de exploração e mapeamento do país que dá à ficção romântica importância fundamental naquilo que chamamos de consciência da realidade brasileira no plano da arte. Objetivo este proclamado pela revista Niterói e explicitado na epígrafe da revista “Tudo pelo Brasil e para o Brasil”.

Mas, em virtude do ideário nacionalista, tão preconizado pelo movimento, os escritores empenhavam-se em revestir suas obras de um realismo que acabava por estabelecer no movimento, um conflito entre sonho e realidade, pois nossos escritores eram muito românticos para elaborar um estilo e composição adequados à expressão desse realismo. A tendência idealista, sonhadora estará presente na articulação dos episódios, na configuração

dos personagens, abrindo grande espaço para a subjetividade, o que revela as tendências do movimento para o fantástico, o incoerente, na linguagem e na concepção. Tudo isso, segundo Candido (1975), nos leva a pensar a adequação de termos para cada um dos temas. Sobre isso, Candido comenta:

Dentre os temas brasileiros, impostos pelo nacionalismo, tenderiam a ser mais reputado os aspectos de sabor exótico para o homem da cidade, a cujo ângulo de visão se ajustava o romancista: primitivos habitantes, em estado de isolamento ou na fase dos contactos com o branco; habitantes rústicos, mais ou menos isolados da influência européia direta. Daí as duas direções: indianismo, regionalismo. O problema referido é o da expressão adequada a cada uma delas. (CANDIDO, 1975, p. 115)

Para este autor, esta questão não era de todo problemática no caso do indianismo, já que em se tratando de descrever populações de língua e costumes muito diferentes dos portugueses, o escritor poderia agir com grande liberdade de criação, fantasiando a linguagem e a atitudes dos personagens, mas o problema é que no caso do regionalismo a questão se complicava, pois a língua e os costumes descritos eram próximos dos da cidade, o que resultou num difícil problema de estilização; de respeito a uma realidade que não se podia fantasiar tão livremente quanto a do índio. Dependia exclusivamente da criatividade do escritor. A obtenção da verossimilhança era mais difícil, pois a realidade estava ao alcance do leitor. Daí a ambigüidade que sempre marcou o regionalismo: o escritor oscilava entre a fantasia e a fidelidade ao observado, o que acabou por dar ao regionalismo contornos mais gerais que locais.

Mas, de toda forma, o regionalismo foi uma etapa essencial para o desenvolvimento posterior de nossa literatura, pois através dele foi possível a criação de uma literatura com cores e jeito nacional. E a figura de Alencar foi, seguramente, muito importante, pois ele, como um dos mais importantes iniciadores do romance brasileiro, foi quem, considerando o que versa a história literária brasileira, inaugurou a vertente regionalista em nossa literatura - embora alguns críticos apontem *Inocência* (1873), obra de Taunay.

Finalmente, podemos afirmar, com base na história literária brasileira, que, antes de Alencar, nenhum autor se ocupou em refletir sobre o sentido da criação literária, com as questões lingüísticas. Isso pode ser comprovado pelos vários prefácios, as numerosas polêmicas, cartas, que revelam uma capacidade e consciência crítica extraordinárias de seu papel de escritor, distinguindo-o, assim, de seus contemporâneos a ponto de Machado de Assis declarar em 1883: “Alencar escreveu as páginas que todos lemos, e que há de ler a geração futura. O futuro não se engana”.

Em suma, tecemos neste capítulo algumas considerações sobre o Romantismo no contexto mundial e o Romantismo no Brasil. Ressaltamos a importância deste movimento e os novos contornos que assume no Brasil em decorrência do processo de independência pelo qual passava o país, sobretudo em relação ao estabelecimento de nossa autonomia lingüística e literária. Ressaltamos, também, a importância de José de Alencar nesse processo de afirmação da nacionalidade e o destaque que ele dá à língua e à literatura como instrumento de defesa e constituição dessa nacionalidade.

Isso posto, tratamos, no capítulo seguinte, dos fundamentos teóricos que dão suporte ao desenvolvimento deste trabalho.

### CAPÍTULO III – FUNDAMENTOS TEÓRICOS

Neste capítulo, destinado ao trato dos fundamentos teóricos que subsidiam a dissertação, são feitas considerações acerca de algumas noções teóricas que direcionam o estudo aqui proposto. Abordamos questões concernentes ao léxico, à relação língua-cultura, a delimitação da identidade científica da Lexicologia e da Lexicografia, com seus objetos de estudo e métodos e, ainda, algumas orientações teóricas sobre campo lexical e Sistema de Conceitos de Hallig-Wartburg (1963), já que a organização e classificação dos itens que compõem o *corpus* são feitos tomando por base tal sistema.

Fazemos, também, alguns comentários sobre neologismos, pois considerando que nosso propósito primeiro, o de investigar as possíveis formações neológicas na obra *O sertanejo*, não pôde ser integralmente satisfeito em virtude das poucas ocorrências de neologismos, decidimos por registrá-los e analisá-los mesmo assim, por reconhecermos o viés que este estudo mantém com o projeto do orientador.

#### 3.1 – O léxico

O léxico é, comumente, entendido como o conjunto de itens lexicais representativos do patrimônio sociocultural de uma determinada comunidade. É, segundo Biderman (2001, p. 179), “[...] a somatória de toda a experiência acumulada de uma sociedade e do acervo da sua cultura através das idades”. E continua: “os membros dessa sociedade funcionam como sujeitos-agentes, no processo de perpetuação e reelaboração contínua do Léxico da sua língua”.

Assim sendo, torna-se o espelho em que vemos refletida toda a história, cultura e formas de vida ou organização de uma comunidade. Biderman acrescenta, ainda, que o universo semântico se estrutura em torno de dois pólos: o indivíduo e a sociedade e que dessa relação se origina o Léxico.

Corroborando isso, salientamos a visão de Vilela (1995), que afirma:

O léxico é, numa perspectiva cognitivo-representativa, a codificação da realidade extralingüística interiorizada no saber de uma dada comunidade lingüística. Ou, numa perspectiva comunicativa, é o conjunto das palavras por meio das quais os membros de uma comunidade lingüística comunicam entre si. (VILELA, 1995, p. 13)

Sendo o léxico, recurso de expressão e interação social, devemos admitir que, é no dinamismo do processo de comunicação que os usuários criam, recriam e incorporam o vocabulário de sua língua, contribuindo assim, para o processo contínuo de criação, renovação e expansão lexical.

É importante destacar, também, a posição assumida por Barbosa, quando assim se refere ao léxico:

O léxico, cujas formas exprimem o conteúdo da experiência social, é o conjunto dos elementos do código lingüístico, em que se sentem particularmente as relações entre a língua de uma comunidade humana, sua cultura – no sentido antropológico -, sua civilização; e compreende-se pois, que uma alteração das unidades desse inventário, seja reflexo, de alterações culturais. (BARBOSA, 1981, p. 120)

Portanto, na formação da língua, não há como desconsiderar a influência exercida pela cultura, pela realidade social de uma dada comunidade lingüística no processo de composição do léxico. Isso confere ao léxico o *status* de um sistema aberto, caracterizando-o como o domínio da linguagem menos propício à sistematização e formalização, ao contrário da fonologia, sintaxe e morfologia – sistemas fechados. Logo, seu estudo e apreensão não são tarefas simples.

Já é por demais conhecida e admitida a idéia de que a língua não está pronta ou acabada, ao contrário, faz-se continuamente pela atividade lingüística. Esse “fazer” da língua se

processa em função de fatores como o sócio-cultural, geográfico e histórico. O léxico torna-se, desta maneira, um organismo vivo e mutável, um sistema sujeito a alterações constantes e, conseqüentemente, predisposto à expansão e renovação.

Esse aspecto mutável do léxico é, também, confirmado por Borba (2003), ao afirmar que o léxico é “[...] um acervo de conceitos que, pela sua natureza dinâmica, tem equilíbrio sempre instável não apenas por causa de pressões externas, mas ainda de transformações, migrações, reacomodações internas” (BORBA 2003, p. 45 – 46)

Barcelos (2000), em consonância com Borba, complementa que:

O léxico de todas as línguas é essencialmente marcado pela mobilidade; as palavras e as expressões com elas construídas surgem, desaparecem, perdem ou ganham significações, de sorte a promover o encontro marcado do falante com a realidade do mundo bio-social que o acolhe: o homem e o mundo encontram-se no signo. (BARCELOS, 2000, p. 142)

Conforme podemos perceber, o aspecto de mobilidade e de representação do mundo bio-social em que o homem se insere constituem características inerentes ao léxico. Ele é produto do processo de nomeação da realidade pelo homem na tarefa de apreender, estruturar e apropriar-se do universo que o cerca. Reflete, pois, sua cultura, suas normas sociais, suas tradições, sua visão de mundo e suas experiências, tornando-se, então, o testemunho da própria história de uma dada comunidade lingüística numa determinada época.

Em decorrência desse aspecto de mobilidade do léxico, estudá-lo não é tarefa fácil. Soma-se a isso o fato, já anteriormente mencionado, de que o léxico, sendo um sistema aberto, é o domínio da língua menos sujeito à sistematização.

Entretanto, sabemos que o estudo do léxico é de suma importância para a descrição das línguas naturais, já que reflete os fatos sociais, históricos e culturais que perfilam as atividades de seus indivíduos.

Concernente a isso, Sapir (1961, p. 45) afirma que “O léxico completo de uma língua pode se considerar, na verdade, como o complexo inventário de todas as idéias, interesses e ocupações que açambarcam a atenção de uma comunidade”. Este mesmo autor ao discorrer sobre língua e realidade, destaca a influência do meio-ambiente, através da experiência social, ou as práticas sociais do homem, no processo de formação da língua. Desse modo, cada comunidade lingüística é, até certo ponto, herdeira e agente de uma história própria.

Além disso, já é por demais conhecida a idéia de que as línguas organizam, articulam a realidade e realizam o recorte do mundo de maneiras diversas. Isso evidencia o fato de que o sentido de uma palavra depende das associações e relações resultantes da maneira de pensar, do conhecimento de mundo, das experiências e valores de uma determinada comunidade lingüística em um determinado espaço e tempo.

Assim, conforme a já conhecida hipótese do relativismo lingüístico, cada língua analisa, diferentemente, as experiências não-lingüísticas, classifica e organiza de maneira distinta a realidade. Então, será da nossa língua materna que receberemos uma determinada visão de mundo, a qual é pré-determinada pelo uso da língua que falamos. Fica aqui revelada a relação indissociável entre língua, sociedade e cultura.

Assim sendo, é impossível não admitir a natureza social da linguagem e a capacidade criadora dos falantes nessa íntima relação que se estabelece entre léxico, cultura e sociedade. Portanto, é fato inquestionável, a influência exercida pelo meio social, no qual se insere o indivíduo, na formação do léxico de uma língua.

Nessa perspectiva, o léxico configura-se como o lado social da linguagem, como um grande sistema aberto, ou seja, um sistema constituído de um número variável e incontável de componentes, o que impossibilita a qualquer estudioso a determinação de todos os elementos que o constituem.

Biderman (2001), ainda sobre essa questão, assim se manifesta:

O Léxico se expande, se altera e, às vezes, se contrai. As mudanças sociais e culturais acarretam alterações nos usos vocabulares: daí resulta que unidades ou setores completos do Léxico podem ser marginalizados, entrar em desuso e vir a desaparecer. Inversamente, porém, podem ser ressuscitados termos que voltam à circulação, geralmente com novas conotações. Enfim, novos vocábulos, ou novas significações de vocábulos já existentes, surgem para enriquecer o Léxico. (BIDERMAN, 2001, p. 179)

Outro importante estudioso que se sobressaiu ao abordar as relações entre léxico e sociedade foi George Matoré (1953). Para esse autor, o léxico é testemunho de uma sociedade. A palavra analisa e objetiva o pensamento individual, assumindo um valor coletivo: há uma socialidade própria da língua. Assim, segundo o mesmo autor, a palavra é, por excelência, o fato social mais relevante e deve estar sempre ancorada por um contexto.

Portanto, língua, cultura e sociedade formam um todo indissociável que não é ensinado em nenhum lugar especial, mas adquirido, formulado a partir das experiências, dos desejos e dos acontecimentos cotidianos dos membros de uma comunidade.

E é nesse movimento contínuo de interação entre língua, cultura e sociedade que o léxico se expande através da inclusão de novos referentes, que passam a ser incorporados ao sistema lexical, fruto das necessidades do falante em criar novas palavras ou novos sentidos. É aí que surgem os neologismos em suas mais diferentes formas. Dessa maneira, a língua vai se acomodando e se ajustando às transformações da sociedade, evidenciando não só a relação língua/cultura, mas também, o seu caráter social e mutável.

Assim sendo, analisando o léxico alencariano na obra *O sertanejo*, teremos uma maior compreensão das alterações sócio-culturais que possam ter influenciado no processo de formação do léxico naquela época e, sobretudo, verificar como o autor vale-se dos elementos lingüísticos para compor a sua obra e fazer valer seu propósito maior: o de dar à nossa literatura cores tropicais e de transformá-la em instrumento de constituição da identidade nacional.

Finalmente, parafraseando Preti (1983, p.59), podemos afirmar que o léxico configura-se, então, como o conjunto de palavras assimiladas por uma comunidade através de seu percurso existencial, tornando-se, assim, a expressão da própria história do homem, de seus costumes, ideologia, enfim, de toda sua organização e práticas sociais.

Importante observar que esse aspecto do léxico como produto do conhecimento acumulado pelo homem através de sua existência, sublinhado pelos vários estudiosos citados neste trabalho, leva-nos a admitir, como inquestionável, o papel agentivo do homem no processo de expansão, de reelaboração e de perpetuação do léxico de sua língua. Conseqüentemente, leva-nos, também, a admitir que as mudanças sociais e culturais acarretam alterações nos usos vocabulares. Assim, um vocábulo somente passará a pertencer à língua, quando passar a exprimir os valores de uma determinada comunidade lingüística e satisfazer suas necessidades de comunicação, isto é, quando for admitido por tal comunidade.

Considerando isso, podemos reafirmar que estudar o vocabulário de um autor, no caso dessa pesquisa, José de Alencar, é conhecer as práticas sociais, os modos de vida, a cultura, as tradições, os valores, de uma época. É também conhecer os desejos e intenções do autor. Enfim, é conhecer, através das estruturas lingüísticas, o patrimônio cultural de um povo. Fato este que evidencia a já tão reconhecida relação entre léxico, sociedade e cultura.

### **3.2. O vocabulário**

Prosseguindo com as considerações acerca do estudo do léxico, importa registrar, ainda, a distinção que Matoré (1953) estabelece entre léxico e vocabulário.

Para este autor, o vocabulário é o aspecto particular e individual da língua. É por isso, o meio de expressão da sociedade. Já o léxico configura-se como o retrato da sociedade e

através dele pode-se caracterizar essa sociedade, pois nele está refletido todo o seu modo de vida, sua linguagem, sua cultura.

Vilela (1995) também distingue léxico de vocabulário. Para este autor, o vocabulário apresenta-se como uma subdivisão do léxico. Neste sentido há, no léxico de uma língua, diferentes “vocabulários”. Assim, podemos falar em “vocabulário comum”, “vocabulário fundamental”, “vocabulário específico”, “vocabulário básico”, vocabulário de determinado autor etc., ou seja, podemos determinar diferentes vocabulários tendo em vista as diferentes áreas do conhecimento.

Ainda sobre a distinção entre léxico e vocabulário, Vilela (1995) considera que o léxico é o geral, o social e o essencial; enquanto que o vocabulário é o particular, o individual e o acessório.

Esse mesmo autor opõe, ainda, o vocabulário a dicionário e glossário. Segundo ele, ao dicionário cabe a tarefa de recolher ordenadamente os vocábulos de uma língua. E o vocabulário constitui a recolha de um setor determinado de uma língua. Já o glossário é o vocabulário difícil de um autor, de uma escola ou de uma época.

A partir disso, podemos afirmar que o dicionário é mais amplo que o vocabulário, já que contém a língua geral. O vocabulário, por se ocupar de parte da língua, isto é, dos termos específicos de uma época, de um autor, de uma área do saber, é mais restrito que o dicionário. E o glossário é mais específico do que vocabulário, pois objetiva explicitar expressões ou vocábulos que apresentam um maior grau de complexidade dentro de um texto de determinado autor, a fim de que os leitores menos experientes possam ler e compreender o texto de maneira mais produtiva.

Ainda, segundo Vilela, a distinção entre vocabulário comum e vocabulário específico nos dicionários é feita com a indicação da área em que se situa um dado termo. Se não há essa indicação somos levados a supor que o termo pertença ao vocabulário comum.

Percebemos, então, que são próximas as relações entre vocabulário, dicionário e glossário, mas, ainda assim, abordam de maneiras diferentes o léxico de uma língua, pois, recapitulando, o dicionário faz uma abordagem geral do léxico codificando-o; o vocabulário aborda um determinado setor, e o glossário restringe ainda mais registrando o vocabulário específico ou representativo de uma época, de um autor etc., descodificando-o.

### **3.3. As ciências do léxico**

#### **3.3.1 - Lexicologia e Lexicografia**

Durante muitos anos, os estudos lexicológicos permaneceram à espera de uma abordagem teórica e metodológica com maior rigor científico. Isso se justifica, talvez, pela própria natureza do objeto de estudo, o léxico, e também, pelo fato de a Linguística moderna não ter privilegiado o estudo da palavra, considerando-a sem interesse científico.

Antigamente, o estudo científico do léxico ocupava-se apenas com o problema da formação de palavras. A história revela que, somente no final do século XIX e metade do século XX é que surgiram alguns trabalhos relevantes em algumas áreas da Lexicologia e que procuraram enfatizar as relações língua/cultura, léxico/sociedade.

Fato é que, nestes últimos anos, temos assistido a um crescimento e interesse considerável dos pesquisadores em torno da investigação sobre o Léxico. No próprio meio acadêmico têm surgido inúmeras pesquisas que objetivam ao estudo sistemático do Léxico.

Mas, o que constatamos, considerando as leituras feitas sobre o assunto, é que, diante das diversas abordagens sobre o estudo sistematizado do Léxico, de maneira geral, todos admitem e discorrem sobre a importância desse sistema como repositório de informação e de testemunho sócio-cultural de uma sociedade.

Diante disso, torna-se relevante mencionar que, em torno dos diferentes interesses que foram aparecendo com a investigação sobre o léxico, também, diferentes enfoques frente ao mesmo objeto de estudo. Hoje, são, comumente, consideradas três as áreas que se ocupam do estudo do léxico: a Lexicologia, a Lexicografia e a Terminologia. As fronteiras entre elas não são freqüentemente estabelecidas com muita nitidez, pois são áreas interdisciplinares. Dessa forma, embora possuam o mesmo objeto de estudo (o léxico) e tenham como objetivo descrevê-lo, abordam de maneira distinta esse objeto.

Assim sendo, registramos, na seqüência, as posições teóricas de alguns estudiosos que, reconhecidamente, elaboraram importantes estudos na área da Lexicologia e da Lexicografia.

Inicialmente, julgamos pertinente mencionar o que postula Maria Aparecida Barbosa (1991, p.6), em seu texto “Lexicologia, Lexicografia, Terminologia, Terminografia, identidade científica, objeto, métodos, campos de atuação e de cooperação”, com relação à essas disciplinas. Ela as denomina de “ciências da palavra”, porém, não deixa de afirmar que “cada uma tem suas especificidades, quanto ao objeto, quanto ao tratamento dado à unidade lexical, quanto ao próprio percurso de investigação”.

A Lexicologia, um dos ramos da lingüística, visa ao estudo científico das unidades do universo lexical, ou seja, das lexias, entendidas por Barbosa (1998, p. 81) como “unidades memorizadas, disponíveis para atualização”, e dos princípios e mecanismos de sua estruturação. E que tais unidades léxicas distribuem-se em três grandes classes semânticas: designação, relação e formulação.

As de designação são aquelas que representam lingüisticamente o mundo dos objetos biofísicos e socioculturais. Refletem, portanto, a visão de mundo, o conhecimento partilhado por uma comunidade humana.

As de classes semânticas de relação e de formulação, embora se relacionem também à visão de mundo, têm, principalmente, o papel de promover a articulação das relações entre as

lexias de designação, seja no interior dos enunciados frásticos, ou em algumas relações interfrásticas. O que lhes conferem importante papel nos mecanismos do processo de comunicação.

Por sua vez, Vilela (1994, p. 10) menciona que a Lexicologia pode ser definida como a ciência do léxico de uma língua, cujo objeto de estudo são as palavras no seu relacionamento com os diferentes subsistemas da língua, focalizando a análise da estrutura interna do léxico nas suas relações e inter-relações. Menciona, também, que a função da lexicologia não é inventariar todo o material armazenado no léxico, mas elaborar os construtos teóricos, bem como dar conta da apresentação das informações relativas aos itens lexicais necessários à produção do discurso, e caracterizar a estrutura interna do léxico, seja tanto no conteúdo, quanto em sua forma.

Outro estudioso, que também realizou importantes estudos na área do léxico, foi George Matoré (1953). Ao correlacionar léxico e sociedade, ele dá à Lexicologia o *status* de disciplina sociológica, e inclui a Semântica no domínio da Lingüística Histórica. Segundo esse pesquisador, a Lexicologia, assim como a Sociologia, têm como objetivo, o estudo dos fatos sociais. Ela se configura como uma disciplina sociológica, que utiliza as palavras como material lingüístico.

Para esse pesquisador, o léxico é testemunho de uma sociedade no seu modo de vida em uma determinada época. Por isso, denominou os elementos do léxico como “palavras-testemunhos”, entendendo-as como “elementos particularmente importantes, em função dos quais, a estrutura lexicológica se hierarquiza e se coordena.”<sup>9</sup>

Depreende-se disso, o caráter social da Lexicologia e que pode ser reafirmado pelas próprias palavras de Matoré (1953), ao informar que:

---

<sup>9</sup> Tradução nossa do original:

“... des éléments particulièrement importants em fonction desquels la structure lexicologique se hiérarchise et se coordonne.”. (MATORÉ, 1953, p.65)

[...] ao constatar a impossibilidade de dissociar na linguagem a forma do conteúdo, a Lexicologia se fundamentará não sobre formas isoladas, mas sobre conjuntos de noções, a estrutura e as relações sendo explicadas pelos fatos sociais, dos quais os fatos do vocabulário são ao mesmo tempo o reflexo e a condição. (MATORÉ, 1953, p. 94)<sup>10</sup>

Essa abordagem social da Lexicologia, proposta por Matoré, é também assumida por outros estudiosos, como, por exemplo, Biderman (1998), que, ao discorrer sobre o léxico, assim se manifesta:

O léxico de uma língua natural constitui uma forma de registrar o conhecimento do universo. Ao dar nomes aos seres e objetos, o homem os classifica simultaneamente [...] A geração do léxico se processou e se processa através de atos sucessivos de cognição da realidade e de categorização da experiência, cristalizadas em signos lingüísticos: as palavras. (BIDERMAN 1998, p.11)

Outra estudiosa, Barbosa, também assume a abordagem social, conforme podemos comprovar em sua referência ao léxico:

O léxico, cujas formas exprimem o conteúdo da experiência social, é o conjunto dos elementos do código lingüístico, em que se sentem particularmente as relações entre a língua de uma comunidade humana, sua cultura – no sentido antropológico -, sua civilização; e compreende-se pois, que uma alteração das unidades desse inventário, seja reflexo, de alterações culturais. (BARBOSA, 1981, p. 120)

Nessa perspectiva, o léxico é o elemento da língua que revela a história social e cultural de uma comunidade, na medida em que reflete as experiências de vida, a linguagem.

A partir das considerações feitas pelos estudiosos, acima mencionados, é possível concluir que, não podemos proceder a uma análise lingüística – não importando de que enfoque teórico seja – sem que se considere o papel do usuário ou do produtor do texto na construção do léxico.

Nessa perspectiva reafirmamos que o léxico configura-se como o símbolo verbal da cultura, representando o instrumento de ligação entre o mundo da linguagem e o mundo real,

---

<sup>10</sup> Tradução nossa do original:

“... constatant l’impossibilité de dissocier dans le langage la forme du contenu, la lexicologie se fondera non pas sur des formes isolées, mais sur des ensembles de notions, la structure et les relations étant expliquées par les faits sociaux, dont les faits de vocabulaire sont à la fois le reflet et la condition”. (MATORÉ, 1953, p. 94)

objetivo. Por isso, ele é o nível menos lingüístico da linguagem e revela a relação incontestada entre língua e sociedade.

É necessário ressaltar que, apesar de todas as pesquisas desenvolvidas na área do léxico, os estudiosos ainda não conseguiram delimitar com segurança e clareza os limites entre a Lexicologia e as demais ciências do léxico. No entanto, alguns pesquisadores insistem na tentativa de delimitar o campo de atuação da Lexicologia, propondo um conceito mais abrangente, como é o caso de Vilela (1994) quando afirma que

[...] a lexicologia estuda as palavras de uma língua em todos os seus aspectos: pode incluir a etimologia, a formação de palavras, a importação de palavras, a morfologia, a fonologia, a sintaxe, mas tem uma ligação especial com a semântica. (VILELA, 1994, p. 10)

Logo, já percebemos que a interdisciplinariedade é uma constante no estudo do léxico. Dessa forma, a partir dessa “ligação especial com a semântica”, constatamos que o léxico constitui todo um universo de significação, isto é, relaciona-se com o processo de nomeação e apreensão da realidade pelo indivíduo. Assim sendo, em se tratando do estudo dos sentidos e das significações, estamos expostos à questão da pluralidade e da variação dos sentidos, já que o processo de significação se dá não apenas pelos elementos lingüísticos que compõem a palavra, mas também, pelos elementos extralingüísticos.

Dessa maneira, devemos admitir que as questões relativas ao estudo do léxico são por demais complexas, em virtude desse perfil naturalmente mutável do léxico. Assim, sistematizá-lo e normatizá-lo, não é tarefa das mais fáceis. Por isso, até hoje, a Lexicologia, embora seja uma prática, relativamente, antiga e tradicional, ainda não conseguiu elaborar, de precisa e sem polêmicas, a definição e a identificação da unidade lexical. Tal fato, segundo os estudiosos do léxico, pode dificultar o trabalho e a prática lexicográfica, na medida em que, para a consecução de seu trabalho, o lexicógrafo necessita do rigor científico. A ele compete a função de identificar e classificar as lexias. Para tanto, recorre a uma teoria lexical que lhe propicie condições de tratar cientificamente seu objeto de estudo.

Ainda em relação ao papel desempenhado pelo lexicólogo, Barbosa (1998) afirma que, na sua condição de cientista, ao lexicólogo, cabe analisar, descrever e explicar os itens lexicais. Segundo a mesma autora, as tarefas atribuídas ao lexicólogo seriam, dentre outras, tratar da análise qualitativa e quantitativa dos dados lexicais, fazer a descrição morfo-sintaxe-semântica das classes e subclasses das lexias, estabelecer uma rede semêmica e léxica.

Diferentemente da Lexicologia, a Terminologia tem como objetivo nomear um fato codificando-o. Visa ao estudo do subconjunto do léxico formado por signos lingüísticos especializados, isto é, aqueles que se configuram como termos técnicos e que constituem o vocabulário de uma língua de especialidade.

Mas, não sendo a preocupação deste estudo a Terminologia, deixaremos de tecer considerações sobre a ciência que estuda os termos de uma língua de especialidade. Mais importante para o nosso objetivo é estudar a linguagem humana na comunicação geral.

É importante ressaltar, pois, a relevância da Lexicologia como estudo científico do léxico de uma língua e dos mecanismos e princípios de estruturação de um conjunto lexical. Já a Lexicografia, por sua vez, segundo Barbosa, pode ser definida como “a ciência de compilação, classificação, análise e processamento das palavras”. Disto resulta a produção de dicionários, vocabulários técnicos-científicos, etc. Por isso, é chamada de “*a ciência dos dicionários*”.

Mas, é importante ressaltar que, embora se apresente como disciplina para a elaboração de dicionários, a Lexicografia apresenta, também, importantes estudos teóricos direcionados aos métodos e técnicas de elaboração dos dicionários. Assim ela é conhecida como Lexicografia Teórica ou Metalexigrafia, cujo objetivo é fornecer informações tais como a história dos dicionários, sua estrutura, tipos, finalidade, enfim, toda a metodologia necessária à elaboração de dicionários e, até mesmo, a crítica de dicionários.

Ao lexicógrafo, segundo Barbosa, compete a tarefa de “classificar as lexias de um grupo sócio-linguístico-cultural, segundo critérios e normas lexicográficas propriamente ditas”.

Assim, o estudo do léxico pressupõe sistematização, mas, uma sistematização que leve em conta os aspectos extralinguísticos provenientes da condição e do caráter social da língua, pois o léxico se constrói num movimento contínuo de transformação, de inovações e criações vocabulares, surgidas sempre em decorrência dos desejos e das necessidades do falante.

Portanto, fica a cargo das obras lexicográficas registrarem e perenizarem o vocabulário admitido e assimilado pela comunidade, a fim de uniformizar e manter a unidade lingüística da língua. Surge daí a necessidade e a importância dos dicionários como obras-texto de registro e descrição da língua.

Percebemos, pois, a relevância da Lexicologia e da Lexicografia como áreas afins na proposta de estudar, cientificamente, o léxico de uma língua, bem como os mecanismos, princípios e métodos de estruturação de um conjunto léxico.

Vale lembrar, também, que à Lexicografia, hoje, tem interesse tanto no estudo da formação de palavras, quanto da criação lexical. Várias pesquisas já foram realizadas nessa direção.

Finalmente, diante do que foi exposto sobre o estudo do léxico e partindo do pressuposto de que a língua é produto da cultura de um povo e, concomitantemente a isso, é também veículo de expressão desta cultura, é impossível não admitir o caráter social do léxico, bem como a sua natureza dinâmica, sua capacidade de reter e transmitir conhecimentos.

Assim sendo, parece-nos óbvio que a análise ou o estudo do léxico leve em consideração o fator social na abordagem dos dados lingüísticos, já que, com base nas leituras realizadas por nós acerca desse tema, acreditamos não ser possível, nem tampouco coerente,

fazer análises lingüísticas tomando a língua como fato isolado. Ignorar, no estudo do léxico, os aspectos relacionados ao mundo extralingüístico e os usuários que dele se utilizam na manifestação de seus desejos e intentos numa dada situação de comunicação, é não admitir o caráter social do léxico, e, nem tampouco, o papel do homem como agente no processo de perpetuação, de reelaboração e de criação do léxico de sua língua.

Assim, dado o viés que esse estudo mantém com o projeto do nosso orientador sobre o *Dicionário dos neologismos literários do Português do Brasil*, fazemos, na seqüência, um breve comentário sobre neologia e neologismo na literatura.

### **3.4 – Neologia e Neologismo: breves comentários**

O processo de renovação lexical, isto é, a neologia, é, segundo estudiosos da área, um mecanismo natural e inerente às línguas naturais, pois, dado o caráter dinâmico, criativo, aberto e inovador do léxico, bem como a competência lingüística do falante, este tem ao seu dispor, através do sistema lingüístico, inúmeras possibilidades de criação de novas palavras, na medida em que se vê na necessidade de nomear sua realidade histórica, social, política e cultural. Assim, surgem os neologismos. Desta capacidade do falante de, a partir de sua competência lingüística, criar palavras novas, valendo-se da combinatória de todos os níveis lingüísticos dentro do sistema; seja do fonológico, morfo-sintático, semântico ou pragmático, a fim de atender às suas necessidades de expressão de seu meio social, político-econômico e cultural.

Sobre isso, Noam Chomsky (*apud* Braz 2003) explica que

a língua humana é livre de controle de estímulos e não serve a uma função meramente comunicativa, mas é antes um instrumento para a livre expressão do pensamento e para a resposta apropriada às novas situações. (CHOMSKY, *apud* BRAZ, 2003. In: [www.filologia.org.br](http://www.filologia.org.br). Acesso em: 02 de fevereiro de 2004)

Assim sendo, uma nova situação social cria uma necessidade de uma nova palavra ou novo significado a um signo já existente. Por isso, muitas vezes, os neologismos tornam-se signo-símbolo dos aspectos culturais de um determinado grupo. A referência ao objeto traz em si o reflexo dessa cultura, conforme observa Barbosa (1996):

O léxico, cujas formas exprimem o conteúdo da experiência social, é o conjunto dos elementos do código lingüístico, em que se sentem particularmente as relações entre a língua de uma comunidade humana, sua cultura – no sentido antropológico – sua civilização. Compreende-se, pois, que uma alteração nas unidades desse inventário, seja o reflexo, não raras vezes, de alterações culturais. (BARBOSA, 1996, p. 120)

Daí depreendemos que o fenômeno da inovação léxica está ligado ao processo de enunciação. Qualquer usuário da língua possui os mecanismos que permitem a criação de novas palavras e os usa freqüentemente. Desta maneira, podemos concluir que as palavras se firmam por razões de ordem histórica, cultural, estilística e pragmática.

Ainda nessa direção, ressaltamos, também, Guilbert (1975), para quem a necessidade da criação de novos vocábulos é inevitável. Para o referido autor, todas as modificações ou transformações vividas pelo homem, de qualquer nível social, nos mais diferentes aspectos de sua vida, seja cientificamente, socialmente ou individualmente, exigem uma designação. E isso se dá através de uma nova palavra: o neologismo. A esse processo que permite a criação lexical, denomina-se neologia e ao seu produto, neologismo.

Tal entendimento revela-nos que o processo de criatividade lexical, por ser inerente às línguas naturais, pode surgir em todas as esferas sociais, independentemente de quem o profere. Tal constatação revela-nos uma visão gerativista das línguas, pois, nessa perspectiva, a formação de uma nova palavra se dá em decorrência das regras de produção incluídas em um sistema lexical.

Justificada a necessidade natural do falante em criar, reinventar palavras novas, retornemos aos comentários sobre neologia e neologismo. Sendo as línguas organismos vivos, para que possam transformar, evoluir, é mister que seus usuários permitam a criação lexical.

Acrescenta-se a isso, o fato de que as mudanças e evoluções pelas quais passa a humanidade motiva ou induz o homem à criação de novos sentidos, novas palavras para nomear suas invenções.

É o que vamos encontrar em Biderman (1978) que afirma:

No mundo contemporâneo, sobretudo, está ocorrendo um crescimento geométrico do léxico português e das línguas modernas de modo geral, em virtude do gigantesco progresso técnico-científico, da rapidez das mudanças sociais provocadas pela frequência e intensidade das comunicações e da progressiva integração das culturas e dos povos, bem como da atuação dos meios de comunicação de massa e das telecomunicações. (BIDERMAN, 1978, p. 13)

As palavras da autora supracitada são, indubitavelmente, incontestáveis, mas entendemos que a mesma incorre num equívoco ao não mencionar o texto literário, sobretudo, em determinados autores, como, um profícuo universo de criação de novos itens lexicais.

Não é de hoje que o universo ficcional tem contribuído para a renovação do léxico da Língua Portuguesa. Basta lembrar Cruz e Souza, Sousândrade, Alencar, Drummond, Guimarães Rosa, dentre outros.

Observemos, também, as palavras de Barbosa (1996) sobre o assunto em foco:

A neologia é um processo dinâmico, que se inicia na sua criação e termina na desneologicidade, recomeçando o processo. Pode-se precisar três aspectos no estudo do nascimento do signo: o primeiro, que focaliza o signo como determinante e, ao mesmo tempo, o reflexo da organização social; o segundo refere-se ao momento de sua criação, o lugar concreto em que se dá, a seleção que se faz, para se escolher o novo signo, bem como a sua aceitabilidade; e o terceiro, que mostra o processo de sua desneologização. (BARBOSA, 1996, p. 117)

Percebemos na definição da autora uma orientação sociológica, segundo a qual a origem e a função do signo ligam-se às necessidades de comunicação de um determinado grupo. Uma nova situação social cria uma necessidade de uma nova palavra ou novo significado a um signo já existente. Assim, os neologismos estão sempre relacionados a uma situação particular de enunciação, bem como a uma intenção específica de comunicação.

Assim, quando se fala no produto da neologia, estamos diante de uma questão ainda controvertida, dada a complexidade em se delimitar-lhe um conceito e, sobretudo, em precisar critérios de identificação e métodos para a descrição dos fenômenos de inovação léxica.

Entretanto, com a finalidade de buscar uma orientação para o que determinamos como um de nossos objetivos neste trabalho, citamos, a seguir, alguns conceitos de neologismos propostos por alguns renomados estudiosos que se dedicaram aos estudos das inovações lexicais.

O dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa (2001) define neologismo como palavras novas, derivadas ou formadas de outras já existentes, na mesma língua ou não e também a atribuição de novos sentidos a palavras já existentes na língua.

Câmara Jr. (1996), por sua vez, propõe uma definição de neologismo como as inovações lingüísticas que se formam numa determinada língua, podendo constituir-se como vocábulos novos (neologismos vocabulares) ou então, novos tipos de construção frasal (neologismos sintáticos). Os franceses Matoré (1953) e Guilbert (1975) e o canadense Boulanger (1979), por sua vez, propõem a definição de neologismo levando-se em consideração os aspectos formais e semânticos da palavra, o que evidencia uma abordagem não só estrutural da palavra, mas também do significado. Partindo-se de uma abordagem mais geral da questão, podemos mencionar o conceito de neologismo formulado por Boulanger (1979), que conceitua neologismo como uma

Unidade lexical de criação recente, uma nova acepção de uma palavra já existente, ou ainda, uma palavra recentemente emprestada de um sistema lingüístico estrangeiro e aceito na língua francesa. (BOULANGER, 1979, *apud* ALVES, 1994, p. 14)

Diante disso, podemos perceber que o conceito de neologismo proposto por Boulanger aproxima-se muito do encontrado no Dicionário Houaiss, naquilo que se refere ao aspecto de novidade dos vocábulos de criação recente e também da possibilidade de se ter o neologismo por empréstimo.

Boulangier estabelece três tipos de neologismos: os formais, os semânticos e os por empréstimo. Os formais são aqueles formados a partir da derivação, composição, formação de siglas, redução de palavras ou ainda na criação de um radical inédito. Os semânticos são resultantes de um novo significado atribuído a um significante já existente. E o neologismo por empréstimo vem da adoção de uma unidade lexical de uma outra língua.

Levemos, também, em conta o conceito formulado por Rey (1976 *apud* TAULER, 1996) para quem o neologismo “[...]deve ser visto como uma novidade léxica funcional, pragmática e o conceito depende do juízo coletivo”<sup>12</sup>

O importante nesse conceito é a admissão, pelo autor, da idéia de que há fatores extralinguísticos envolvendo o processo de formação de um novo item lexical. E é justamente a existência desses fatores extralinguísticos que dificultam a caracterização de uma formação neológica.

Ainda sobre os tipos de neologismos, vamos encontrar em Guilbert (1975), quem produziu importantes estudos sobre neologia lexical, a afirmativa de que a criatividade lexical pode ser classificada em quatro tipos: a neologia denominativa, a estilística, neologia da língua e poder de certos elementos constituintes.

A neologia denominativa, como bem sugere o nome, se dá a partir da necessidade de se nomear objetos, novos conceitos ou realidades surgidas em decorrência do contato do falante com novas situações ou realidades e de sua necessidade de expressar essa realidade de forma objetiva e eficaz. É muito utilizada, hoje, no mundo da informática ou em áreas que representam o grande desenvolvimento tecnológico.

Já neologia estilística, para este autor, consiste na atividade de criação lexical que expressa novas idéias por meio de formações lingüísticas originais ou inéditas. Ou seja, seu

<sup>12</sup> Nossa tradução do original: “... debe ser visto como unha novidade léxica funcional, pragmática e o concepto depende do xuízo colectivo”. (REY, 1976, p. 23 )

intuito é traduzir objetos e conceitos já existentes de maneira nova. Exerce, por isso, importante papel na língua, pois representa uma atualização lingüística intencional que objetiva não só preencher lacunas no léxico, mas também, configurar-se como expressão própria, e, portanto, individual. Por isso mesmo são muito encontrados na linguagem literária e também na imprensa. Tais itens lexicais não são encontrados nos dicionários.

Corroborando isso, o autor supracitado ao afirmar que:

Esta forma de criação, poética propriamente dita, pela qual fabrica-se um material lingüístico novo e uma significação diferente do sentido mais conhecido, está ligada à originalidade profunda do indivíduo falante, à sua faculdade de criação verbal, à sua liberdade de expressão, fora dos modelos recebidos ou contra eles. Ela é própria a todos aqueles que têm algo a dizer, que se sentem à vontade, e que querem dizer com suas palavras, seus arranjos de palavras, ela é própria dos escritores. (GUILBERT, 1975, p. 45)<sup>13</sup>

Assim sendo, o artista passa a ser um criador autorizado pelo sistema lingüístico pelos leitores, mas o produto do processo de criação só será reconhecido e aceito pela comunidade lingüística, se estiver em conformidade com esse código lingüístico compartilhado pelos membros da comunidade lingüística. Isso evidencia o fato de que o texto literário é, além de arte, um ato lingüístico e, como tal, sugere interlocutores, interação e muita criatividade.

Para o nosso estudo, interessa-nos, particularmente, a neologia estilística, já que esta diz respeito ao texto literário. Já a neologia da língua é própria da fala coloquial, nas situações do dia-a-dia e de acordo com as regras de formação de palavras da Língua Portuguesa. E, finalmente, o poder gerador de certos elementos constituintes, que são aqueles vocábulos formados por palavras já existentes, conhecidos, mas que são remotivados, adquirindo novos sentidos.

---

<sup>13</sup> Tradução nossa do original:

“Cette forme de création, à proprement parler poétique, par laquelle on fabrique une matière linguistique nouvelle et une signification différente du sens le plus répandu, est liée à l’originalité profonde de l’individu parlant, à sa faculté de création verbale, à sa liberté d’expression, en dehors des modèles reçus ou contre les modèles reçus. Elle est le propre de tous ceux qui ont quelque chose à dire, qu’ils sentent bien à eux, et qu’ils veulent dire avec leurs mots, leurs agencements de mots, elle est le propre des écrivains.” (GUILBERT, 1975, p. 41)

Biderman (2001), por sua vez, distingue dois tipos de neologismos, quais sejam: neologismo conceptual e neologismo formal. No primeiro tipo “trata-se de uma acepção nova que se incorpora ao campo semasiológico de um significante qualquer”. Já o segundo tipo caracteriza-se pela formação de uma palavra nova na língua. Segundo a autora, pode ser termo da própria língua ou um estrangeirismo.

É importante ressaltar que a renovação lexical não se dá de qualquer forma, ao contrário, submete-se ao sistema, atendendo a uma série de regras que exercem coerção sobre a criação e o emprego dessas novas unidades. No caso da língua portuguesa, cujo léxico é basicamente de origem latina, tem seu acervo lexical ampliado através de processos advindos do latim, quais sejam a derivação e a composição, conforme podemos atestar através da afirmação de Alves (1999), quando afirma que "o estudo da história da língua portuguesa nos revela que o léxico português, basicamente de origem latina, tem ampliado o seu acervo por meio de mecanismos oriundos do latim, a derivação e a composição." (ALVES, 1999, p. 5)

A partir de nossos estudos sobre as definições de neologismo, considerando os seus vários conceitos e cientes da dificuldade em se precisar critérios de delimitação e identificação dos neologismos, nesta pesquisa, adotamos, para identificação de uma unidade neológica, o conceito de neologismo proposto por Boulanger (1979) e, como critério, utilizamos o tradicionalmente adotado, o da exclusão lexicográfica, isto é, consideramos neologismo um item lexical novo, usado de modo inédito num ato de comunicação, e que, por isso mesmo ainda não aparece nos dicionários representativos da tradição lexicográfica da época; ou, ainda, aquele item lexical já existente, mas que, utilizado num determinado contexto, adquire nova significação.

### 3.4.1 – Neologismo na literatura

A literatura configura-se como uma forma de expressão em que se faz uso de recursos de expressão, até certo ponto, diferentes daqueles do nosso cotidiano, visto que faz uso especial da linguagem conferindo-lhe, além de contorno estético, um aspecto particular e específico na busca da criação de novas formas, de novos sentidos. Esses novos sentidos se concretizam sob a forma de novos significantes ou novos significados: os neologismos literários. São estes os de interesse para o nosso estudo, já que trabalhamos com o texto literário.

No momento de criação, o artista, na busca de seu intento, procura a melhor forma de expressão para transmitir sua arte. Para tanto, ao se expressar, o escritor pode valer-se não só das palavras já dicionarizadas ou conhecidas de seu leitor, mas através de sua criatividade e das possibilidades do sistema lingüístico, ele pode concretizar uma forma que, até então, estava em potencial no sistema, produzindo assim um neologismo.

Os escritores, inventores de palavras, reinventores de sentidos, tornam-se, assim, especialistas da criação lingüística na elaboração do fazer literário. É por isso que Guilbert (1975, p. 42) afirma que, “na medida em que a literatura é uma arte, o escritor fica no direito de adequar-se à sua atitude e abandonar-se à sua fantasia.”<sup>14</sup>

Considerando a concepção de linguagem proposta por Coseriu (1986), isto é, a língua como atividade de perpétua criação, devemos admitir que o falante tem ao seu dispor, no momento da comunicação, uma infinidade de possibilidades (virtualidades lexicais autorizadas pelo sistema) para a criação de novas palavras que atendam às suas intenções comunicativas. Para tanto, o falante poderá transitar pela norma, seja repetindo-a ou modificando-a, mas só não

<sup>14</sup> Tradução nossa do original:

“Dans la mesure où la littérature est un art, l'écrivain serait en droit d'adopter la même attitude et de s'abandonner à sa fantaisie”. (GUILBERT, 1975, p. 42)

poderá violar o sistema que subjaz a língua.

Valer-se das virtualidades lexicais oferecidas e permitidas pelo sistema no processo de comunicação, é fato inquestionável na língua, mas é no texto literário que, dado o seu caráter retórico, sua natureza e suas próprias regras ou características, que isso se verifica em abundância através dos neologismos literários.

A despeito disso, Lefebve (1980) afirma que:

O discurso literário obedece a um código que é, em grande parte, o do discurso ordinário, mas deve, contudo, diferenciar-se dele [...] ou seja, um segundo código que vem acrescentar-se ou sobrepor-se ao da língua ordinária (talvez até contradizê-lo) [...] de código retórico (LEFEBVE, 1980, *apud* PITILLO, 2001, p. 40)

Pitillo (2001), seguindo as propostas de Lefebve a despeito dos discursos cotidiano e literário, também confirma que:

[...] o discurso literário ultrapassa o discurso cotidiano, quando faz uso de regras próprias do código retórico. Estas regras não trazem em si nenhum sentido determinado, ou seja, só se realizam no contexto em que são usadas e através da intenção do seu emprego. O discurso cotidiano intenciona a informação enquanto que o discurso literário pretende criar novos sentidos. (PITILLO, 2001, p. 41)

Percebe-se aí o traço que diferencia os dois discursos. Enquanto o discurso cotidiano tem como objetivo a informação, o discurso literário intenta a criação de novos sentidos, dada as várias possibilidades de exploração da linguagem na busca de novos significados, os quais, podem, dependendo da contexto, atualizarem-se sob a forma de novos significantes portadores de novos sentidos.

Dentre os vários tipos de neologismos propostos pelos estudiosos já citados, damos ênfase, como já mencionamos anteriormente, à criação neológica estilística, em virtude de sua relação direta com o texto literário.

Dado o seu caráter de inventatividade e originalidade, o neologismo literário, se diferencia das outras criações lexicais, na medida em que o escritor quando cria uma nova palavra, não o faz com a intenção de atestar tal palavra na língua. Suas razões são de outra

ordem, qual seja: chamar a atenção do leitor, produzir uma nova linguagem, um efeito especial no ato de comunicação.

A inovação proposta pelo escritor diverge daquela do falante comum. Comparando essas duas perspectivas, Garcia (1977) esclarece que:

[...] é necessário distinguir a criação do falante comum e a criação na obra literária: a primeira visa a uma comunicação imediata, sendo um reajuste do código para maior interação entre codificador e decodificador. A criação poética não necessariamente busca comunicação maior. Poderá consegui-la, é claro, mas não é fruto de uma necessidade imediata de comunicação, nem obra do acaso. A escolha do material verbal feita pelo poeta é sempre orientada num sentido determinado, estético e não utilitarista. Para o poeta é sempre mais fácil fazer abstração dos padrões vigentes, do que o simples falante. Enquanto que na língua da coletividade as inovações têm que ser referendadas pelo grupo, na obra literária, referendada ou não, ela desempenha seu papel. (GARCIA, 1977, p. 22)

Assim sendo, o artista passa a ser um criador autorizado pelo sistema lingüístico e pelos leitores, mas o produto do processo de criação só será reconhecido e aceito pela comunidade lingüística, se estiver em conformidade com esse código lingüístico compartilhado pelos membros da comunidade lingüística. Isso evidencia o fato de que o texto literário é, além de arte, um ato lingüístico e, como tal, sugere interlocutores, interação e muita criatividade. E, por isso, a criação lingüística não pode ser, segundo Guilbert (1975, p. 42), “[...] um ato de expressão puramente pessoal, porque a língua é ao mesmo tempo objeto de criação e porque esta criação é veiculada”.<sup>15</sup>

Posto isso, e considerando que utilizamos como instrumento auxiliar para o estudo léxico-semântico do vocabulário alencariano na obra *O sertanejo*, o *Sistema de Conceito de Hallig-Wartburg* (1963), tratamos, na seqüência, da importância do estruturalismo de Saussure para o desenvolvimento dos estudos lingüísticos, já que a partir dele novas teorias sugeriram promovendo contribuições e progressos importantes para o estudo do léxico. Dentre elas focalizamos, também, a teoria dos campos.

<sup>15c</sup> Nossa tradução do original:

“... la création linguistique ne peut être un acte d’expression purement personnel, parce que la langue est em même temps l’objet de la création et ce par quoi cette création est véhiculée”. (GUILBERT, 1975, p. 42)

Sabendo que Saussure foi um dos primeiros estudiosos a admitir a formação dos campos léxicos ao afirmar que a língua é um sistema composto de unidades interdependentes e que o valor de uma depende da relação que mantém com as outras, julgamos pertinente retomar algumas informações sobre o estruturalismo de Saussure.

### 3.5 O estruturalismo de Saussure

Historicamente, o *Curso de Lingüística Geral* de Ferdinand Saussure, publicado em 1916, como obra póstuma e editado por dois de seus discípulos, Charles Bally e Albert Sechehaye, é, geralmente, visto como o livro base da Lingüística moderna. Foi a partir dele que a Lingüística adquiriu *status* de ciência, iniciando assim, uma nova fase nos estudos lingüísticos, a qual foi, posteriormente, denominada de lingüística estrutural. E os estudos da linguagem receberam novo enfoque em relação à perspectiva anterior, histórico-comparativista, início do século XIX, em que se dava grande destaque à história e à dimensão temporal; buscava-se a origem e o parentesco entre as línguas. O objeto da Lingüística era a mudança lingüística, motivada por um projeto de poder reconstituir o passado lingüístico das línguas européias e asiáticas.

Porém, no início do século XX, com o abandono do naturalismo, surge uma nova visão que levou os estudos da linguagem a uma nova direção: surge o pensamento moderno sobre a linguagem. Destaca-se nesse momento a figura de Saussure, que com a formulação do clássico modelo do signo lingüístico e das dicotomias língua/fala, sincronia/diacronia, sintagma/paradigma, dá novos rumos aos estudos lingüísticos.

Saussure, influenciado fortemente pelo comparativismo do século anterior, no qual se formara, propõe a distinção entre língua e fala, a fim de definir um objeto específico para a

lingüística, que, segundo ele, apresentasse uma homogeneidade interna, sem o que seria impossível pensar a linguagem cientificamente.

Conforme afirma o próprio Saussure, em seu livro *Curso de Lingüística Geral* (2000), p. 28), “Essa é a primeira bifurcação que se encontra quando se procura estabelecer a teoria da linguagem”. Para Saussure, a linguagem é estruturada em um completo sistema de sinais: a língua, este objeto homogêneo que ele define como um “sistema de formas que se caracterizam pelas relações que têm umas com as outras”. De suas palavras depreendemos uma concepção da língua como sistema, que substitui a concepção naturalista e atomista, própria do comparatismo.

Logo, Saussure aborda a língua como um sistema no qual cada um dos elementos só pode ser definido pelas relações de equivalência ou de oposição que mantém com os demais elementos. Esse conjunto de relações compõe uma estrutura.

Sendo assim, a língua passaria a ser analisada como um todo organizado, sendo que suas unidades se inter-relacionam e estão inseridas num sistema. Dessa maneira, a palavra passa a ser entendida não como uma unidade isolada, mas como uma unidade multilateral.

Importa ressaltar aqui, que essas considerações de Saussure constituíram, na verdade, o fundamento primeiro da teoria do campo, entendido como um conjunto estruturado de elementos lingüísticos que se reconhecem pelas relações de solidariedade que tais elementos mantêm uns com os outros.

Prosseguindo, é preciso ressaltar, que, embora Saussure reconheça o lugar dos estudos das mudanças, considera que a lingüística deveria colocar no centro de seu interesse o estudo do sistema da língua, num momento dado. Segundo ele, no funcionamento da língua, não se é levado pelo que as formas foram, mas por aquilo que elas são e pelas relações que elas têm naquele momento da história. O que revela a perspectiva sincrônica através da qual a língua deve ser estudada.

O mestre genebrino refere-se, ainda, à linguagem como uma realidade psíquica formada de significados e imagens acústicas; “constitui-se num sistema de signos, onde, de essencial, só existe a união do sentido e da imagem acústica, onde as duas partes do signo são igualmente psíquicas”. (SAUSSURE, 1997, p. 23).

O signo lingüístico é, para ele, a união indissociável de um conceito (significado) a uma imagem acústica e seus princípios são a arbitrariedade e a linearidade.

Além da formulação da definição do signo lingüístico, Saussure tratou, também, da noção de valor, quando ele reconhece ser a língua “{...} um sistema em que todos os termos são solidários e o valor de um resulta tão-somente da presença simultânea de outros”. (SAUSSURE, 1997, p. 135).

E é justamente a partir desta noção de valor, de solidariedade entre as palavras que nos possibilita, neste estudo, organizar as unidades que constituem o nosso *corpus*, em análise, num conjunto harmônico, isto é, em campos lexicais.

Da mesma forma que a noção de valor, ressaltamos ainda as relações sintagmáticas e paradigmáticas. Segundo Saussure (1997) "num estado de língua, tudo se baseia em relações". (SAUSSURE, 1997, p. 142) E continua: "tudo o que compõe um estado de língua pode ser reduzido a uma teoria dos sintagmas e a uma teoria das associações".

Saussure considera que, "de um lado, no discurso, os termos estabelecem entre si, em virtude de seu encadeamento, relações baseadas no caráter linear da língua, que exclui a possibilidade de pronunciar dois elementos ao mesmo tempo. Estes se organizam um após outro na cadeia da fala" (SAUSSURE 1997, p. 142). A essas combinações, baseadas no caráter linear da língua, ou seja, que se apóiam na extensão, Saussure denomina-as de sintagmáticas.

Por outro lado, ainda segundo o lingüista suíço, fora do discurso, as palavras que mantêm algo em comum, se associam na memória e assim se formam grupos. Observa, ainda,

que "essas coordenações não têm por base a extensão; sua rede está no cérebro; elas fazem parte desse tesouro interior que constitui a língua de cada indivíduo". (SAUSSURE, 1997, p. 143). E exemplifica: a palavra *ensinamento* pode lembrar *armamento*, *desmatamento*, através da imagem acústica ou pelo radical *ensino*, *ensinar*, *ensinamos* e também pelo significado: *escola*, *professor*, *aprendiz*. A essas relações, ele denomina de relações associativas.

Ressaltamos que, embora as idéias de Saussure tenham sido de grande relevância para o desenvolvimento dos estudos lingüísticos, não lhe faltaram críticas e complementações. Uma delas foi dada pelo lingüista romeno Eugênio Coseriu, que propõe a reformulação da famosa dicotomia de saussuriana *língua e fala*, propondo uma divisão tripartida ao contrário da bipartição saussuriana. O mais adequado seria, então, uma oposição tríplice entre sistema lingüístico, a norma e a fala, pois, segundo ele, a oposição língua/fala, não revela o que, de fato, ocorre na linguagem.

Para sustentar essa posição, Coseriu (1979) admite a distinção saussuriana entre língua e fala, mas acrescenta que há entre o acervo lingüístico social (língua) e o conjunto dos atos lingüísticos realizados pelo indivíduo (fala), um nível intermediário; a norma, que segundo ele, é o sistema funcional (língua). É, nas palavras dele, "um conjunto de oposições funcionais; a norma é a realização "coletiva" do sistema...".

Além dessa, houve também uma crítica à teoria do signo como uma entidade bifacial, composta por um significante e um significado. Saussure não incluiu na sua teoria um terceiro termo: a coisa significada. Essa foi, sem dúvida, uma observação importante feita pelos contraditores de Saussure, já que, ao incluir a coisa significada, passa-se a considerar a realidade sociocultural como parte relevante para os estudos lingüísticos, desenvolvendo assim, os estudos semânticos.

Assim devemos reconhecer a importância de Saussure para o desenvolvimento dos estudos lingüísticos ao criar os postulados dos estudos sincrônicos, que resultariam no

*Estruturalismo da Linguagem*. Ao estabelecer sua teoria, Saussure foi influenciado e influenciou diversos seguidores que fariam ecoar suas tendências no seio da sociedade científica.

Assim, Saussure marcaria o fim dos estudos diacrônicos, por meio dos tempos, e daria início aos estudos sincrônicos, com o aparecimento do estruturalismo clássico da linguagem, o qual motivou o surgimento de muitas outras teorias sobre o estudo sistematizado da língua, dentre elas, a teoria dos campos.

### **3.6 Teoria dos campos: algumas posições teóricas**

Entender como se organiza o léxico, as relações contextuais, sintáticas e semânticas entre as palavras motivou, e tem motivado várias pesquisas realizadas por estudiosos das mais diferentes formações. Não foram poucos os pesquisadores que já se propuseram a desenvolver estudos acerca dos campos semânticos e/ou lexicais, no afã de lançar bases para a elaboração de uma teoria dos campos lexicais, semânticos ou conceptuais.

No próprio *Curso de Linguística Geral*, embora Saussure não dedique nenhum capítulo específico para o tratamento da semântica, depreendemos, quando de suas explicações sobre o valor lingüístico, a formulação de idéias relacionadas à solidariedade dos termos no sistema, que, na verdade, isso pode ser entendido, como o prenúncio dos fundamentos da teoria de campo. É o que vamos encontrar nas próprias palavras do mestre genebrino:

O valor, tomado em seu aspecto conceitual, constitui, sem dúvida, um elemento da significação, e é difícilimo saber como esta se distingue dele, apesar de estar sob sua dependência. (...) A língua é um sistema em que todos os termos são solidários e o valor de um resulta tão-somente da presença simultânea de outros. (SAUSSURE, 1995, p. 133)

O texto nos permite perceber a admissão da idéia de que o léxico pode ser descrito a partir de campos lexicais, pois, com Saussure, a língua pôde ser analisada como um todo organizado, como um sistema composto de unidades interdependentes, em que o valor de uma depende da relação que mantém com as outras.

Historicamente, K.W.L. Hayse é considerado o precursor da análise de campo com a publicação, em 1856, de um trabalho sobre a análise do campo alemão Schall. Conforme Coseriu (1977, p. 185), tal trabalho chama a atenção por constituir-se numa análise semântica quase perfeitamente estrutural, embora tenha sido realizado com outros fins.

Entretanto, a primeira formulação explícita da idéia de campo procede de G. Ipsen em 1924. Para a investigação do campo lingüístico, esse estudioso, para ilustrar as relações de conteúdo no campo léxico, trabalha com a imagem do mosaico. E essa imagem, objeto de muita discussão na doutrina do campo, foi, também, utilizada por J. Trier (1934), semanticista responsável pelo desenvolvimento da semântica moderna, tendo em vista a importância que deu aos estudos do campo e ao posterior desenvolvimento da teoria. Esse estudioso, influenciado por Saussure e Ipsen, afirma que é a partir do todo que a palavra adquire determinação conceptual. Para ele, o vocabulário é um sistema entrelaçado.

Trier (*apud* Geckeler, 1976), apoiado no princípio da articulação de W. von Humboldt e na do sistema de Saussure, propõe uma definição geral do conceito de campo. Os campos são, conforme observa Trier (1934):

[...] as realidades lingüísticas vivas, situadas entre as palavras individuais e o conjunto do vocabulário, que, enquanto totalidades parciais, têm, como características comum com a palavra o articular-se e, com o vocabulário, o organizar-se. O grau hierárquico é indiferente. (TRIER *apud* GECKELER, 1976, p. 123)<sup>16</sup>

Para esse autor, uma palavra une-se às outras do mesmo campo conceptual numa uni-

<sup>16</sup> Tradução nossa do original:

“... las realidades lingüísticas vivas, situadas entre las palabras individuales y el conjunto del vocabulário, que, em cuanto totalidades parciales, tienen, como característica común con la palabra el articularse y, com el vocabulário, el organizarse. El grado jerárquico es indiferente.” (TRIER *apud* GECKELER, 1976, p. 123)

dade autônoma com suas próprias regras e que atribui à palavra a extensão da designação.

A verdadeira significação de uma palavra só é determinada, quando a distinguimos da significação das palavras vizinhas e opostas. A palavra só terá sua significação se formar parte do conjunto, já que só aparece no campo onde a palavra se insere.

Geckeler (1976) admite que a teoria dos campos lexicais, proposta por Trier (1934), constitui a base teórico-prática da análise componencial do estruturalismo no domínio do léxico e revela a admissão, por Trier, da idéia de Saussure da língua como sistema e a utilização deste princípio para a investigação do vocabulário.

Esse ponto de vista de Trier continuou na palavra de L. Weisgerber em vários de seus trabalhos sobre semântica. Tanto é que se fala hoje em conceito de campo Trier-Weisgerber. Tais autores admitem a idéia humboldtiana de que a articulação é a característica essencial mais geral e mais profunda de toda língua. Segundo Humboldt, dizer que uma palavra em uma língua é “articulada” significa relacioná-la ao sistema de elementos subjacentes a partir dos quais ela é construída, de acordo com as regras e as possibilidades de criação permitidas pelo sistema.

Importa ressaltar que Weisgerber foi além de Trier ao afirmar que a idéia de campo léxico na análise lingüística se encontra aplicada ao conteúdo. É o que diz Geckeler (1976, p.127), ao citar as palavras de Weisgerber: “A importância maior da idéia de campo é a de ter chegado a um conceito metodológico central da investigação aplicada ao conteúdo lingüístico e, ao mesmo tempo, a chave para o descobrimento de uma visão lingüística do mundo”.<sup>17</sup>

E continua: “A tarefa fundamental da lexicografia aplicada ao conteúdo está em sinalizar a existência e estrutura dos campos léxicos existentes em uma língua”.<sup>18</sup>

<sup>17</sup> Tradução nossa do original: “La mayor importancia de la idea del campo es la de haber llegado a ser el concepto metodológico central de la investigación aplicada al contenido lingüístico y, al mismo tiempo, la clave para el descubrimiento de una visión lingüística del mundo.” (GECKELER, 1976, p. 127)

<sup>18</sup> Tradução nossa do original: “La tarea fundamental de la lexicología aplicada al contenido está en señalar la existencia y la estructura de los campos léxicos existentes en una lengua.” (GECKELER, 1976, p. 127)

Dentre os vários seguidores de Saussure no âmbito dos estudos sobre campo lingüístico ressaltamos, ainda, Pierre Guiraud (1972, p. 100), que define campo como “um complexo de relações formais e de sentidos, formado por um conjunto de palavras” e denomina o campo linguístico de campo-morfo-semântico.

Matoré (1953) é, reconhecidamente, outro nome importante nos estudos semânticos ao defender uma concepção sociológica do léxico, distinguindo Semântica de Lexicologia. Seu princípio teórico se baseia nas relações que a Lexicologia mantém com a Sociologia, já que pelo estudo do vocabulário pode-se compreender e explicar uma sociedade. Por isso, se ocupa do estudo da lexicologia e a entende como uma disciplina sociológica, cujo material de trabalho são as palavras.

Outra importante abordagem para os estudos do campo lingüístico nos foi dada por Coseriu (1981), em seu livro *Princípios de Semântica Estrutural*, ao ampliar a noção de campo, afirmando que o campo não é somente semântico, mas também morfológico, pois a unidade significativa encontra-se no campo, simultaneamente, como significante e como significado.

Coseriu (1981), ao propor uma tipologia dos campos léxicos, aborda a teoria dos campos, enquanto estrutura paradigmática, manifestando-se da seguinte forma:

o campo léxico é, do ponto de vista estrutural, um paradigma léxico que resulta da repartição de um conteúdo léxico contínuo entre diferentes unidades dadas na língua como palavras e que se opõem de maneira imediata umas às outras, por meio de traços distintivos mínimos. (COSERIU, 1981, p. 146)<sup>19</sup>

Podemos perceber, na citação do autor, que ele não se opõe totalmente à teoria de campo de Trier-Weisgerber, mas aponta para a necessidade de uma ampliação da linha estruturalista, e da formulação de métodos no estudo dos campos léxicos. Para tanto, Coseriu foi decisivo na elaboração de uma terminologia coerente que guiasse os procedimentos lin -

<sup>19</sup>Tradução nossa do original: “Um campo léxico es, desde el punto de vista estructural, un paradigma léxico contínuo entre diferentes unidades dadas em la lengua como palabras y que se oponen de manera inmediata unas a otras, por médio de rasgos distintivos mínimos”. (COSERIU, 1981, p. 146)

güísticos, sem o que seria impraticável o estudo científico do léxico.

Pottier, por sua vez, também abordou a teoria dos campos em sua obra. Contribuiu com a noção de *lexia* e *lexema*, conceitos importantes para o estudo e organização do vocabulário. Ele afirma (1972, p. 55), que a *lexia* é uma “unidade de comportamento”. Uma unidade funcional significativa do discurso. E o *lexema* é a unidade abstrata que antecede a atualização das formas.

Finalmente, importa registrar que, neste estudo, os fundamentos da teoria dos campos constituem-se num instrumental importante para a organização e análise dos itens lexicais. Primeiramente por evidenciar que os vocábulos de uma língua se organizam e se estruturam em grandes conjuntos, segundo critérios formais e semânticos, e que cada um dos itens lexicais é limitado pelos demais. Ou seja, o conjunto de vocábulos de uma língua, não é um amontoado de termos isolados e dispostos aleatoriamente. E, depois, por permitir a inserção do texto, a partir do qual constituímos o *corpus*, no espaço social. Assim, cada item lexical se associa a outros, na base de significações correlatas dentro da cultura a que a língua serve. Dessa maneira, fundamentados nesses princípios, realizamos as análises dos itens lexicais da flora e fauna na obra em análise, a partir da concepção de língua como um sistema, um todo organizado e que expressa as peculiaridades do povo que a utiliza.

Utilizamos, ainda, o *Sistema de Conceitos de Hallig-Wartburg*, que, conforme já mencionamos, serviu-nos para organização e análise do vocabulário de um *corpus* constituído pelos substantivos relacionados aos campos léxicos da flora e fauna presentes na obra alencariana *O sertanejo*.

Portanto, fazemos, a seguir, uma exposição, em linhas gerais, do *Sistema de Conceitos* desenvolvido por Hallig-Wartburg (1963), já que ele constitui importante instrumento que servirá de base para as nossas análises. Em seguida, passamos à apresentação do referido sistema tal como o original.

### 3.7 Sistema de Conceitos de Hallig-Wartburg

Apresentado em 1952, no Sétimo Congresso Internacional de Lingüística realizado em Londres, o *Sistema de Conceitos de Hallig-Wartburg*, um sistema de base estruturalista, surgiu com o propósito de oferecer um método que pudesse ser utilizado no estudo sistemático do vocabulário de um autor ou de uma época, e que fosse organizado, não por ordem alfabética, mas por conceitos. Tinha por objetivo criar um sistema empírico de referências extra-lexicais, contendo os conceitos gerais da linguagem.

Para tanto, os autores supracitados fundamentaram o Sistema de Conceitos em dois princípios básicos da teoria da linguagem de Humboldt, quais sejam: 1) a língua não serve tão somente para expressão e para a comunicação, mas ela cria um mundo espiritual intermediário, que se insere entre o “eu” e o” mundo exterior”. Trata-se de uma “imagem de mundo” que se transmite a cada falante de uma dada comunidade lingüística, seja pelo ensino, seja pelo uso que se faz da língua materna no decorrer de sua existência; 2) o princípio da articulação, defendido por Saussure, segundo o qual todos os modos de expressão de uma língua compõem um sistema, dentro do qual cada parte compõe com as outras e está condicionado por elas.

Assim sendo, para esses autores, o procedimento adotado para a confecção da maioria dos dicionários, ou seja, a organização do material léxico em ordem alfabética, não está em conformidade com a ordenação desses dois princípios, o que constitui empecilho à realização efetiva desses princípios: a imagem do mundo que está na base da língua e o sistema dessa língua. (HALLIG-WARTBURG, 1963).

Argumentam, ainda, que apresentar o vocabulário “ordenado segundo conceitos” pode significar a descoberta e a escolha mais fácil da expressão mais adequada, possibilitando ao consulente encontrar a expressão adequada ao seu pensamento.

Na tentativa de correlacionar o “eu” e o “mundo”, os autores estabeleceram uma divisão conceitual do mundo em três grandes categorias: A – O universo; B – O homem; C- As relações entre universo e homem. Sobre isso tais autores afirmam:

“Através dessa divisão cria-se uma cadeia que contém tudo o que compreende nossa concepção natural de mundo. Partindo da natureza, ou seja, dos objetos fornecidos pela natureza, nós damos ao homem seu lugar central e retornamos finalmente à natureza numa relação de contato do homem com ela em um plano superior, assim o círculo é fechado”. (HALLIG-WARTBURG, 1963, p. 90)

Na primeira categoria A – *O universo*, tem-se os conceitos referentes à natureza orgânica e inorgânica, ou seja, os fatos da natureza constituem o objeto dessa primeira parte do sistema. Esta se apresenta subdividida em quatro subpartes: I – *O céu e a atmosfera*; II – *A terra*; III – *As plantas*; IV – *Os animais*. Cada uma dessas partes comporta outras subdivisões.

Na segunda categoria B – *O Homem* figuram os conceitos referentes ao homem enquanto ser constituído de corpo e alma. É o homem consciente de si mesmo, dotado de pensamentos, sentimentos, vontade, trabalho e criatividade. Também está subdividida em quatro subpartes: I - *O homem, ser físico*; II – *A alma e o intelecto*; III – *O Homem, ser social*; IV – *A organização social*. Estas também se apresentam subdivididas.

E, finalmente, a terceira categoria C – *O Homem e o Universo*, põe o homem em face de si mesmo e do mundo, induzindo-o a refletir sobre si mesmo e sobre o mundo. A partir da observação do mundo, da capacidade de reflexão do homem, associada à consciência daquilo que existe é possível ao homem a revelação do conhecimento que ele já tinha em potencial sobre o seu mundo, o que o propicia a eleger os conceitos que, segundo os autores, chegam simplesmente ao seu sentido e dos quais o homem se vale instintivamente: é o *A PRIORI*.

Esta categoria também comporta subdivisões: I – *O a priori*; II – *A ciência e a técnica*.

Segundo os autores, o Sistema de Conceitos, por eles proposto, tem, ainda como objetivo, facilitar o trabalho do lexicógrafo, por propiciar a ele condições de estudar o vocabulário de uma forma organizada, independente da língua, do dialeto e da época a que tal

vocabulário reporta. Afirmam, ainda, que os estudos de vocabulário que são realizados tomando por base o sistema de classificação, permitem a compreensão da relação entre um período e outro, entre um país e outro e podem auxiliar na demonstração da evolução do vocabulário.

Considerando os objetivos a que este estudo submete-se, é possível afirmar que este sistema de classificação nos permitirá, pelo estudo do vocabulário, a compreensão das relações entre o autor e a época e entre o autor e a obra.

Entretanto, é preciso ressaltar que o *Sistema de Conceitos* é um parâmetro que o estudioso tem para o estudo do vocabulário, por isso não precisa ser utilizado exatamente da forma como foi criado. Comporta acomodações, reajustes necessários para cada caso em particular. É o que registra Ulmann (1964), em seu livro *Semântica: Uma introdução à ciência do significado*, quando afirma:

Desnecessário será dizer que o sistema de Hallig-Wartburg é apenas um dos modos possíveis de classificar os conceitos; o objetivo não foi tanto inventar um esquema ideal, como obter uma base uniforme para investigações específicas. Se esta idéia fosse largamente adotada, poder-se-ia planejar toda uma série de projetos de pesquisas coordenados, com flexibilidade bastante para adaptar o esquema ao material examinado, e, no entanto, com um fundo suficientemente comum para tomar os resultados comparáveis. (ULMANN, apud Cerântola, 2002, p. 509-510)

Assim sendo, para a realização de nosso estudo, fizemos as modificações e/ou adaptações que julgamos necessárias à consecução de nossos objetivos.

Ainda sobre o *Sistema de Conceitos*, importa ressaltar, também, que algumas críticas já foram feitas com relação a esse Sistema. Uma delas elaboradas por Biderman (1980).

Ao discorrer sobre a tipologia de obras lexicográficas, Biderman (1980, p. 12) afirma que o tipo mais comum de dicionário é o “dicionário padrão da língua” ou “dicionário de uso da língua”, mas que há um outro tipo de dicionário denominado “dicionário ideológico” ou “analógico”, cuja característica principal é organizar os conceitos em campos semânticos, substituindo a ordem alfabética, como é feito pelos dicionários gerais de língua.

Biderman entende que esse tipo de dicionário é questionável, já que se levarmos em consideração a tese do relativismo lingüístico, preconizada por Sapir-Worf, veremos que a categorização léxica, a conceptualização da realidade é própria de cada língua. Isto é, cada sistema lingüístico tem seu modo particular de recortar e classificar a realidade. Assim sendo, o *Sistema de Conceitos* só seria válido na língua para o qual foi elaborado. Em contrapartida, para aqueles que são adeptos à teoria dos universais lingüísticos, essa argumentação seria absurda.

Por outro lado, Biderman (1980) pondera que talvez o meio termo seja a forma mais adequada de tratar a questão em análise. Para tanto argumenta que:

Haveria áreas do conhecimento humano empírico, nomeadas no léxico de cada língua que seriam exclusivas dessa língua e da cultura que ela expressa. Contudo, no universo cultural em expansão em que hoje vivem os homens, estaria ocorrendo uma convergência dos sistemas classificatórios, expressos por denominações lexicais. (BIDERMAN, 1980, p. 12)

E continua: “Na aldeia global dos meios de comunicação em que está vivendo o homem contemporâneo, intensifica-se a tendência à universalização de conceitos, sobretudo no domínio técnico-científico”. (BIDERMAN, 1980, p. 12)

Posto isso, entendemos que os próprios autores do *Sistema de Conceitos*, ao ressaltarem em seus apontamentos sobre a caracterização desse sistema classificatório, o seu aspecto de flexibilidade, quanto à adaptação segundo as necessidades de cada língua ou dialeto, já levaram em consideração as questões apontadas por Biderman e acima registradas.

Na seqüência apresentamos, então, o *Sistema de Conceitos* em toda a sua extensão, tal como o original:

## A – O Universo

### I. O céu e a atmosfera

- a) O céu e os corpos celestes
- b) Os tempos e os ventos

### II. A terra

- a) A configuração e o aspecto
- b) As águas
  - 1. As águas interiores
  - 2. O mar
- c) Os terrenos e sua constituição
- d) Os materiais minerais
- e) Os metais

### III. As plantas

- a) A vida vegetal em geral
- b) As árvores
  - 1. Generalidades
  - 2. A floresta, as árvores e as outras árvores de que se utiliza a madeira,  
etc.

### 3. As árvores frutíferas

aa) generalidades

bb) As árvores frutíferas em particular

c) As plantas comestíveis – grãos e bagas comestíveis, plantas alimentícias

d) As plantas de importância industrial

e) As plantas aquáticas

f) As plantas medicinais

g) As plantas ornamentais

h) As plantas alimentícias (cereais)

## IV. Os animais

a) os quadrúpedes

1. generalidades

2. Os animais domésticos

3. Os animais pequenos que vivem na proximidade do homem

4. Os animais que vivem na montanha

5. os animais que vivem próximos à água

b) As aves

1. Generalidades

2. As aves em particular

c) Os animais marinhos

- d) Os peixes
  - 1. Generalidades
  - 2. os peixes de água-doce
  - 3. os peixes de água salgada
  
- e) Os répteis
- f) Os anfíbios
- g) Os moluscos
- h) Os crustáceos
- i) Os aracnídeos
- j) Os insetos
- k) As doenças dos animais
- l) Os animais fabulosos, lendários ou simbólicos

## B – O homem

### I. O homem, ser físico

- a) O sexo
- b) A raça
- c) O corpo e os membros
- d) Os órgãos e suas funções
  - 1. O cérebro e o sistema nervoso
  - 2. A circulação
  - 3. A respiração

4. A nutrição, a digestão, a eliminação
5. A procriação
- e) Os órgãos da palavra
- f) Os sentidos e sua atividade
  1. O sentido da vista
  2. O sentido da audição
  3. O sentido do olfato
  4. O sentido do gosto
  5. O sentido do tato
- g) Os movimentos e as posições
  1. Atividade do corpo em relação a si mesmo
  2. Atividade física exercida sobre os objetos
- h) O repouso e o sono
- i) A saúde e a doença
  1. Estado da saúde
  2. As doenças, as enfermidades, as deformações
  3. Os remédios
- j) A vida humana em geral, o nascimento, as idades da vida e a morte
- k) As necessidades do ser humano
  1. A alimentação
    - aa) generalidades
    - bb) As refeições
    - cc) Os alimentos
      - 1- A carne
      - 2- O pão, a pastelaria, massas

3- Os ovos

4- Os lacticínios

5- A preparação dos alimentos

6- Os condimentos

7- Os pratos

8- As bebidas

dd) O fumo

## 2. A vida sexual

## 3. O vestuário

aa) generalidades

bb) As vestes masculinas

1- Roupas exteriores

2- Roupa interior

3- As partes do vestuário e vestes acessórias

cc) As vestes femininas

1- Roupas exteriores

2- Roupas interiores

3- As partes do vestuário e vestes acessórias

dd) Os penteados

ee) O calçado

ff) Ornamentos e jóias

gg) fazendas, tecidos, peles

hh) A “toilette”, higiene pessoal

ii) As modas

jj) Trajes antigos

kk) trajes nacionais, pitorescos e exóticos

## II - A vida anímica e o intelecto

a) generalidades: a inteligência, a sabedoria, as aptidões

b) A percepção, a sensação

1. Generalidades

2. As diferentes sensações

c) A consciência, a representação

d) A memória

e) A imaginação

f) O pensamento

1. Generalidades

2. A noção

3. O raciocínio

4. O juízo, a conclusão

aa) Os processos

bb) a discussão do juízo: a prova, a objeção, o consentimento

cc) a verdade, o erro

5. A atenção

6. O saber

g) Os sentimentos

1. generalidades

## 2. os estados emocionais

- aa) Prazer, desprazer
- bb) Felicidade, fortuna – infelicidade, infortúnio
- cc) Alegria – tristeza
- dd) Desgosto, aborrecimento
- ee) Preocupação – despreocupação
- ff) dor
- gg) Alegria e seriedade
- hh) Tranqüilidade – inquietação; segurança – insegurança
- ii) Certeza, convicção – dúvida
- jj) Expectativa, atenção – decepção
- kk) esperança – desespero
- ll) Paciência – impaciência; resignação
- mm) Surpresa, admiração, estupefação

## 3. Os sentimentos ligados ao eu

### 4. Os sentimentos para com os outros

- aa) Simpatia – antipatia – indiferença
- bb) Confiança, desconfiança
- cc) Dedicção
- dd) Piedade, dureza
- ee) Consolação
- ff) Inveja, ciúme
- gg) Respeito, admiração, veneração
- hh) Desdém, desprezo
- ii) Gratidão – ingratidão

5. Outros sentimentos

aa) Entusiasmo

bb) Cólera

cc) Desgosto

dd) medo, temor

6. Os sentimentos estéticos

7. Os sentimentos morais

8. Os sentimentos religiosos

9. As causas dos sentimentos

10. As manifestações e os resultados dos sentimentos

h) A vontade

1. O desejo

2. O querer

aa) Generalidades

bb) A finalidade

cc) O motivo, a motivação

dd) A deliberação, a decisão, a hesitação

ee) A resolução

ff) A vontade recíproca e imposta a outrem

1 – A autoridade, o comando a ordem

2 – A obediência – a desobediência; a revolta

3 – A permissão, a proibição

4 – A promessa, o juramento, o compromisso, o testemunho, a súplica

### 3. A ação

#### aa) Os princípios

1 – As aptidões e as atitudes

2 – As modalidades da ação

3 – O motivo

4 – A finalidade

5 – Os meios

6 – A possibilidade

7 – O plano

8 – A preparação

#### bb) A realização

cc) O favorecimento ou impedimento da ação

dd) O resultado

ee) O ajuizamento da ação

### 4. A moral

aa) O dever

bb) A disposição moral, os caracteres

cc) A reputação, a honra a desonra

## III - O homem, ser social

a) A vida da sociedade em geral

1. A constituição da sociedade

aa) O casamento, a família, o parentesco

1 – A família, a descendência

2 – Núpcias, a vida conjugal

3- O parentesco

4- O batismo

5- Os funerais

6- A viuvez

7- A educação

bb) O povo, a nação

2. A língua

aa) A linguagem

1- As qualidades e defeitos da voz

2- As ações da voz, a expressão e a comunicação do pensamento

bb) A língua escrita

cc) As diferentes línguas

3. As relações da sociedade

aa) A vida de sociedade

bb) A etiqueta, a conveniência

cc) O auxílio, a proteção

dd) A conversação

ee) A vida cavalheiresca

ff) As festas, os jogos, as distrações

1- As festas

2- Os jogos, as distrações

3- Os desportos: tiro, equitação

4- As tradições, os costumes

b) O homem no trabalho

1. Generalidades

2. A agricultura, o pastoreio, a jardinagem

aa) A herdade, dependências, o gado, a criação

1- A herdade e o gado, o abate e a salga

2- A leiteria, lacticínios

3- O quintal

4- O aviário

bb) O solo

cc) Os trabalhos do campo

1- A atrelagem

2- Alfaias agrícolas

3- As colheitas

4- O tratamento do produto agrícola

5- Expedição

dd) A piscicultura

ee) A pastagem

ff) A viticultura

gg) A jardinagem

hh) A utilização dos frutos

1- A fabricação de bebidas

2- A fabricação de óleos

3- A destilação

3. Os ofícios e as profissões

## aa) Generalidades

1- A organização

2- Os instrumentos em geral

3- Os recipientes em geral

## bb) Os diferentes ofícios e profissões

## cc) As diferentes formas de remuneração do trabalho

## dd) A peita, o suborno

## 4. A indústria

## aa) Generalidades

## bb) A tecnologia, processos e técnicas empíricas

## cc) A exploração do sub-solo

1- As pedreiras

2- As minas

## dd) As indústrias metalúrgicas

1- A exploração do minério

2- A fundição

3- O fio metálico

4- A fabricação da moeda

## ee) As indústrias alimentares

## ff) As indústrias têxteis

## gg) As indústrias de construção e obras públicas

## 5. O comércio, as finanças e o tráfico

## 6. A propriedade

## 7. A habitação, a casa, hotelaria

## aa) generalidades

- bb) A construção
- cc) O exterior
- dd) O interior
- ee) O mobiliário, acessórios de decoração
- ff) Os utensílios de cozinha, baixela
- gg) A calefação
- hh) A iluminação
- ii) Os trabalhos domésticos
- jj) A manutenção da rouparia, roupa de cama e mesa
- kk) Os trabalhos femininos
- ll) Os servidores

## 8. Os transportes

- aa) generalidades
- bb) A via terrestre

### 1- Por estrada

- a) generalidades
- b) O cavalo de sela e outras montarias, arneses
- c) O transporte efetuado pelo homem
- d) O transporte por animais de carga e tração, arneses
- e) Os veículos e as viaturas
- f) As estradas

### 2- Por ferrovia

- cc) A via aquática

### 1- Por via fluvial

- a) Os cursos de água

b) os meios

c) A equipagem

2- Por via marítima

a) A navegação, termos náuticos

b) As embarcações (tipos e nomes)

c) A equipagem

d) Os portos

e) Os acidentes

f) A construção naval

dd) A viagem

#### IV A organização social

a) As comunas

1. As aglomerações

aa) A aldeia

bb) A cidade

2. As instituições comunais

aa) A administração comunal

bb) Os serviços municipais

1- A rede viária

2- A higiene

3- A saúde pública

4- A assistência pública

5- As águas

## 6- O incêndio, o salvamento, o socorro

## b) O Estado

1. Os fatores constitutivos
2. os regimes políticos
3. A monarquia
4. As classes, castas, categorias sociais
5. A constituição, o parlamento
6. O governo, a administração
7. A manutenção da ordem
8. A manutenção da ordem

## c) A organização judiciária, o exercício da justiça

1. A legislação
2. O poder judiciário
3. Os processos judiciais
4. Os delitos e as penas, presídios

## d) O ensino e a instituição pública

1. generalidades
2. A organização

## e) A política externa

## f) A organização da defesa militar

1. Generalidades
2. O exército da terra
3. A armada, a marinha de guerra

## g) A guerra

1. Generalidades
2. As fases da guerra
3. A estratégia e tática
4. A vitória, a derrota
5. O armistício, a paz

h) A literatura e as artes plásticas

1. A literatura
  - aa) generalidades
  - bb) As obras, os gêneros, as formas
2. A arte dramática
  - aa) generalidades
  - bb) O teatro
  - cc) Os outros espetáculos
3. As artes plásticas
  - aa) Generalidades
  - bb) O desenho
  - cc) A gravura
  - dd) A pintura
  - ee) A escultura
  - ff) A arquitetura civil e militar
  - gg) As artes decorativas, a cerâmica
4. A música
5. A dança

i) As crenças, a religião

1. Os sentimentos religiosos

## 2. A religião

- aa) Generalidades
- bb) O sobrenatural nas crenças populares e superstição
- cc) A mitologia e os cultos não cristãos
- dd) O cristianismo

## 3. O Paganismo

## 4. A igreja

- aa) A organização, o direito
- bb) O clero secular, regular e leigos auxiliares do culto e do apostolado
- cc) As ordens
- dd) As vestes sacerdotais
- ee) Os lugares do culto, objetos litúrgicos e acessórios
- ff) Os ritos e os cultos, orações, prédicas
- gg) As festas

## C – O homem e o universo

### I - O a priori

- a) A existência
- b) As qualidades e os estados
  - 1. A dimensão
  - 2. A forma
  - 3. As qualidades físicas e químicas
  - 4. As qualidades percebidas pelo sentido

- aa) A vista
  - bb) o ouvido
  - cc) O olfato
  - dd) O gosto
  - ee) O tato
- c) A relação, a ordem, o valor
- 1. A relação
  - 2. A ordem
  - 3. O valor
  - 4. As medidas, os pesos
- d) O número, a quantidade
- e) O espaço
- f) O tempo
- g) A causalidade
- h) O movimento
- i) A mudança

## II- A ciência e a técnica

- a) As ciências e as letras
- 1. A astronomia
  - 2. A meteorologia
  - 3. A geografia
  - 4. A mineralogia
  - 5. A geologia

6. A botânica
7. A zoologia
8. A anatomia
9. A fisiologia
10. A biologia
11. A medicina
12. A medicina veterinária
13. A lógica
14. A psicologia
15. A moral, a ética
16. A pedagogia
17. A fonética
18. A lingüística
19. O comércio, as finanças
20. A sociologia
21. A política
22. A jurisprudência, o direito
23. A filologia
24. A história literária
25. A história do teatro
26. A arqueologia
27. A história das artes plásticas
28. A estética
29. A história da música
30. A teologia

31. As matemáticas

32. A física

33. A química

34. A história

35. A filosofia

b) A técnica e a indústria baseada nas ciências

1. A indústria dos produtos químicos e farmacêuticos

2. A indústria eletrônica

3. A indústria baseada na ciência atômica.

## CAPÍTULO IV – APRESENTAÇÃO, DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO *CORPUS*

Postas as considerações teóricas que norteiam nosso estudo, passamos, na seqüência, à apresentação e organização dos vocábulos em campos léxicos, descrição dos vocábulos e análise do *corpus*.

Conforme já esclarecemos no capítulo I, no item metodologia deste trabalho, a constituição do *corpus* se deu, primeiramente, a partir da leitura de *O Sertanejo* e da seleção de todos os substantivos presentes em tal obra, dos quais selecionamos todos os itens lexicais que compunham o macrocampo dos aspectos relativos à natureza.

Porém, em virtude das limitações previstas para este estudo, fizemos novo recorte, e, dentro do macrocampo aspectos relativos à natureza, selecionamos apenas os itens especificamente relacionados ao campo léxico da flora (SC item I – As plantas) e fauna (SC item II – Os animais). Chegamos assim, num total de 53 vocábulos com 450 ocorrências no campo léxico da flora e 72 vocábulos com 484 ocorrências relativas ao campo léxico da fauna, totalizando, no final, 125 vocábulos com 934 ocorrências de itens lexicais que compõem a categoria A - *O Universo*, itens III (As plantas) e IV (Os animais), do *Sistema de conceitos de Hallig e Wartburg*.

Para organização e classificação dos lexemas em campos, serviu-nos de parâmetro o conceito de campo proposto por Coseriu (1977, p. 146), e as discussões de Biderman (1981, p. 139), acerca das redes associativas e de campo léxico. Utilizamos, ainda, como instrumento auxiliar para a análise do *corpus* em estudo, conforme já mencionado, o *Sistema de Conceitos* desenvolvido por Hallig e Wartburg (1963).

Importa ressaltar que, tendo em vista os objetivos traçados para a presente pesquisa, bem como os limites previstos para este estudo, não adotamos o *Sistema de Conceitos* em toda a sua extensão. Fizemos, conforme já mencionamos na metodologia, um recorte na

categoria A – *O Universo*, contemplando apenas o item III – *As plantas* e alguns de seus subitens e o item IV – *Os animais*, contemplando, também, apenas alguns de seus subitens.

Isso porque, conforme já expusemos no capítulo anterior, embora esse *Sistema de Conceitos* seja considerado por seus criadores um sistema universal, ele reflete o vocabulário de uma determinada língua, num determinado tempo. Segundo Biderman (1984), se levarmos em consideração a tese do relativismo lingüístico, em que cada sistema lingüístico tem seu modo particular de recortar e classificar a realidade, o *Sistema de Conceitos*, se aplicado tal como foi elaborado, ou seja, marcando a cultura, a história, o modo de vida de uma comunidade lingüística num dado momento do tempo, isto é, a década de sessenta, ele seria, então, questionável.

Quanto a isso, ressaltamos que, embora reconheçamos a pertinência das observações feitas por Biderman em relação ao *Sistema de Conceitos*, a motivação para a escolha desse sistema como instrumento auxiliar neste estudo, se deu em virtude do fato de que tal sistema nos permite a organização e classificação dos itens vocabulares em seus respectivos campos conceptuais e, também, nos dá a possibilidade de disposição desses itens fora da ordem alfabética.

Quanto à utilização e adaptação do *Sistema de Conceitos* para o estudo dos campos léxicos da flora e fauna na obra *O sertanejo*, é preciso reafirmar que para os autores do referido sistema, este não deve ser entendido como uma “camisa de força”, mas deve ser tomado como um instrumento auxiliar no estudo do léxico, em conformidade com as exigências de cada caso. Assim, autorizados pelos comentários que os próprios autores fazem acerca da flexibilidade do sistema quanto à sua aplicação, fizemos as modificações que julgamos necessárias à consecução dos objetivos propostos para este estudo.

Apresentamos abaixo a seleção e estruturação dos itens lexicais que serão analisados a partir do SC, já com as devidas modificações que atendem aos nossos objetivos. Reafirmamos

que tais alterações se deram em função de nosso propósito e em virtude das limitações previstas para este estudo. É certo que poderíamos ter explorado outras categorias e itens do sistema, mas, como já mencionado, não teríamos condições de explorar, neste estudo, todas as possibilidades de pesquisa que se apresentaram no decorrer da investigação.

Assim sendo, não trabalhamos com as categorias B – *O homem*, e nem a categoria C – *O homem e o universo*. Utilizamos apenas a categoria A – *O universo* em seus itens III – *As plantas* e o item IV – *Os animais*.

No item III - *As plantas*, trabalhamos com os subitens: b) *As árvores*: 1. *generalidades*, 2. *a floresta, as árvores de que se utiliza a madeira*, 3. *árvores frutíferas*, f) *As plantas medicinais* e g) *As plantas ornamentais*.

No item IV – *Os animais*, extraímos para análise os seguintes subitens: a) *Os quadrúpedes*: 1. *generalidades*, 2. *Os animais domésticos*, 3. *Os animais que vivem na montanha* e 4. *Os animais que vivem próximos da água*. Já no subitem b) *As aves*, extraímos 1. *generalidade* e 2. *aves em particular*; e, finalmente, o subitem e) *Os répteis*.

A partir de então, procedemos à organização, classificação e descrição de todos os itens lexicais que configuram o campo léxico da flora e fauna na obra *O sertanejo*.

Ressaltamos, ainda, que a escolha pelos campos léxicos acima mencionados se deu em decorrência do fato de termos percebido durante o estudo da obra que, na construção da imagem do sertão, Alencar faz uma divisão nítida da mesma em três grandes cenários descritivos da natureza. Primeiramente, temos o retrato da estação da seca, em que o autor revela uma natureza de aspecto agressivo, triste e desolador: os rios secos, as plantas sem vida, a ausência dos pássaros. Em seguida, aparece a estação que precede as chuvas. Vemos a transformação da natureza com a chegada das chuvas. O renascimento das plantas demonstrando agora a força e a capacidade de resistência da natureza. E, finalmente, a natureza no auge da estação das chuvas. O retorno de uma grande variedade de pássaros, o

verde que abunda nos vales, serras e campos, a grande variedade de plantas, os rios e lagos cheios, o gado e os cavalos em grande número povoam os campos. É a natureza revestida de vida.

A fim de melhor sistematizar os dados, conforme já exposto na metodologia, adotamos os seguintes procedimentos: identificação, seleção e classificação das unidades lexicais representativas dos campos lexicais flora e fauna em seus respectivos subcampos, seguidos do número de ocorrências; elaboração de um quadro contendo a lexia, sua classificação gramatical, passagem abonatória em *itálico* seguida do número da página, número de ocorrências; e a definição do item lexical pelos dicionaristas consultados, também, seguido do número da página; nota lingüística, em que propomos a análise semântica de cada vocábulo que compõe os campos léxicos flora e fauna. Importa registrar que, embora tenhamos registrado os itens vocabulados no singular, contabilizamos, quando foi o caso, as ocorrências desses itens no plural.

Ressaltamos, ainda, que, tendo em vista nossos objetivos, recorreremos, quando necessário, a outras fontes lexicográficas – dicionários regionais, etimológicos, de Botânica, livros e artigos sobre plantas e animais, *sites* que veiculam informações sobre os temas de nosso interesse, visando sempre o exame exaustivo das unidades lexicais, a fim de confirmar ou não a nossa hipótese.

Tomando por base o SC, e feitas as devidas modificações, em conformidade com nossos objetivos, chegamos finalmente à seguinte estrutura modificada:

## A – O Universo

### I. As plantas

#### a) As árvores

##### 1. generalidade

2. A floresta, as árvores de que se utiliza madeira

3. As árvores frutíferas

a) as árvores frutíferas

b) As plantas medicinais

c) As plantas ornamentais

## II – Os animais

a) Os quadrúpedes

1. generalidade

2. Os animais domésticos

3. Os animais que vivem dos campos e da floresta

4. Os animais que vivem próximos à água

b) As aves

1. generalidade

2. as aves em particular

c) Os répteis

A seguir, apresentamos, considerando o recorte feito por nós, a organização e classificação dos vocábulos representativos da flora e fauna na obra *O sertanejo*, segundo o *Sistema de Conceitos de Halli-Wartburg*. Registramos, também, o número de ocorrências de cada vocábulo, de cada item e subitem do Sistema, bem como o total de ocorrências que compõe a categoria A – *O Universo*.

#### **4.1 - A organização e classificação dos itens lexicais em campos léxicos, segundo o SC.**

##### **4.1.1 - Categoria - A - O UNIVERSO: 934 oc.**

###### **4.1.1.1 – Item I. As plantas: 450 oc**

###### **a) As árvores: 431 oc.**

###### **1. generalidade: 325oc**

1. mato: 123 oc.

2. árvore : 60 oc.

3. floresta: 37 oc.

4. flores: 27 oc

5. folha: 20 oc.

6. folhagem: 18 0c.

7. fruto: 11 oc

8. capim: 07 oc.

9. cipó: 05 oc.

10. panasco: 03 oc.

11. cardos: 03 oc.

12. mimoso: 03 oc.

13. trepadeira: 02 oc.

**2. A floresta, as árvores de que se utiliza madeira: 97 oc.**

14. carnaúba: 21 oc.

15. oiticica: 18 oc.

16. angico: 09oc.

17. jacarandá: 09 oc.

18. gameleira: 08 oc.

19. palmeira: 07 oc.

20. tingui: 05

21. braúna: 02 oc.

22. cedro: 02 oc.

23. crauatá: 02 oc.

24. aroeira: 02 oc.

25. angelim: 01oc.

26. cauçu: 01 oc.

27. espinheiro: 01 oc.

28. janaguba: 01 oc.

28. jatobá: 01 oc.

30. juá: 01 oc.

31. pereiro: 01 oc.

32. sicupira: 01oc.

33. taquara: 01 oc.

34. visgueiro: 01 oc.

35. murta: 01 oc.

36. mulungu: 01 oc.

**3. As árvores frutíferas: 12 oc.****a) árvores frutíferas: 12 oc.**

37. catolé: 06 oc.

38. goiabeira: 02 oc.

39. jurema: 01 oc.

40. cajazeira: 01 oc.

41. maracujazeiro: 01oc.

42. ateira: 01 oc.

**b) as plantas medicinais -09 oc.**

43. alecrim: 02 oc.

44. barbatimão: 02 oc.

45. algodoeiro: 01 oc.

46. carrapicho: 01

47. língua-de-vaca: 01 oc.

48. urtiga: 01 oc.

49. unha-de-gato: 01 oc.

**c) plantas ornamentais -10 oc.**

50. bilro: 04 oc.

51. mimosa: 04

52. bignônia: 01 oc.

53. magnólia:01 oc.

**4.1.1.2 – Item II – Os animais: 484 oc.****a) os quadrúpedes: 399 oc.****1. generalidade: 147 oc.**

1. gado: 39 oc
2. touro: 37 oc.
3. novilha: 25 oc.
4. Barbatão: 21 oc.
5. rês: 07 oc.
6. garrote: 07 oc.
7. poldro: 07 oc.
8. ginete: 02 oc.
9. besta: 01 oc.
10. borrego: 01 oc

**2. os animais domésticos: 208 oc.**

11. boi: 87 oc.
12. cavalo: 76 oc.
13. cabra : 22 oc.
14. cão: 12 oc.
15. vaca: 05 oc.
16. bezerro: 04 oc.
17. ovelha: 01 oc.
18. porco: 01 oc.

**3. Os animais dos campos e da floresta: 41 oc.**

- 19. onça: 20 oc.
- 20. veado: 09 oc.
- 21. raposa: 03 oc.
- 22. lobo: 01 oc.
- 23. jaguar: 01 oc.
- 24. macaco: 01 oc.
- 25. tamanduá: 01 oc.
- 26. caitetu: 01 oc.
- 27. preá: 01 oc.
- 28. quati: 01 oc.
- 29. sagüi: 01 oc.
- 30. suçuarana: 01 oc.

**4. os animais que vivem próximos da água: 03 oc.**

- 31. anta: 03 oc.

**b) as aves: 67 oc.****1. generalidade: 06 oc.**

- 32. frango: 02 oc.
- 33. galinha: 01 oc.

34. galo: 01 oc.

35. pinto: 01 oc.

36. abutre: 01

## **2. as aves em particular: 61 oc.**

37. arara: 10 oc.

38. saracura: 05 oc.

39. rola: 04 oc

40. garça: 04 oc.

41. juriti: 03 oc.

42. sabiá: 03 oc.

43. urubu: 02 oc.

44. gavião: 02 oc.

45. graúna: 02 oc.

46. maracanã: 02 oc

47. jaçanã: 02 oc

48. canindé: 02

49. periquito: 02 oc.

50. araponga: 02 oc.

51. jaburu: 01 oc.

52. jandaia: 01 oc.

53. marreca: 01 oc.

54. ema: 01 oc.

55. patativa: 01oc.

- 56. andorinha: 01 oc.
- 57. cançã: 01 oc.
- 58. colibri: 01 oc.
- 59. corrupção: 01 oc.
- 60. maranhão: 01 oc.
- 61. nambu: 01 oc.
- 62. sericóia: 01 oc.
- 63. sofrê: 01 oc.
- 64. tié: 01 oc.
- 65. xexéu: 01 oc.
- 66. zabelê: 01 oc.

**c) Os répteis: 18 oc.**

- 67. serpente: 07
- 68. cascavel: 05 oc.
- 69. lagarto: 02 oc.
- 70. jibóia: 02 oc.
- 71. jararaca: 01 oc.
- 72. tejuaçú: 01

## 4.2. A análise do *corpus*

Conforme já mencionamos, os dados do *corpus* que analisamos nessa pesquisa, pertencem ao macrocampo aspectos físicos da natureza e foi constituído pelos campos lexicais flora e fauna com seus respectivos subcampos. É importante reafirmar que O *Sistema de Conceitos*, conforme já mencionado anteriormente, auxiliou-nos não só na organização das palavras em seus respectivos campos léxicos, mas também na possibilidade de elencá-las fora da ordem alfabética. Ressaltamos, ainda, que na análise de algumas palavras limitamo-nos a registrar apenas as informações e definições fornecidas pelas fontes consultadas, sobretudo dos dicionários, pelo fato de o vocábulo em análise não ter sugerido, no contexto em que foi empregado na obra, outras interpretações.

Tendo em vista os objetivos traçados para a presente pesquisa qual seja, o de verificar aspectos do léxico de Alencar na configuração do espaço geográfico denominado sertão, fazemos, na seqüência, a análise semântica de cada item vocabular que compõe cada um dos itens e subitens do *Sistema de Conceitos* adaptado, a fim de confirmar ou não a nossa hipótese: a de que a pretensão de Alencar era criar, mediante o léxico, um universo ficcional verossímil, consoante o ideário romântico, e sem perder de vista o contexto sócio-histórico e cultural do Brasil do século XIX; o que resultou na criação de um sertão literário, de um sertão nacional.

Objetivando maior comodidade para o leitor, apresentamos, primeiramente, um quadro contendo o vocábulo seguido da classificação gramatical, a abonação, número de ocorrências e a definição proposta pelos dicionaristas consultados, para, em seguida, proceder à análise propriamente dita.

Lembramos, também, conforme já registramos na metodologia, que os dicionários consultados foram identificados pelas letras iniciais dos autores. Passemos, então, às análises.

### 1ª categoria: A - O Universo: 934oc

#### I – As plantas: 450 0c

##### a) As árvores: 431 oc.

##### 1. Generalidades: 325 oc.

Vocábulo	OC	Definições
<b>1. mato(s): sm</b> <i>“A moça breve desapareceu encoberto pelo &lt; mato&gt; aí mais fechado, e revestido ainda de alguma rama, embora rara e crestada”. (p. 15)</i>	123	<b>AMS</b> – mato, s.m. Multidão de plantas agrestes. (p. 277) <b>AGC</b> – ver MATA. Mata sf. ‘terreno onde nascem árvores silvestres’ ‘bosque, selva’ XIII. Talvez do lat. tardio <i>matta</i> ‘esteira de junco’. (p. 506)

#### NOTA:

O item lexical *mato(a)(s)* destaca-se nesse campo conceptual quanto ao número de ocorrências: 123 vezes. Isso nos sugere a importância atribuída pelo autor em relação à necessidade de ressaltar o aspecto da terra ainda não desbravada, da nação ainda a ser descoberta, não mais pelo colonizador, mas pelo seu próprio povo. Revela, ainda, o aspecto virgem da terra, o cenário de vida, o abrigo dos homens e dos animais. O que demonstra, ainda, a pretensão do autor em chamar a atenção para a valorização do interior do país com sua rica, esplendorosa e verdejante natureza, do homem do interior com seus costumes e tradições.

Em relação à origem desse vocábulo, alguns dicionaristas como AGC e Houaiss afirmam ser provavelmente do latim tardio *matta, ae* ‘esteira de junco’; porção de plantas que cobre certa extensão de terra. Houaiss afirma, também, que o vocábulo já ocorre no século VI, na península Ibérica.

Vocábulo	OC	Definições
<p><b>2. árvore: s.f.</b>  <i>“Era a onça que saltara a um galho superior, com ímpetos de galgar o cimo da &lt;árvore&gt;;...”</i> (p. 33)</p>	60	<p><b>AMS</b> – Árvore, s.f. A maior produção do reino vegetal; consta de raízes, tronco, braços, ramos, franças, folhas, ou coma. (p. 201)</p> <p><b>AGC</b> – árvore sf. ‘vegetal lenhosos cujo caule, chamado tronco, só se ramifica bem acima do nível do solo’ XIII. Do lat. <i>arbor-oris</i>. (p. 74)</p>

**NOTA:**

Nesse item *plantas*, subitem *árvores* (generalidades), formado por 325 ocorrências de vocábulos que ilustram aspectos da flora, destaca-se, ainda, a unidade vocabular *árvore* com 60 ocorrências.

Tal lexia chama a atenção pelo fato de assumir no contexto da obra, significação diferenciada, com contornos poéticos e míticos muito acentuados. Das várias vezes em que ocorre, denota ser o ponto de apoio do homem sertanejo, o elemento de sustentação da vida. As árvores servem-lhe de refúgio, moradia e abrigo. São, em alguns momentos, o próprio solo, a própria casa onde se pode abrigar do perigo. É o testemunho da integração perfeita entre o homem do campo e o seu meio.

O homem aparece de tal forma, integrado à natureza, que as árvores são, em algumas passagens, tratadas como parte do próprio homem ou como um parente ou amigo muito próximo. O sentimento, a força e a capacidade de adaptação do homem ao meio, está na natureza, nas árvores, nos animais. Isso é revelado ora pela utilização da hipérbole, ora pela comparação, ora pela personificação. É o que podemos constatar nos trechos abaixo:

“[...] esses destemidos roteadores do deserto costumam pernoitar na grimpada das árvores, onde armam a rede e aí ficam ao abrigo das onças que não podem trepar pelos troncos delgados, nem pinchar-se à frágil galhada”.(p. 34)

“Arnaldo conhecia todas as árvores da floresta, como conhece o vaqueiro todas as reses de sua fazenda, [...]” (p. 36)

“— Amigo Aleixo, nasci e criei-me nestes gerais: as árvores das serras e das várzeas são minhas irmãs de leite; o que eu não vejo, elas me contam. Sei tudo quanto se passa embaixo deste céu, até onde chega o casco de meu campeão”. (p. 43)

“Para o sertanejo a floresta é um mundo, e cada árvore um amigo ou um conhecido a quem saúda, passando. A seu olhar perspicaz as clareiras, as brenhas, as coroas de mato, distinguem-se melhor do que as praças e ruas com seus letreiros e números”. (p. 46)

“Aquela árvore também que ainda ontem parecia um tronco morto já tem um aspecto vivaz”. (p. 48)

“Os corrupeiros brincavam nos galhos da cajazeira; e a industriosa colônia dos sofrês construía os seus ninhos em forma de bolsas penduradas pelos ramos *da árvore hospitaleira*”.(p. 103)

“Minhas companheiras são as estrelas do céu que me visitam à noite na malhada; e a juruti que fez seu ninho na mesma *árvore em que durmo*”. (p. 115)

Nos trechos acima citados, percebemos uma extensão do sentido desse item vocabular, que deixa de ser apenas um termo da Botânica, na acepção normalmente registrada nos dicionários, qual seja a de um *vegetal lenhoso de porte variável*. Adquire novos sentidos para designar a harmonia do homem com a natureza, do homem com Pátria.

Com referência à origem, para Aurélio este é um vocábulo que tem origem no latim *arbore*. Para Houaiss lat. *arbor,òris* 'árvore'; ver *arbor(i)-*; f.hist. 984 *aruores*, sXIII *aruor*,

sXIV *aruol*, sXIV *aruor*. Antônio Geraldo da Cunha também menciona sua origem no latim *arbor-oris*. Temos assim, mais um item vocabular da língua portuguesa oriundo do latim.

Vocábulo	OC	Definições
<p><b>3. Floresta: s.f.</b>            “Arnaldo conhecia todas as árvores da &lt;floresta&gt;, como conhece o vaqueiro todas as reses de sua fazenda, e o marujo as mínimas peças do aparelho de seu navio”. (p.36)</p>	37	<p><b>AMS</b> – floresta, s.f. Mata espessa, e frondosa. (p. 40)</p> <p><b>AGC</b> – floresta sf. ‘conjunto extenso e denso da árvores’ / 1572, furesta XIV / Do ant. fr. Forest e, este, do baixo lat. florestis (silva) (bosque) externo. Na forma floresta houve provável influência de flor. (p. 362)</p>

#### NOTA:

A lexia *floresta*, com 37 ocorrências, constituiu um dos elementos principais para a composição do campo semântico das plantas, em que se revela as mais diversas espécies de árvores que existem na floresta. Ela se configura como o pano de fundo para a caracterização da natureza brasileira com suas mais diferentes espécies de plantas, árvores e animais. Foram, conforme acima elencadas no item as *plantas*, pelos menos 53 espécies diferentes de nossa flora e 73 diferentes espécies de animais. Assim sendo, o item lexical *floresta* também é elemento de destaque na obra. Seu significado vai além daquele registrado pelos dicionários, como simplesmente “a mata espessa e frondosa” ou “conjunto extenso e denso da árvores”. Figura como o elo de ligação entre o homem e a natureza, já que abriga toda a riqueza de nossa fauna e flora.

Vejamos, dentre outros, alguns trechos em que essas constatações se justificam:

“E buscou no recôndito da **floresta** a sua **malhada favorita**. Era esta um jacarandá colossal, cuja copa majestosa bojava sobre a cúpula da selva como a abóbada de um zimbório”. (p. 31)

“**Arnaldo** conhecia todas as árvores da **floresta**, como conhece o vaqueiro todas as reses de sua fazenda, [...]” (p. 36)

“Para o sertanejo, a **floresta é um mundo**, e cada árvore um amigo ou um conhecido a quem saúda, passando”.(p. 46)

“Assomando sobre o capitel da **floresta** erguida no oriente como o **pórtico do deserto**, o sol coroado da magnificência tropical dardejava o olhar brilhante e majestoso pela terra, que se toucara de toda a sua louçania para receber no tálamo da criação ao rei da luz”.(p. 47)

“Se Arnaldo conhecesse a cidade como conhecia o deserto e seus habitantes; [...] **o gesto, o porte da floresta**; com certeza adivinharia o que falavam entre si os quatro mancebos.”(p. 84)

“Lá das matas reboa o surdo estridor em que se condensam os cantos de todos os pássaros, e o grito de todos os animais, para formar **a grande voz da floresta**, que exala-se, sobretudo nessa hora, abafada e sombria das espessas abóbadas de verdura”.(p. 90)

Vocábulo	OC	Definições
<b>4. Flor: sf</b> “As ramas do maracujá que rebentam com as primeiras águas cobrem-se de flores; das flores saem os frutos que espalham na terra as sementes e das sementes brotam novas ramas, que por sua vez cobrem-se de <flores>, até que murcham e secam”. (p. 77)	27	<b>AMS</b> – flor, s.f. Produção dos vegetaes, que contém as partes da frutificação como os estames, e pistillo. (p. 39)  <b>AGC</b> - flor sf. ‘órgão de rprodução das plantas fanerogânicas’/ XIII, <i>frol</i> XIII/ Do lat. flōs – òris. (p. 361)

#### NOTA:

O item lexical *flor* tem origem latina e constitui termo da Botânica para designar o órgão da reprodução sexuada das plantas superiores (fanerógamas).

Quanto à etimologia, Houais registra que tal item lexical provém do latim *flōs, flōris* 'flor, suco das flores, a parte mais fina, mais vigorosa, força, brilho, formosura, felicidade, beleza', por via erudita; o português acusou coetaneamente as formas *flor, frol* e *fror*, além da transmontana *chor*, que deixou os derivados *chorudo* e *chorume*.

Importa registrar que essa unidade vocabular ocorre na obra 411 vezes, mas no sentido acima descrito ocorre 27 vezes. As demais ocorrências referem-se à personagem principal D. *Flor*. O nome *Flor*, atribuído à personagem, pode revelar o interesse constante de Alencar em retratar, na perspectiva romântica, a relação especial dos personagens com a natureza, do homem com a natureza.

Assim, esse item lexical, ao lado dos demais itens que compõem o item *Árvores*, subitem *generalidade*, quais sejam, árvore, floresta(s), folhas, folhagem, fruto(s), capim, cipó, panasco, cardos, mimoso, trepadeira, constitui mais um elemento revelador da beleza e exuberância da flora brasileira.

Vocábulo	OC	Definições
<p><b>5. Folha: sf.</b>  <i>“Eram como cascatas de verdura a despenharem-se pelos vargedos, confundidas num turbilhão de &lt;folhas&gt; e flores, e soçobrando não só a terra, e como as águas que a inundavam”.</i> (p. 102)</p>	26	<p><b>AMS</b> – folha, s.f. A parte exterior das plantas, sutil, e chata, que serve a sua respiração. (p. 43)</p> <p><b>AGC</b> – folha sf. ‘nome dado aos órgãos que se desenvolvem no caule das plantas’. Do lat. tardio folia, deduzido do nom. plural de fōlium. (p. 363)</p>

#### NOTA:

A unidade vocabular *folha* constitui-se em mais um brasileirismo de origem latina e designa, segundo AGC, os órgãos que se desenvolvem no caule das plantas e serve à sua respiração. E, conforme mencionado acima, faz parte da composição do campo léxico que ilustra o grande cenário verde: as florestas brasileiras.

Para Houaiss, esse é um termo da morfologia botânica e representa o órgão, geralmente laminar e verde, das plantas floríferas ou fanerógamas e principal estrutura assimiladora do vegetal; é geralmente constituída pela lâmina ou limbo, frequentemente com um suporte, o pecíolo, e, por vezes, com uma parte basal alargada, a bainha. Aurélio também registra sua origem no latim *folia, pl. de foliu*.

Vocábulo	OC	Definições
<b>6. folhagem: sf.</b> “ <i>De longe e especialmente do lugar onde estava o capitão-mor, o que se viu foi o cavalo submergir-se na &lt;folhagem&gt; e o cavaleiro, desprendendo-se da sela, voar por cima daquele monte de ramas, para reunirem-se afinal e prosseguirem na desfilada</i> ”. (p. 120)	18	<b>AMS</b> – folhagem, sf. Toda a folha de uma planta ou árvore. (p. 44)  <b>AGC</b> – subentrado em folha /folhAGEM XVI/ (p. 363)

**NOTA:**

Este é mais um item lexical de origem latina, cuja formação, no português, se deu a partir da base substantiva *folh-* agregada ao sufixo nominal *-agem*. Lembramos que esse é um processo de formação de palavras bastante recorrente em nossa língua.

Segundo Houaiss sua formação histórica é de 1571 *folhage*. Apresenta como sinônimo o vocábulo *galharada*. Esse vocábulo representa, no contexto da obra, e à maneira dos acima mencionados, o verde das florestas, a vida em abundância.

Vocábulo	OC	Definições
<b>7. fruto: sm.</b> “ <i>Mais longe as touceiras de cardos entrelaçam suas hastes crivadas de espinhos e ornadas de lindos &lt;frutos&gt; escarlates, que atraem um enxame de colibris</i> ”. (p. 102)	11	<b>AMS</b> – fruto, s.m. O produto do vegetal, que se sahe da flor, e diz das árvores, das searas. (p. 64)  <b>AGC</b> – fruto sm. ‘o produto do vegetal que sai da flor’/ XIV, <i>fructo</i> XIII, <i>fruyto</i> XIII etc. / Do lat. <i>fructus</i> . (p. 370)

**NOTA:**

O item lexical *fruto* constitui-se em mais uma formação portuguesa de origem latina. É, segundo Houaiss, um termo da morfologia botânica para designar o órgão formado pela maturação de um ou mais ovários, frequentemente associado(s) a estruturas acessórias, que apresenta grande variedade de formas e geralmente contém sementes; carpo.

Tal item vocabular constitui, ao lado dos demais itens lexicais representativos do campo conceptual da flora brasileira, importante elemento para atestar as riquezas e

variedades de espécies de plantas brasileiras; o alimento para garantir a vida do homem e dos animais.

Vocábulo	OC	Definições
<b>8. capim: sm</b> <i>Uma vaca surpreendida naquela nesga do solo continuava a pastar muito tranqüila o &lt;capim&gt; viçoso, e às vezes fitava admirada a margem, que ia fugindo rapidamente à sua vista". (p. 107)</i>	07	<b>AMS – n/c</b> <b>AGC – capim sm.</b> ‘nome das diversas plantas das fam’. das <i>gramíneas</i> e das <i>ciperáceas</i> ; erva, mato em geral’ 1618. Do tupi <i>Ka’pii/</i> (p. 150)

**NOTA:**

Segundo os dicionaristas AGC e Aurélio, o item lexical *capim* é oriundo do tupi *Ka’pii* (folha delgada). Constitui-se num brasileirismo angolonismo e termo da Botânica para designar as várias espécies da família das *gramíneas* e *ciperáceas*.

Não encontramos esse vocábulo registrado no dicionário de AMS.

Buscamos em Houaiss as informações sobre a etimologia dessa unidade vocabular e verificamos que se trata de mais um brasileirismo oriundo do tupi *ka’pii*, este de *ka’a* 'mato, erva, planta em geral, mata' + *pii* 'fino, delgado'. Sua formação histórica data de 1618 *capim*, a1667 *capinasú*. Dessa maneira, podemos afirmar que temos mais uma formação brasileira de base tupi, evidenciando, mais uma vez, o interesse do escritor em valorizar a língua geral dos índios brasileiros, símbolos da história, do passado da não brasileira.

Vocábulo	OC	Definições
<b>9. Cipó: s.m.</b> <i>“Como não bastasse esse ténue arruído para despertar o madraço, o rapaz quebrou uma haste de &lt;cipó&gt;.” (p.37)</i>	05	<b>AMS – cipó,</b> No Brasil chamam assim a toda herva rasteira, ou trpadeira, que tem umas hastinhas longas, dobradiças, que servem para atar; ou para usos médicos. (p. 398) <b>AGC – cipó sm.</b> ‘nome genérico das plantas trepadeiras que pendem das árvores ou nelas se enroscam; vara, chicote’ / 1587, sipoc 1594 etc. Do tupi <i>ĩsi’po</i> . (p. 184)

**NOTA:**

O **Dicionário Histórico das palavras Portuguesas de origem Tupi**, de Antônio Geraldo da Cunha (p. 108) registra essa unidade como uma designação genérica das plantas que se caracterizam por desenvolver-se enroscadas em outras árvores. Apresenta como sinônimos os itens lexicais *vara* e *chicote*. Aponta como formas variantes os itens *cipó*, *sipo*, *cipo*, *çipó*, *sipó*, *sipô*, *sipoo*, *cypó*, *cypo* e afirma ser esse um vocábulo de étimo tupi *isi'po*. Ele apresenta as espécies *timbó*, *timborana* e *timbopeba*. Informa, ainda, que os dicionários registram dezenas de expressões alusivas a diferentes espécimes botânicos. Aurélio refere-se a essa lexia a como um brasileirismo da Botânica e uma variação de *icipó*, de origem tupi. É uma designação comum às plantas sarmentosas ou trepadeiras que crescem entrelaçadas aos troncos das árvores.

Já para Houaiss, trata-se de um regionalismo do Brasil e, sob a rubrica Botânica, menciona que se trata de uma designação comum às plantas lenhosas e trepadeiras. É própria das matas tropicais. Houaiss registra, ainda, a etimologia e formação histórica: tupi *isi'po*. A formação histórica é de 1587 *cipó*, e cerca de 1594 *sipo*.

Este é, pois, mais um vocábulo brasileiro de origem tupi e aponta para o propósito de Alencar em revelar as origens, a língua e a cultura brasileira.

Vocábulo	OC	Definições
<b>10. Panasco: s.m.</b> “Ao tropel dos animais surdiam das touceiras de <panasco> os novilhos e garrotes mansos, que deitavam a correr pelo campo; ... “ (p. 102)	03	<b>AMS</b> – Panasco, s.m. Espécie de herva de pasto. (p. 389) <b>AGC</b> – panasco sm. ‘erva de pasto, da fam. das umbelíferas’ XVI. De etimologia obscura. (p. 575)

**NOTA:**

Todos os dicionários consultados são coincidentes quanto às definições dessa unidade vocabular. Ela é definida como uma erva que serve de alimento ao gado. Tem origem obscura e data do século XVI.

Sob a rubrica Angiospermas, Houaiss aponta como sinônimos dessa unidade vocabular as lexias *dáctile* (*Dactylis glomerata*) e *pastinaca* (*Pastinaca sativa*). Segundo Houaiss, tem procedência no latim científico gênero *Dactylis* (1742) e remete para *dactil(o)*. Consultando os sinônimos, encontramos *Dáctile* sob a rubrica angiospermas referindo-se à designação comum às plantas do gênero *Dactylis*, da família das gramíneas, nativas da Europa e Ásia, que compreende uma espécie e quatro variedades ou cinco espécies. É conhecida popularmente como *pé-de-galo*.

E *pastinaca*, também sob a rubrica angiosperma, é descrita, por esse dicionarista, como designação comum às plantas do gênero *Pastinaca*, da família das *umbelíferas*, com 14 espécies. Menciona, ainda, que essa espécie contém alcalóides tóxicos para os insetos. São nativas de regiões temperadas da Europa e Ásia.

No dicionário Aurélio, aparece registrada sob a rubrica Botânica, como erva de pasto, da família das *umbelíferas* (*Peucedanum satirum*). É, para ele, um brasileirismo do Piauí, designando certa zona de vegetação parecida com a do lacre, entre a região dos agrestes e a do carrasco ou da caatinga; panasqueiro.

Tal unidade vocabular foi utilizada, no contexto da obra, em seu sentido dicionarizado, por isso apresentamos acima, apenas as definições dos dicionários consultados, já que não verificamos outros sentidos possíveis para esse item, a não ser, o de servir de alimento para os animais.

Vocábulo	OC	Definições
<p><b>11. Cardos: sm.</b>  “...a fúria do moço capitão voltou-se contra as plantas, e ele continuou a fustigar os &lt;cardos&gt;, os crauatás e os troncos da carnaúba”. (p. 125)</p>	03	<p><b>AMS</b> – Cardo, s.m. Herva de que há varias espécies, manso, e bravo. Cardo santo, morto, corredor, penteador, leiteiro, matacão. (p. 346)</p> <p><b>AGC</b> – cardo sm. ‘planta da fam. das compostas, considerada praga da lavoura’ 1813. Do lat. <i>carduus</i> –i. (p. 155)</p>

**NOTA:**

Houaiss registra esse item vocabular sob a rubrica angiospermas, para designar as plantas do gênero *Carduus*, da família das compostas, com 91 espécies. São nativas da Europa, da Ásia, do Mediterrâneo e das regiões montanhosas do Leste da África, e muito semelhantes às plantas do gênero *Cirsium*.

Quanto à etimologia, Houaiss registra-a como proveniente do latim científico gênero *Carduus* (1735), do latim *carduus, i* (com formações tardias *cardus, i* e *cardo, ónis*) '*cardo, cardo-hortense, alcachofra*'; e remete para <sup>1</sup>*card-*. Sua formação histórica é de 1258 *Cardos* top., sXIV *cardo* na acepção de angiospermas.

Aurélio registra-a como um brasileirismo da Botânica. É, segundo ele, uma planta da família das *compostas* (*Centaurea melitensis*), considerada praga da lavoura, de flores amarelas, folhas com espinho, acinzentadas, e caule ereto, revestido de pêlos. Do latim *cardu*.

Este vocábulo, também, foi utilizado no contexto da obra em seu sentido dicionarizado, o que justifica o registro apenas das definições dos dicionários consultados.

Vocábulo	OC	Definições
<p><b>12. Mimoso: s.m.</b>  <i>“Com a volta do inverno, logo que as vargens cobrem-se dos verdes riços de panasco e mimoso, saía o gado silvestre das bibocas onde buscara abrigo, e derramava-se pelos sertões”.</i> (p. 98)</p>	03	<p><b>AMS</b> – Mimoso, adj. delicado, melindroso, que se offende de qualquer leve mal por delicadeza natural. (p. 300)</p> <p><b>AGC</b> – n/c  subentrada em mimo sm. ‘coisa delicada que se oferece ou dá’ ‘oferenda, presente, meiguice, carinho, primor, delicadeza’ XVI  // mimosa sf. ‘planta da fam. Das leguminosas’ ‘certa espécie de acácia’ 1844. (p. 521)</p>

**NOTA:**

Não encontramos nos dicionários de época nenhum registro deste item vocabular como substantivo e na acepção correspondente à da abonação. Isso se esclarece em Houaiss

quando, sob a rubrica angiospermas, afirma ser essa unidade lexical, um regionalismo do Ceará, redução de *capim mimoso*, designação que se dá a numerosas plantas de diversos gêneros da família das gramíneas, muitas empregadas como forragem e algumas de uso ornamental. E é, ainda, regionalismo de Piauí como pasto para pastagem do gado, coberto de capim-mimoso.

Já Aurélio registra-a como um brasileirismo da Botânica, designando as várias ervas da família das *gramíneas* do gênero *Eragrostis*, de pequeno porte, folhagem fina e inflorescência muito delicada.

Antônio Geraldo da Cunha, a partir de agora AGC, em seu **Dicionário Histórico das Palavras Portuguesas de Origem Tupi**, doravante DHPPOT, afirma que os dicionários registram inúmeras expressões, tais como: capim-açu, capim-amargoso, capim-cheiroso etc.)

Lorenzi (2001), em seu livro **Árvores Brasileiras**, não menciona tal lexia.

Importa registrar que tanto este item vocabular quanto os demais acima registrados, e que compõem o item I – *As plantas*, subitem *generalidade*, representam a fertilidade da terra, o alimento, a possibilidade de vida para o homem e para os animais.

Vocábulo	OC	Definições
<b>13. Trepadeira: s.f</b> <i>“Ao passar por uma árvore viu os luzidos festões de uma &lt;trepadeira&gt; que descia dos galhos em bambolins de verde folhagem, ...”</i> (p. 129)	02	<b>AMS</b> – trepadeira, adj. f. Hervas trepadeiras, que sobem ao tronco a que se arrimão. (p. 806)  <b>AGC</b> – trepadeira → TREPAPAR Subentrada em trepar Trepadeira adj. sf. ‘diz-se de, ou planta que trepa, apoiando-se em suportes dos mais variados tipos’ XVII. (p. 787)

**NOTA:**

Tanto AMS quanto AGC registram esse vocábulo como um adjetivo com a acepção planta que trepa nas árvores.

Houaiss registra-a sob a rubrica morfologia Botânica e a descreve como planta (erva, liana ou arbusto) que cresce apoiando-se sobre outra, ou sobre uma grande variedade de substratos (barrancos, penhascos, muros, cercas etc.), através de apêndices fixadores, de raízes aéreas ou de caules e ramos volúveis. Ele registra, ainda, sua etimologia a partir radical de *trepado* (particípio de *trepar*) + *-eira*, sendo que *trep-* é um antepositivo da onomatopéia *trip-* ou *trep-*, sugerindo o ruído de pisar. É o mesmo que vai dar origem aos verbos *trepar* em catalão antigo e provençal e ao francês *tripper* ou *treper*, a mesma onomatopéia se encontra igualmente nas línguas germânicas, o que, provavelmente, nos leva a pensar que essa palavra seria um empréstimo germânico às línguas latinas, ou talvez, seria criação paralela das duas famílias lingüísticas.

Aurélio, por sua vez, registra-a como adjetivo feminino formado pelo verbo *trepar* + *-deira*, com a acepção “planta que trepa, apoiando-se em suportes dos mais variados tipos”.

Porque essa unidade vocabular foi empregada em seu sentido dicionarizado, limitamo-nos a registrar as definições propostas pelos dicionários consultados.

## 2. a floresta, as árvores de que se utiliza a madeira etc. 97 oc.

Vocábulo	OC.	Definições
<b>14. Carnaúba: s.f.</b> “O colmo da cabana era de palha da carnaúba, como do tronco eram os esteios e cumeeira, e dos talos a porta, aberta nesse momento”. (p. 28)	21	<b>AMS</b> – n/c <b>AGC</b> – carnaúba sf. ‘palmeira da subfam. Das carifóideas, de cujas flohas se extrai uma substância pastosa muito utilizada na fabricação de velas, pasta para soalhos etc.’ 1752. Do tupi <i>karana’iüa</i> (< <i>kara’na</i> [v. <i>caraná</i> ] + <i>’iüa</i> ‘planta’) (p.

### NOTA:

O subitem *A floresta, as árvores de que se utiliza a madeira* forma um campo lexical muito importante no contexto da obra. Estruturam este campo 97 lexias, as quais revelam a a

riqueza de nossas florestas, a diversidade de espécies de nossa flora. Destaca-se, dentre outros, neste campo lexical, os vocábulos *carnaúba* com 21 ocorrências, e *angico* com 09 ocorrências. O que chama a atenção neste campo lexical, é que essas duas espécies são justamente as árvores que, segundo o autor, são símbolos das virtudes do homem sertanejo. É o que podemos constatar pelas próprias palavras do autor no seguinte trecho da obra: “Sempre verdes, ainda quando não cai do céu uma só gota de orvalho, estas plantas simbolizam no sertão as duas virtudes cearenses, a sobriedade e a perseverança”. (p. 14)

As lexias que compõem este importante campo léxico são: *Carnaúba(s)* -21, *oiticica* -18, *Angico* -09, *Jacarandá* -09, *Gameleira* -08, *Tingui* -05, *Palmeira* -04, *Braúna* -02, *Cedro* -02, *Crauatás* -02, *Almécega* -01, *Angelim* -01, *Aroeira* -01, *Cauaçu* -01, *Coipuna* -01, *Damasco* -02, *Espinheiro* -01, *Janaguba* -01, *Japecanga* -01, *Jatobá* -01, *Juá* -01, *Mulungu* -01, *Pereiro* -01, *Sicupura* -01, *Taquara* -01, *Visgueiro* -01, *Carvalho* -01, *Algodoeiro* -01. Temos aqui 28 espécies diferentes de árvores da floresta. Ressaltamos que, buscando a origem dessas árvores verificamos que se trata de árvores comuns também em outras regiões do país e não somente do sertão cearense.

É importante ressaltar, também, que a lexia *oiticica* foi utilizada 126 vezes, mas apenas 18 fazem referência à espécie de árvore. As demais foram empregadas como substantivo próprio para denominar a fazenda onde se desenrola boa parte da narrativa.

Para AGC - a lexia *carnaúba* tem origem no tupi *karana'iiua* (< *kara'na* [v. *caraná*] + *'iiua* ‘planta’). Ele a define como ‘palmeira da subfamília das *carifóideas*, de cujas folhas se extrai uma substância pastosa muito utilizada na fabricação de velas, pasta para soalhos etc. A datação é de 1752. Não menciona nenhuma marca de uso.

Também Cunha (1998, p. 106), em seu DHPPOT, registra como variantes dessa unidade as lexias *carnaúba*, *carnahúba*, *carnaúba*. Conforme Cunha (1998, p. 106), temos em

*carnaúba*, uma variante da lexia de étimo Tupi *Karana'iüa*, um exemplo de brasileirismo pertencente à categoria dos indigenismos.

Já Antonio Moraes não menciona tal lexia, o que pode comprovar ser esta espécie tipicamente brasileira. Este item vocabular é um brasileirismo geral, de origem tupi = 'árvore do caraná', que Aurélio remete para *carnaubeira*, lexia esta que ele classifica como brasileirismo da Botânica. Ocorre do Norte, Nordeste e Noroeste. Ele a descreve como “planta ornamental da família das *palmáceas* (*Copernicia cerifera*). Suas folhas e flores fornecem cera muito usada na indústria de ceras e graxas para sapatos, assoalho etc.

Sob a rubrica angiosperma, Houaiss afirma ser uma árvore nativa do nordeste do Brasil e a caracteriza como palmeira solitária de até 15 m (*Copernicia prunifera*). Apresenta como sinônimos os itens vocabulares *carandá*, *carandaúba*, *carnaíba*, *carnaubeira*, *coqueiro-carandaí*, *pau-do-bebedouro*. É uma planta que tem larga utilização seja na construção, com sua madeira de alta resistência, seja na fabricação de doces e farinha, com seus frutos, seja na produção de óleo. Além disso, suas raízes têm propriedades depurativas e, se reduzidas a cinzas, substituem o sal de cozinha. Mas seu produto mais importante é a cera, obtida das folhas.

Segundo Houaiss, tem procedência tupi *karana'iüa*, de *kara'na* + *iüa* 'planta'; a forma *carnaíba*, com o elemento formativo tupi *-iba*, que significa *iüa* 'pé, haste de planta, planta, árvore' em vez de *-uba*. Sua formação histórica é de 1752 *carnaubas*, 1863 *carnaúba* 'planta', 1899 *carnaúba*, 1899 *carnahuba* 'cera'

Lorenzi (2002, p. 294), em sua obra **Árvores Brasileiras**, após descrever essa unidade vocabular, menciona sua ocorrência no nordeste brasileiro, nos vales de rios da região da caatinga e, nos estados do Pará (Tocantins), Maranhão, Piauí até Goiás e Bahia.

Acrescenta, ainda, que sua madeira é resistente e de longa duração em água salgada. É utilizada na fabricação de postes, construções rústicas, caibros, ripas, confecção de artefatos

torneados como bengalas, caixas, etc. Suas folhas fornecem a famosa cera de carnaúba, usada para muitos fins industriais (graxas, vernizes, lubrificantes, sabonetes, fósforos, isolantes, velas etc. As folhas secas são utilizadas como cobertura de casas, para confecção de chapéus, bolsas, esteiras, cordas, cestos, colchões etc. E as amêndoas contêm óleo.

Lorenzi registra, também, que, na região do Pantanal Matogrossense existe a espécie *Copernicia australis* Becc. (*carandá*) com características muito parecidas a esta.

Ainda sobre a *lexia carnaúba*, vale ressaltar que há alguns aspectos curiosos com relação ao valor desta árvore para o nordestino. Pesquisando sobre esta árvore encontramos no site <http://www.sertao.org.br/publicacoes/carnauba.pdf>, uma cartilha, cujo propósito é levar aos trabalhadores rurais, estudantes, professores e profissionais, mais informações para evitar que se extinga do sertão nordestino a carnaúba. Tal cartilha é resultado do aprendizado do Instituto do sertão junto a comunidades, trabalhadores extrativistas e pequenos produtores de cera de carnaúba no Ceará.

Segundo Oscar Arruda d'Alva (2004), um dos autores dessa cartilha, a carnaúba é uma palmeira nativa do nordeste brasileiro que nasce naturalmente nas margens de alguns rios nordestinos formando matas ciliares de extrema importância para o equilíbrio da vida na região. Os carnaubais protegem as margens dos rios de erosão, ajudam na conservação dos solos e ainda abrigam e alimentam a fauna silvestre.

Além de tamanha importância para a natureza, a carnaúba oferece ao homem uma série de utilidades, sendo, por isso, conhecida como a “árvore da vida” ou “árvore da providência”.

Como árvore da caatinga, suas raízes acumulam água e nutrientes, conseguindo se adaptar e sobreviver no semi-árido. Seus frutos são ricos nutrientes e servem de ração para animais domésticos; a madeira é de excelente qualidade para a construção; as raízes são medicinais, servindo como antiinflamatório natural; as palhas são utilizadas para a confecção

de bolsas, surrões, chapéus etc; seus talos servem para revestimento de móveis, e produtos artesanais; a bagana, palha da carnaúba triturada, é adubo de excelente qualidade; a cera de carnaúba obtida das palhas tem uma infinidade de usos industriais (cosméticos, farmacêuticos, polidores etc.) e garante trabalho e renda para milhares de homens e mulheres durante os meses de estiagem.

Cientificamente, a carnaúba é conhecida como *copernicia prunifera*, da família *palmae* (a mesma de palmeiras como o coco e o babaçu).

Finalmente, ainda segundo o mesmo autor, a *carnaúba* era considerada uma árvore sagrada para os indígenas, e, ainda hoje, os índios *tapebas* do Ceará a homenageiam anualmente. Na língua tupi *carnaúba* significa a árvore que arranha.

As folhas dessa espécie de palmeira eram muito utilizadas pelos índios na fabricação de objetos, como esteiras, redes, colares e cortinas. Do tronco construíam seus abrigos.

Assim, podemos concluir que essa é, também, uma unidade lexical que adquire, no contexto da obra, significação diferenciada, já que revela o aspecto divino, sagrado e vital que essa planta tem, tanto para o homem quanto para os animais. É o que podemos constatar nos trechos abaixo, sobretudo, neste diálogo que se estabelece entre os personagens, Capitão-mor e Venâncio:

“José Venâncio, quem te deu licença de cortar aquela carnaúba?

— Saberá o sr. capitão-mor que eu não cortei nas terras de Oiticica, mas lá na várzea do Milhar.

— A ordem que demos, José Venâncio, é de não cortar carnaúba, em qualquer parte deste sertão”. (p. 99)

E ainda:

“— A carnaúba é um presente do céu: é ela que na seca dá sombra ao gado, e conserva a frescura da terra. Quem corta uma carnaúba ofende a Deus, Nosso Senhor; e nós não podemos deixar sem castigo tão feio pecado. Vai em paz, José Venâncio. (p. 100)

“O colmo da cabana era de palha da carnaúba, como do tronco eram os esteios e cumeeira, e dos talos a porta, aberta nesse momento”. (p. 28)

“...balaio com o feitiço de mala e tampa também de palha de carnaúba trançada;...” (p. 28)

“...cortou uma palma de carnaúba que esgarçou com a faca, e entrou na cabana, onde apagou os rastros que aí tinham deixado seus passos”. (p. 30)

“Já se ouviam grazinar as maracanãs entre os leques sussurrantes da carnaúba e repercutirem os gritos compassados do cancã,...” (p. 48)

“...bengala de carnaúba, rematada em um castão de ouro lavrado,...” (p. 91)

Percebemos, pois, a presença constante e diversa da carnaúba, no cotidiano do homem e dos animais, favorecendo-os nas mais diversas situações.

Enfim, embora a carnaúba seja considerada uma planta típica do nordeste, podemos perceber pelo contexto da obra, que ela representa, por um lado, a força e a perseverança do homem brasileiro e, por outro lado, uma das espécies mais produtivas da flora brasileira, sendo utilizada para os mais diversos fins.

Vocábulo	OC	Definições
<b>15. Oiticica: s.f.</b> “Na frente elevava-se no terreiro, a algumas braças da estrada, a frondosa <oiticica>, donde viera o nome à fazenda”. (p. 24)	18	<b>AMS</b> – n/c <b>AGC</b> – subentrada em oiti sm. (p. 559) Oiticica sf. ‘planta da fam. das <i>rosáceas</i> ’. (p. 559)

#### NOTA:

A lexia *oiticica* foi, dentre outras, umas das unidades vocabulares mais utilizadas na obra. Ela aparece 126 vezes, sendo que, destas, 18 foram empregadas com referência à árvore,

porém, não apenas e simplesmente, como um termo da Botânica para designar e caracterizar uma espécie de árvore de madeira rija, mas também com contornos especiais.

Para Alencar, “oiticica” é a “árvore vivaz do sertão”, é aquela que, durante a seca ainda consegue dar sinais de vida. Na frente elevava-se no terreiro, a algumas braças da estrada, a frondosa oiticica, donde viera o nome à fazenda. É o “gigante da mata virgem”. É a árvore frondosa, exuberante, apreciada pela frescura de sua sombra que proporciona ao homem viajante o descanso: “No terreiro, à sombra da oiticica, ainda se achava o capitão-mor Campelo com seu tenente Agrela e o padre Teles, capelão da fazenda”. (p. 58); “Nesse momento chegavam os viajantes a uma pequena elevação, donde se avistava ao longe, sobre aquela mata adusta, a copa verde e frondosa de uma prócera oiticica”. (p. 14). E ainda: “Concluído o serviço, encaminhara-se para a casa e acabava de parar no terreiro, embaixo da oiticica”. (p. 26). As demais ocorrências foram empregadas como substantivo próprio para denominar a fazenda onde se desenrola boa parte da narrativa.

Consultando os dicionários de época, não encontramos tal vocábulo registrado em AMS e em AGC as informações registradas são insuficientes para a real compreensão do consulente. Os dicionários fornecem dados sobre a origem: registram o item lexical *oiti*, do tupi *üi'ti*, ‘planta da família das rosáceas, oitizeiro. Menciona o item *oiticica*, também como planta da família das rosáceas e procedente do tupi *üiti'sika* (<*i'sika üi'ti* ‘*oiti* + ‘resina’).

Já o DHPOT, deste mesmo autor, também registra o item lexical *oiticica*, como ‘planta da família das rosáceas’ e procedente do tupi < T. *üiti'sika* < *üi'ti* *oiti*’+ *i'sika* ‘resina’). Porém, enumera como formas variantes os itens: *oitisiqua*, *otisiqua*, *oiticiqua*, *utussica*, *oyticica*, *ohyticica*, *hoyticica*, *oitycica*, *oiticica*.

Assim, podemos observar que esse item lexical reúne vários registros até chegar à forma atual *oiticica*. Verificamos alterações fonéticas, pela supressão ou acréscimo de

fonemas, o que resultou no aportuguesamento do vocábulo, configurando-se como um brasileirismo geral de procedência Tupi *üiti'sika* < *üi'ti'oiti'* + *i'sika* 'resina'.

Sob a rubrica angiosperma, Houaiss, após descrever essa unidade vocabular, acrescenta ser ela nativa do Brasil (PI até BA). Apresenta como nomes populares os itens lexicais *oiti-bêbedo*, *oiti-cagão*, *oiticica-verdadeira*, *oiti-da-beira-do-rio*.

Menciona, também, que as sementes são ricas em óleo, próprio para tintas e vernizes. Informa como sinônimos as unidades *caraipé-verdadeiro* (*Licania sclerophylla*) e *guariúba* (*Clarisia racemosa*).

Quanto ao aspecto formal e etimológico, Houaiss registra: *oiti* + *-cica*; com formação histórica de 1574 *oitisiqua*, 1687 *oiticiquas*, 1711 *utissîca*, 1817 *oyticica*, 1817 *ohyticica*, 1817 *hoyticica*, 1875 *oiticica*. Sendo que *oiti* tem origem tupi, embora haja controvérsias; para AGC, como vimos, vem do tupi *gw'i'ti*, 'planta da família das rosáceas; oitizeiro'.

Silveira Bueno (1984), em seu *Vocabulário Tupi-guarani português*, tira do tupi *ui* 'farinha' + *ti* 'comprimida', formando massa'. Para Teodoro Sampaio, do tupi *ui-ti* 'massa apertada ou comprimida', alusão à polpa dessa fruta, que é uma massa granulosa, úmida e muito rija. Quanto ao registro histórico, temos 1711 *utím*, 1769 *oytís*, 1782 *oitî*.

Já Aurélio registra-a como brasileirismo da Botânica. Procede do tupi 'oiti resinoso'. É uma árvore da família das *rosáceas* (*Licania rigida*), que habita o Nordeste, e de cuja semente se tira óleo secativo muito útil.

Importa registrar, ainda, que, com relação à família, enquanto Aurélio a classifica como da família das *rosáceas*, Lorenzi e Houaiss a classificam como das *Chysobalanaceae*. Em Houaiss tal vocábulo tem grafia já aportuguesada, *crisobalanáceas*.

Buscando outras fontes, encontramos, na mesma fonte em que pesquisamos sobre o item carnaúba, já acima descrita, que a espécie vegetal *oiticica*, assim como a *carnaúba*, faz

parte da mata ciliar dos rios nordestinos. É considerada a guardiã dos rios, fixando o solo e evitando a erosão.

Lorenzi apresenta, para esta espécie, os seguintes nomes populares: *fruta-de-ema*, *oiti-do-sertão*, *angelim-branco*, *angelim-bravo*, *angelim-dos-morcegos*, *oiticica*, *uiti*. Pertence à espécie *Couepia grandiflora*, da família *Chrysobalanaceae*. Tem tronco tortuoso, atinge altura de 4 a 6 m. Ocorre no Piauí até Minas Gerais, São Paulo e Mato Grosso do Sul, nos cerrados e campos cerrados. Sua madeira é dura, de boa durabilidade mesmo quando exposta. É empregada para construção civil e naval, para obras expostas, como moirões, calhas para condução de água, obras hidráulicas e carpintaria em geral.

Finalmente, Lorenzi menciona que esta árvore é bastante ornamental, dada a forma retorcida que pode adquirir. Como planta adaptada à terrenos secos, é útil no plantio de áreas degradadas.

Importa ressaltar que, ao analisar a unidade lexical *oiticica*, podemos verificar que há entre os dicionários algumas divergências e incorreções quanto à categorização das plantas, o que nos revela uma certa fragilidade e despreparo dos dicionários de língua, quando vão tratar de vocábulos típicos de certas áreas do conhecimento.

Isso nos parece, de certa forma, incoerente e demonstra falta de formação lingüística dos dicionaristas, no caso, Houaiss e Aurélio, pois entendemos que por se tratar de termos próprios de uma área específica do conhecimento, seria função dos dicionários de língua de especialidade. Além do mais, as definições do dicionário Aurélio em relação aos termos técnico-científicos são criticáveis, pois são inadequadas para atender a um número maior de consulentes e não trazem nenhuma abonação para facilitar a compreensão do verbete pelo consulente.

Finalmente, considerando o acima exposto sobre essa unidade lexical, temos em *oiticica* mais um brasileirismo da categoria dos indigenismos, o que novamente pode ser

compreendido como uma das estratégias do escritor no processo de valorização da língua brasileira, enfim, no estabelecimento da nacionalidade de nossa literatura.

Vocábulo	OC	Definições
<b>16. Angico: s.m.</b> “Entre essas árvores a mais pujante era um <angico> secular, que lançava as grossas raízes a meio do precipício”. (p. 36)	09	<b>AMS</b> – n/c  <b>AGC</b> – angico sm. ‘planta da fam. das leguminosas, de madeira utilíssima’ 1871. De origem controvertida. (p. 48)

#### NOTA:

O vocábulo *angico* não é mencionado por AMS e para AGC trata-se de uma ‘planta da família das *leguminosas*, cuja madeira é muito útil. Registra datação de 1871. De origem controvertida. Tanto é que, esse mesmo autor, em seu DHPPOT, não dá entrada a esse item lexical.

Luis Caldas Tibiriçá, em seu **Dicionário tupi-português** (p. 59), menciona que essa unidade lexical seja, provavelmente, corruptela de *ajyca*; espécie de acácia do Brasil.

Conforme Houaiss, esse item vocabular tem origem obscura. Nei Lopes admite a possibilidade do quicongo *nsiki* 'nome da árvore *Morinda citrifolia*', já José Machado indaga se não seria do tupi. Sua formação histórica é de 1871. Houaiss a considera nativa do Brasil e mais especificamente do Rio de Janeiro. Ele a descreve como sendo da família das *leguminosas*, subfamília *mimosoídea*, espécie dos gêneros *Piptadenia*, *Parapiptadenia* e *Anadenanthera*. É árvore nativa da América tropical, a maioria do Brasil, frequentemente exploradas ou cultivadas pela boa madeira. Chega a atingir até 12 m (*Piptadenia paniculata*) e aponta como sinônimos: **angico-branco** (*Anadenanthera colubrina*), **angico-do-campo** (*Anadenanthera macrocarpa*) **paricá-de-curtume** (*Anadenanthera peregrina*) **angico-verdadeiro** (*Parapiptadenia rigida*), **avaremotemo** (*Pithecellobium cochliocarpum*), **baratinha** (*Cassia fastuosa*), **canafístula** (*Peltophorum dubium*).

Aurélio faz referência à unidade vocabular *angico* como árvore do gênero *Piptadenia*, da família das *leguminosas*, subfamília *mimosóidea*. Sua madeira tem larga utilização. Aurélio menciona vários tipos de angicos, a saber: angico-barbatimão, angico-branco, angico-amarelo, angico-cangalha, angico-cedro, *angico-de-banhado*, *angico-de-curtume*, *angico-de-minas*, *angico-de-montes*, *angico-do-campo*, *angico-rajado*, *angico-rosa*, *angico-roxo*, *angico-surucucu*, *angico-verdadeiro*, *angico-vermelho*, *angico*, *angico-vermelho-do-campo*.

Lorenzi (2002, p. 191-198) registra tal unidade vocabular como das espécies *Anadenanthera macrocarpa* e *Parapiptadenia rígida*, da família das *leguminosae-Mimosoideae*, sendo a primeira de ocorrência no Maranhão e nordeste do país até São Paulo, Minas Gerais e Mato Grosso do Sul. Já a segunda espécie ocorre mais em Minas Gerais, Mato Grosso do Sul, São Paulo até Rio Grande do Sul, porém muito mais freqüente nesses três estados sulinos. Possui madeira pesada, compacta, bastante dura e de grande durabilidade sob condições naturais. É, por isso, muito utilizada para obras hidráulicas e expostas, na construção civil e naval, carpintaria e marcenaria. A casca é rica em tanino. Possui características ornamentais que a recomendam para paisagismo em geral. É, também, ótima para reflorestamentos de áreas degradadas.

Pesquisando mais sobre essa unidade vocabular, encontramos no site do *Instituto de Pesquisas e Estudos Florestais*, a região, é conhecida IPEF, [www.ipef.br](http://www.ipef.br), a informação de que essa espécie ocorre em vários estados brasileiros, a saber: Minas Gerais, Mato Grosso do Sul, Paraná, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo. E, considerando por diversos nomes: *gurucaia*, *angelim amarelo*, *angico*, *angico amarelo*, *angico branco*, *angico cambi*, *angico cedro*, *angico curtume*, *angico fava*, *angico ferro*, *angico preto*, *angico rosa*, *angico roxo*, *angico sujo*, *angico verdadeiro*, *angico vermelho*, *angico da mata*, *angico de curtume*, *angico de banhado*, *angico de campo*, *angico do curtume*, *angico do mato*,

*angico dos montes, brincos de sauí, cambuí, corocaia, curupaí, frango assado, gorocaia, gorucaia, guaiçara, guarucaia, monjoleiro, picará.*

Como podemos perceber, pelas informações do *Instituto de Pesquisas Florestais*, IPEF, o angico não se constitui numa espécie típica do nordeste, ao contrário, pode ser encontrada, praticamente em todo o território nacional. Isso demonstra que Alencar, realmente, não buscava em sua obra, discutivelmente classificada como regionalista, retratar ou caracterizar apenas parte do país, o nordeste, mas o país em toda sua extensão. É interessante ressaltar que isso é o que constatamos, praticamente, em todos os itens vocabulares que compõem o item *A floresta, as árvores de que se utiliza madeira*.

Vocábulo	OC	Definições
<p><b>17. Jacarandá: s.f.</b>  <i>“Os arreios e a maca de pelego foram guardadas na bifurcação dos galhos do &lt;jacarandá&gt;, enquanto o viajante encostado ao tronco fazia uma tão rápida como sóbria refeição”.</i> (31)</p>	09	<p><b>AMS</b> – jacarandá, s.m. É madeira do Brasil. Rija e algum tanto aromática; a madeira é preta, talvez com suas veias arroixadas, ou branca; serve para fazer móveis de casa, grades; para cobrir madeira ordinária, fazendo-a laminas. (p. 185)</p> <p><b>AGC</b> – jacarandá sm. ‘nome comum a diversas plantas das famílias das leguminosas e das bignoniáceas que fornecem excelente madeira para móveis e outras obras finas de marcenaria’ c 1584. Do tupi <i>iakara’na</i>. (p. 451)</p>

#### NOTA:

Quanto ao item lexical *jacarandá*, AMS registra tal item como sendo uma madeira do Brasil e a descreve como rija e aromática; a madeira é preta ou branca. E, dada sua durabilidade e rigidez, é muito procurada para fazer móveis de casa, grades etc. (p. 185)

AGC registra sua origem no tupi *iakara’na* e a define como ‘nome comum a diversas plantas das famílias das *leguminosas* e das *bignoniáceas* que fornecem excelente madeira para móveis e outras obras finas de marcenaria’ c 1584.

Já para Aurélio, a lexia *jacarandá*, de étimo Tupi, é um brasileirismo da Botânica. Árvore da família das *leguminosas* (*Machaerium villosum*). É comum no Brasil, e fornece madeira de lei.

Houaiss, referindo-se a *jacarandá*, informa, também, ser essa uma árvore natural do Brasil, especialmente nos estados da Bahia, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro e São Paulo e ressalta a resistência da madeira e que, por isso, é usada em obras de marcenaria de luxo, como por exemplo, na fabricação de pianos.

Como sinônimos cita *jacarandá-cabiúna* (*Dalbergia violacea*), *jacarandá-do-pará* (*Dalbergia spruceana*), *cipó-violeta* (*Dalbergia variabilis*), *canela-do-brejo* (*Machaerium brasiliense*), *faveiro* (*Platypodium elegans*), *caroba-de-flor-verde* (*Cybistax antisiphilitica*).

Quanto á etimologia, informa ser do tupi *yakara'nda* 'nome comum a diversas plantas que fornecem excelente madeira para móveis e outras obras finas de marcenaria'.

Lorenzi (2001, p. 57) registra e descreve 4 espécies de jacarandá (*Família Bignoniaceae*):

- jacarandá *cuspidifolia* com ocorrência em Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, São Paulo até o Paraná. É uma árvore muito ornamental, principalmente quando em flor. Sua madeira tem pouca durabilidade quando em ambientes secos. Atinge a altura de 5 a 10 m. Nomes populares: *caroba*, *jacarandá-de-minas*, *jacarandá*, *caiuá*, *jacarandá-branco*, *caroba-branca*, *pau-de-colher*, *pau-santo*, *carobeira*, *jacarandá-preto*, *mulher-pobre*.

- jacarandá *macrantha* com ocorrência no Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais. Na região Sul do país ocorre a espécie *jacarandá micrantha*, de característica muito semelhante á essa espécie. Sua madeira é também de pouca durabilidade, mas é utilizada para obras internas em construção civil, como forros, divisórias, instrumentos musicais, cepas de tamancos, marcenaria e carpintaria em geral. Presta-se muito bem ao paisagismo e para arborização em geral, graças a sua forma colunar da copa e pelo exuberante florescimento. É

usada para recomposição de áreas degradadas de preservação permanente, devido ao seu rápido crescimento. Atinge altura de 8 a 12 m. Nomes populares: *caroba*, *carobão*.

- *jacarandá micrantha* ocorre de Minas Gerais ao Rio Grande do Sul. Atinge de 10 a 25 m. Madeira leve, de boa resistência mecânica, fácil de trabalhar, mas de baixa resistência em ambientes externos. A madeira é utilizada na marcenaria e carpintaria, para a confecção de forros, pasta celulósica e caixas para embalagens. A árvore é também muito decorativa.

- *jacarandá puberula* com ocorrência do Rio de Janeiro ao Rio Grande do Sul na mata pluvial atlântica. Sua madeira é moderadamente pesada, mole, de pouca resistência ao apodrecimento quando exposta à umidade externa. A madeira é empregada na construção civil em obras internas. Árvore bastante ornamental.

Encontramos, também, no site do **IPEF**, [www.ipef.br](http://www.ipef.br), que essa árvore ocorre apenas em alguns estados como Bahia, Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo. Conhecida popularmente pelos nomes de *jacarandá da Bahia*, *jacarandá preto*, *caviúna*, *jacarandá caviúna*, *cabiúna*, *cabiúna rajada*, *cabiúna do mato*, *jacarandá*, *jacarandá cabiúna*, *jacarandá una*, *pau preto*, *jacarandá rajado*, *camborá*, *camburana*, *graúna*, *caviúna roxa*, *jacarandazinho*, *brazilian rose wood*, *uraúna*, *imiraúna*.

Da mesma forma que o item lexical *angico*, o vocábulo *jacarandá* também ocorre em diversas regiões do país, evidenciando o interesse de Alencar pelo geral e não pelo regional. O que lhe importava era revelar aquilo que representasse as riquezas e as belezas do Brasil e de seu povo. E um dos caminhos para se chegar a esse propósito era, justamente, à moda romântica, revelar a nação brasileira pela natureza.

Vocábulo	OC	Definições
<b>18. Gameleira: s.f.</b> “ <i>Proferindo estas palavras o mancebo cingiu os rins do velho com os braços, e carregou-o aos ombros por um largo trato, até dentro da mata e o pousou em uma cepa de &lt;gameleira&gt;</i> ”. (p. 30)	08	AMS – n/c  AGC – subentrada em gamela (p.377) gameLEIRA/ -II- XVII. (p. 377)

## NOTA

Ainda neste campo lexical é necessário destacar o uso da lexia *gameleira*, um brasileirismo da Botânica, que Aurélio remete para *quaxinduba*, lexia também classificada como um brasileirismo da Botânica, de origem tupi, variante de *quaxinguba*, “árvore leitosa, da família das *moráceas* (*Ficus anthelmíntica*), comum nas matas úmidas. Produz um látex com propriedades vermicidas, por conter enzimas proteolíticas que atacam o revestimento mucoso protetor dos vermes. Menciona os sinônimos *quaxinguba*, *gameleira*, *figueira-brava*.

Houaiss, por sua vez, já a registra sob a rubrica angiosperma e a relaciona às plantas de diferentes gêneros, espécie *Dalbergia* e *Machaerium*, da família das leguminosas, subfamília papilionoídea, geralmente árvores de madeira nobre. É natural do Brasil. Sua madeira é muito usada para a confecção de gamelas e objetos domésticos. E cita como sinônimos acarandá-cabiúna (*Dalbergia violacea*), jacarandá-do-pará (*Dalbergia spruceana*), cipó-violeta (*Dalbergia variabilis*), canela-do-brejo (*Machaerium brasiliense*), faveiro (*Platypodium elegans*), caroba-de-flor-verde (*Cybistax antisyphilitica*). Quanto à etimologia, o dicionário registra que vem do tupi *yakara'nda* 'nome comum a diversas plantas que fornecem excelente madeira para móveis e outras obras finas de marcenaria'.

Já os dicionários de época não registram essa unidade vocabular. Apenas AGC (p. 377) a menciona como subentrada no verbete *gamela* e com uma definição nada esclarecedora: gameLEIRA/ -II- XVII.

Não encontramos em Lorenzi o item vocabular *gameleira*. Buscando mais informações sobre o item vocabular *gameleira*, encontramos no próprio Lorenzi, uma espécie denominada *Ficus insípida* da família *Moraceae*, cujos nomes populares são: *Sobrasil*, *Canafístula e farinha seca*. Atinge de 10 a 20 m. É também chamada de figueira-branca branca (Sul), *guapoí, ibapoí, figueira-brava, gameleira-branca-de-purga*.

Fato interessante é que, pesquisando mais sobre essa árvore em alguns sites que falam sobre árvores, que a *gameleira* é uma árvore muito estimada pelas comunidades rurais. Ocorre no centro e no sul do País. No norte é algumas vezes confundida com a *caxinguba*. O fruto é um figo de um e meio centímetros de comprimento. Não presta para comer. A madeira é branco-amarelada, porosa. Utiliza-se para forros, caixoteria, gamelas, etc. Fazendo-se incisões no tronco, sai uma seiva leitosa. É também chamada de figueira.

Tem uso medicinal. Emprega-se internamente para expulsar lombrigas e combater a hidropisia. Externamente se aplica o leite sobre os cravos das boubas para curá-las.

Em *gameleira* temos mais um item lexical representando a diversidade das espécies, o valor medicinal das plantas brasileiras, com seus mais diversos usos na cura das doenças.

Vocábulo	OC	Definições
<b>19. Palmeira: s.f.</b> “Saltando na ilha que formava uma das touceiras, o Fragoso, apanhou os talos da <palmeira> e com eles esbordoou o animal”. (p. 125)	07	<b>AMS</b> – Palmeira, s.f. Arvore vulgar, cujos ramos são as palmas. (p. 387) <b>AGC</b> – subentrada em palma (p. 574) Palmeira / <i>palmeyra</i> XIII / (p. 574)

#### NOTA:

A unidade vocabular *palmeira* é apresentada pelos dicionários de época de maneira bastante suscinta. AMS é pouco esclarecedor em sua definição e AGC registra *palmeIRA* / *palmeyra*, subentrada no verbete *palma* (folha da palmeira) XIII.

Registrada por Houaiss sob a rubrica angiosperma, o item vocabular *palmeira*, refere-se às plantas da família das palmas, mais especificamente às de porte arbóreo. Sua etimologia se dá pela junção de uma base substantiva (*palma*) + sufixo nominal *-eira*; *palm(i)-* do latim *palma,ae* 'palma da mão; tronco da palmeira. Sua formação histórica é do século XIII *palmeyra*, sXIV *palmeira*, sXV *polmeira*.

Já em Aurélio, aparece como pertencente à Botânica e na acepção “denominação comum a todas as plantas pertencentes à família das *palmáceas*; espique”. Sobre “*espique*” ele informa ser termo da Botânica para designar o caule das palmeiras.

Lorenzi (2001, p. 290), ao tratar dessa unidade vocabular, registra dezoito espécies diferentes de palmeira, sendo que há variações quanto a algumas características morfológicas tais como, altura, formato das folhas, frutos e tronco. Segundo esse pesquisador, há diferenças quanto à zona de ocorrência. Algumas espécies ocorrem na região Amazônica, outras do Pará até São Paulo, Rio de Janeiro e Mato Grosso do Sul. Outras do Rio de Janeiro até Santa Catarina. Ocorrem, ainda, no Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, nos campos do planalto desses estados.

A espécie *Cocos nucifera*, popularmente chamada de coco-da-bahia, tem origem discutível, já que não ocorre somente no Brasil, mas temos, segundo Lorenzi, razões para crer que é também nativa da costa do Brasil, desde o Pará até São Paulo e, principalmente do Rio Grande do Norte até a Bahia. Sua madeira, embora mole e de pouca resistência ao apodrecimento, é utilizada em construções rústicas. Suas folhas são empregadas para cobertura de pequenas construções rurais.. Os frutos são comestíveis. A árvore é bastante ornamental e é também uma espécie importante para a recomposição de áreas degradadas de preservação permanente.

Vimos, pois, que, embora normalmente tendamos a associar a palmeira à região nordeste, com suas praias repletas de palmeiras, essa planta é comum em várias regiões do

Brasil. É, pois, um vocábulo de uso comum em todo o país, configurando-se, lingüisticamente como um brasileirismo oriundo do latim.

Vocábulo	OC	Definições
<p><b>20. Tingui: s.m.</b>  <i>“Onofre e seus companheiros já tinham tornado a si do torpor, que produzira a infusão do &lt;tingu&gt;i; mas estavam bambos,...”</i>. (p. 144)</p>	05	<p><b>AMS</b> – tinguí, s.m. cipó que se malha nos rios e é venenoso para os peixes, que faz ir cair nos curraes, e tapagens. Erva que mata gado vacum no Brasil. (p. 776)</p> <p><b>AGC</b> – tingui sm. ‘planta da fam. Das leguminosas, cuja seiva é tóxica para peixes e, por isso, usada em pescarias’ ‘timbó’ 1585. Do tupi <i>ti’nuï</i>. (p. 770)</p>

#### NOTA:

A lexia *tingui* aparece como caso curioso. Os dicionários de época se limitam a ressaltar a característica tóxica da planta. E apenas AGC registra a família a que pertence tal espécie e dá o seu étimo.

Houaiss registra o item lexical *tingui* sob a rubrica angiospermas, designando diferentes plantas usadas para tinguujar. Ele registra, ainda, que tal lexia regionalizou-se no Ceará sob o nome de *timbó-de-caiena*, rubrica angiospermas, arbusto (*Tephrosia toxicaria*) da família das *leguminosas*, subfamília *papilionoídea*.

É nativo da Amazônia e produz vagem curva com sementes venenosas, usadas para tinguujar. É conhecida, também, como *anil-bravo*, *arnica-brava*, *tingui*, *tingui-de-caiena*. Quanto á etimologia afirma ser do tupi *ti’nguï* 'planta leguminosa, cuja seiva tóxica é usada para envenenar peixes'. Sua formação histórica e de 1663 *tinguy*.

Já para Aurélio, a lexia *tingui*, subentrada em *tinguijada*, pescaria em que se emprega o *tingui*, numa primeira acepção, é, estranhamente, um brasileirismo da Zoologia, significando “Arvoreta vulgar nos cerrados (*Magonia pubescens*), caracterizada pelas grandes cápsulas lenhosas e triangulares, e cujas sementes, aladas e amplas, contêm óleo. E é, em

outra acepção, um brasileirismo da Botânica, que ele remete para *cipó-de-timbó*, plantas basicamente leguminosas e sapindáceas, que induzem efeitos narcóticos em peixes e, por isso, são usadas, sobretudo no Norte, para pescar.

Notamos mais uma vez o registro de uma informação muito criticável, tanto do ponto de vista lingüístico, quanto do ponto de vista científico, pois sabemos que a zoologia é o ramo da biologia que estuda os animais e não as plantas.

Conforme já mencionamos anteriormente, Aurélio incorre em sérios equívocos quanto às classificações e definições dos termos científicos e técnicos, além de não apresentar abonação ou exemplo que facilitasse a compreensão do termo em análise.

Lorenzi, por sua vez, registra-a como da espécie *Magonia pubescens*, da família *Sapindaceae*. Nomes populares: *tingui*, *tingui-do-cerrado*, *cuité*, *tingui-capeta*, *timbopeba*, *tingui-de-cola*, etc. Atinge de 5 a 9 metros de altura. Sua madeira é dura, moderadamente pesada. É empregada na construção civil e para lenha e carvão.

A infusão da casca da raiz é empregada para tinguir os peixes das lagoas para serem facilmente capturados. As sementes são usadas na indústria caseira para compor arranjos florais secos. É uma árvore muito ornamental, pois sua folhagem tem aspecto rendilhado, sendo, por isso, empregada na arborização de ruas, praças e jardins. Possui como característica importante o fato de, por ser pioneira em termos de adaptação a terrenos fracos, é indicada para plantio de áreas degradadas da preservação permanente.

Quanto à ocorrência, Lorenzi (2001), a registra como do Ceará até Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso do Sul e Mato Grosso, no cerrado.

Embora todos os dicionários sejam coincidentes quanto à definição, verificamos alguns desencontros quanto à classificação da espécie e família e das regiões de ocorrência. O fato é que essa unidade vocabular configura-se como um brasileirismo geral, representado por diferentes vocábulos, considerando a região em que é empregada, revelando a diversidade de

usos desse vocábulo, em virtude da grande extensão territorial do país, com toda a sua diversidade cultural e lingüística.

Vocábulo	OC	Definições
<p><b>21. Braúna: s.f.</b>  <i>“todos ocupados em despachar os largos tassalhos de carne, os quais iam cortando à vontade da carcaça de uma vitela, ainda enfiada na estaca de &lt;braúna&gt; que lhe servia de enorme espeto,...”</i> (p.</p>	02	<p><b>AMS</b> – n/c</p> <p><b>AGC</b> – braúna sf. ‘árvore da fam. Das leguminosas, cuja madeira é utilizada em construção’ / <i>braúna</i> 1765, <i>brahúna</i> 1817 etc. / Do tupi <i>imira’uma</i> &lt; <i>imi’ra</i> ‘madeira, árvore’ + ‘uma’ ‘preto, negro’. (p. 122)</p>

**NOTA:**

Quanto á lexia *braúna*, é interessante ressaltarmos que essa lexia apresenta, no dicionário, grafia diferente da usada pelo autor na obra em análise.

Aurélio a registra como *baraúna*, cuja origem está no tupi = 'madeira preta'. Aponta *braúna* como uma variante de *baraúna* e classifica-a como um brasileirismo do Leste ao Sul e a descreve como “árvore da família das *leguminosas* (*Melanoxylon braunia*), que vive em floresta pluvial”. A madeira quase negra, extremamente dura, é usada em obras externas e hidráulicas. Recebeu nome popular de *Maria-preta*. Numa segunda acepção, Aurélio já a registra como brasileirismo do nordeste “árvore da família das *anacardiáceas* (*Schinopsis brasiliensis*), muito comum na caatinga, onde atinge até 12m de altura. A madeira, duríssima, serve para dormentes.

Houaiss, por sua vez, a registra sob a rubrica angiospermas como árvore de até 17 m (*Melanoxylon brauna*) da família das *leguminosas*, subfamília *cesalpinioídea*, nativa do Brasil, especialmente nos Estados do Nordeste, Sergipe, Paraná e Santa Catarina. Possui uma das mais duras e incorruptíveis madeiras-de-lei brasileiras. Tem larga utilização, seja na construção, na indústria ou na medicina. Sua casca é usada em curtume, para extração de tintura negra. Conhecida popularmente pelos nomes: *árvore-da-chuva*, *braúna-preta*, *canela*,

*canela-amarela, coração-de-negro, maria-preta, maria-preta-da-mata, maria-preta-do-campo, muiraúna, paravaúna, parovaúna, perovaúna, rabo-de-macaco.*

Há ainda a espécie (*Schinopsis brasiliensis*) da família das *anacardiáceas*, nativa do Brasil, principalmente nos Estados do nordeste, centro-oeste e Minas Gerais. Conhecida por *braúna-do-sertão, braúna-parda, coração-de-negro, ipê-tarumã, maria-preta-da-mata, maria-preta-do-campo, parova-preta, pau-preto, pau-preto-do-sertão, paravaúna, parovaúna, perovaúna, quebracho, quebracho-colorado, quebracho-vermelho, ubirarana.*

Lorenzi (2001, p. 174) classifica-a como árvore da espécie *Melanoxylon brauna*, família das *leguminosae-Caesalpinoideae*. Nomes populares: *braúna-preta, baraúna, grúna (RJ), maria-preta, ibiraúva, árvore-da-chuva, garaúna, guiraúna, muiraúna, ibirá-uma, rabo-de-macaco etc.*

Ocorre no Sul da Bahia até São Paulo e Minas Gerais. Sua madeira é pesada, compacta e muito dura ao corte, por isso é própria para obras externas e hidráulicas, para construção civil, para confecção de peças torneadas, esquadrias, instrumentos musicais, cabos de ferramenta etc. A árvore possui características ornamentais que a recomendam para o paisagismo em geral.

Quanto à etimologia, conforme Houaiss, temos uma lexia de étimo tupi *imbira'una* composto de *imbi'ra* 'madeira' + *'una* 'negro'; variando, às vezes com perda da vogal inicial, às vezes, com alteração *-mb-* > *-b-*, às vezes síncope do *-i-* medial > *-b(i)r-* ou do *-a-* > *-br(a)u-* etc.; Sua formação histórica é de 1765 *braúna*, 1817 *brahúna*. Como sinônimos Houaiss aponta os itens *baraúna, baraúva, beraúna, garaúna, garaúva, graúna, guarauúna, guiraúna, ibiraúna, ibiraúva.*

Assim, *braúna* é um exemplo de mais um brasileirismo geral, que se enquadra na categoria dos indigenismos.

Vocábulo	OC	Definições
<p><b>22. Cedro: s.m.</b>  “... D. Genoveva, esta não careceu para preparar o traje de noiva da filha senão de abrir o baú de &lt;cedro&gt; forrado de primavera, onde guardava as ricas louçanias de suas bodas”. (p. 198)</p>	02	<p><b>AMS</b> – cedro, s.m. Arvore alta, piramidal, tem a casca lisa, folhas pequenas distribuídas em ramalhetes ao longo dos ramos, flores lanuginosasa; dá fruto como maçã de pinheiro: madeira é rija, incorruptível, aromática. (p. 369)</p> <p><b>AGC</b> – cedro sm. ‘árvore de grande porte, sem ramificação, da fam. Das melineáceas, que fornece madeira própria para mercenária, escultura etc.’ XIV. Do lat. <i>cedrus</i> --i, deriv. Do gr. <i>Kédros</i>.(p. 169)</p>

**NOTA:**

Destacamos, ainda, o item lexical *cedro*. Segundo Aurélio tem sua origem no grego *kédros*, pelo latim *cedru*. Sob a rubrica da Botânica, descreve-a como uma árvore de grande porte, sem ramificação, da família das meliáceas (*Cedrela fissilis*), dotada de casca grossa, considerada medicinal. Fornece madeira própria para marcenaria, escultura, certas embarcações pequenas etc.

Houaiss, sob a rubrica gimnospermas, afirma ser essa árvore do gênero *Cedrus*, da família das *pináceas*, que reúne quatro subespécies., nativas de regiões montanhosas do Norte da África à Ásia, cultivadas como ornamentais e pelas madeiras de qualidade. Etimologicamente, é uma lexia proveniente do latim científico gênero *Cedrus* (1737), calcado no latim *cèdrus, i* 'cedro (árvore), resina de cedro', do grego *kédros*; de *cedr-*, um antepositivo do grego *kédros, ou* 'cedro; zimbro, junípero', pelo latim *cedrus, i* 'cedro'; ocorre em *cedro* (século XIV) e em vários derivados, quase todos da terminologia botânica: *cedral, cedrão, cedreira, cedreirense, cedreiro, cedrela, cedrelácea, cedreláceo, cedrélea, cedréleo*. Sua formação histórica é do século XV, *çedro*. Houaiss registra, ainda, vários tipos de cedro: *cedro-amarelo, cedro-bastardo, cedro-batata, cedro-branco, cedro-canjerana, cedro-cheiroso, cedro-da-várzea, cedro-fêmea, cedro-faia*, dentre outros.

Para Lorenzi (2002, p. 257), essa é uma árvore da espécie *Cedrela fissilis*, família das *Meliaceae*. Nomes populares *cedro, cedro-rosa, cedro-branco, cedro-vermelho, cedro-da-*

*várzea*, etc. Atinge altura de 20-35 m. Para esse estudioso, essa é espécie que corre no Rio Grande do Sul até Minas Gerais. Ocorre, porém, em menor intensidade em todo o país. A madeira é largamente empregada na marcenaria, na construção civil, naval e aeronáutica. É também empregada no paisagismo e na composição de reflorestamentos de áreas degradadas.

O IPEF, Instituto de pesquisa e estudos florestais, registra que o cedro é uma espécie rara, que ocorre em diversas formações florestais brasileiras e praticamente em toda América tropical.

Cita diversos nomes populares para essa espécie, quais sejam: *acaiacá*, *acaiacatinga*, *acajá-catinga*, *acajatinga*, *acaju*, *acaju-caatinga*, *capiúva*, *cedrinho*, *cedro-amarelo*, *cedro-batata*, *cedro-branco*, *cedro-fofo*, *cedro-rosado*, *cedro-de-carangola*, *cedro-do-rio*, *cedro-cetim*, *cedro-diamantina*, *cedro-rosa*, *cedro-roxo*, *cedro-verdadeiro*, *cedro-vermelho*, *cedro-da-bahia*, *cedro-da-várzea*, *cedro-do-campao*, *iacaiacá*.

Esta é mais uma espécie que ocorre em várias regiões do país, evidenciando mais uma vez a riqueza e variedade de espécies encontradas em todo o território brasileiro, revelando pela natureza, as riquezas, as potencialidades e a força da nação brasileira.

Vocábulo	OC	Definições
<b>23. Crauatás: s.m.</b> “... a fúria do moço capitão voltou-se contra as plantas, e ele continuou a fustigar os cardos, os <crauatás> e os troncos da carnaúba”. (p. 125)	02	AMS – n/c AGC – n/c

#### NOTA:

Essa unidade não aparece registrada nos dicionários de época.

No Dicionário Aurélio, o item *crauatás*, é um brasileirismo da Botânica, que Aurélio remete para *caraguatá*. Essa lexia, ele a descreve como de origem tupi '*croá duro*': designação comum a vários gêneros da família das *bromeliáceas*, dos quais há espécies

ornamentais, que são epífitas e terrestres. Aponta, ainda, as variantes *caruatá*, *caruatá-de-pau*, *coroá*, *coroá-verdadeiro*, *craguatá*, *crauaçu*, *crauatá*, *curuatá*, *curuatá-de-pau*, *gravatá*.

Houaiss registra essa lexia sob a rubrica angiospermas e remete para *gravatá* (designação comum). Ele menciona a formação histórica de 1781 *crabatá*, 1817 *acroatá*, 1875 *crauatás*. Aponta como sinônimos os itens *caroá* (*Neoglaziovia variegata*) e *croata* (*Quesnelia liboniana*)

Em *gravatá* encontramos, sob a rubrica angiospermas, a descrição desta lexia como designação comum às plantas pertencentes a vários gêneros da família das *bromeliáceas*, epífitas e terrestres, bastante cultivadas como ornamentais. Houaiss apresenta as seguintes formas variantes: *caraguatá*, *caravatá*, *caroá*, *caroatá*, *caruatá*, *caruatá-de-pau*, *coroá*, *coroatá*, *coroá-verdadeiro*, *craguatá*, *crauaçu*, *crauatá*, *crautá*, *cravatá*, *croá*, *curauá*, *curuá*, *curuatá*, *erva-do-gentio*, *erva-piteira*, *gragoatá*. No Pará se regionalizou através da lexia *ananaí* (*Ananas parguazensis*).

No que concerne à etimologia, a unidade vocabular *gravatá* tem procedência Tupi *karagwa'ta* (na acepção angiosperma), designando as diversas plantas da família das bromeliáceas. Cita, ainda, as variantes *caraguatá*, *caroatá*, *coroatá*, *craguatá*, *crauatá*, *curuatá* e menciona sua formação histórica de 1618 *garuatas*, 1782 *gravatá*.

*Crauatá* é mais um vocábulo que compõe o rol de palavras oriundas do tupi, utilizadas na obra em análise, numa clara demonstração do autor em resgatar as raízes por meio da língua daqueles que representam o passado do Brasil: os índios.

Vocábulo	OC	Definições
<p><b>24. Aroeira: s.f.</b>  “Seus olhos límpidos passavam por entre a folhagem rendilhada de uma &lt;aroeira&gt; e iam imergir-se no azul do céu, ...” (p. 149)</p>	02	<p><b>AMS</b> – Aroeira, s.f. V. Lentisco. Aroeira, no Brasil, arbusto de folhas aromáticas, que dá umas camarinhas vermelhas. Uma árvore, que dá madeira para obras, cujo miollo é mui rijo, e atura muito em esteyos enterrados no chão. (p. 182)</p> <p><b>AGC</b> – aroeira sf. ‘planta ornamental da fam. das anacardiáceas’ / Do ar. Darú ‘lentisco’ + -EIRA; na forma atual houve aférese do da-, confundido com a preposição: daaroeira → da aroeira. (p. 68)</p>

**NOTA:**

Para AGC, *aroeira* é uma planta ornamental da família das *anacardiáceas*. É uma lexia de origem árabe e sofreu modificações em sua forma original, resultando na forma atual *aroeira*.

AMS remete para *lentisco* e ressalta que aroeira, no Brasil, é um arbusto de folhas aromáticas, que produz camarinhas vermelhas e possui madeira bastante resistente.

O item *aroeira*, aparece registrado no Aurélio sob a rubrica Botânica, e como procedente do árabe *daru*, 'lentisco', + *-eira*, com aférese do *d* (que se teria confundido com o da preposição *da*). Quanto à acepção, Aurélio a registra como “arvore ornamental, da família das *anacardiáceas* (*Schinus molle*), de madeira útil, cuja casca possui várias propriedades medicinais e cujos frutos produzem uma tinta rosa. Aponta, ainda, os sinônimos *abaraíba*, *aguaraibá-guaçu*, *aroeira-do-amazonas*, *aroeira-folha-de-salso*, *corneíba*, *pimenteira-do-peru*.

Para Lorenzi (2001, p. 21), o item *aroeira* pertence à espécie *Myracrodruon urundeuva*, da família das *Anacardiaceae*. Nomes populares: *urundeúva*, *aroeira*, *aroeira-do-sertão* (CE), *aroeira-do-campo*, *aroeira-da-serra*, *urindeúva*, *arindeúva*, *aroeira-preta*.

Atinge uma altura de 6 a 14 metros no cerrado e na caatinga e, até 20-25 m em solos mais férteis.

Ocorre desde o Ceará (caatinga) até o estado do Paraná e Mato Grosso do Sul. É mais freqüente no nordeste do país, oeste dos estados da Bahia, MG, SP e sul dos estados de MS, MT e GO. Sua madeira é de grande resistência e praticamente imputrecível. É, pois, excelente para obras externas. É uma árvore que chama a atenção pela beleza de sua copa aproximadamente piramidal. É indicada para arborização em geral.

Já, segundo informações do IPEF, esta planta pode ser encontrada nos Estados de Alagoas, Bahia, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Minas Gerais, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Sergipe, São Paulo, Tocantins. Pode ser usada na construção, produção de carvão e tem uso medicinal. Conhecida popularmente por: *aroeira, almecega, arendeúva, arendiuva, arendeúva, aroeira legítima, aroeira preta, aroeira vermelha, aroeira água, aroeira da serra, aroeira de mato grosso, aroeira do campo, aroeira do ceará, aroeira do cerrado, aroeira do sertão, arúva, árvore de arara, chibatam, gibão, gibatão, itapicurus, orindeúva, orindiuva, pandeiro, ubatan, ubatani, urindeúva, urindiúba, uriunduba, urunday, urundeúva.*

Assim, esse item lexical é mais um exemplo de brasileirismo geral. Trata-se, pois, de mais um exemplo de uma formação brasileira de base Tupi. E, como podemos perceber, representa mais uma das inúmeras espécies que compõem a nossa flora, representando, ao lado das demais espécies que constituem este campo léxico, a resistência e a força da natureza, da terra chamada Brasil.

Vocábulo	OC	Definições
<p><b>25. Angelim: s.m.</b>  “— <i>Eu era como esse &lt;angelim&gt;, que nasceu no outro inverno. Quando ele crescia e copava, não sabia que a seca havia de chegar e despí-lo das folhas, matando-lhe a raiz</i>”. (p. 77)</p>	01	<p><b>AMS</b> – angelim, s.m. Árvore do Brasil, e da Ásia, de madeira mui rija. (p. 134)</p> <p><b>AGC</b> – angelim sm. ‘nome comum a uma planta da fam. das artocarpáceas, da Índia, e a várias plantas da fam. Das legunminosas, do Brasil’ / 1813, am- XVI/ Do tâmul <i>añjili</i>. (p. 48)</p>

**NOTA:**

O item lexical *angelim*, segundo Aurélio, tem origem no tâmil *anjili-maran*, *anjali-maran*. Ele o classifica como um termo da Botânica e remete para *andira* (2) que, por sua vez, é descrita como pertencente ao gênero de plantas da família das *leguminosas*, subfamília *papilionácea*. É qualquer espécie desse gênero, como, por exemplo, a *Andira cuyabensis*, conhecida vulgarmente como *angelim*, cuja madeira é usada em obras externas, carpintaria etc. Esse item lexical constitui, segundo Aurélio, um brasileirismo geral e apresenta outras formas pelas quais pode ser identificado: *angelim-amarelo*, *angelim-amargoso*, *angelim-coco*, *angelim-de-espinho*, *angeli-doce*, *angelim-do-pará*, *angelim-pedra*, *angelim-rosa*, *angelim-rajado*, dentre outros.

Já Houaiss classifica o item vocabular *angelim*, sob a rubrica angiosperma, como designação comum a várias árvores da família das leguminosas, espécie dos gêneros *Andira* e *Hymenolobium*. É uma árvore (*Andira paniculata*) nativa do Brasil. Ocorre do Ceará a Minas Gerais e São Paulo. Aponta como sinônimos *Bracuí* (*Andira anthelmia*), *morcegueira* (*Andira retusa*), *faveira* (*Dinizia excelsa*), *pau-de-chapada* (*Luetzelburgia auriculata*). E quanto à etimologia, registra sua origem no tâmil *añjili*; e sua formação histórica é de 1514 *amgelim*, 1548 *amgelyns*, 1548 *amjelyns*.

Lorenzi registra sua ocorrência na região Amazônica, principalmente nos estados do Acre, Rondônia, Amazonas, Pará e Roraima. Tem madeira muito pesada, dura ao corte e alta *resistência* ao ataque de organismos xilófagos. E é, por isso, própria para usos externos, como postes, moirões, pontes, esteios, dormentes, para a construção civil, como caibros, vigas, ripas, tacos, e construção naval. É considerada uma das maiores árvores da floresta amazônica. Atinge de 50 a 60 metros de altura também uma árvore majestosa, decorativa, podendo ser empregada para arborização de praças e jardins.

O IPEF registra tal espécie como da família Fabaceae, nome científico *Amburana claudii* (Fr. All.) A. C. Smith. Afirma, ainda, que a distribuição geográfica dessa espécie é, também, bastante ampla; ocorre nos estados de Alagoas, Bahia, Ceará, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Sergipe, São Paulo e Tocantins.

Assim, considerando as várias regiões em que pode ser encontrada, apresenta, igualmente, vários nomes populares: *ambaúrana*, *amburana*, *amburana de cheiro*, *angelim*, *baru*, *cabocla*, *cerejeira rajada*, *cumaré*, *cumaru*, *cumaru de cheiro*, *cumaru do ceará*, *cumbaru das caatingas*, *emburana*, *emburana de cheiro*, *imburana*, *imburana brava*, *imburana cheirosa*, *imburana de cheiro*, *louro ingá*, *umburana*, *umburana lisa*, *umburana macho*, *umburana vermelha*, *umburana de cheiro*.

Configura-se, pois, como um brasileirismo geral que se formou de uma base estrangeira e que se regionalizou, adotando diferentes significantes.

Vocábulo	OC	Definições
<b>26. Cauaçu: s.m.</b> “... <i>padre Teles, um tanto emancipado com a ausência do capitão-mor, acompanhando-as nesse folguedo, empunhava um ramo de &lt;cauaçu&gt; que ele quebrara para fazer as vezes de aguilhada.</i> (p. 115)	01	<b>AMS</b> – n/c  <b>AGC</b> – cauaçu sm. ‘nome de várias plantas das famílias das quenopodiáceas, poligonáceas e rubiáceas’. Do tupi <i>Kaua’su</i> . (p. 166)

#### NOTA:

Para AGC, a unidade vocabular *cauaçu* é uma variante da lexia de étimo Tupi *Kaua’su*, configurando-se, assim, como um brasileirismo pertencente à categoria dos indigenismos. Aponta como variantes dessa unidade as lexias *cauassuí*, *caoassú*.

Aurélio considera a unidade vocabular *cauaçu*, como brasileirismo geral da Botânica e de procedência Tupi. Ele a define como “planta arbustiva, da família das *marantáceas*

(*Calathea lutea*), de caule herbáceo, grandes flores amarelo-enzofre, e fruto capsular, com uma semente. Aponta como sinônimo item *ariá*, também um brasileirismo da Botânica e de origem Tupi.

Já Houaiss, sob a rubrica angiospermas, descreve-a como uma erva de até 3 m do gênero das (*Calathea lutea*), da família das *marantáceas*, e é nativa da Amazônia. Mas pode ser encontrado também em Minas Gerais, Rio de Janeiro a Santa Catarina. Tem origem no tupi *kawa'su* 'nome comum a diversas plantas das famílias das quenopodiáceas, poligonáceas e rubiáceas'. Sua formação histórica é de 1833 *cauassú*, 1875 *caoassú*.

Não encontramos o registro dessa lexia no livro de Harri Lorenzi sobre as plantas brasileiras e, nem tampouco, no IPEF.

Vale registrar que, no Estado do Amazonas, esta planta se regionalizou pelo nome popular *charuto*, e é muito utilizada na produção de artesanato.

Vocábulo	OC	Definições
<b>27. Espinheiro: s.m.</b> “O pincel do mais fino colorista não imitaria a gradação daquela admirável palheta desde o verde negro do jacarandá até o verde gaio do <espinheiro>”. (p. 151)	01	<b>AMS</b> – Espinheiro, s. m. Planta que dá espinhos. (dumus). Espindeiro alvar: espécie de cardo. (p. 761) <b>AGC</b> – n/c

#### NOTA:

Para Aurélio, trata-se de um brasileirismo da Amazônia e é de domínio da Botânica. É um arbusto da família das *rutáceas* (*Fagara pterota*), de casca fina, com saliências corticentas, flores verde-amareladas, pequenas, dispostas em espigas axilares, e de fruto e folhas considerados condimentícios. Quanto ao aspecto formal constitui-se da junção de um sufixo nominal *-EIRO* a um substantivo *espinho*.

Já para Houaiss, está classificada na rubrica angiospermas e trata-se de um “arbusto ou árvore pequena (*Zanthoxylum pterota*), da família das *rutáceas*, de casca fina, cinzenta, ramos

com espinhos recurvados, folhas imparipenadas, e pequenas flores verde-amareladas, em espigas axilares”. Conhecida popularmente por arranha-gato. É nativa das Guianas e Amazônia. Houaiss informa, ainda, que a casca, frutos e folhas têm uso medicinal e como condimento. Aponta os sinônimos *jurema-preta* (*Mimosa hostilis*) e *silva* ('designação comum'). Formalmente está composta pela base *espinho* + f. *-eiro*. Sua formação histórica é de 1086 *spineiro*, século XIV *espinheyro*, século XV *espinheiro*, SéculoXV *spinheiro* e séculoXV *slynheiro*.

Dados do IPEF revelam que essa espécie é encontrada em praticamente todos os estados brasileiros: Acre, Alagoas, Amazônia, Bahia, Ceará, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Minas Gerais, Mato Grosso, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Paraná, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte e Rio Grande do Sul. Isso nos possibilita propor que tal lexia representa mais uma das inúmeras espécies que habitam as florestas de todo o Brasil, representando as riquezas de nossa flora.

Sobre a espécie *Moraceae*, nome científico *Chlorophora tinctoria* (L.) Gaud., temos a informação de que ela é conhecida pelos vários nomes populares: *amarelinho*, *amora*, *amora branca*, *amora de espinho*, *amora do mato*, *amoreira*, *amoreira amarela*, *amoreira branca*, *amoreira brava*, *amoreira de espinho*, *amoreira do campo*, *amoreira do mato*, *espinheiro branco*, *espinheiro bravo*, *itajubá*, *jataíba*, *jataúba*, *limãorana*, *limãorana amarelo*, *limorana*, *mora*, *mora de espinho*, *moratana*, *moreira*, *moreira branca*, *pau amaralo*, *pau brasil*, *pau de cores*, *pau de fogo*, *runa*, *taúba*, *taiúva*, *taiúva vermelha*, *tajaúba*, *tajiba*, *tajuba*, *tajuba de espinho*, *tajuva*, *tajuvão*, *tataíba*, *tataiúva*, *tatajiba*, *tatajuba*, *tatajuba de espinho*, *tatajuva*, *tatané*, *tatarema*, *taúba*.

Vocábulo	OC	Definições
<b>28. Janaguba: s.f.</b> “... então não sei o que se passou cá em mim, que tirei leite da <janaguba>, curei a ferida e fui buscar água na cacimba para dar-lhe a beber e aos cachorrinhos”. (p. 61)	01	AMS – n/c  AGC – n/c

**NOTA:**

Os dicionários de época não registram a unidade vocabular *janaguba*. Houaiss registra essa lexia sob a rubrica angiosperma, como regionalismo do Brasil e dá como sinônimo *janaúba*, um arbusto (*Plumeria bracteata*) da família dasapocináce-as, nativo do Brasil (BA). Conhecida também por *angélica-da-mata*, *banana-de papagaio*.

Segundo Teodoro Sampaio, tem étimo tupi *yandí-yba* 'a árvore ou pau de óleo'.

AGC, em seu DHPPO, registra *ñã'ndi* 'óleo, azeite'. Vale registrar que *-uba* é um elemento de composição, um pospositivo do tupi 'iwa 'planta'; pode ocorrer alteração da vogal tônica fechada central *-i-* para *-i-*, *-u-* ou *-a-*.

O dicionário Aurélio registra *janaúba* como brasileirismo da Botânica e descreve-a como arbusto da família das *apocináceas* (*Himatanthus drastica*), dotado de látex em todas as suas partes. Possui fruto capsular, cuja casca venenosa é tida por febrífuga. Ocorre do Pará a Minas Gerais.

Não há em Lorenzi registro deste item vocabular.

Vocábulo	OC	Definições
<b>29. Jatobá: s.m.</b> “Passava depois a trinar uma multidão de galos de campina, à cata do milhal; ou um enxame de xexéus que pousava em um <jatobá seco>, ...” (p. 103)	01	AMS – n/c  AGC – jatobá sm. ‘planta da fam. das leguminosas; variedade de jataí/ 1801, jatubá 1757 // Do tupi <i>ietĩ ua</i> . (p. 454)

**NOTA:**

AGC (1989, p. 176), em seu DHPPO, ao descrever a unidade vocabular *jatobá*, menciona ter esse vocábulo étimo Tupi “*ietĩ’ua*”, procedente de “*ietai’ua*” que, por sua vez, é originário de “*ieta’i*” (*jataí*) + “*i’ua*” (fruta). O autor registra, ainda, que o *jatobá* é planta da família das *leguminosas*, uma variedade de *jataí*. O que esclarece a confusão que, normalmente, se estabelece entre os dicionaristas sobre os itens lexicais *jatobá* e *jataí*.

Não encontramos registro deste vocábulo em AMS. Já Aurélio registra essa unidade lexical como um brasileirismo da Botânica e a remete para *jataí*, cuja procedência é do Tupi *yata’wá*.

Já a lexia *jataí*, o **Dicionário Aurélio** registra seu étimo Tupi [*yata’i*], e a classifica como um brasileirismo de uso geral no País. Define-a como “*árvore da família das leguminosas... da Amaz. e NE (...)*”. Aurélio informa, ainda, que o tronco produz uma resina própria à fabricação de verniz. Como sinônimos desse item lexical, o dicionarista acima citado, aponta os itens lexicais *jatobá*, *jutaí* e *pão-de-ló-de-mico*.

Löfgren (*apud* PIRES 1989, p. 107), refere-se ao *jataí* e ao *jatobá* e menciona suas propriedades curativas como fortificante e explica que, segundo a opinião de Martius, o nome *jatobá* deve prevalecer, pois é corruptela de “*jataí-iuá*” e se refere ao nome da árvore, ao passo que *jataí* diz respeito ao nome próprio do fruto.

Houaiss registra esse item lexical sob a rubrica angiospermas e como regionalismo do Brasil. Ao descrever tal item lexical, afirma tratar-se das árvores do gênero *Hymenaea*, da família das *leguminosas*, subfamília *cesalpinoídea*, de frutos comestíveis e de que se extrai resina conhecida como copal. Aponta como sinônimos os itens lexicais *jataí*, *jataicica*, *jati*, *jatibá*, *jatubá*, *jetaí*, *jetaicica*, *jitaí*, *jutaí*, *jutaicica*.

Tem procedência Tupi *yetĩ’wa* < *yeta’i* 'jataí' + *iwa* 'fruta' e, quanto à forma, é possível afirmar que houve nas unidades *jatobá* e *jataí* o aportuguesamento da forma original, de procedência

Tupi, como pode ser verificado nos sinônimos mencionados acima por Houaiss, bem como nas alterações fonéticas ocorridas a partir de *jataí*.

Também *jatobá*, segundo Pires (1999, p. 108), exemplifica um brasileirismo pertencente à categoria dos *indigenismos*..

Braga (*apud* PIRES 1989, p.300) refere-se ao *jatobá* como espécie detentora de propriedades curativas, informa que esse vegetal se desenvolve do Amazonas à Bahia e até o centro de Mato Grosso e cita as palavras de Adolfo Ducke sobre essa espécie nativa: “As espécies brasileiras são coletivamente designadas pelos nomes populares de **jutaí**, na Amazônia, **jataí** no Rio de Janeiro e Estados vizinhos e *jatobá*, no Nordeste e Centro do País; o último destes nomes acha-se, no entanto, divulgado no País inteiro, mesmo nas regiões onde os dois primeiros são de uso corrente”.

Este mesmo autor acrescenta, ainda, que *jataí* é corruptela de “*yá-atã-yba*”, contraído em “*yá-atã-y*”, a “*árvore de fruto duro*”, “*yá-atã*”. O *jatobá*, segundo ele, é corruptela de “*yatay-ubá*”, forma contracta em “*yat-ybá*”, o fruto de “*yatahy*”.

Já o autor do texto divulgado no site [www.plantasmed.com.br](http://www.plantasmed.com.br) classifica o item lexical *jatobá* na família das *caesalpiaceae* e nome científico *Hymenaea sitigonocarpa* Mart. Ex Hayne. No texto são mencionadas como propriedades medicinais balsâmico, tônico pulmonar e é indicado para curar bronquite, tosse e vias urinárias.

Lorenzi (2001), por sua vez, registra como da espécie *Hymenaea courbaril* variações *stilbocarpa*, da família das Leguminosaea-Caesalpinoideae. Nomes populares *jataí*, *jataí-amarelo*, *jitaí*, *farinheira*, *jataíba*, *burandã*, *imbiúva*, *jatobá-da-caatinga* (BA), etc. Ocorre do Piauí até o norte do Paraná. A árvore atinge de 15-20 m. Sua madeira é pesada, dura ao corte. É empregada na construção civil. Por ser uma árvore de fácil multiplicação, é muito útil na composição de reflorestamentos e na arborização de parques e grandes jardins. Possui um fruto que contém uma farinha comestível e muito nutritiva.

E, finalmente, segundo informações do IPEF, Instituto de Pesquisas Florestais, distribui-se geograficamente pelos estados da Bahia, Ceará, Espírito Santo, Goiás, Minas Gerais, Paraíba, Piauí, Paraná, Rio de Janeiro e São Paulo. É também *conhecida por jatobá, árvore copal, burandá, castanheiro de bugre, courbaril, farinheira, imbiúva, jataí, jataí açu, jataí amarelo, jataí ibá, jataí peba, jataí roxo, jataí vermelho, jataíba, jataicica, jati, jatobá amarelo, jatobá da caatinga, jatobá da mata, jatobá mirim, jatobá miúdo, jatobá roxo, jatobá do sertão, jatobá de vaqueiro, jatobazinho, jita, jutaí, jutaí açu, jutaí de envira, jutaí mirim, jutaí pororoca, jataúba, óleo de jataí, quebra facão.*

É uma árvore que tem larga utilização seja na construção, resina, arborização urbana, medicina, frutífera, paisagismo, fauna e madeira nobre. É mais uma das espécies que ocorrem em diversas regiões do país e chama a atenção pela multiplicidade de usos desde a indústria até a medicina.

Vocábulo	OC.	Definições
<b>30. Juá: s.m.</b> “O cavalo deste sertão de Quixeramobim caminha o dia inteiro, come um ramo de <juá>, e só bebe água quando encontra a cacimba”.(p.39)	01	<b>AMS</b> – n/c  <b>AGC</b> – juá sm. ‘nome comum a diversas plantas da fam. das <i>solanáceas</i> e das <i>ramnáceas</i> e aos seus frutos’. / Joá 1663 / Do tupi <i>iu’a</i> . (p. 456)

**NOTA:**

O item vocabular *juá* não se encontra registrado no Dicionário da Língua Portuguesa de AMS. AGC apresenta uma definição pouco esclarecedora ao consulente mais leigo, pois informa as características de ser essa uma planta da família das *solanáceas* e das *ramnáceas* e aos seus frutos. Registra datação para *Joá 1663*. Tem origem no Tupi *iu’a*.

Houaiss a registra (rubrica angiospermas) como planta da família das *solanáceas*, espécie dos gêneros *Solanum* e *Physalis*. Aponta os sinônimos arrebenta-cavalo (*Solanum*

*aculeatissimum*), *camapu* ('designação comum'), *juciri* (*Solanum juciri*), *juazeiro* (*Zizyphus joazeiro*), (1899) fruto do juazeiro.

Tem, segundo esse dicionarista, origem no Tupi *yu'a* 'designação comum a diversas plantas da família das *solanáceas*'. Segundo Teodoro Sampaio 'fruta do espinho'; f.hist. 1663 *joà*, 1702 *joás*, 1875 *juá*.

Aurélio descreve esse item vocabular como brasileirismo geral de origem tupi. É o fruto do juazeiro. E, sob a rubrica Botânica, remete para *arrebenta-cavalo* e *juciri*. Em *juciri* vamos encontrar um brasileirismo da Botânica também de origem tupi. É uma erva nativa no Rio de Janeiro e São Paulo. Suas raízes e folhas são consideradas calmantes. Apresenta os sinônimos: *jequirioba*, *juquiri*, *juá*, *caruru-de-espinho*.

Lorenzi (p. 315) registra-a sob a espécie *Zizyphus joazeiro*, família *Rhamnaceae*. Nomes populares *juazeiro*, *joazeiro*, *joá*, *juá-espinho*, *juá-fruta*, *laranjeira-de-vaqueiro*. Ocorre no nordeste do país (Piauí até norte de Minas Gerais), nas caatingas e campos abertos do polígono da seca. Sua madeira é empregada localmente para as construções rurais.

Um dado interessante sobre esta espécie é que ela constitui uma providência na época da seca para o sertanejo, pela ótima sombra e pela alimentação que proporciona ao gado faminto. Seus frutos comestíveis e ricos em vitamina C são muito consumidos ao natural pelo sertanejo do nordeste e, também, pelas aves e por outros animais. É cultivada em pomares domésticos de todo o país.

Isso pôde ser constatado, também, na **Enciclopédia de plantas brasileiras** (p. 272-274), que traz o registro da lexia *juazeiro* da espécie *Zizyphus joazeiro*, família *Rammaceae* e, informa ser esta uma planta brasileira, que habita a região Norte e Nordeste, mais precisamente os estados do Ceará e do Piauí até o Norte de Minas Gerais. Sua característica principal é sua resistência às secas do sertão nordestino, tornando-se muito útil tanto para os homens, fornecendo sombra e frutos, como para os animais que comem suas folhas

mucilacinosas, uma das poucas sobreviventes aos climas muito quentes. É uma planta que resiste bem em solos ruins e à falta de água.

Chega a atingir de dez ou mais metros de altura. Tem importância alimentícia, industrial, madeireira e, popularmente, medicinal. Seus frutos são semelhantes às pitombas e possuem uma polpa branca bastante suculenta e doce. São apreciados pelas formigas e pelo gado. Na indústria é utilizada na marcenaria e no fabrico de sabão. Na medicina caseira, atribui-se propriedades adstringentes e febrífugas às cascas, no tratamento de doenças de pele e como tônico capilar.

Vocábulo	OC	Definições
<b>31. Pereiro: s.m.</b> “Acho ele na mata uma grossa casca de <pereiro>, já despegada do tronco morto, e vestiu-a como um estojo que o escondia desde a cabeça até aos pés,...” (p. 136)	01	<b>AMS</b> – pereiro, s.m. Arvore que dá pêros. <b>AGC</b> – n/c

**NOTA:**

Há, em AMS, o registro dessa unidade vocabular, mas sua definição é circular e pouco esclarecedora: “árvore que dá pêros”. AGC não traz o registro dessa unidade.

Lorenzi (2001, p.237), classifica-a sob espécie *Platycamus regnelli*, família *Leguminosae-Papilionoideae*. Nomes populares: *pau-pereira*, *pereiro*, *pereira*, *folha-de-bolo*, *mangalô* (RJ), *angelim-rosa*, *cataguá*, *ubá-açu*, *pau-pente*, etc. Sua maior ocorrência é no Sul da Bahia, Espírito Santo, Minas Gerais, Goiás e São Paulo. A madeira é própria para mobiliário, revestimentos decorativos. É uma árvore bastante ornamental, principalmente quando em flor, sendo empregado no paisagismo em geral. É também empregada para a composição de áreas degradadas.

Já Aurélio traz o registro desse vocábulo como um brasileirismo do nordeste (Botânica). É uma árvore da família das *apocináceas* (*Aspidosperma pyrifolium*), de pequeno porte e muito difundida pela caatinga, e que, às vezes, é simples arbusto.

Houaiss descreve-a, sob a rubrica angiospermas, como árvore (*Pêra glabrata*) da família das *euforbiáceas*, nativa do Brasil. Menciona os sinônimos: (rubrica angiospermas), *folha-de-bolo* (*Platygyamus regnellii*), *guatambu* (*Aspidosperma macrocarpon*, *A. parvifolium*) e *pau-pereira* (*Geissospermum laeve*). Rubrica agricultura: variedade de macieira e *catapereiro*.

A Enciclopédia de Plantas Brasileiras (p. 354) traz o registro de *pereira*, espécie *Pyrus communis*, família *Rosaceae* e que produz peras.

Dados do IPEF revelam que essa espécie da família das *Rutaceae*, tem como nomes comuns: *farinaha seca*, *farinha seca branca*, *gramixinga*, *guamuxinga*, *guarataia*, *guataio*, *guatambu branco*, *guaximinga*, *marfim*, *mucambo*, *pequiá mamona*, *pequiá marfim*, *pereiro preto*. Ocorrem nos estados da Bahia, Espírito Santo, Minas Gerais, Paraná, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo.

Vocábulo	OC	Definições
<p><b>32. Sicupira: s.f.</b>  <i>“Na ourela da mata, à sombra de umas grandes &lt;sicupiras&gt; copadas de flores roxas, tinham os criados do capitão Marcos Fragoso arvorado um toldo de damasco amarelo, sobre estacas vestidas com o mesmo estofa de cor azul, formando assim um vistoso e elegante pavilhão”.</i> (p. 130)</p>	01	<p>AMS – n/c</p> <p>AGC – sucupira sf. ‘nome comum a várias árvores da fam. das leguminosas, que fornecem madeiras de lei muito apreciadas para confecção de obras finas de marcenaria’ / sepepira 1587, sapopira 1618, cibipyra 1663, sicupira 1685. / Do tupi <i>seui’pira</i>. (p. 741)</p>

**NOTA:**

O item lexical sicupira é, para Aurélio, um brasileirismo geral da Botânica. Ele aponta como variante o item sucupira, que é, também, um brasileirismo da Botânica. Tem procedência

Tupi, [suku'pira] e designa as espécies do gênero *Ormosia*, da família das leguminosas. São árvores providas de frutos do tipo vagem. Após descrição do vegetal, Aurélio remete para a forma sapupira-da-mata que, por sua vez, é classificada como brasileirismo da Amazônia, designando as três árvores da família das leguminosas (*Bowdichia nitida*, *B. racemosa* e *B. brasiliensis*). Apresenta, também, outras variantes sapupira, sebipira, sibipira, sipipira.

Em seu **Dicionário de Plantas úteis do Brasil**, Cruz 1995 (*apud* PIRES 1989, p.142), ao descrever a unidade lexical *sucupira* informa ser esta uma leguminosa nativa do Brasil e pode ser encontrada em vários pontos do nosso território. Menciona, ainda, que representa um dos mais poderosos recursos medicinais de nossa flora, dadas as diversas qualidades medicinais. Pode ser indicada no combate de moléstias como eczemas, urticária, reumatismo, blenorragia, fraqueza orgânica. Aponta como sinônimos as formas sebipira, sicopira, sebupira e curabaí mirim.

Já Lorenzi (2002, p. 242), aponta-a como da espécie *Pterodon emarginatus*, família das *Leguminosae-Papilionoideae*. Nomes populares faveiro, sucupira-branca, fava-de-sucupira, sucupira, sucupira-lisa. Ocorre em Minas Gerais, São Paulo, Goiás e Mato Grosso do Sul. A madeira é própria para construção naval e civil. É uma árvore bastante ornamental, embora não tenha sido ainda devidamente utilizada para o paisagismo.

Todas as fontes, por nós pesquisadas, fazem também referência à excelente qualidade da madeira de lei fornecida pela sucupira, muito usada na confecção de obras finas de marcenaria.

Quanto à etimologia, há entre os autores algumas divergências: Aurélio, como vimos acima, indica a forma Tupi [suku'pira]. No **Dicionário Histórico das Palavras Portuguesas de Origem Tupi**, Cunha (1989: 265) explica que sucupira é procedente de [seui'pira].

Já Houaiss registra seu étimo no Tupi *sewi'pira*, 'nome comum a várias árvores da família das leguminosas e registra assim sua formação histórica: 1730 *sopopiras*, 1763

*sucupira*, 1781 *supopira*, a1800 *sucupira*, 1863 *succupira*. Houaiss menciona, também, que essa árvore é nativa do Brasil. Sua madeira é de grande durabilidade. É cultivada como ornamental e por usos medicinais, por exemplo, como depurativa.

Braga (*apud* PIRES 1998, p.131) informa que, segundo Paulino Nogueira, o vocábulo *sucupira* vem de “*sapó*”, que equivale a “*raiz*”, e “*pi* ou *pira*”, que significa “*crua*”, dada a semelhança que tem a casca da raiz com a cor da carne crua.

Pires (1998, p. 131), ao analisar a unidade vocabular *sucupira*, menciona que, em Mato Grosso do Sul, mais especificamente na região de Campo Grande e no Pantanal, é comum, na modalidade oral, o emprego da unidade *faveiro* como sinônima de *sucupira*. Isso, segundo a autora relata, se dá em virtude de que, conforme esclarecimentos dados pela própria população daquela região, “*a sicupira é conhecida por faveiro, porque sua semente é uma fava*”. É, então, possível afirmar que, neste caso, houve na formação do item lexical *faveiro*, interferência ou motivação do referente extralingüístico

Vale registrar, ainda segundo a mesma autora, que o Dicionário Aurélio traz o item lexical *faveiro* registrado como um brasileirismo regional (MG, SP, GO e MT) e aponta como sinônimas as unidades *fava-de-sucupira* e *sucupira-branca*.

Quanto ao aspecto formal, percebemos a partir dos exemplos acima mencionados, que houve o aportuguesamento da forma de procedência Tupi, revelando mais uma vez a presença de mais um *indigenismo* incorporado ao português do Brasil.

Conforme estudos do IPEF, essa é uma planta da espécie *Caesalpinaceae*, nome científico *Pterogyne nitiens*. Também conhecida pelos nomes populares: amendoim, amendoim bravo, amendoim do campo, amendoizeiro, aroeira brava, bálsamo, baáourinha, bico de anu, carne de vaca, falsa tipa, gonçalo alves, guiraro, ibiraró, iviraró, jacutinga, madeira nova, óleo branco, óleo pardo, passarinho, pau amendoim, pau fava, sucupira, vilão, viraró.

Tem ampla distribuição geográfica, podendo ser encontrada em várias regiões e estados do Brasil Alagoas, Bahia, Ceará, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Paraíba, Pernambuco, Paraná, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Sergipe e São Paulo.

A partir das considerações dos estudiosos acima mencionados sobre o item lexical em análise, é possível considerar a unidade vocabular sicupira, como fruto do aportuguesamento da forma de origem tupi “suku’pira”, o que comprova a presença de mais um item vocabular indigenista, incorporado ao português do Brasil, exemplificando a importância da língua dos índios no processo de formação e expansão da língua portuguesa no Brasil.

Vocábulo	OC	Definições
<b>33. Taquara: s.f.</b> “... <i>seguiram-se uma guarda de honra composta de uns seis meninos montados em cavalos de talos de carnaúba, armados com espadas de &lt;taquara&gt;</i> ”. (p. 160)	01	<b>AMS</b> – n/c <b>AGC</b> – taquara sf. ‘planta da fam. das gramíneas, taboca, bambu’ / 1627, tacoara c 1584 etc. / Do tupi <i>ta’kuara</i> . (p. 755)

**NOTA:**

Não há registro dessa unidade em AMS. AGC classifica-a na família das *gramíneas* e registra sua origem no Tupi *ta’kuara*.

Assim, temos em *taquara* mais um item lexical de étimo tupi. É para Aurélio um brasileirismo geral de origem Tupi. Aurélio assinala que essa é uma designação comum a diversas plantas da família das gramíneas. Chega a atingir de 6 a 7m de altura.

Houaiss também menciona sua origem no Tupi *ta’kwara* ‘cana brava, oca por dentro’, de *kwara* ‘buraco, cova, toca’. Sua formação histórica é de aproximadamente 1584 *tacoara*, 1627 *taquara*, 1654 *tacoára*. Sua formação se deu, segundo Antenor Nascentes, provavelmente, pela junção dos itens *arara* + *tucupi*, do tupi *araratuku’pi* ‘arara do tucupi’.

Assim, a considerar tais informações, temos mais um brasileirismo formado, também, a partir de um vocábulo indígena.

Vocábulo	OC	Definições
<b>34. Visgueiro: s.m.</b> “ <i>Um</i> s vezes era a resina do <visgueiro>, que ele trazia escondida para grudar os anelados cabelos castanhos da menina e fazer deles uma maçaroca”. (p. 150)	01	<b>AMS</b> – visqueira, s.f. Herva brasílica deste nome. (p. 859) <b>AGC</b> – n/c

**NOTA:**

Não há registro dessa unidade vocabular em AGC. AMS é pouco esclarecedor ao referir-se à lexia *visgueiro* como uma erva do Brasil deste nome.

Aurélio registra sua formação através de uma base substantiva *visgo* com o sufixo nominal *-eiro*, e a classifica como um brasileirismo geral da Botânica e remete para *fava-de-bolota*, um brasileirismo da Botânica do Norte e Nordeste.

Ele a descreve referindo-se a duas árvores com grandes sapopemas, da família das *leguminosas* (*Parkia pendula* e *Parkia platycephala*). Informa como sinônimos as formas *andirá*, *ararapitiu*, *faveira*, *paricá-grande*, *pracari*, *rabo-de-arara*, *visgueiro*.

Já Houaiss a classifica na rubrica angiospermas, designando as várias árvores do gênero *Parkia*, da família das *leguminosas*, subfamília *mimosóidea*. Um dado interessante sobre essa árvore é que ela produz vagens com sementes grudadas a uma substância visguenta e com mau cheiro e que é usada para capturar pequenos pássaros. Aponta como sinônimo *fava-de-bolota* (*Parkia pendula*, *P. platycephala*) e *araratucupi* (*P. oppositifolia*)

Importa mencionar que o item vocabular *araratucupi*, segundo Houaiss, constitui regionalismo no Amazonas e é uma árvore nativa do Brasil. É também empregada com fins medicinais. Sua casca é adstringente, anti-hemorrágica e antisséptica. Quanto ao aspecto

formal, temos, segundo Houaiss, a junção de *visgo* + *-eiro*; e que Houaiss remete para *visg(u)-*. Sua formação histórica data de 1813 *visguêiro*.

Consultando o elemento de composição latino *visg(u)-*, verificamos que, também neste caso, o item vocabular forma-se pela junção do antepositivo do latim *viscum, i* 'visco, visgo'. Ocorre em vocábulos cunhados a partir do século XVIII: *desvisgado*, *desvisgar*; *envisgação*, *envisgado*, *envisgador*, *envisgamento*, *envisgante*, *envisgar*, *envisgo*; *visgado*, *visgar*, *visgo*, *visgonhento*, *visgoso*, *visgueiro*, *visguento*.

Lorenzi (2001, p. 199) classifica-a sob a espécie *Parkia multijuga*, família das *Leguminosae-Mimosoideae*. Nomes populares *benguê*, *arara-tucupi*, *tucupi*, *paricá* (PA), *visgueiro* (AM), *faveira-benguê*, *faveira-pé-de-arara*. Tem de 20-30 m de altura. Ocorre na Amazônia, na floresta de terra firme e várzea alta em solo argiloso. A madeira é leve, macia ao corte e é empregada na confecção de compensados, caixotaria, brinquedos, etc. A árvore é bastante ornamental, tem folhagem brilhante e porte elegante. Pode ser empregada no paisagismo, principalmente na arborização de grandes avenidas e praças. Serve também para o plantio de áreas degradadas, graças ao seu rápido crescimento.

Como podemos observar, essa é uma unidade vocabular que pode ser classificada como um brasileirismo que assumiu diferentes formas, em virtude de sua regionalização, caracterizando as variações lingüísticas decorrentes do uso do vocábulo em diversas regiões do país.

Vocábulo	OC	Definições
<p><b>35. Murta: s.f</b>  <i>Tantas eram as capetices que não havia &lt;murta&gt; nem ateira ao redor da casa, de que ele não conhecesse as vergôntes, tão bem como as frutas.</i></p>	01	<p><b>AMS</b> – murta, s.f. Planta de folha miúda aromática, vulgar. Murta brava. V. Gilbalbeira.</p> <p><b>AGC</b> – murta → Mirto sm. ‘arbusto da fam. das mirtáceas, murta’ XIV. Do lat. <i>myrtum</i>, deriv. Do gr. <i>myrton</i> –ou. (p. 524)</p>

**NOTA:**

Os dicionários de época não fazem referência quanto às marcas de uso dessa unidade vocabular. AMS faz sucintamente sua descrição, e remete para *gilbalbeira*, que segundo ele, é uma herba, espécie de murta brava. (*bruscus, ou murina*)

AGC menciona a origem, datação e remete para *mirto*, um arbusto da família das *mirtáceas*, murta.

Para Lorenzi (2001, p. 331) é da espécie *Allophylus edulis*, família das *Sapindaceae*. Ocorre na região amazônica até o Ceará, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Bahia, Rio de Janeiro até o Rio Grande do Sul. A madeira é própria para marcenaria e é também muito ornamental. É planta pioneira e produtora de frutos apreciados por pássaros e é indicada para reflorestamentos de áreas degradadas.

No Dicionário Aurélio esta lexia tem origem no latim vulgar *murta* e está classificada como pertencente à Botânica. O dicionarista também remete para *mirto* (vocábulo oriundo do grego *myrtos*, pelo latim *myrtus*; taxionômico *Myrtus*). Pertencente também à Botânica, e compõe o gênero de arbustos tropicais e subtropicais, de folhas sempre-verdes, ovadas ou lanceoladas, e flores com numerosos óvulos.

Houaiss classifica-a sob a rubrica angiospermas e, na primeira acepção, refere-se às várias plantas de diferentes gêneros e família, espécie do gênero *Myrtus*, *Myrcia* e *Eugenia*, da família das *mirtáceas*”. A espécie (*Myrtus communis*) é uma árvore pequena com raízes e casca usadas para extração de tanino, madeira de qualidade, folhas ricas em óleo usadas em perfumes. É conhecida popularmente como *mirta*, *mirto*, *murta-cheirosa*, *murta-cultivada*, *murta-das-noivas*, *murta-do-jardim*, *murta-verdadeira*, *murtinheira*, *murtinheiro*, *murto*. Esse dicionarista informa, ainda, que essa palavra de origem incerta, provavelmente mediterrânea, cultivada como ornamental e por usos medicinais. Há milênios está associada a rituais e cerimônias, e as flores são muito usadas em grinaldas de noivas.

Já a espécie (*Eugenia floribunda*) é nativa do Brasil, tem folhas elípticas ou lanceoladas, flores brancas e bagas pretas, vermelhas ou amarelas, aromáticas, com polpa ácida e comestível. Menciona como sinônimos os itens *murtinha* (*Eugenia ovalifolia*) e *muriri* (*Mouriri guianensis*). Quanto à etimologia, procede do latim *múrta*, forma pré-clássica de *mýrta*, *ae* 'murta (arbusto)' e, segundo registros de AGC, no Índice do Português Medieval, data do século XV.

Temos, então, mais um vocábulo brasileiro que se formou a partir de uma base latina.

Vocábulo	OC	Definições
<b>36. Mulungu: s.m.</b> “Qual decima, qual debaixo; e já queria passar-me a perna, quando encontrei um toro de <mulungu>, e agora vereis”. (p. 149)	01	AMS – n/c  AGC – mulungu sm. ‘certa planta leguminosa’ ‘certo instrumento musical africano’ 1890. De origem africana, mas de étimo indeterminado. (p. 539)

#### NOTA:

AMS não registra essa unidade lexical. AGC menciona ser essa lexia de origem africana, mas de étimo indeterminado.

Houaiss, sob a rubrica angiospermas, descreve-a como as diversas árvores do gênero *Erythrina*, da família das *leguminosas*, subfamília *papilionoídea*, de flores vermelhas ou cor de laranja, muito cultivadas como ornamentais e sombreiras; mulunguzeiro.

Essa lexia é, segundo Aurélio, um brasileirismo geral da Botânica, de origem Tupi e que ele remete para *corticeira* e *flor-de-coral*, sendo que, nesta última acepção, apresenta como variante o item *murungu*. Consultando *corticeira* vamos encontrar também um brasileirismo da Botânica na acepção “árvore regular, ornamental, da família das leguminosas (*Erythrina crista-galli*). Aponta como sinônimos *flor-de-coral*, *mulungu*, *sananduva*.

Já Lorenzi (2001), registra cinco espécies diferentes de mulungu, porém, todas apresentam, praticamente as mesmas características morfológicas, variando na altura e diâmetro. A primeira delas é a *Erythrina crista-galli* que ocorre do Maranhão até o Rio

Grande do Sul, em várzeas pantanosas ou alagadiças. Na região sul, essa espécie produz flores vermelhas, constituindo uma raça geográfica. Sua madeira é utilizada na fabricação de canoas, gamelas, esculturas, molduras, carvão para pólvora etc. Nomes populares: sananduva, corticeira, crista-de-galo, mulungu, etc. É considerada a árvore nacional da Argentina e Uruguai.

A segunda espécie é a *Erythrina falcata*. Ocorre de Minas Gerais e Mato Grosso do Sul até o Rio Grande do Sul. A madeira é utilizada na confecção de palitos de fósforo, brinquedos, gamelas, caixotaria etc. É uma árvore muito ornamental e ótima para o paisagismo. Alguns nomes populares: *bico-de-papagaio*, *canivete*, *sanandu*, *corticeira*, *suinã*, etc.

Uma outra espécie é a *Erythrina mulungu*. Nomes populares *tiricero*, *mulungu-coral*, *capa-homem*, *amansa-senhor*, *sapatinho-de-judeu* etc. A espécie *Erythrina speciosa*, chamada de *mulungu-do-litoral*, ocorre no Espírito Santo e Minas Gerais até Santa Catarina, na floresta atlântica. A árvore é bastante ornamental. É muito utilizada para fazer cerca viva defensiva, por ser de rápido crescimento e adaptada à lugares muito úmidos.

As duas outras espécies são a *Erythrina velutina* e a *Erythrina verna*. A primeira ocorre no Sul da Bahia, Espírito Santo, Zona da Mata de MG, Rio de Janeiro e Vale do Paraíba – São Paulo. A madeira presta-se apenas para forros e confecção de caixas, cepas de tamanco e pasta celulósica. A segunda ocorre no Ceará até Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo, principalmente na caatinga. A madeira é muito utilizada na fabricação de tamancos, jangadas, brinquedos etc. Todas as espécies, se prestam ao paisagismo e, pelo rápido crescimento, são muito utilizadas na recomposição de áreas degradadas.

Informações veiculadas pelo Instituto de Pesquisas Florestal, IPEF, atestam que a espécie *Ocotea odorifera*, da família das *Lauraceae*, pode ser encontrada nos estados da Bahia, Espírito Santo, Paraná, Rio de Janeiro, Santa Catarina e São Paulo. É popularmente

conhecida por *canela*, *canela cheirosa*, *canela funcho*, *canela mulungu*, *canela parda*, *canela sassafrás de folha grande*, *casca cheirosa*, *casca preciosa*, *louro cheiroso*, *louro sassafrás*, *louro tapinhoã*, *pau funcho*, *saáafrás*, *sassafrás amarelo*, *sassafrás brasileiro*, *sassafrás funcho*, *sassafrás preto*, *sassafrás rajado*, *sassafrás do brasil*, *sassafrás do paraná*, *sassafrasinho*. Tem larga utilização, podendo ser usada na construção, produção de carvão, na arborização urbana, na medicina e no paisagismo.

## 2. As árvores frutíferas: 12 oc.

### a) árvores frutíferas: 09 oc.

Vocábulo	OC.	Definições
<b>37. Catolé: s.m.</b> “ <i>Flor, porém, que desejava ardentemente o cacho de &lt;catolés&gt;, empregou o meio que ela sabia infalível para render Arnaldo. (p.153)</i> ”	03	<b>AMS</b> – n/c <b>AGC</b> – catulé sm. ‘palmeira da subfam. Das cerxilíneas’ 1817. Do tupi <i>katu’ré</i> // catulez. EIRO / cato- 1875. (p. 166)

### NOTA:

Pela análise da unidade vocabular *catolés*, um brasileirismo da Botânica, que Aurélio afirma ser uma variante de *catulé*, podemos observar que esse item lexical é uma variante da unidade lexical de étimo Tupi *Katur’re*, conforme registro de AGC (1998, p. 106), em seu DHPPOT. Ele apresenta como variantes as unidades lexicais *catuléz*, *catolé*. É, segundo ele, uma palmeira da subfamília das *cerxilíneas*; catulezeiro.

Para Lorenzi (2002, p. 304), é planta da espécie *Syagrus oleracea*, família das *Palmae*. Nomes populares: *guariroba*, *gariroba*, *gueroba (MG)*, *catolé (CE)*, *coco-catolé*, *coco-amargoso*, *coqueiro-guariroba*, etc. Atinge altura de 10-20 m. Ocorre na região nordeste até a

Bahia, Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso do Sul e São Paulo. A madeira é de boa durabilidade mesmo quando exposta ao tempo. A polpa do fruto é comestível e muito apreciada pelo gado e pelos porcos. A amêndoa fornece óleo e é, também, comestível, sendo comercializada em feiras nos estados nordestinos. As folhas são utilizadas na fabricação de vassouras. A palmeira é bastante ornamental, por isso é uma das mais cultivadas para arborização urbana nas cidades do Brasil Central.

Pelos registros, acreditamos que o item lexical *catolés* seja, também, mais um brasileirismo de étimo tupi, o que, conforme já mencionamos anteriormente, pode ser, considerando o contexto da obra, compreendido como parte do esforço de Alencar em imprimir à língua portuguesa as marcas brasileiras.

Vocábulo	OC.	Definições
<b>38. Goiabeira: s.f.</b> “... nunca lhe aconteceu nada, mesmo nada; nem um arranhão de unha de gato, ou uma queda da <goiabeira>”.(p. 52)	02	<b>AMS</b> – n/c <b>AGC</b> – subentrada em goiaba Goiabeira 1873. (p. 389)

**NOTA:**

Não há registro desse item lexical no dicionário de AMS; e AGC se limita a fornecer a datação.

Na Enciclopédia de Plantas Brasileiras (p. 225-226), encontramos o item vocabular *goiabeira*, registrado como espécie *Psidium gujava*, família das *Myrtaceae*. Quanto à ocorrência, tem uma extensa distribuição geográfica, que se estende de São Paulo até México, ocorrendo somente em áreas habitadas pelo homem. É possível que esta planta seja nativa somente no México, América Central e na área entre Colômbia e Peru. No Brasil, já se encontrava espontânea muito antes do descobrimento, pois os primeiros observadores da nossa flora consideravam-na indígena.

A *goiabeira* pode ser encontrada praticamente em todos os Estados, embora seja mais comum em São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Pernambuco, e abundante na região amazônica. Tem grande importância alimentícia, industrial, madeireira e medicinal. Seus frutos apresentam alto teor de vitamina C e são muito apreciados pelo homem, pelas aves e por alguns mamíferos. A casca da goiabeira é adstringente e rica em tanino, o que justifica seu uso no combate a diarreias. Entra na fabricação de medicamentos homeopáticos que visam a combater problemas gastro-intestinais em geral. As folhas, quando novas, fornecem óleo essencial aromático.

Lorenzi (2001, p.285) registra-a sob a espécie *Psidium guajava*, família *Myrtaceae*. Nomes populares *guava*, *goiabeira*, *goiaba*, *goiaba-branca*, *goiaba-pera*, *goiaba-vermelha*, *araçá-goiaba*, *guaiva*, etc. Ocorre do Rio de Janeiro ao Rio Grande do Sul e ocorre também de forma espontânea em quase todo o país. É amplamente cultivada tanto em pomares domésticos como em plantações comerciais. O fruto é comestível e muito saboroso. É planta indispensável em plantios destinados à recomposição de áreas degradadas.

Houaiss descreve-a, sob a rubrica angiospermas, como arbusto ou árvore pequena da espécie (*Psidium guajava*) da família das mirtáceas, nativa de regiões tropicais das Américas.

Encontramos também no dicionário Aurélio, a unidade *goiabeira* definida como uma pequena árvore da família das *mirtáceas* (*Psidium guayava*), nativa da América tropical. É muito cultivada pelos excelentes frutos que produz.

Forma-se pelo acréscimo de um sufixo nominal a um substantivo, constituindo-se mais uma vez num tipo de composição muito comum em nossa língua.

Vocábulo	OC	Definições
<b>39. Jurema:</b> s.f. <i>Mas ouvia-lhe a voz harmoniosa, e bebia-lhe nos olhos a beleza, que o embriagava como o suco da &lt;jurema&gt;, do qual provará uma vez na taba de Anhamum.</i> (p. 174)	01	<b>AMS</b> – n/c <b>AGC</b> – jurema sf. ‘planta da fam. das leguminosas’ / <i>jerema</i> 1782, <i>gerêmma</i> 1817 etc. / Do tupi, mas de étimo indeterminado.

**NOTA:**

Dos dicionários de época, apenas AGC traz registrada essa lexia. Segundo ele, essa é mais uma unidade vocabular de origem Tupi, mas de étimo indeterminado.

Para Houaiss, esse item lexical tem origem Tupi e José Machado diz ser formado de *yu* 'espinho' + *rema* 'em que vasa'. Sua formação histórica é de 1782 *jerema*, 1817 *gerêmma*, 1865 *jurema*. É uma árvore nativa do Brasil. Ocorre do Pará ao Rio de Janeiro. É uma árvore (*Pithecellobium tortum*) da família das *leguminosas*, subfamília *mimosóidea*.

Para Lorenzi (2001, p.191), pertence a espécie *Chloroleucon tortum*, família *Leguminosae-Mimosoideae*. Nomes populares: *tataré*, *jurema*, *angico-branco*, *jacaré*, *vinhático-de-espinho*. É uma planta espinhenta e atinge de 6-12 m de altura. Ocorre no Rio de Janeiro e nas restingas ao longo da costa Atlântica. Sua madeira é dura, compacta e muito decorativa. De longa durabilidade em ambientes internos, a madeira é muito utilizada em serviços de marcenaria fina. Presta-se também para plantios mistos em áreas degradadas.

Uma informação importante sobre essa planta é que os índios extraíam dela uma bebida narcótica. Há em Luis Caldas Tibiriçá (p. 121), registro de que essa árvore era considerada a deusa das matas, nos rituais de pajelança.

Vocábulo	OC	Definições
<b>40. Cajazeira: s.f.</b> “Os corruptions brincavam nos galhos da <cajazeira>; ...” (p. 103)	01	<b>AMS</b> – Cajazeiro, s.m. Arvore do Brasil, que dá cajás. (p. 321) <b>AGC</b> – cajá. Z. eira, -eiro → CAJÁ (p. 137) Cajá sm. ‘fruto da cajazeira’ / 1579, cajá 1618, caia c 1631, acayá 1663./ Do tupi <i>aka’ia</i> . (p. 137)

**NOTA:**

Conforme podemos observar, os dicionários de época não são muito completos em suas definições. AMS afirma ser essa uma planta do Brasil, que dá cajás; e AGC, no Dicionário Etimológico, registra o item *cajá* e se limita a defini-lo como o fruto da cajazeira.

Já, em seu DHPOT, AGC registra o item *cajazeira* como planta da família das *anacardiáceas*; *cajá*, cajazeiro. Apresenta as variantes cajazeira, cajaseira que originaram a forma *cajá* + -z- + -eira.

Assim, temos um item lexical formado pelo substantivo *cajá* + sufixo *-eiro*. Ou seja, esse vocábulo formou-se de um radical tupi *cajá* e o sufixo português *-eiro*, caracterizando um tipo de formação comum em nossa língua, qual seja a adaptação de um sufixo português a uma base tupi.

Ressaltamos que a grande ocorrência de vocábulos com esse tipo de formação, justifica-se no contexto da obra, pelo valor especial que Alencar dá à figura do índio com a sua língua e sua cultura, como elemento de nossa formação cultural, lingüística e histórica.

Sobre a unidade vocabular *cajá*, AGC menciona ser esta uma planta da família das *anacardiáceas*. Tem origem no Tupi *aka’ia*. Menciona também a datação: 1579, cajá 1618, caia c 1631, acayá 1663, etc.

Lorenzi classifica-a sob a espécie *Spondias mombim*, família *Anacardiaceae*. Nomes populares *taperebá*, *taperibá*, *cajazeiro*, *cajazeira*, *cajá-pequena*, *cajazeiro-miúdo*, *cajá-mirim*, *imbuzeir* etc. Ocorre na região Amazônica até o Rio de Janeiro, em mata de várzea de

terra firme. Sua madeira é própria para marcenaria e carpintaria. Na região norte, é muito empregada para a construção de pequenas embarcações. É muito cultivada nos estados do norte do país. Seus frutos são muito apreciados pela população do norte. São consumidos ao natural ou industrializados na fabricação de sucos, sorvetes, vinhos e licores.

Na Enciclopédia das Plantas Brasileiras (p. 112), há o registro do item *cajazeiro* sob a espécie *Spondias lútea* L., família das *Anacardiaceae*. Nomes populares *acajá-mirim*, *cajá*, *cajá-pequeno*, *imbuzeir* etc. É própria das matas de terra firme e muito comum nas várzeas. Foi citado pela primeira vez nos registros feitos pelos escritores e historiadores do século XVI que conheceram o Brasil. Cresce espontaneamente ou é cultivado desde a Amazônia até São Paulo e Minas Gerais, sendo comum também no Nordeste. Chega a atingir 25 metros de altura. Tem importância alimentícia, madeireira e medicinal. O fruto contém polpa aromática, que pode ser consumida ao natural ou em forma de doces, compotas, geléias, licores, sorvetes etc. Medicinalmente, a casca é tida como aromática, adstringente e emética, e as folhas são consideradas refrigerantes e estomáquicas.

Outro dado interessante sobre essa unidade vocabular é que no Norte e Nordeste ela é cultivada, dado seu rápido crescimento, ora para o sombreamento da cultura do cacau, ora para exploração dos próprios frutos.

Vocábulo	OC	Definições
<b>41. Maracujazeiro: s.m.</b> “ <i>Da outra banda um &lt;maracujazeiro&gt; dessa espécie delicada que ali chamam suspiro</i> ”, (p. 154)	01	<b>AMS</b> – n/c <b>AGC</b> – subentrada em maracujá sm. ‘nome comum a várias plantas da fam. das passifloráceas e aos seus frutos’ / Do tupi moruku’ia // maracujá- z- EIRO 1763.

**NOTA:**

Essa é mais uma lexia que não se encontra registrada no dicionário de AMS. AGC menciona algumas características e ressalta sua origem e formação: do tupi *moruku'ia* // maracujá- z- EIRO 1763.

Segundo a Enciclopédia de Plantas Brasileiras (p. 309-310), é uma planta da espécie *passiflora actinea*, família das *Passifloraceae*. É planta trepadeira, cuja família possui 12 gêneros e cerca de 60 espécies com distribuição tropical, ocorrendo principalmente nas Américas e na África. No Brasil, são conhecidas numerosas espécies de maracujá, que se encontram dispersas por vários Estados. Tem importância alimentícia, industrial, medicinal e ornamental. É um ótimo alimento, pois contém água, hidratos de carbono, sais, gordura, vitaminas A, B e C, fósforo, ferro, cálcio etc.

Industrialmente é usado na fabricação de compotas, doces cristalizados, sucos, licores etc. Tem grande aplicação na medicina por tratar-se de um hipnótico sedativo. As folhas e as raízes contêm uma substância idêntica à morfina, denominada “passiflorina”. Possui substâncias que atuam como calmante.

Para Houaiss, sob a rubrica angiosperma, é um regionalismo do Brasil. O mesmo que *maracujá* (designação comum). Analisando a lexia *maracujá* encontramos, sob a rubrica angiospermas, a referência feita a esse item lexical como designação comum a diversas plantas do gênero *Passiflora*, da família das *passifloráceas*, trepadeiras de frutos comestíveis e com propriedades calmantes. Menciona os sinônimos *flor-da-paixão*, *maracuiá*, *maracujazeiro*.

Vocábulo	OC	Definições
<b>42. Ateira: s.f.</b> “ <i>Tantas eram as capetíces que não havia murta nem &lt;ateira&gt; ao redor da casa, de que ele não conhecesse as vergôntees, tão bem como as frutas</i> ”. (p. 150)	01	AMS – n/c AGC – n/c

**NOTA:**

Os dicionários de época não trazem registrada tal unidade vocabular. A unidade vocabular *ateira* constitui um brasileirismo, angolanismo moçambicanismo, que Aurélio remete para *pinheira*, um brasileirismo da Botânica. Ele a descreve como uma “Arvoreta da família das *anonáceas* (*Annona squamosa*). Produz deliciosos frutos bacáceos e muito doces. Registra como variantes os itens *ateira*, *fruta-de-conde*, *pinha*.

No que concerne ao aspecto formal, o item vocabular *ateira* forma-se pela junção de um sufixo nominal *-eira* a uma base substantiva *ata*, formando um novo substantivo. Essa forma de composição pode ser facilmente encontrada nas unidades vocabulares de criação brasileira. Trata-se, pois, de uma formação brasileira de base estrangeira.

Houaiss, sob a rubrica angiospermas, aponta como sinônimo o item *fruta-de-conde* (*Annona squamosa*), uma árvore pequena da família das *anonáceas*, nativa de regiões tropicais das Américas, de raiz purgativa e folhas com propriedades diaforéticas, carminativas e estomáquicas. Seus frutos tem polpa doce e macia, adstringentes e laxativos, quando verdes. Também conhecida por *anona*, *anoneira*, *ata*, *ateira*, *fruta-de-condessa*, *fruta-do-conde*, *fruteira-de-conde*, *fruteira-do-conde*, *nona*, *pinha*, *pinha-ata*, *pinha-da-baía*, *pinheira*. Houaiss fornece a datação de 1899.

Finalmente, podemos afirmar que todos os itens vocabulares que constituem o subitem *árvores frutíferas*, ao lado dos demais subitens que formam o item *As plantas*, concorrem para que a natureza seja retratada no que há de mais encantador: a diversidade das espécies.

## b) as plantas medicinais: 09 oc.

Vocábulo	OC.	Definições
<b>43. alecrim:</b> s.m. “...o longo véu de alva e finíssima renda-de-escócia, todo semeado de raminhos de alecrim e flor de laranja, com lises de ouro, descia-lhe até os pés...” (p. 198)	02	<b>AMS</b> – Alecrim, s.m. Herva, ou arbustozinho aromático. ( <i>ros marinus</i> ). (p. 87) <b>AGC</b> – alecrim sm ‘planta da fam. das labiadas’ XVI. Do ar. <i>Al-ikil</i> . (p. 28)

**NOTA:**

O campo lexical plantas medicinais constituído pelas unidades vocabulares *barbatimão*, *alecrim*, *língua-de-vaca*, *carrapicho*, *urtiga*, *unha-de-gato*, embora não muito extenso, é significativo, já que revela uma pequena amostra daquilo que temos de muito importante em nossas matas: diversas espécies de plantas que curam.

AGC registra sua origem no árabe *Al-ikil*. Já Houaiss informa ser do árabe *al-iklíl* 'id.' Informa, ianda, ser nativo da Europa. Apresenta propriedades medicinais. O óleo de suas sementes é usado como cicatrizante e estimulante. Pode ser usado também em cosméticos. Suas folhas, com várias propriedades medicinais, são usadas como condimento.

Importa registrar que, no Brasil, há uma outra planta conhecida como alecrim e que não deve ser confundida com a que estamos descrevendo. Trata-se da espécie *Holocalyx balansae* M., árvore da família das *leguminosa-Caesalpinoideae* que, conforme Lorenzi (p. 18), atinge de até 15 a 25 metros de altura. Ocorre de São Paulo até o Rio Grande do Sul. A madeira é utilizada em carpintaria. Nomes populares: *alecrim*, *ibirapepê*, *alecrim-de-campinas*, *pau-alecrim*. Tem uma madeira muito resistente, por isso era muito utilizada pelos índios para o fabrico de flechas e tacapes. Os frutos são muito apreciados pelos morcegos. A árvore é bastante ornamental e proporciona ótima sombra.

Na Enciclopédia de Plantas Brasileiras (p. 40-41), a unidade vocabular *alecrim* é registrada, assim como em Houaiss, sob o nome científico *Rosmarinus officinalis*, família

*Labiatae*. Nomes populares: *alecrim-rosmarinho*, *alecrim-de-jardim*. É originário da Europa e bastante conhecido desde a Antiguidade. Era muito utilizado na Idade Média e Renascença. É curioso o fato de tal espécie ter sido utilizada como símbolo da fidelidade e amizade. São-lhe associados, também, poderes místicos. A planta exala aroma intenso e agradável. Tem importância medicinal, cosmética e culinária. O chá das folhas apresenta propriedades estomáquicas, úteis no caso de digestão difícil e flatulência. Topicamente, é empregado como rubefaciente, pois quando aplicado na pele, aumenta o fluxo sanguíneo e ruboriza. É também anti-séptico. Supõe-se que essa planta tenha sido introduzida no Brasil pelos primeiros colonos e, hoje, pode ser encontrada em todo o país.

Algumas outras informações curiosas sobre esse item lexical foram encontradas no site <http://www.herbario.com.br/planmed.htm>. Segundo registros deste site, o *alecrim* é originário da Costa do Mediterrâneo. É também conhecido pelo nome de “*Rosmarinus*” que lembra a denominação latina de “*ros marinus*” - “rosa do mar”. Para os romanos, esta planta simbolizava o amor e a morte e por isto era plantada próximo à soleira das portas das casas. A igreja católica também o usava nos seus rituais, queimando-o como incenso. Até hoje, diz-se que o *alecrim* é tido como um excelente amuleto contra o “mal olhado”. Na culinária é recomendado para carnes de porco, cabrito, carneiro e peixe. É usado também para aromatizar vinagres e óleos.

Existem algumas lendas e mitos em torno deste vocábulo. Conta-se que, numa viagem, Nossa Senhora sentou-se à sombra de um *alecrim* para dar de mamar ao menino Jesus: por isso, acredita-se que a planta nunca atinge altura superior à de Jesus adulto. Outro conto diz que a Bela Adormecida foi acordada pelo príncipe com um ramo de *alecrim*. Os gregos usavam coroas de *alecrim* em festas, como símbolo da imortalidade. A crença popular usa o *alecrim* para afastar olho gordo, erva da juventude eterna, do amor, amizade e alegria de

viver. Erva colocada debaixo do travesseiro afasta maus sonhos. Tocar com alecrim na pessoa amada faz ter seu amor para sempre.

Finalmente, a título de curiosidade, diz-se que alguns raminhos de alecrim jogados sobre as brasas enquanto se faz churrasco, deixa a carne com um aroma delicioso. O alecrim é, pois, mais uma das belezas da fauna brasileira.

Vocábulo	OC.	Definições
<b>44. barbatimão:</b> s.m. “ <i>Havia à beira da várzea e já no tabuleiro, um alto e esgalhado barbatimão...</i> ”. (p. 120)	02	AMS – n/c AGC – n/c

#### NOTA:

Não encontramos registrada essa unidade lexical em nenhum dos dicionários de época consultados. *Barbatimão*, um brasileirismo geral, que Aurélio remete para as formas *barbatimão-verdadeiro*, descrito por ele como brasileirismo do Pará a Minas Gerais e São Paulo, e *caroba*, brasileirismo de origem tupi = 'folha amarga'.

Sobre essa unidade lexical, encontramos também em Cruz 1995 (*apud* PIRES, 1999, p. 116), as formas *uabatimó* e *ibatimó*, itens usados pelos índios. Acrescenta, ainda, *barba de timan* e *mimosa barba de timanno*. Sobre suas propriedades medicinais, Cruz informa que essa espécie é, dentre todos os vegetais conhecidos, o mais rico em tanino, substância indicada para combater infecções e hemorragias e, também, para o tratamento de úlceras.

Houaiss (2001) já apresenta as variantes *barba-de-timão*, *barbatimão-de-folha-miúda*, *barbatimão-falso* e *barbatimão-verdadeiro*, *casca-da-virgindade*, *casca-do-Brasil* e *charãozinho-roxo*. É nativa do Brasil. Ocorre nos campos e cerrados do Pará até São Paulo e Mato Grosso do Sul. Há outras espécies que podem ser encontradas em outras regiões do país como no Pará, Minas Gerais, São Paulo, Goiás, Mato Grosso do Sul e Mato Grosso. É uma planta que se caracteriza pela larga utilização na medicina. De suas cascas e seus frutos extrai-

se tanino e, também, tinta vermelha. Para essa unidade vocabular, Houaiss registra as variantes *batimô*, *uabatimô*, *uabatimó*.

Quanto à etimologia, Houaiss registra que sua origem é controversa; proveniente *barba* + *timão*; do antepositivo, do latim *barb(i)- barba,ae* 'barba (do homem e dos animais) e de *tim(o)-* (latim *thymum,i* 'tomilho (planta)', do grego *thúmon* ou *thúmos*) mas, para Nascentes, com modificações por influência do tupi. Na Amazônia, já se regionalizou pelo nome de *baratinha*.

Pires de Oliveira (1999), ao tratar brasileirismos e regionalismos no Português do Brasil, menciona que, em relação ao aspecto formal, tal item lexical se configura como um aportuguesamento do vocábulo indígena *uabatimó*, resultando num exemplo de brasileirismo da classe dos indigenismos. Vale ressaltar que esse processo é muito comum nas obras de Alencar.

Lorenzi (2001 p. 204) classifica-o sob espécie *Stryphnodendron adstringens*. Nomes populares *barbatimão*, *barbatimão-verdadeiro*, *barba-de-timão*, *casca-da-virgindade*. Informa, também, que possui madeira própria para construção civil em obras expostas, por ter madeira bastante durável. Ele ressalta, ainda, suas propriedades curativas afirmando que a casca dessa planta tem alto teor de tanino de grande ação estíptica, outrora muito procurada por prostitutas. Por causa disso é conhecida popularmente por *casca de virgindade*, *casca da mocidade*. As favas são consideradas tóxicas ao gado *vacum*. É uma árvore bastante ornamental e é também recomendada na recomposição de áreas degradadas.

Consultando a Enciclopédia de Plantas Brasileiras (p. 87-88), esta planta é de origem incerta. Aparece em quase todo o Brasil, desde o estado do Pará até São Paulo, incluindo Minas Gerais. Cresce lentamente e sua exploração é genuinamente extrativa. É de grande importância medicinal e industrial.

Outro aspecto interessante registrado pela Enciclopédia de Plantas Brasileiras, é que esta planta fornece resistente material, conhecido comercialmente como crina vegetal, bastante utilizado para enchimento de colchões, travesseiros, almofadas e, principalmente, para acondicionamento de ovos e objetos frágeis. E a infusão do caule é considerada, popularmente, como ainti-reumático e anti-hemorroidário.

Finalmente, encontramos na Revista Brasileira de Botânica (1999, v.22), site *Scielo do Brasil*, num estudo realizado por um grupo de pesquisadores da UNB, Universidade de Brasília, que a espécie *Stryphnodendron adstringens* (Mart.) Coville (*Leguminosae*), conhecida como barbatimão, tem distribuição geográfica ampla, ocorrendo desde o Pará, passando pelo planalto central, até Minas Gerais e São Paulo. Ela ocorre em formações savânicas primárias e secundárias. Apresenta folhas compostas bipinadas, com cinco a oito jugas, com seis a oito pares de folíolos por pina. O fruto é um legume sésstil, grosso e carnoso, linear-oblongo com cerca de 10 cm de comprimento (CORREA 1984, LORENZI 1992). Ela ocorre com altas densidades em várias localidades do Brasil central (Felfili et al. 1993, 1994, FELFILI & SILVA JUNIOR 1993). É uma planta não acumuladora de alumínio (SILVA 1991).

Vocábulo	OC	Definições
<b>45. Algodoeiro: s.m.</b> “... a velha Filipa cansava logo e deixava-se ficar sentada ao pé de um algodoeiro, cujos capulhos ia cardando para entreter o tempo”. (p. 152)	01	<b>AMS</b> – Algodoeiro, s.m. Arvore de meya grandeza, que produz o algodão. (p. 93) <b>AGC</b> – subentrada em algodão (p. 31) Algodoeiro 1813. (p. 37)

**NOTA:**

Os dicionários de época são também, em relação a essa unidade vocabular, pouco esclarecedores nas suas definições. Eles se limitam a defini-la como árvore que produz algodão.

Segundo Houaiss, rubrica angiospermas, trata-se de arbustos e árvores pequenas do gênero *Gossypium*, da família das *malváceas*. Ressalta, ainda, que algumas subespécies são conhecidas há milênios, e diversas variedades são cultivadas em diferentes partes do mundo, para obtenção do algodão e do óleo que se extrai das sementes. É, por isso, usado, também, na indústria e na alimentação. Houaiss analisa sua formação, mencionando sua etimologia e formação a partir do radical *algodon-* (com perda de nasalidade) + *-eiro*; e remete para *algo(d)-*, *um* antepositivo, contrapartida vulgar do cultismo *coton(i)-*, do árabe *al-qutun* 'algodão'. Informa, ainda sobre sua origem, ser uma planta introduzida na Andaluzia no século XII e integrada no românico hispânico, donde o português *algodon* e espanhol *algodón* (ambas do século XIII). Conforme Houaiss a cognação vernácula inclui: *algodão* (vários compostos com *algodão* - como primeiro elemento), *algodãorana*, *algodãozinho*, *algodoal*, *algodoamento*, *algodoar*, *algodoaria*, *algodoeiro*, *algodoeiro-do-campo*, *algodoento*, *algodoim*. Segundo esse dicionarista, o algodão é nativo do Novo Mundo, tem variedades cultivadas em todo o mundo, especialmente no continente americano.

Na Enciclopédia de Plantas Brasileiras (p. 44), encontramos o item lexical *algodoeiro* registrado sob a espécie *Gossypium hirsutum*, família das *Malvaceae*, nome popular algodão-asiático. Registra, também, que a cultura do algodão no Brasil, onde existem diversas espécies, é comprovadamente pré-histórica. Nos países de civilização antiga é cultivado há milênios, pois se comprovou ser produzido por esta planta o mesmo material utilizado para enfaixar múmias egípcias e peruanas. Suas fibras têxteis são de extremo valor econômico.

Ainda, segundo essa mesma fonte, o *algodoeiro* é um arbusto que mede de meio a dois metros de altura. Suas sementes são utilizadas como galactogenênicas. A casca é utilizada como combustível e forragem para bovinos, eqüinos, suínos e ovinos. As folhas são utilizadas na medicina caseira como emolientes e antidisentéricas. A casca da raiz também é utilizada na

medicina e age como emenagoga e hemostática. Seu extrato promove contrações uterinas. Extrai-se das sementes do algodoeiro o óleo comestível, de utilização culinária.

Segundo informações sobre sua origem, temos em *algodoeiro* outro brasileirismo formado a partir de uma base estrangeira.

Vocábulo	OC.	Definições
<p><b>46. carrapicho: s.m.</b>  <i>“Quem sua imaginação via, já não era o menino mal trajado e roto, com a cara coberta de poeira, os cabelos cheios de &lt;carrapichos&gt;...”</i> (p. 151)</p>	01	<p><b>AMS</b> – carrapito, sm. T. chulo. Atado do cabelo nas faces, e no alto da cabeça, como se faz as crianças. <i>Carrapitos</i>; cornos. (p. 350)</p> <p><b>AGC</b> – carrapito sm. ‘chifre de cabrito’ 1813. De origem controvertida // carrapICHO sm. ‘designação comum a várias plantas, cujos frutos, pequenos, aderem facilmente à roupa do homem e ao pêlo do animal’ 1881. (p. 159)</p>

#### NOTA:

Há, com relação à definição dessa unidade vocabular, desencontros entre os dicionaristas. A definição de AMS em nada corresponde ao sentido desse item na abonação e, nem tampouco, com a de AGC. Moraes não menciona a acepção de *angiospermas*, como faz as demais fontes consultadas.

No **Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa**, AGC (1994, p. 159) registra a unidade lexical *carrapicho* como proveniente de “*carrapito*, com troca de sufixo”, o que também é atestado tanto por Houaiss, quanto por Aurélio.

Houaiss registra essa lexia, sob a rubrica *angiospermas*, como designação comum a diversas plantas do gênero *Desmodium*, da família das *leguminosas*, subfamília *papilionoídea*, gealmente usada como forragem. É nativa do Brasil (Amazônia a Mato Grosso e ao Rio Grande do Sul) e das Guianas. Conhecida como *amor-de-vaqueiro*, *amor-de-campo*, *barbadinho*, *feijão-de-boi*, *castanha-brava* e *carapicu*. Explica o dicionarista que essa planta é logo reconhecida pelos pequenos espinhos ou pêlos, que aderem às roupas do homem e aos pêlos dos animais.

Aurélio registra esse item vocabular como um brasileirismo da Botânica e apresenta, praticamente, a mesma definição proposta por Houaiss. Informa, também, que algumas espécies produzem fibra têxtil. Aponta como sinônimos nesta acepção os itens: *amores-do-campo-sujo*, *desmanto*, *pega-pega* e *sensitiva-mansa*. Aurélio apresenta, ainda, a variante *desmanto*: de *desm(o)-* + *-anto*, que, segundo o dicionarista, vem de *desmo* = laço, ligamento e *anto*.

É importante ressaltar que as formas compostas, *sensitiva-mansa*, *pega-pega*, apresentadas por AGC, Houaiss e Aurélio revelam os traços semânticos de algo que adere ou gruda, evidenciando, assim, a principal característica desta espécie vegetal.

Dessa forma, é possível afirmar que a unidade vocabular *carrapicho* constitui-se como um brasileirismo geral e que, em virtude de sua larga utilização nas mais diversas regiões do país, houve um enriquecimento semântico da palavra pela criação de um novo vocábulo. Criação esta motivada por um elemento extralingüístico, pelo próprio referente. Isso justifica as várias denominações que essa espécie de planta adquiriu.

Vocábulo	OC.	Definições
<b>47. língua-de-vaca:</b> s.f. “Tomou um chá de <língua de vaca>, e deitou-se”. (p. 176)	01	<b>AMS</b> – n/c <b>AGC</b> – n/c

**NOTA:**

Este é mais um vocábulo que não se encontra registrado pelos dicionários de época.

Aurélio classifica-o como brasileirismo da Botânica e a descreve como pequena erva da família das *compostas* (*Chaptalia integerrima*). Aponta como sinônimos o itens *suçuaia*, de origem tupi e, ainda, *buglossa*, vocábulo oriundo do latim, cujo significado é *língua-de-vaca*.

Houaiss, por sua vez, registra o item lexical *língua-de-vaca*, sob a rubrica Botânica, como um regionalismo do Brasil e informa ser esta uma erva perene) da família das

compostas. Nativa do Brasil, Uruguai e Argentina. Menciona como sinônimos os itens lexicais *amor-dos-homens* (*Chaptalia tomentosa*), *buglossa* (*Anchusa azurea*), *fumo-bravo* (*Elephantopus scaber*), *hena* (*Lawsonia inermis*), *joão-gomes* (*Portulaca mucronata*), *espada-de-ogum* (*Sansevieria cylindrica*) e *mata-pasto* (*Vernonia tweedieana*).

Temos aqui, um outro exemplo de brasileirismo de origem tupi.

Vocábulo	OC	Definições
<p><b>48. urtiga:</b>  <i>“Outras vezes passava-lhe um laço de embira e amarrava-a à goiabeira; ou trazia do mato uma folha de &lt;urtiga&gt; para esfregar-lhe no braço,...”</i> (p. 150)</p>	01	<p><b>AMS</b> – urtiga, s.m. Herva com picos, cuja picada fica comendo, a que os não tem se chama urtiga morta. (p. 823)</p> <p><b>AGC</b> – urtiga sf. ‘designação comum a diversas plantas da fam. das urticáceas, cujas folhas são cobertas de pêlos finos, os quais, em contato com a pele, produzem um ardor irritante, devido á ação do ácido fórmico’ /1813, or- XIV/ Do lat. <i>urtica</i>. (p. 805)</p>

#### NOTA:

AMS define de maneira confusa essa lexia. Já AGC, informa ser esta uma planta da família das *urticáceas* e que suas folhas, quando em contato com a pele produz ardor, em razão da presença do ácido fórmico. Tem origem no latim *urtica* e data de 1813.

Lorenzi (2001, p. 421) a registra sob o nome científico *Lamium álbum L.*, família *Labiatae*. Nomes populares *urtiga-morta*, *pé-de-galinha*. É uma planta originária da Europa e da Ásia Ocidental, conhecida desde a Idade Média e empregada como terapêutica. Está aclimatada ao Brasil onde é encontrada com certa freqüência. Em algumas regiões do país, as folhas da urtiga-branca são aproveitadas na alimentação. Possui propriedades medicinais. É uma planta adstringente e aromática, constituída por mucilagem, taninos e óleo essencial. Externamente age no tratamento de contusões e queimaduras, favorecendo o processo de cura.

Para Houaiss, a urtiga é planta do gênero *Urtica*, família das *urticáceas*, ricas em alcalóides. Há em suas folhas pêlos que podem causar irritação à pele. Pode ser encontrada

em várias regiões do mundo, mas, em especial, nas regiões temperadas do hemisfério norte. Pode também ser utilizada na fabricação de redes de pesca e para infusões no tratamento contra a caspa. Tem, segundo Houaiss, origem no latim clássico *urtica,ae* 'urtiga', do verbo latim *urere* 'queimar', pelas queimaduras e erupções provocadas pela urtiga; comparativamente ao espanhol *ortiga* (1220-1250), italiano *ortica* (século XIII), francês *ortie* (século XII), inglês *urtica* (século XVIII), alemão *Urtica* (século XVIII-XIX). Sua formação histórica é do século XIV *urtiga*, século XIV *ortigas*.

Aurélio não registra o item lexical *urtiga*. Há o registro de vocábulos compostos tais como: *urtiga-de-cipó*, *urtiga-de-espinho*, *urtiga-de-leite*, *urtiga-de-mamão*, *urtiga-d-mar*, *urtiga-maior*, *urtiga-menor* e *urtigão*.

Esse é mais um item lexical que se formou a partir de um vocábulo latino e que, motivado por elementos extralingüísticos, adquiriu novos significantes.

Vocábulo	OC.	Definições
<b>49. unha-de-gato:</b> s.f. “...o velho esgueirou-se na direção oposta esgarçando a tira de pano pelos crauatás e <unhas de gato>”.(p. 182)	01	<b>AMS</b> – n/c <b>AGC</b> – n/c

#### NOTA:

Também este vocábulo não foi registrado pelos dicionários de época. Aurélio classifica-o como brasileirismo da Botânica e a descreve como as várias espécies dos gêneros *Mimosa* e *Acacia*, da família das *leguminosas*, providas de acúleos, isto é, pontas afiadas, que rasgam a roupa e ferem a pele com facilidade.

Houaiss menciona que esta espécie vegetal da família das *leguminosas*, especialmente dos gêneros *Acacia* e *Mimosa* é da subfamília *mimosóidea*. Talvez o seu nome tenha sido motivado pelo fato de possuir espinhos geralmente recurvados como as unhas dos gatos. Nativa das Guianas e do Brasil, ocorre do Amazonas ao Paraná. É também conhecida como

*cipó-de-maricá* (*Mimosa bimucronata*), que ocorre mais do Ceará a Minas Gerais e Rio de Janeiro e *cipó-de-gato* (*MacfNadyena unguis-cati*).

Pesquisando mais sobre este item lexical, encontramos, no site do *Boletim do Herbarium Laboratório Botânico*, [www.jardimdeflores.com.br/ERVAS/A12unhadegato.htm](http://www.jardimdeflores.com.br/ERVAS/A12unhadegato.htm) , importantes registros sobre essa espécie de planta. Segundo essa fonte, a planta medicinal *unha-de-gato* (*Uncaria tomentosa*) não deve ser confundida com outra planta também conhecida popularmente como *unha-de-gato* (*Ficus pumila*), uma trepadeira muito utilizada em paisagismo aqui no Brasil para cobrir muros e paredes. No Peru, a *unha-de-gato* (*Uncaria tomentosa*) é uma planta medicinal muito popular. Trata-se de uma trepadeira arbustiva que cresce apoiada geralmente em uma árvore, com folhas compostas, opostas e ovais. Seu nome popular foi inspirado na semelhança de seus espinhos com as unhas do gato. Nos Estados Unidos, ela é conhecida como *Cat's claw*. Sabe-se que os incas foram os primeiros a tirar benefícios de seus princípios ativos e, ao passarem os seus conhecimentos para os índios, deixaram uma riqueza medicinal utilizada no tratamento de doenças como artrite, gastrite, reumatismo e inflamações em geral.

Descrita pela primeira vez em 1830, a *unha-de-gato* pode ser encontrada em toda a Amazônia peruana e, principalmente, nas bacias dos rios da selva central do Peru. A planta começou a despertar o interesse científico somente em 1970, quando foram realizadas inúmeras pesquisas na Europa, que acabaram comprovando o seu valor terapêutico. Pesquisas comprovaram a eficácia da *unha-de-gato* nas ações antiinflamatórias. Vários estudos realizados na Áustria, Alemanha, Inglaterra, Hungria, Itália, Peru e Brasil mostram efeitos benéficos da *unha-de-gato* (*Uncaria tomentosa*) no tratamento de amigdalites, artrite, sinusite, bursite e rinite.

A planta também é benéfica para o tratamento de doenças reumáticas e musculares, principalmente na terceira idade. Os princípios ativos de maior interesse são os alcalóides

oxindólicos e os compostos glicosídeos do ácido quinóico que demonstram ser os responsáveis pelos efeitos antiinflamatórios.

Vale, ainda, registrar que as propriedades medicinais da *unha-de-gato* (*Uncaria tomentosa*) vêm surpreendendo o meio científico a cada dia. Em 1995, essa planta foi de grande importância no tratamento das vítimas do acidente nuclear ocorrido em Chernobil, na Ucrânia.

Atualmente, a *unha-de-gato* está sendo estudada no tratamento de doenças como o câncer e a Aids, em razão de seu poder modulador do sistema imunológico.

Não há em Lorenzi o registro de *unha-de-gato*, mas há registro de *unha-de-vaca* e *unha-de-boi* (p. 159).

### c) plantas ornamentais: 10

Vocábulo	OC.	Definições
<p><b>50. Bilro:</b> s.m.  “— Agradeço por mim e por elas, disse D. Genoveva, distribuindo as flores pelas duas moças.  — São muito lindas, observou D. Flor ao mancebo. Chamam-se &lt;bilros&gt;”.(p. 130)</p>	04	<p><b>AMS</b> – Bilro, s.m. Peça de fazer renda; é a moda de fuso, com mais barriga. (p. 282)</p> <p><b>AGC</b> – bilro sm. ‘peça semelhante ao fuso, usada para fazer rendas de almofada’ 1813. De origem controvertida // bilREIRO sm. ‘planta da fam. das <i>melineáceas</i>’ 1899. (p. 110)</p>

#### NOTA:

Dos dicionários de época consultados, verificamos que nenhum deles traz o registro do item *bilros*. Apenas AGC menciona o item *bilreiro* como uma espécie de planta da família das *melineáceas*.

Houaiss, sob a rubrica angiospermas, registra esse item como um regionalismo de Portugal e menciona com os sinônimos *carapitaia* (*Zephyranthes candida*) e *madressilva-verdadeira* (*Alstroemeria caryophyllea*). Sobre a origem da palavra, Houaiss informa ser

controversa. Talvez seja do latim *pilulus*, masculino de *pilula,ae* 'pílula, pequena bola, ossinho, pequena peça de madeira', ou diminutivo do latim *pilum,i* 'pilão, almofariz'; através de *birlo* e, por metátese, *bilro*, dá origem a derivados nominais e verbais no português. Ele registra, também, a formação histórica de 1562 *bilrro*, 1712 *bilro*.

Aurélio registra esse vocábulo como termo da Botânica e remete para *carrapeta*.

Em *carrapeta* encontramos um brasileirismo da Botânica. Ocorre em Minas Gerais e Rio de Janeiro. Apresenta os sinônimos: *açafroa*, *bilreiro*, *camboatá*, *carrapeteiro*, *cedrão*, *jatuaúba*, *macaqueiro*, *pau-bala*.

Vocábulo	OC	Definições
<b>51. Mimosa: s.f</b> “Nesse momento havia parado, com os olhos fitos em uma moita de <mimosas>,...” (p. 47)	04	<b>AMS</b> – mimosa, s. f. <i>Herva mimosa</i> , sensitiva. (p. 300) <b>AGC</b> – subentrada em mimo sm. Mimosas sf. ‘planta da fam. das leguminosas’ ‘certa espécie de acácia’ 1844. (p. 521)

#### NOTA:

Em sua sintética definição, AMS menciona ser o item lexical, *mimosa*, uma herva sensitiva. AGC, também de maneira muito sintética, classifica essa planta como uma espécie de acácia e da família das leguminosas.

Houaiss, sob a rubrica angiospermas, descreve-a como pertencente às plantas do gênero *Mimosa*, da família das *leguminosas*, subfamília *mimosoídea*, que reúne 480 espécies de ervas, arbustos, lianas e árvores, nativas de regiões tropicais e subtropicais, especialmente das Américas, algumas daninhas, várias cultivadas como ornamentais, poucas como medicinais, para extração de lenha etc. Quanto à etimologia Houaiss informa sua origem e evolução histórica pelo latim científico gênero *Mimosa* (1737), formado do latim *mimus,i* 'mimo, pantomimo' + *-osa*, forma feminina de *-osus* '-oso'. Segundo esse dicionarista, o nome se deve à aparente imitação da planta com a vida animal sensitiva, ao inclinar e fechar as

folhas quando tocada; comparativamente ao grego *mîmos*, ou 'imitador' – antepositivo do grego *mímésis*, *eós* 'imitação'.

Aurélio classifica a unidade lexical *mimosa* como um termo da Botânica e a descreve como pertencente ao gênero de plantas *herbáceas*, árvores e arbustos da família das *leguminosas*, subfamília das *mimosóideas*. É uma espécie que ocorre nas regiões tropicais.

Lorenzi (2001, p.196) registra a espécie *Mimosa caesalpinifolia*, família das *Leguminosaea-Mimosoideae*. É uma planta espinhenta de 5-8 m de altura. Ocorre no Maranhão e região nordeste até a Bahia, na caatinga. Sua madeira tem grande durabilidade e é apropriada para usos externos. A folhagem constitui valiosa forragem para o gado durante a estiagem do sertão. Apresenta características ornamentais, pela forma entouceirada que geralmente apresenta. É também muito empregada como cerca viva defensiva, além de ser muito cultivada para produção de madeira na região nordeste do país.

Vocábulo	OC	Definições
<b>52. bignônia:</b> s.f. “...cobrira aquele esqueleto de um manto de púrpura, tecido com as flores de uma <bignônia>”. (p. 151)	01	<b>AMS</b> – n/c <b>AGC</b> – bignônia sf. ‘planta ornamental, cultivada, da fam. das <i>bignoniáceas</i> ’ 1871. Do fr. <i>Bignone</i> , do antrop. <i>Bignon</i> , apelido de um abade francês, que foi bibliotecário de Luís XIV, a quem a planta foi dedicada. (p. 109)

**NOTA:**

Essa lexia também não aparece registrada por AMS. AGC faz a descrição ressaltando a família a qual pertence essa espécie (*bignoniáceas*). Apresenta a datação de 1871 e afirma sua origem do francês *Bignone*, em homenagem ao abade francês *Bignon*, bibliotecário de Luís XIV.

Já Houaiss registra sua origem e formação no latim científico gênero *Bignonia* (1735), do antropônimo J.P. *Bignon* (1662-1743, bibliotecário real francês) + *-ia*. Esse dicionarista

informa, ainda, que essa planta, do gênero *Bignonia* e da família das bignoniáceas, possui apenas uma espécie, nativa do Sudeste dos E.U.A.

Aurélio, por sua vez, registra *bignónia* e diz tratar-se de um lusitanismo da Botânica e remete para *bignônia*, termo da Botânica e que ele define como “pequeno gênero da família das *bignoniáceas*, que abrange trepadeiras lenhosas, da América e do Japão...”. São também, cultivadas como ornamentais.

A Enciclopédia das Plantas Brasileiras (p. 91) registra *begônia-real*. Espécie *Begônia rex Putz* da família das *Begoniaceae*. Há inúmeras variedades de begônias, mas são, em sua grande maioria, nativas da América do Sul, África e Ásia tropical. Tem como *habitat* natural as matas úmidas. A propagação dessas espécies se deu particularmente no século XVIII. No Brasil, foi introduzida provavelmente da Índia e é considerada a mais vistosa do gênero e é muito ornamental.

Vocábulo	OC	Definições
<b>53. Magnólia:</b> s.f. “ <i>Na cor parecem esmeraldas a voar; e no mimo e gentileza figuram os silfos desses campos, que tomassem aquela forma delicada para esconderem-se ao seio das &lt;magnólias&gt; silvestres</i> ”. (p. 103)	01	<b>AMS</b> – n/c  <b>AGC</b> – magnólia sf. ‘gênero de plantas muito aromáticas’ 1858. Do fr. <i>Magnólia</i> , deriv. Do lat. cient. <i>magnólia</i> , latinização do antr. ( <i>Pierre Magnol</i> (1638-1715), botânico a quem Plumier homenageou. (p. 489)

#### NOTA:

Também não há registro dessa unidade no dicionário de AMS. AGC aponta sua origem no vocábulo francês *Magnólia*, derivado do latim científico *magnólia*, formado pela latinização do antropônimo *Pierre Magnol*.

Na Enciclopédia das Plantas Brasileiras (p. 295), esta planta pertence à espécie *Magnólia grandiflora*, família das *Magnoliaceae*. É uma planta originária da América do Norte e muito cultivada no Brasil, famosa por sua utilização no reflorestamento urbano. Sua

família compreende cerca de dez gêneros e mais de 100 espécies. A árvore atinge até 30 m de altura. Pela sua beleza, tem grande valor ornamental. É encontrada em estado silvestre, mas pode ser cultivada a partir da semente.

Houaiss também menciona sua origem no latim científico gênero *Magnolia* (1735), do antropônimo Pierre *Magnol* (1638-1715, botânico francês) + *-ia*; cunhado por Charles Plumier. Ele a descreve como nativa do Himalaia ao Japão e Oeste da Malásia, Leste da América do Norte e regiões tropicais das Américas. É cultivada pela madeira, cascas medicinais e principalmente pelas flores, vistosas e perfumadas.

Já para Aurélio é uma árvore natural da América do Norte e da Ásia e explica sua origem no taxonômico *Magnólia*, que por sua vez se originou do antropônimo *Pierre Magnol* (1638-1715), botânico francês, mais o sufixo nominal do latim científico *-ia*. Vale registrar que esse é um sufixo nominal átono, neutro plural, do latim, formador de substantivos eruditos, geralmente usado na terminologia da Botânica e da Zoologia.

O subitem *As plantas ornamentais*, também concorre, ao lado dos demais, para a caracterização de um cenário colorido pelo verde das florestas que cobre todo o território brasileiro, revelando uma natureza rica e exuberante, que chama a atenção pela multiplicidade de espécies, com suas propriedades medicinais, pelos seus diversos usos na indústria, pela sua beleza e, conseqüentemente, pela função que assume como elemento de revelação da nacionalidade.

## II – Os animais: 484 oc.

### a) os quadrúpedes: 399 oc.

#### 1. generalidades: 147 oc.

Vocábulo	OC	Definições
<b>1. Gado: s.m.</b> <i>“Aí, ao morrer do dia, reboa entre os mugidos das reses, a voz saudosa e plangente do rapaz que abóia o &lt;gado&gt; para o recolher aos currais no tempo da ferra. (p. 11)</i>	39	<b>AMS</b> – Gado, s.m. Os animaes, que se crião pascendo para a lavoira, serviço, e sustento. (p. 73)  <b>AGC</b> – gado sm. ‘reses em geral, rebanho, armento, vara’ / XIV. Do lat. <i>ganātu</i> , part. De <i>ganãre</i> . (p. 374)  <b>RVI</b> – n/c

#### NOTA:

As unidades vocabulares *gado*, *touro*, *novilha*, *barbatão*, *rês*, *garrote*, *poldro*, *ginete*, *borrego* e *besta* totalizam 147 ocorrências e compõem o item IV do SC - *os animais*, subitem *os quadrúpedes*, *generalidades*, os quais analisamos na seqüência.

É importante registrar que, tal como fizemos com alguns vocábulos do item *As plantas*, também no item *Os animais*, optamos por registrar apenas as definições dos dicionários consultados, quando o vocábulo em análise não sugere, no contexto em que foi empregado pelo autor, sentidos outros além do dicionarizado.

Ao focalizar a unidade lexical *gado*, Houaiss e Aurélio fazem referência ao conjunto de animais, reses em geral: gado bovino e caprino, criados para diversos fins.

Com relação à origem, Houaiss informa ser controversa e menciona que, segundo Nascentes, deriva do espanhol *ganado* (1140) 'conjunto de bestas mansas que apascentam', primitivamente (950) 'ganhado, bens', especialização semântica devida à importância da

riqueza pecuária na economia primitiva, derivado de *ganar* 'ganhar', este de provável origem germânica; segundo JM e AGC, do latim *\*ganátus*, particípio de *\*ganáre*. Sua formação histórica é de 837 *ganatum*, 943 *ganado*, 1181 *ganato*, século XIII *gãado*, século XIV *gado*, século XIV *gaado*, século XIV *guaado*.

Já para Aurélio, origina-se *de gãado*, *gaado*, particípio passado do antigo *gãar*, *gaanar*, 'ganhar'.

A se considerar as informações de Houaiss, essa unidade lexical é mais um brasileirismo formado por uma base estrangeira. Os dicionários de época também definem tal item lexical no sentido geral e ressaltam sua utilização, no auxílio ao homem para os mais diversos fins.

Postas as informações dadas pelos dicionaristas, é importante tecer, ainda, algumas considerações sobre o uso dessa lexia no contexto da obra em análise. O campo lexical, *animais quadrúpedes*, subitem *generalidades*, está composto por 10 vocábulos que totalizam 147 ocorrências. Esse é um campo léxico muito importante para o contexto da obra. Os animais representam, ao lado das plantas, o outro elemento para a caracterização e descrição do nosso país, das suas riquezas e das singularidades.

A formação desse campo representa e revela, também, a presença e a importância desses animais para a realidade do sertanejo, seja proporcionando-lhe o alimento, o transporte, o auxílio no serviço da lavoura, seja como elemento de formação de sua cultura, pois sabemos que o boi é figura central do folclore do Norte e Nordeste do Brasil.

Ressaltamos, na composição desse campo lexical, as unidades vocabulares de maior ocorrência, quais sejam *animal* com 48 oc, *gado* com 39 oc, *touro* com 37 e *novilha(o)(s)* com 25 ocorrências. O alto índice de ocorrências dessas lexias apontam, de certa forma, para a relevância desses vocábulos na estruturação desse campo lexical.

Assim sendo, vale registrar que pesquisando sobre a história da introdução da pecuária no Brasil, encontramos informações, veiculadas por estudiosos de nossa história, afirmando que o surgimento da pecuária no Nordeste brasileiro se deu como reflexo da empresa agrícola litorânea, implantada pelos portugueses, no início do processo de colonização do Brasil. E que a pecuária teria sido um dos fatores motivadores do desbravamento do interior.

Assim, não restava, ao interior nordestino, outra opção senão o desenvolvimento da atividade pecuária. O próprio autor reconhece o valor do gado para o sertão, quando afirma que: “O gado de várias espécies, que os primeiros povoadores tinham introduzido na Capitania do Ceará, se propagara de um modo prodigioso por todo o sertão, coberto por ricas pastagens”. (p. 25)

E para Alencar o foco de suas atenções, nesse período, estava direcionado, justamente, para o interior do país, para as regiões mais afastadas dos centros mais desenvolvidos, isto é, o meio rural, o sertão, visto que era sua intenção revelar a nação emergente em toda sua diversidade cultural e riqueza geográfica. Logo, cantar a natureza, o folclore, os costumes e tradições, era o escopo primordial de Alencar.

Tais considerações permitem-nos considerar a possibilidade de que a grande ocorrência desses itens vocabulares no campo lexical dos animais é mais um dos muitos elementos utilizados por Alencar para sugerir e traduzir suas intenções nacionalistas e históricas.

É interessante ressaltar que a lexia *gado* aparece empregada em seu primeiro sentido como termo genérico, isto é, em sentido de rebanho, mas se associarmos a ela o espírito nacionalista-sertanista, próprio do romantismo de Alencar, daremos a essa unidade vocabular, bem como a outras, presentes na obra em análise, um valor especial, um sentido remotivado pelas aspirações nacionalistas do romancista.

Vocábulo	OC	Definições
<b>2. Touro(s): s.m.</b> “ <i>O mais vigoroso touro do sertão, ele o sustentava sem toscanejar, pela ponta do laço de couro cru</i> ”. (p. 40)	37	<b>AMS</b> – touro, s.m. Boi novo, não capado. (p. 791) <b>AGC</b> – touro sm. ‘boi inteiro, não castrado’ XIII. Do lat. <i>taurus</i> . (p. 779) <b>RVI</b> – n/c

**NOTA:**

Todos os dicionários consultados foram coincidentes em suas definições no que se refere à característica “boi inteiro, não castrado” e quanto à origem quando afirmam ser proveniente do latim *taurus*.

Houaiss foi um pouco mais esclarecedor ao informar a formação histórica: “latim *taurus*, i 'touro'; cp. *toiro*; ver *tour-*; f.hist. sXIV *toro*, sXV *tourros*”. Embora esta lexia tenha sido usada na obra em seu sentido primeiro, dicionarizado, sabemos que, considerando o número de ocorrências e as informações que temos sobre o interesse e preocupação de Alencar em retratar nossa terra, nosso povo, pelo relato de lendas, tradições, festas religiosas, enfim, pela exaltação dos usos e costumes do povo brasileiro, ela possui, assim como a lexia anteriormente analisada, significado especial, assumindo papel de destaque no contexto da obra. Representa ora a força, a bravura, a firmeza e resistência do sertanejo; ora a convivência harmoniosa do homem com os animais, com a natureza.

Sobre isso, observemos no trecho abaixo a força da adjetivação dada ao item lexical em análise:

- “Em sua atitude garbosa, reconhecia-se a altivez do **touro bravo, filho indômito do sertão**, nascido e criado à lei da natureza”. (p. 111)
- O **touro barbatão** respondera ao grito dos vaqueiros com um mugido manhoso e afastara-se a meia carreira, como para poupar as suas forças ou medir as do inimigo(p.114)
- “Já vejo que o Dourado é um herói, um **touro de Maraton**, que ainda não encontrou o seu Teseu”. (p. 109)
- “... **touro livre e brioso**, ...” (p. 123)
- “... **touro indômito**...” (p. 11)
- “ O mais vigoroso **touro do sertão**,...” (p. 40)
- “... **touro bravo**(p. 74)

Verdade é que, Alencar foi um pesquisador dos elementos nacionais e buscou no folclore um dos meios pelos quais pudesse retratar as tradições do povo brasileiro. E o touro ou o boi tornaram-se, sobretudo no Nordeste, elemento fundamental numa das representações folclóricas mais importantes do nordestino, denominada vaquejada. O vaqueiro, esse tipo étnico resultante do contato do branco com o colonizador, tornou-se, assim, figura representativa da cultura nordestina.

Soma-se a isso, o fato de que, segundo análises históricas, a colonização do território brasileiro teve duas vertentes: a cultura da cana de açúcar nas áreas litorâneas e a criação de gado no interior. Assim, a atividade econômica de maior destaque no Ceará foi a pecuária.

Portanto, temos em *touro* um item lexical que pode ser classificado como um brasileirismo de origem latina.

Vocábulo	OC	Definições
<b>3. Novilha(o)(s): s.f.</b> “ Desde a véspera desaparece-ra do curral a Bonina, uma novilha de alvura deslumbrante, que entre outras o capitão-mor escolhera por sua beleza para dar à filha, e desta recebera o nome de uma flor predileta.(p. 87)	25	AMS – novilho, s.m. Boi novo, bezerro. (p. 349)  AGC – n/c  RVI - n/c

**NOTA:**

AMS refere-se ao item lexical *novilho* como “boi novo, bezerro”. Não há registro dessa lexia em AGC e nem em RVI.

Já Houaiss registra a acepção “boi novo; almalho, bezerro”. Lexia oriunda do espanhol *novillo* (*noviello* 1220, *novillo* 1343), de *nuevo* 'novo', do latim *novus, a, um*. Sua formação histórica é do século XIII *novelo*, 1453 *nouilho*. Aponta o item lexical *vitelo* como sinônimo.

Aurélio registra a mesma acepção de Houaiss e informa a origem como do espanhol *novillo*.

Vocábulo	OC	Definições
<b>4. Barbatão: s.m.</b> “Seu cavalo cardão rompeu o mato a galope, como quem estava acostumado a campear o barbatão no mais espesso bamburral;...” (p. 16)	21	AMS – n/c  AGC - → <b>bravo</b> Barbatão sm. ‘rês que, por ser criada nos matos, se torna bravia’ 1899. Parece forma metatética de <i>brabatão</i> , derv. De <i>brabo</i> , var. de <i>bravo</i> . (p. 123)  RVI – n/c

**NOTA:**

No **Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa**, AGC assinala que esse item lexical, definido como “rês que, por ser criada nos matos, se torna bravia”, seja, provavelmente, uma forma metatética de *brabatão*, derivado de *brabo*, variante de *bravo*. Esta é também a posição de Houaiss.

Já Aurélio aponta noutra direção. Afirma ser um brasileirismo, cuja origem se deu a partiu de *bravatão* proveniente de bravo. Buscando o item lexical *bravo*, encontramos a informação de que este seja um item lexical oriundo do latim *barbaru*, 'selvagem'. Aurélio apresenta, para o item lexical em análise, a variante *chimarrão*, e classifica-o como oriundo do espanhol platino *cimarrón*.

Portanto, temos, neste caso, um brasileirismo do Rio Grande do Sul, que tem como sinônimos no Norte e Nordeste a lexia *barbatão*. Aurélio registra a mesma acepção dada tanto por Houaiss quanto por AGC.

Isso posto, podemos concluir que a unidade vocabular *barbatão* configura-se como um brasileirismo de base, provavelmente latina, e que se regionalizou.

Vocábulo	OC	Definições
<b>5. Rês: s. f.</b> “D. Flor pensando que esse terror proviria de ter o baio pressentido no mato a carniça de alguma <rês>, afagou-lhe o pescoço com a mãozinha afilaada...” (p. 15)	07	<b>AMS</b> – rês, s.f. cabeça de gado. (p. 608) <b>AGC</b> – rês sf. ‘qualquer quadrúpede usado na alimentação humana’ XVI. Do ar. Rá’s ‘cabeça’. (p. 678) <b>RVI</b> – n/c

#### NOTA:

Com relação à unidade lexical *rês*, observamos que há, entre todos os dicionários consultados, uma uniformidade quanto à definição dessa unidade lexical.

AMS, registra *rês*. Quanto à etimologia, tanto Houaiss, quanto Aurélio, registram ser oriunda do árabe *rás* 'cabeça'. Sua formação histórica é de 1117 *rex*, século XVI *res*.

Temos, então, mais um vocábulo português formado por uma base estrangeira.

Vocábulo	OC.	Definições
<b>6. Garrote: s.m.</b> “A seca tem sido grande, e os <garrotes> estão pela espinha, não é assim?” (p. 33)	07	<b>AMS</b> – garrote, s.m. Arrocho, cotó de pão, com que se dá volta ao laço posto no pescoço para matar, ou estrangular. (p. 80) <b>AGC</b> - → garra Garrote sm. ‘novilho’ XX. Do fr. Garrot ‘parte saliente do dorso de um quadrúpede. (p. 379) <b>RVI</b> – n/c

**NOTA:**

Os dicionários de época não registram a acepção em que essa unidade vocabular foi empregada na obra em análise, ou seja, um bezerro novo.

Houaiss e Aurélio registram este vocábulo como termo da zootecnia na acepção bezerro de dois a quatro anos de idade, bogó. Tem origem duvidosa. Do francês *garrot* 'parte saliente do dorso de um quadrúpede', este do provençal. *garrot* ou derivado de *garrão*.

Aurélio registra, também, que o feminino *garrota* é um brasileirismo. Temos, também neste caso, mais um brasileirismo formado por uma base estrangeira.

É importante registrar que concorrem para o processo de formação da língua portuguesa influências de várias línguas, sobretudo, do latim e do tupi, além do francês e do espanhol.

Vocábulo	OC	Definições
<b>7. Poldro: s.m.</b> “Sumia-se um dia inteiro, metia-se no mato, ou andava cercando os magotes para montar nos <poldros> brabos,...” (p.52)	07	<b>AMS</b> – poldro, s.m. Potro, cavallo ainda novo. <b>AGC</b> – poldro sm. ‘potro’ XIII. Do lat. vulgar <i>Pulliter –tri</i> . <b>RVI</b> – n/c

**NOTA:**

Todos os dicionários consultados são coincidentes quanto á definição: “cavalo novo; potro. AGC registra sua origem no latim vulgar *Pulliter –tri*.

Já Houaiss é um pouco mais esclarecedor, afirmando ser esse um vocábulo oriundo do latim medieval *pullitrus*, cognato do latim *pullus, i* 'filhote ou cria de animal', forma divergente de *potro*, pois *pol-* é um antepositivo, do latim *pullus, i* 'filhote ou cria de animal; criancinha; pintainho'. Sua formação histórica é de 1031 *poldero*, 1034 *Poldro* (alcunha), século XIII *poldro*". Já *poldr-* antepositivo, do latim *pulliter, ri* 'frango', citado por Varrão, latim medieval *pullitrus*, cognato de *púllus* 'filhote ou cria de animal etc.' .

Aurélio registra sua origem também no latim vulgar *pullitru* < lat. *pullus*, 'animal jovem'. E remete para *potro* que, por sua vez, é descrito como do latim vulgar *pulletru*, derivado de *pullu*, 'animal novo'.

Aurélio ainda registra que esse item lexical é um brasileirismo do Rio Grande do Sul na acepção cavalo novo ou não, ainda não domado ou somente com alguns galopes.

Assim, temos outro exemplo de brasileirismo formado a partir de uma base latina.

Vocábulo	OC	Definições
<b>8. Ginete: s.m.</b> <i>Mas ela voltou-se para sorrir à sua mãe, fazendo-lhe um gesto prazenteiro, e deixou-se levar pelo árdego &lt;ginete&gt;.(p. 15)</i>	02	<b>AMS</b> – Ginete, s.m. Cavallo de casta fina, dócil, bem formado, ligeiro. (p. 88) <b>AGC</b> – ginete sm. ‘soldado a cavalo que lutava comadaga e lança’ ‘cavalo de boa raça’ / genete XIII / Do ar. Vulg. <i>Zemêti</i> . (p. 386) <b>RVI</b> – n/c

#### NOTA:

Os dicionários de época consultados registram a acepção que corresponde à da abonação, ou seja, cavalo de boa raça, ligeiro e bem formado.

O **Dicionário de Animais do Brasil** (2002), não registra esse vocábulo. Nesse sentido, o item lexical *ginete* está registrado em Houaiss, como derivação por metonímia. Esse estudioso registra a etimologia do referido vocábulo no árabe vulgar *zenêti* (cl. *zanátí*)

'indivíduo dos zenetas, tribo famosa por sua cavalaria ligeira'. Percebe-se que de 'cavaleiro que montava à gineta' passou, por metonímia, ao 'cavalo'.

Esse dicionarista registra, ainda, a formação histórica do vocábulo em análise: século XIII *genete*, século XV *ginete*, século XV *gynete*.

Para Aurélio, essa lexia tem origem no árabe *zanātī*, 'indivíduo dos zenetas (tribo famosa por sua cavalaria ligeira)'. Apresenta a definição “cavalo de boa raça, fino e bem adestrado”.

Esse vocábulo pode, então, ser, também, classificado como um item lexical que se formou a partir de uma base estrangeira.

Vocábulo	OC	Definições
<b>9. Besta: s.f.</b> “O capitão-mor zombara do Onofre, peando-o a ele e a seus companheiros, como a um magote de <bestas>;...” (p. 145)	01	<b>AMS</b> – besta, s.f. animal bruto, irracional, quadrúpede, em geral doméstico. (p. 279) <b>AGC</b> – besta sf. ‘animal de carga’ XIII. Do lat. <i>bestia</i> . (p. 107) <b>RVI</b> – n/c

#### NOTA:

Para Houaiss, essa é uma lexia que designa o animal irracional, quadrúpede, em geral doméstico. Aponta como sinônimo o item *burro* (animal híbrido). Importa registrar que Houaiss registra-a como regionalismo do Norte e Nordeste do Brasil, na acepção fêmea do cavalo, égua. Origina-se do latim vulgar *bèsta,ae* < latim *bestia,ae* 'besta' animal selvagem ou doméstico, de preferência animal feroz. Sua formação histórica é do século XIII *besta*, século XIII *bestia*, século XIII *bestcha*. Configura-se, pois, como brasileirismo de origem latina.

Aurélio registra-a como oriunda do latim *bestia* (latim tardio *besta*) e a descreve como quadrúpede de grande porte, animal de carga. AMS descreve-o como animal quadrúpede e em geral doméstico. AGC informa sua origem no latim *bestia* e ressalta sua função: animal de carga. Esse vocábulo também não aparece registrado no DAB de Ihering.

Importa ressaltar que neste vocábulo, optamos, também, por apresentar apenas as definições dos dicionários consultados, uma vez que a palavra em seu contexto não sugere outras interpretações ou sentidos.

Vocábulo	OC.	Definições
<p><b>10. Borrego: s.m.</b>  <i>“...e os bezerros misturam seus berrros descompassados com os balidos das ovelhas e &lt;borregos&gt;, também já recolhidos ao aprisco”.</i> (p. 90)</p>	01	<p><b>AMS</b> – borrego, s.m. Os machos do gado ovelhum; tem este nome desde que nascem, até que a lá façam um anno. (p. 293)</p> <p><b>AGC</b> – subentrada em borro            Borrego sm. ‘cordeiro com menos de um ano’. (p. 120)</p> <p><b>RVI</b> – n/c</p>

**NOTA:**

Os dicionários de época são coincidentes quanto às definições, mas não mencionam origem, variações ou marcas de uso.

Conforme Houaiss, trata-se de um regionalismo do Rio Grande do Sul, na acepção ‘carneiro novo, de idade entre a do cordeirinho e a do animal que já pode procriar; *cordeiro, anho*’. Seu processo de formação se dá pela junção de *borro* + *-ego* /ê/. Sua formação histórica é de 1510, *boregos*. Apresenta como sinônimo o item *cordeiro*.

Aurélio registra sua formação de *borro* (ô) + *-ego*.], significando cordeiro com menos de um ano.

Percebemos que em sua formação temos uma base *borro* (do latim *burru*) + sufixo nominal *-ego*, constituindo-se em mais um exemplo de vocábulo português, cuja formação se deu a partir de uma base latina.

## 2. os animais domésticos: 205 oc.

Vocábulo	OC.	Definições
<b>11. Boi: s.m.</b> <i>“Agrela tinha apontado a esmo para um &lt;boi&gt;, cuja cor pudesse até certo ponto desculpar o engano. (p. 111)</i>	87	<b>AMS</b> – Boi, s.m. O macho da espécie vacum. (p. 287)
		<b>AGC</b> – boi sm. ‘mamífero artiodáctilo, ruminante, da fam. dos <i>bovídeos</i> ’ XIII. Do lat. <i>bovem</i> . (p. 115)
		<b>RVI</b> – n/c

### NOTA:

O campo léxico do subitem denominado os *animais domésticos*, encontra-se formado pelos itens lexicais *boi, cavalo, cabra, bezerro, vaca, ovelha* e *porco*, os quais totalizam 183 ocorrências. Destas, sobressaem os vocábulos *boi, cavalo e cabra*, que tiveram o maior número de ocorrências. Isso pode ser justificado, conforme já mencionamos anteriormente, pelo fato de Alencar ter direcionado suas atenções para o interior do Brasil para revelar a terra, o verdadeiro Brasil, seu povo, sua exuberante natureza, a diversidade de nossa flora e fauna.

Para tanto, buscou retratar os costumes e modo de vida do homem do interior, com suas crenças, sua cultura. E, para isso, o folclore foi um dos meios pelos quais ele poderia ressaltar a cultura genuinamente brasileira.

Assim sendo, o touro ou o boi tornaram-se, sobretudo no nordeste, elemento fundamental numa das representações mais significativas da cultura nordestina: as vaquejadas.

Isso pode ser uma das justificativas possíveis para explicar o grande número de ocorrências deste item vocabular, em relação às outras que, com ela, compõem o campo lexical animais no subitem animais quadrúpedes (domésticos).

Ainda sobre o valor da unidade lexical *boi* para o contexto da obra em análise, reafirmamos que tal lexia, assim como as outras que compõem o campo léxico dos animais,

adquirem valor especial no contexto em que foram utilizadas. O item lexical *boi*, como vimos, ocorre 85 vezes e o item *Dourado* (nome do boi selvagem) aparece 65 vezes, totalizando 150 ocorrências relacionadas ao animal. Isso aponta para a relevância dessa unidade lexical no contexto da obra.

Considerando o momento sócio-histórico e cultural e, sobretudo, as pretensões do autor, o boi, denominado na obra, por “Dourado” significa a força, a bravura do sertanejo. É o símbolo da cultura, da força e vitalidade do homem do interior, da terra sertaneja, enfim da própria nação brasileira, conforme podemos constatar pelos trechos abaixo:

- “O **Dourado** tangido, pelos fábricas de José Bernardo, havia parado no meio da várzea. Em sua atitude garbosa, reconhecia-se a altivez do touro bravo, **filho indômito do sertão**, nascido e criado à lei da natureza”.(p. 111)

- “— Já vejo que o *Dourado* é um *herói*, um touro de Maraton, que ainda não encontrou o seu Teseu”. (p. 108)

- “É um *boi destemido* e que tem zombado dos melhores vaqueiros deste sertão. Há sete anos que ele apareceu, e até hoje ainda não houve quem se gabasse de pôr a mão no *Dourado*”.(p. 108)

“— Nem o Louredo, que foi o mais afamado campeador de todo este sertão, pôde com o Dourado;...” (p. 108)

“— O Rabicho andou onze anos fugido, sem que se tivesse notícia dele; e o Dourado, como o sr. capitão-mor mesmo disse, só há sete anos é que apareceu”. (p. 109)

“— Aí está a diferença. O Rabicho acabou com a seca, e o Dourado escapou dela, como escapará de todas as outras por maiores que sejam”.(p. 110)

“Nunca houve boi como o Dourado;...” (p. 110)

- “O Dourado, não há quem lhe deite unha; dos que estão aqui, não desfazendo em ninguém;...” (p. 112)

- “O Dourado dirigiu-se com o passo moroso para o mato; chegado à beira, voltou a cabeça para olhar o sertanejo, soltou um mugido saudoso e desapareceu”. (p. 124)

Como podemos constatar pelos trechos acima, a figura do boi “Dourado” desempenha uma função simbólica, tem um significado para além de um simples animal. No seu caráter selvagem, impetuoso, indomável, está representada a liberdade, a força do sertão, a grandiosidade de nosso país. Tais características revelam os aspectos valorizados pela perspectiva romântica. E essa energia e força inesgotáveis são decorrentes do contato privilegiado do animal com a natureza

A insistência de Alencar em valorizar o nosso folclore, levou-o a conferir ao boi “Dourado” uma dimensão mitológica. A mesma dimensão que Alencar reconhecia nos heróis das cantigas populares cearenses, tema este discutido nas páginas de *O cancionero*, quando o autor aborda o papel assumido pelo boi nas cantigas cearenses.

Corroborar isso alguns trechos da obra como, por exemplo, quando o capitão-mor Campelo, em diálogo com Daniel Ferro, afirma: “--- O Rabicho da Geralda, Sr. Daniel Ferro, foi sem dúvida um corredor de fama. Nós ainda conhecemos o José Lopes, vaqueiro da viúva, que nos contou as proezas de seu boi. Mas nosso parecer é que não chegava ao *Dourado*”. (p. 109)

Ainda, com referência ao folclore, Alencar menciona as caçadas organizadas para combater o “barbatão”, boi selvagem que atraía o rebanho da fazenda para o mato. Eram as “correrias” ou “vaquejadas”, tema também tratado em *O nosso cancionero* e que Alencar retoma no *Sertanejo*. É o que podemos constatar neste trecho: “As **vaquejadas** do gado bravio, ou monterias como ainda as chamavam à moda portuguesa e clássica, pouca diferença tinham quanto ao modo das que fazem ainda agora no sertão, durante o inverno e depois”. (p. 113)

“Era a uma dessas **monterias** ou **vaquejadas** que naquela madrugada saía o capitão-mor, e a presença de sua família indicava ainda um traço de semelhança entre os nossos costumes sertanejos daquela época e as tradições da nobreza européia”. (p. 98)

Assim sendo, entendemos que o item lexical *boi*, no contexto da obra, tem seu sentido expandido para atender ao propósito de Alencar em demonstrar a força e a energia da terra sertaneja, da terra *brasilis*.

Voltando-se, agora para as definições dos dicionaristas consultados, AMS define o item vocabular *boi* de maneira pouco esclarecedora: ‘o macho da espécie vacum’. Não menciona marca de uso e nem tampouco a origem.

AGC registra sua origem no latim *bovem* e informa ser este um animal mamífero, ruminante, pertencente à família dos *bovídeos*.

Para Houaiss, tal item tem origem no latim *bos*, *bòvis* 'boi, vaca'; *bov(in)*- um antepositivo do latim antepositivo, *bos,bovis* 'boi'. Sua formação histórica é de 921 *bo*, século XIII *boi*, século XIII *boy*. Sob a rubrica mastozoologia, afirma, ainda, ser uma designação comum aos mamíferos *artiodáctilos* do gênero *Bos*, da família dos *bovídeos*, que, em estado selvagem, ocorrem na Europa e Ásia, e, sob domesticação, são encontrados em grande parte do mundo.

Para Aurélio, tem origem no latim *bove*. Sob a rubrica da zoologia descreve-o como animal mamífero, artiodáctilo, ruminante, bóvdeo, pertencente ao gênero *Bos*. Incluem-se no gênero as raças domésticas, largamente utilizadas pelo homem.

Temos, portanto, um vocábulo de origem latina e que se aportuguesou.

Pesquisando mais sobre esse item lexical encontramos, em meio eletrônico, na Enciclopédia Wilkpédia, site [www.wikipedia.org](http://www.wikipedia.org), a descrição desse vocábulo como “o boi o macho castrado das espécies *Bos taurus* e *Bos indicus* (família *Bovidae*). É descrito como um mamífero, artiodáctilo e ruminante. É uma espécie domesticada pelo homem e explorada para

a produção de leite, carne e couro. É também utilizada como meio de transporte. Quanto à origem, há o registro de que o gado doméstico descende do *auroque* na Europa e do *guar* na Ásia.

Finalmente, a título de curiosidade, ressaltamos, ainda, que, segundo informações dessa enciclopédia, o gado começou a ser domesticado entre 5.000 e 6.000 anos atrás, servindo como animal de carga ou fornecendo carne, leite e couro. Era pouco comum criar gado para alimentação. O animal era comido apenas se morresse ou não fosse mais útil para carga ou para fornecer leite.

Vocábulo	OC	Definições
<p><b>12. Cavalo: s.m.</b>  <i>Montava &lt;cavalo&gt; ruço-pedrês, o qual dava testemunho de seu vigor na galhardia com que suportava o peso do corpulent/ cavaleiro,...</i>” (p. 12)</p>	76	<p><b>AMS</b> – cavallo, s.m. Quadrúpede doméstico, que rincha, serve de montar, carregar, tirar seges. (p. 367)</p> <p><b>AGC</b> – cavalo sm. ‘animal mamífero da ordem dos perissodáctilos’ XIII. Do lat. <i>caballus</i>. (p. 168)</p> <p><b>RVI</b> – n/c</p>

**NOTA:**

A começar pelo significativo número de ocorrências deste item lexical, podemos afirmar que este é um vocábulo que assume importante papel no contexto da obra.

Enciclopédia *Wikipédia* registra o vocábulo cavalo (*Equus caballus*) como um mamífero ungulato grande, uma das sete espécies modernas do gênero *Equus*. Ele teve durante muito tempo um papel importante auxiliando o homem em seu trabalho, seja cavalgando, ou puxando uma carroça, arando a terra, etc. E também fornecendo comida. Até meados do século XX, foram usados pelos exércitos também em guerras.

Houaiss refere-se a esse item lexical na rubrica mastozoologia como um mamífero perissodáctilo da família dos eqúideos (*Equus caballus*) Natural das estepes da Europa e da Ásia, mas encontrado em todo o mundo como animal doméstico; distinto das demais espécies

da família, geralmente pelo grande porte, cauda e crina longas, cabeça relativamente pequena e orelhas curtas. Segundo Houaiss uma única população selvagem (*E. c. przewalskii*) ainda vive na Mongólia e na China. Quanto ao aspecto formal registra sua origem e formação no latim *cabállus, i* 'cavalo castrado, espanhol cavalo de trabalho'; O radical *caval-* é um antepositivo, do latim *caballus, i* 'cavalo, do espanhol cavalo de trabalho ou cavalo capão. Sua formação histórica é de 870 *cauallus*, século XIII *cavalo*, século XIII *cauallo*, século XV *quaualo*.

Para Aurélio, esse vocábulo é proveniente do latim *caballu*. Sob a rubrica zoologia, descreve-o como “animal mamífero, perissodáctilo, hipomorfo, gênero *Equus*” e remete para *équus*, que por sua vez, tem registro na rubrica zoologia como único gênero da família dos *equídeos*, que inclui os cavalos, os jumentos e as zebras; compõe-se de seis ou de sete espécies, segundo a classificação utilizada, e muitas outras extintas. Origina-se do taxonômico *Equus*.

Assim, o item lexical *cavalo* é um vocábulo cuja base é oriunda do latim passando pelo espanhol.

Vocábulo	OC	Definições
<p><b>13. Cabra:</b> s.f.  <i>Acompanhava-a uma &lt;cabra&gt; que, deixando a mulher às voltas com a gente do poleiro, foi, como de razão, ali perto dar os bons dias aos moradores de um chiqueiro,...”</i>.(p. 36)</p>	22	<p><b>AMS</b> – cabra, s.f. Animal quadrúpede dos menores, cornífero, fêmea do bode, ou cabrão; há cabras domésticas, e outras bravias, e montezes. (p. 314)</p> <p><b>AGC</b> – cabra sf. ‘mamífero ruminante, a fêmea do bode’ /capra XIV/ Do lat. <i>caprea</i>. (p. 132)</p> <p><b>RVI</b> – n/c</p>

#### NOTA:

Houaiss registra sua origem no latim *capra, ae* 'cabra, bode, bodum'; na acepção mastozoologia, prende-se diretamente ao latim científico gênero *Capra*; sendo que o radical *cabr-* é um antepositivo, do latim *caper, pri* 'bode; mau cheiro dos sovacos; Capricórnio

(constelação)', do qual derivam \**capro,ónis* 'cabrão'. Sua formação histórica é de 1278, *cabra*.

Sob a rubrica mastologia, Houaiss descreve-a como designação comum aos mamíferos ruminantes do gênero *Capra*, da família dos bovídeos, com sete espécies selvagens. Ocorrem em áreas montanhosas da Ásia, África e Europa, e uma espécie domesticada, *Capra hircus*, é encontrada no mundo inteiro. Ele registra, ainda, que a fêmea da espécie domesticada é a *Capra hircus*.

Aurélio registra a origem desse vocábulo no latim *capra* e sob a rubrica zoologia, designa-o como mamífero ruminante, a fêmea do bode. Já considerando o contexto da obra, esse item lexical ocorre 22 vezes e se reveste de significações outras que vão além das mencionadas pelos dicionários consultados.

Esse animal é tratado com notável valor para o homem a ponto de receber tratamento humanizado. Era um animal de estimação e fazia parte da família. Segundo a história, era comum na província utilizar uma cabra na criação dos filhos. Sobre isso, vejamos nos trechos abaixo:

- “OuvIU-se um manso balar e um piso rijo, mas compassado. Com pouco apareceu na porta que dava para a cozinha uma bonita cabra rajada, das maiores que se criavam naqueles pingues sertões.

Ao avistá-la, Justa estendeu a mão dizendo:

— Ande cá, comadre: venha dizer adeus à sua filha, que você ainda não viu.

A cabra como se entendesse a sertaneja, caminhou com passo lento e grave qual convinha a uma matrona e veio apoiar a cabeça na espádua da donzela que abraçou e acolheu com meiguices ao lindo animal”.(p. 54)

- “D. Flor, que levantava com a mão esquerda a cabeça da cabra para falar-lhe, fez com o índice da mão direita um gesto risonho de ameaça infantil”. (p. 54)

- “A cabra fitou seus olhos de topázio cheios de inteligência na donzela; voltou a cabeça para fora e afastando-se com o mesmo passo cadente foi colocar-se no meio da varanda, voltada para a porta”. (p. 54)

- “Por fim a cabra separou-se e foi sentar-se defronte no seu canto, com os olhos fitos no grupo”.(p. 54)

Vocábulo	OC	Definições
<b>14 cão: sm</b> “ <i>O gado mugia; os &lt;cães&gt; latiam furiosos e no meio do alarido destacavam-se vozes humanas a clamar:...</i> ” (p.55)	09	<b>AMS</b> – cão, animal doméstico, que ladra. (p. 339) <b>AGC</b> – sm, “mamífero da ordem dos carnívoros’ / <i>can XIII</i> , <i>can XIII</i> / Do lat. <i>canis</i> – <i>is</i> . (p. 149) <b>RVI</b> – n/c

#### NOTA:

Item vocabular de origem latina, termo da mastozoologia, designa, segundo Houaiss, o mamífero carnívoro da família dos canídeos (*Canis familiaris*), provavelmente originado a partir de populações selvagens do lobo eurasiático (*Canis lupus*). É encontrado no mundo todo como animal doméstico; cachorro, perro. Na Austrália e Nova Guiné, é encontrado também em estado selvagem.

Não há registro desse vocábulo no Dicionário dos Animais do Brasil. Há apenas o registro do vocábulo *cahorro-do-mato*.

Vocábulo	OC	Definições
<b>15. Vaca: s.f.</b> “ <i>Uma &lt;vaca&gt; surpreendida naquela nesga do solo continuava a pastar muito tranqüila o capim viçoso,...</i> ” (p. 107)	05	<b>AMS</b> – vaca, s.f. A fêmea do boi, em idade perfeita de parir. (p. 825) <b>AGC</b> – vaca sf. ‘a fêmea do touro’ XIII. Do lat. <i>vacca</i> . (p. 808) <b>RVI</b> – n/c

**NOTA:**

Tanto os dicionários de época, quanto os atuais são coincidentes em relação à definição dessa lexia e apresentam-na de forma muito sintética.

Esse vocábulo, conforme Houaiss, tem origem no latim *vacca,ae* 'vaca, fêmea do touro; novilha'. Acrescenta, ainda, que o elemento de composição *vac-* é um antepositivo, do latim *vacca,ae* 'vaca, fêmea do touro; novilha', representado em todas as línguas românicas (francês *vache*, italiano *vacca*, espanhol, português provençal, catalão *vaca*, romano *vacà*), donde *vaccínus,a,um* 'de vaca'; ocorre em vocábulos atestados desde as origens do idioma: *avacado, avacalhação, avacalhado, avacalhador, avacalhamento, avacalhar, avacalhável; vaca* 'a fêmea do touro'. Sua formação histórica é de 1392 *uacas*, 1393 *vacas*, século XV *vaquas*.

Aurélio também registra a origem desse vocábulo como do latim *vacca* e sob a rubrica zoologia, define-o como a fêmea do touro. Já o Dicionário dos Animais do Brasil não registra essa unidade vocabular.

Vocábulo	OC	Definições
<b>16. Bezerro:</b> s.m.. “... não me convence de que o mais chibante casquilho do Recife se lembrasse de vir a este sertão ferrar <bezerros> e comer coalhada escorrida,...” (p. 84)	04	<b>AMS</b> – bezerro, s.m. O bozinho criança, annojo, ou que não tem mais do anno. (p. 280) <b>AGC</b> – bezerro sm. ‘ vitelo, novilho’ XIII. Tal como o cast. becerro, o voc. Port. deve provir de um lat. hisp. * <i>ibicirra</i> , deriv. <i>De ibex –icis</i> . (p. 108) <b>RVI</b> – n/c

**NOTA:**

AMS define esse item lexical como um boi ainda novo e AGC refere-se a ele por “vitelo, novilho” e afirma ter procedência, provavelmente, latino-hispânica *ibicirra*, derivada de *ibex –icis*.

Para Houaiss, o item vocabular *bezerro* tem origem controversa. Provavelmente, ibérica e pré-romana. O radical *bezerr-* é um antepositivo, de *bezerro*, que, à semelhança do espanhol *becerro* (964), é vocábulo, segundo ele, de origem ibérica, "provavelmente de um *ibicirru* derivado do hispanolatin *ibex,-icis*, 'rebeco' (cabrito-montês). Ocorre em vocábulos atestados desde as origens da língua: *abezerrado*, *abezerrar*; *bezerra*, *bezerrada*, *bezerrão*, *bezerreiro*, *bezerrense*, *bezerro*, *bezerro-marinho*, *bezerrote*, *bezerrum*, *bezerruno*; *desembezzerrado*, *desembezzerrar*; *embezzerrado*, *embezzerramento*, *embezzerrar*. Sua formação histórica é de 1056 *bezeru*, século XIII *bezerro*.

Houaiss o define como cria da vaca, ainda em fase de amamentação, geralmente até um ano de idade. Já Aurélio informa sua origem no latim hispânico *ibice*, 'camurça e o define com vitelo, novilho.

Vocábulo	OC	Definições
<b>17. Ovelha:</b> s.f. “...e os bezeros misturam seus berros descompassados com os balidos das <ovelhas> e borregos, tam –bém já recolhidos ao aprisco. (p. 90)	01	<b>AMS</b> – ovelha, s.f. A fêmea do carneiro, símbolo de mansidão, e docilidade. (p. 378) <b>AGC</b> – ovelha sf. ‘fêmea do carneiro’ / -lla XIII / Do lat. <i>ovícula –ae</i> . (p. 568) <b>RVI</b> – n/c

**NOTA:**

Todos os dicionários consultados apresentam a mesma definição para esse item lexical. Quanto à origem, Houaiss informa vir do latim *ovicûla,ae* 'ovelha pequena', diminutivo de *ovis, is* 'carneiro, ovelha'. Sua formação histórica é do século XIII *ovella*, século XIII *ovellya*, século XIV *ovelhas*, século XIV *ouelha*, século XIV *ouvelhas*.

Já Aurélio entende sua origem do latim tardio *ovicula*, na acepção fêmea do carneiro. Apresenta como sinônimo, *carneira* que, segundo ele, se constitui num brasileirismo do sul do Brasil.

Vocábulo	OC	Definições
<p><b>18. Porco: s.m.</b>  “Não se lembra daquela pobre, aí para as bandas de Russas, que enquanto ensaboava uma roupinha, os &lt;porcos&gt; lhe comeram o filho, mesmo dentro de casa?” (p. 52)</p>	01	<p><b>AMS</b> – porco, s.m. Animal bem vulgar, cerdoso; e diz-se propriamente depois que tem três annos; antes disso são marrões, farroupos. (p. 472)</p> <p><b>AGC</b> – porco sm ‘mamífero da ordem dos artiodáctilos, não ruminante, originário do javali, porém existente quase em toda parte como animal doméstico’ XIII. Do lat. <i>pōrcus</i> –i. (p. 623)</p> <p><b>RVI</b> – porcos-do-mato – Compreendem os representantes indígenas dos ungulados artiodáctilos, não ruminantes, da família <i>Tayassuidae.</i>(p. 417)</p>

#### NOTA:

A definição proposta por AMS, para esse vocábulo, não contempla nem espécie e nem origem. Já AGC informa ser ‘mamífero da ordem dos *artiodáctilos*, não ruminante. É originário do javali e pode ser encontrado em toda parte como animal doméstico.

Em Houaiss encontramos, sob a rubrica mastozoologia, a definição desse animal como mamífero da família dos *suídeos* (*Sus scrofa*), originário do javali selvagem do Velho Mundo e encontrado em todo o mundo como animal doméstico; *chanchó*, *tchuque* (CAB). Fornece basicamente carne e banha, é criado em chiqueiro ou solto e come praticamente de tudo, donde seu costume de revirar lixo à cata de alimento, o que, juntamente com o hábito de espojar-se na terra e na lama, angariou-lhe a fama de animal sujo. Procede do latim *porcus*, *i* 'porco, cochino', por extensão de sentido 'homem gordo, barrigudo; glutão'. A formação histórica é de 908 *porcos*, século XIII *porco*.

Já Aurélio registra sua origem no latim *porcu*, e descreve-o como mamífero *bunodonte*, *artiodáctilo*, não ruminante. Origina-se do javali, porém, existente quase em toda parte como animal doméstico, e sua carne é bastante apreciada. Menciona como sinônimo o vocábulo *cerdo*.

Lhering (2002, p. 417), em seu **Dicionário dos Animais do Brasil**, registra o item lexical *porco-espinho*, pequeno roedor europeu, da família *Histricidae*, que não ocorre na América. Dada as semelhanças, é costume, aqui no Brasil, dar esse mesmo nome ao nosso roedor, popularmente, conhecido como “ouriço-cacheiro”. Registra também, *porcos-do-mato*, segundo ele, os representantes indígenas dos ungulados artiodáctilos, não ruminantes, da família *Tayassuidae*. Sobre essa espécie, informa que as nossas duas espécies indígenas diferem do porco doméstico, tanto pela feição geral, quanto por terem pernas mais delgadas, cauda mais curta e cerdas mais longas e mais rijas, e, também, por terem dois incisivos superiores.

Como podemos ver todos os dicionários consultados, com exceção de AMS, foram coincidentes quanto à origem da espécie (originário do javali) e quanto a sua formação a partir do latim. Temos assim, mais um vocábulo português de origem latina.

## 2. Os animais dos campos e da floresta: 41

Vocábulo	OC	Definições
<p><b>19. Onça:</b> s.f.  <i>A &lt;onça&gt; espasmou a cauda rebatendo as ancas, e dentre as belfas túmidas escapou-lhe um rosnar manso e crebro como rir de contentamento.</i> (p. 33)</p>	20	<p><b>AMS</b> – onça, s.m. Animal feroz do Brasil, e África, como gato, de grandes unhas. (p. 365)</p> <p><b>AGC</b> – onça sf. ‘(Zool) mamífero carnívoro da fam. dos felídeos’ XIV. Do fr. <i>Once</i>. (p. 560)</p> <p><b>RVI</b> – onça, “onça-pintada” ou “jaguetê” – Carnívoro da família <i>Felidae</i>, <i>Panthera onsa</i>. (p. 360)</p>

### NOTA:

O campo léxico que comporta os animais dos campos e da floresta é mais uma formação que colabora para o estabelecimento, na obra, de um contexto que favoreça a pretensão alencariana em retratar o interior de nosso país em toda a sua extensão e

diversidade. Está composto pelos itens lexicais *onça, veado, raposa, lobo, jaguar, macaco, tamanduá, caitetu, preá, quati, sagüi e suçuarana*, totalizando 41 ocorrências. A unidade de maior ocorrência foi *onça* com 20 ocorrências. Esse item lexical acabou assumindo em, praticamente, todos os contextos em que foi empregada, um significado especial ao retratar ou simbolizar a força e energia do sertanejo, a harmonia e a interação do homem com a natureza. É o que podemos comprovar nos trechos abaixo:

“Com esta despedida Arnaldo, que se debruçara ao punho da rede para conversar com a onça, ...” (p. 33)

“ — No sertão os homens ou são irmãos ou inimigos. E quantas vezes não tirei eu das garras da onça uma rês sem dono”? (p. 41)

“A luta de um homem só contra o tirano das florestas brasileiras não era novidade: sabiam que o sertanejo afronta a onça e a abate a seus pés”. (p. 57)

Outro aspecto interessante sobre a ocorrência desse vocábulo é que, das 18 vezes em que aparece, quatro delas foram utilizadas ora como um dos elementos de uma comparação, ora numa construção hiperbólica. Vale lembrar que esses recursos foram largamente empregados por Alencar, seja para mitificar a natureza, ou para dignificar o sertão, visando sempre ao seu objetivo em ressaltar a diversidade, a riqueza de espécies animais que vivem no Brasil.

Com relação às definições desse item vocabular pelos dicionaristas consultados, encontramos em Houaiss os sinônimos: *onça-pintada e leopardo-das-neves*. Em *leopardo-das-neves* temos a definição, sob a rubrica da Mastozoologia, de grande felino (*Panthera uncia*), encontrado nas altas montanhas da Ásia central. É uma espécie ameaçada de extinção. Já a *onça-pintada* é um felino de grande porte (*Panthera onca*), encontrado do México à Argentina. É, também, uma espécie ameaçada de extinção.

Houaiss registra sua etimologia no latim vulgar *l̥ncea*, do latim clássico *lynx, cis*, este do grego *lúgks, kós*'. Para AGC e JM, passa pelo francês *once* (século XIII), provavelmente derivação por aférese de *lonce* 'lince', este emprestado ao italiano *lonza* (século XIII) 'pantera', que parece ter sido formado, já no tempo das cruzadas, diretamente do grego *lúgks, kós*; o *-l-* inicial teria sido interpretado como artigo, tendo sido, por isso, suprimido; comparando também com o espanhol *onza* (1495), de mesma origem que o português.

Apresenta as variantes *acanguçu, canguçu, jaguar, jaguarapinima, jaguaretê, jaguaretê, jaguaruçu, onça, tigre*.

A *onça parda*, também regionalismo do Brasil, o mesmo que *suçarana* (*Felis concolor*). Um mamífero da família dos felídeos (*Felis concolor*), encontrado do Canadá à Patagônia, em uma grande variedade de ambientes; de grande porte, cabeça relativamente pequena, pelagem dorsal marrom clara e uniforme, podendo apresentar grande variação de tonalidade, partes inferiores esbranquiçadas, focinho ao redor da boca branco e cauda de ponta anegrada; *jaguaruna, leão-baio, onça-parda, onça-vermelha, puma*.

Quanto à etimologia, esse dicionarista recorre a Antenor Nascentes afirmando ser do tupi 'semelhante ao veado (na cor do pêlo)', também variação de *taturana*; AGC registra, no DHPT, o tupi *sīwasua'rana* 'mamífero da família dos felídeos. Sua formação histórica é 1610 *suaçurana*, 1618 *susurana*. O dicionarista lembra, ainda, que a datação é para a acepção de mastozoologia.

A *onça d'água*, também regionalismo do Brasil, sinônimo *ariranha* (*Pteronura brasiliensis*), um mamífero carnívoro, de hábitos diurno e semi-aquático, da família dos *mustelídeos* (*Pteronura brasiliensis*), encontrado da Venezuela e Colômbia ao Norte da Argentina; com cerca de 1 m de comprimento, corpo marrom, garganta manchada de creme e cauda achatada em forma de remo; *onça-d'água*. Vive em bandos e se alimenta

basicamente de peixes. A onça-preta (*Panthera onca*), regionalismo do Brasil, refere-se aos indivíduos melânicos, raros, da onça-pintada (*Panthera onca*)

Esse vocábulo encontra-se classificado por Aurélio como um brasileirismo da zoologia, que ele remete para *jaguar* que, por sua vez, é descrito como um carnívoro físsípede, felídeo (*Panthera* [ *Jaguaris*] onça), de coloração amarelo-avermelhada, com manchas pretas arredondadas ou irregulares, porém, simétricas, em todo o corpo, encontrado (salvo no Chile e nos Andes) em toda a América, desde o Sudeste dos E.U.A. Tem cerca de 1,50m de comprimento, afora a cauda, que tem 60cm, e 80cm de altura. É considerado a fera mais terrível da América, e alimenta-se da caça e da pesca de animais, preferindo grandes peças. O dicionarista aponta os sinônimos *jaguarapinima*, *jaguaretê*, *canguçu*, *acanguçu*, *onça*, *onça-pintada*, *pintada*. Tem origem no tupi-guarani *ya'wara*, designação genérica dos animais do gênero *Felis*.

No **Dicionário dos Animais do Brasil**, Ihering informa que esta espécie *Panthera onca* difere de seu parente, o tigre asiático, por ser um pouco menor e por apresentarem diferenças quanto à cor e manchas. Informa, ainda, que os caçadores referem-se a essa espécie por duas variantes: “canguçu” e “onça-preta.

Informações colhidas em meio eletrônico, site do IBAMA, Instituto Brasileiro do Meio Ambiente, [www.ibama.gov.br](http://www.ibama.gov.br), atesta que a onça é uma espécie ameaçada de extinção. No Brasil ocorre em todo o território nacional, exceto no Nordeste.

Mais uma vez temos a comprovação de que Alencar não estava preocupado em revelar através da flora ou da fauna uma região demarcada geograficamente, mas toda a nação, pois vários dos animais citados por ele na caracterização de nossa natureza, ocorrem, na verdade, em todo o território nacional como, por exemplo, esse que acabamos de mencionar.

Vocábulo	OC	Definições
<p><b>20. Veado:</b> s.m.  <i>“Apostaria que anda tresnoitado, se não soubesse que você em ferrando a dormir é como jibóia quando enguliu &lt;veado&gt;”.</i> (p. 37)</p>	09	<p><b>AMS</b> – Veado, s.m. Animal bravo de caça quadrúpede, com cornos ramosos. (p. 835)</p> <p><b>AGC</b> – veado sm. ‘qualquer animal que se caça habitualmente’ ‘mamífero artiodáctilo, da fam. dos cervídeos’ XIV. Do lat. <i>venātus –us</i> ‘caça’ ‘produto da caça’. (p. 813)</p> <p><b>RVI</b> – veados – únicos representantes de ungulados ruminantes na fauna brasileira; nossas sete espécies pertencem à família Cervidae, diferenciando-se em dois grupos: espécies com galhadas desenvolvidas e espécies cuja armação é simples. (p. 526)</p>

**NOTA:**

Sob a rubrica mastozoologia, constitui para Houaiss a designação comum dos mamíferos ruminantes da família dos *cervídeos*, de coloração geralmente amarronzada, cornos ramificados ou simples, presentes apenas nos machos, pata com quatro dedos, pernas longas e cauda curta; suaçu. Tem origem no latim *venātus,us* 'caça, produto da caça'. Sua formação histórica é do século XIV *ueados*, século XV *veado*. Houaiss ressalta, ainda, que o uso desta palavra, no Brasil, em sentido tabuístico ou de forma depreciativa, não está explicado satisfatoriamente.

Aurélio registra sua origem no latim *venatu*, 'caça morta'. Define como animal mamífero, artiodáctilo, cervídeo, desprovido de incisivos superiores e em geral muito tímido e veloz. E remete para *cervídeos*. Aponta o sinônimo *suaçu*.

Ihering (2002, p. 525-526) traz o registro das variantes: *veado-bororó*, *veado-branco*, *veado-campeiro*, *veado-caracu*, *veado atingueiro*, *veado-galheiro*, *veado-galheiro-do-norte*, *veado-mateiro* e *veado-pardo*.

O *veado-bororó* é conhecido no Rio Grande do Sul, por “mão-curta”. É encontrado também em São Paulo (Piracicaba); além disso, é conhecido na Venezuela e Equador.

Há, ainda, uma outra espécie, *Mazama guazoubira*, conhecida, no Mato Grosso por “veado-negro”, na Amazônia, “veado-roxo”, no Pará por “foboca”, e, no Piauí e Ceará como “guarapu”. O veado-branco é o mesmo veado-campeiro, pertence à espécie *Ozotocerus bezoarticus*. Já o veado-caracu ou “camocica” é tido como o menor de nossos veados e o veado-galheiro, “suaçuapara” ou “cervo” – *Blastocerus dichotomus* – é a maior espécie de veado da América do Sul. O galheiro-do-norte – *Odocoelus virginianus* – no Brasil, ocorre apenas ao norte do Rio Amazonas e daí se estende até os Andes e o Panamá.

Vocábulo	OC	Definições
<p><b>21. Raposa:</b> s.f.  “Nos tabuleiros um bando de emas apostavam carreira com os veados campeiros; as &lt;raposas&gt; davam caça às zabelês;...” (p. 107)</p>	03	<p><b>AMS</b> – raposa, s.f. Animal quadrúpede silvestre mui daninho, que faz grande estrago nos galinheiros, e he o símbolo da astúcia. (p. 551)</p> <p><b>AGC</b> – raposa sf. ‘animal mamífero, da ordem dos carnívoros, da fam. dos canídeos, que habita a Europa e é de pequeno porte e grande predador das aves em geral’ XIV. Do cast. raposa, variante do antigo e dialetal rabosa. (p. 663)</p> <p><b>RVI</b> – raposa – Carnívoro europeu, <i>Vulpes vulpes</i>. Entre nós, impropriamente, usa-se o mesmo nome para designar dois tipos de mamíferos bem dicersos: as várias espécies menores do gênero <i>Cerdocyon</i> (“graxaim” e “raposa-do-mato”) e o “gambá”.</p>

#### NOTA:

AMS descreve esse animal ressaltando ser ele muito nocivo dado o fato de que constitui ameaça aos galinheiros. É tido como símbolo da astúcia.

Aurélio registra sua procedência do espanhol antigo (leonês ou asturiano) *rabosa*, possessivo de *rabo*. Classifica-a sob a rubrica zoologia, como animal mamífero (*Vulpes vulpes*), carnívoro, canídeo, que habita a Europa, de pequeno porte, e grande predador das aves em geral.

Já Houaiss classifica-a sob a rubrica mastozoologia como mamífero da família dos canídeos, encontrado em grande parte do hemisfério norte (*Vulpes vulpes*), de pelagem avermelhada, cinzenta ou preta; golpelha, raposa-vermelha. Informa, ainda, que é caçado por esporte ou para a obtenção da pele.

Com relação à etimologia, tem, segundo Houaiss, origem controversa; do espanhol *raposa* (1251). Houaiss informa que, segundo Corominas, é vocábulo oriundo do espanhol antigo e dialetal *rabosa* (século XIII), provavelmente de *rabo* (o *-p-* se deve ao influxo de *rapiega*, nome do macho da raposa nas Astúrias, e demais palavras da família de *rapina*); JM, por sua vez, apresenta um registro de *raposa*, no português já no século XII, tendo entrado nesta língua por via asturiana ou leonesa. Sua formação histórica, segundo ele, é de 1123 *raposa*, século XIV *rraposa*, século XV *raposa*.

Ihering (2002, p. 432), no DAB, faz referência à *raposa* como um carnívoro europeu, *Vulpes vulpes* e que entre nós usa-se, impropriamente o mesmo nome para designar dois tipos bem diversos, as várias espécies menores do gênero *Cerdocyon* (“graxaim” e “raposa-do-campo”) e o “gambá”. Importa mencionar, ainda, que, segundo Ihering, a *raposa-do-campo* da família *Canidae*, *Lycalopex vetulus* é uma espécie brasileira bastante semelhante à raposa européia. Habita o Brasil Central, isto é, a zona florestada ao sul da Amazônia até o Sul de Minas Gerais e Oeste de São Paulo. A partir daí para o sul há outras espécies como o “graxaim”.

Vocábulo	OC	Definições
<p><b>22. Lobo: s.m.</b>  “O sertão do norte oferecia então aos ricos fazendeiros uma ocupação idêntica à das correias de &lt;lobos&gt; e outros animais daninhos,...” (p. 98)</p>	01	<p><b>AMS</b> – lobo, s.m. Animal feroz, astuto, carnívoro, e mui daninho; é espécie de cão bravo. (p. 233)</p> <p><b>AGC</b> – lobo sm. ‘animal carnívoro, selvagem, da fam. dos canídeos’ XIII. Do lat. <i>lupis -i</i>. (p. 478)</p> <p><b>RVI</b> – lobo – Nome do canídeo europeu <i>Canis lupus</i>, impropriamente dado no Brasil à nossa maior espécie do gênero <i>Chrysocyon</i>, o “guará”. (p.307)</p>

**NOTA:**

Com relação ao vocábulo *lobo* encontramos em Houaiss, sob a rubrica mastozoologia, a descrição deste animal como grande mamífero carnívoro (*Canis lupus*), da família dos canídeos, encontrado na Eurásia, Norte da África e América do Norte. É uma espécie ameaçada de extinção. Esse dicionarista registra a origem desse vocábulo no latim *lupus*, 'lobo' /ô/; ver *lob(o)*-. Informa sua formação histórica em 965 *lobos*, século XIV *llobo*, 1670 *lobo*.

Já Aurélio registra sua origem no latim *lupu*. Classifica-o como termo da zoologia e define-o como espécie (*Canis lupus*) do gênero *Canis*; mamífero canídeo, carnívoro. Habita grandes regiões da Europa, Ásia e América do Norte. Dele existem muitas subespécies geográficas, que diferem em tamanho, cor e forma; a cor, por exemplo, vai desde o castanho-acinzentado dos lobos da Eslováquia até o branco-cinza dos das regiões da tundra; os das estepes são avermelhados e de patas longas. Adultos, pesam de 44 a 55kg, e atingem 1,50m. Dessa espécie descendem o *cão doméstico* (*C. familiaris*) e o *coiote* (*C. ladrans*), por exemplo; os espécimes que são usados no Alasca como animal de tração, resultam de cruzamento do lobo com o cão.

Segundo Aurélio, esse item lexical configura-se um brasileirismo impróprio, da zoologia. Após tal informação, remete para *guará*, que, por sua vez, é descrito como um

mamífero carnívoro, canídeo (*Chrysocyon brachyurus*), das regiões abertas do Norte da Argentina, do Paraguai e do Brasil, especialmente nos cerrados. Apresenta coloração pardo-avermelhada, mais escura no dorso, pés e focinho pretos, com mancha branca na garganta. Mede 1,45m de comprimento e 45 cm de cauda; alimenta-se de pequenos mamíferos, aves e frutas. Extremamente arisco, tem hábitos noturnos. É um dos maiores e mais belos canídeos. Acrescenta, ainda, que o vocábulo *guará*, tem origem no tupi *gwa'rá*. Rubrica zoologia.

Vocábulo	OC	Definições
<p><b>23. Jaguar: s.m.</b>  <i>“Tantas vezes obrigado a pernoitar no meio dos perigos de toda casta, entre as garras da morte que o assaltava sob várias formas, no pulo do &lt;jaguar&gt; como no bote da cascavel;...”</i> (p. 35)</p>	01	<p><b>AMS – n/c</b></p> <p><b>AGC – jaguar sm.</b> ‘nome comum aos grandes mamíferos carnívoros da fam. dos <i>felídeos</i>, particularmente os do gênero <i>Felis</i>; onça, jaguaretê 1610. Do tupi <i>ia'üara</i>. (p. 452)</p> <p><b>RVI – n/c</b></p>

**NOTA:**

Não há o registro dessa unidade vocabular nos dicionários de AMS e de RVI. Para AGC é um mamífero carnívoro da família dos felíneos. Vocábulo de origem tupi.

Para Houaiss, rubrica mastozoologia, o mesmo que onça-pintada. Um felino de grande porte (*Panthera onca*), encontrado do México à Argentina; com até cerca de 1,8 m de comprimento e 158 kg, corpo com manchas negras, amarelo nas partes superiores e branco nas inferiores. É hoje, uma espécie ameaçada de extinção. É conhecida também apenas como pintada.

De étimo tupi *ya'gwara* 'nome comum aos grandes mamíferos carnívoros da família dos felídeos, particularmente os do gênero *Felis*; onça; jaguaretê'; em WCol (Merriam Webster's Collegiate Dictionary), registra-se: "do guarn. *yaguara* & tupi *jaguara*". Sua formação histórica é de 1610 *jaguares*, aproximadamente, 1777 *jaguar*.

Aurélio, em conformidade com Houaiss, informa sua origem no tupi-guarani *ya'wara*, designação genérica dos animais do gênero *Felis*. Sob a rubrica zoologia, descreve-o como carnívoro *fissípede, felídeo (Panthera [Jaguarius] onca)*, de coloração amarelo-avermelhada, com manchas pretas arredondadas ou irregulares, porém simétricas, em todo o corpo, encontrado (salvo no Chile e nos Andes) em toda a América, desde o S.E. dos E.U.A. Tem cerca de 1,50m de comprimento, afora a cauda, que tem 60cm, e 80cm de altura. É considerada a fera mais terrível da América, e alimenta-se da caça e da pesca de animais, preferindo grandes peças.

Em RVI, não há entrada para o item vocabular *jaguar*. Há o registro de *jaguetê* (a onça verdadeira ou onça-pintada).

Vocábulo	OC	Definições
<p><b>24. Macaco: s.m.</b>  <i>Um &lt;macaco&gt; trepava aos últimos ramos de uma árvore, e de lá deixava-se cair, segurando-se pela cauda. (p. 147)</i></p>	01	<p><b>AMS</b> – Macaco , s. m. Bogio, mono. (p. 243)</p> <p><b>AGC</b> – macaco sm. ‘nome comum a todos os símios’. De origem africana, mas de étimo indeterminado. (p. 485)</p> <p><b>RVI</b> – macaco – palavra de origem asiática (em Malaca, tailândia, Sumatra, etc., certa espécie de quadrúmano tem o nome indígena <i>makaka</i>) e conhecida em Portugal, foi depois aplicada também às nossas espécies, sendo para nós sinônimo de <i>Símio platyrhino</i>. Designa a família <i>Cebidae</i>. (p. 311)</p>

**NOTA:**

Para AMS, apenas bogio, mono. ACG propõe a designação comum aos símios. Tem origem africana e étimo indeterminado.

Já Ihering, (2002, p. 311), em seu DAB, descreve esse item vocabular como palavra de origem asiática e que foi depois aplicada também às nossas espécies, configurando-se para nós como sinônimo de *Simio platyrhinouma*, “símios”, denominação coletiva dos mamíferos da ordem dos *Primates*.

Houaiss o descreve, também, como designação comum aos primatas, com exceção do homem e dos prossímios; símio. Rubrica mastozoologia. Segundo Houaiss tem origem duvidosa. É, geralmente, considerado africanismo provavelmente banto, difundido para as demais línguas através do português; Nei Lopes lembra o quingua *makako* 'pequeno símio', também atribuído ao lingala, e o quicongo (vili ou cabinda) *makaku* plural de *kaku* ou *kaaku*.

Aurélio classifica esse vocábulo como africanismo, referindo-se às espécies de primatas, aplicada no Brasil, restritivamente, aos cebídeos em geral. No Brasil é muito usada a designação *mico*, normalmente aplicada às espécies do gênero *Cebus*, no Sul, e às espécies de pequeno porte, ou *sagüis*, no Norte.

O IBAMA, Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis, registra a informação de que há diferentes espécies de macaco no Brasil e cita os seguintes:

- *Macaco da noite (Aotus e Cebidae)*. Tem pele cinza mesclado de marrom, macio e denso. Possui hábitos noturnos, arbóreos e vive em pequenos grupos. Alimentam-se de frutas, insetos e néctar. Normalmente são vistos na parte superior das florestas. É espécie praticamente sedentária ocupando áreas restritas nas matas. São mais ativos em noites de lua cheia. Ocorre na Amazônia e Pantanal.

- *Macaco-prego (Cebus apella e Cebidae)*. Esta espécie possui as costas de cor amarelo escuro variando até o negro, passando pelo marrom com a região da coluna vertebral meio escura. Possui hábitos diurnos, arbóreos e vivem em grupo normalmente de 10 animais liderados por um macho dominante. Alimentam-se de frutas, cocos, insetos, pequenos vertebrados, ovos, filhotes de pássaros e néctar. Vivem na parte inferior das florestas, porém, vão ao alto das árvores em busca de frutas. Ocorre em todo o território nacional, exceto no Rio Grande do Sul.

- *Macaco aranha* (*Ateles paniscus e Cebidae*). Espécie ameaçada de extinção. Inteiramente negro com a face pelada cor de carne ou vermelho. Costuma ficar pendurados em galhos, balançando pela cauda. Tem hábitos diurnos e arbóreos, formando grandes grupos de até 20 animais. Alimenta-se de frutas, folhas e flores novas. Habitam as partes superiores das florestas. Ocorre no Amapá, norte do Pará, sudoeste do Amazonas, Acre, Rondônia e noroeste de Mato Grosso.

E, finalmente, o *Mono carvoeiro* (*Brachyteles arachnoides e Cebidae*). É uma espécie ameaçada de extinção. Considerado o maior primata das Américas. Sua cor é amarelo pálido e tem o pêlo denso e macio. Tem hábitos diurnos, arbóreos e formam pequenos grupos. Alimenta-se de folhas e algumas frutas e flores. Essa espécie é preguiçosa, gastando três quartos do dia em descanso. Ocorre na Mata Atlântica do sul da Bahia até São Paulo.

Vocábulo	OC	Definições
<p><b>25. Tamanduá:</b> s.m.  <i>“...as raposas davam caça às zabelês; e o &lt; tamanduá &gt; passeava gravemente hasteando o longo penacho de sua cauda à guisa de bandeira”</i>. (p. 107)</p>	01	<p><b>AMS</b> – tamanduá, V. tamendoá. (p. 753)            Tamendoá, s.m. Animal Brasil, que tem a língua cylíndrica, a qual mettendo-a onde há formigas, recolhe coberta dellas, que lhe servem de pasto. (p. 754)</p> <p><b>AGC</b> – tamanduá sm. ‘mamífero desdentado da fam. dos mirmecofagídeos’ / tamendoá 1576, tamedoá 1576, tamnduã c 1584 etc. / Do tupi tamanu’a. (p. 752)</p> <p><b>RVI</b> – tamanduá – denominação genérica, que abrange as várias espécies da família <i>Myrmecophagidae</i>. Desdentados. (p. 480)</p>

**NOTA:**

AMS descreve o item lexical tamanduá como um animal brasileiro e ressalta sua preferência por formigas. AGC classifica-o na família dos *mirmecofagídeos* e informa sua etimologia e aponta sua origem no tupi *tamanu’a*.

Para RVI, esse item lexical denomina, genericamente, as várias espécies da família *Myrmecophagidae*. Informa, também, que há três espécies que ocorrem em nossa fauna. São elas: **tamanduá-bandeira**, “tamanduá-açu”, “tamanduá-cavalo”, “jurumi” ou “iurumi” - *Myrmecophaga*. É a maior de nossas três espécies.

**Tamanduáí** – *Cyclope didactylus*. Considerado o menor da espécie.

**Tamanduá-mirim**, “jaleco”, “meleta”, “melete”, “mixila” ou “tamanduá-colete”. Habita as matas e sobe em árvores.

Segundo Houaiss, esse vocábulo designa os mamíferos xenartros, da família dos *mirmecofagídeos*, com quatro espécies, encontradas do México à Argentina; têm focinho longo e tubular, dentes ausentes, língua longa e pegajosa, e grandes garras nas patas anteriores, usadas, principalmente, para abrir formigueiros e cupinzeiros; *dzimba* (Moçambique), *papa-formigas*, *urso-formigueiro* (Portugal e Moçambique), *zimba* (Moçambique). De étimo tupi *tamandu'a* 'tipo de mamífero desdentado'. Teodoro Sampaio o denomina de 'caçador de formiga'. Houaiss registra a formação histórica em 1560 *tamandoâ*, 1576 *tamendoás*, aproximadamente 1584 *tamanduâ*, 1587 *tamanduá*, aproximadamente 1594 *tamaedua*.

Segundo informações colhidas no site do IBAMA, o *tamanduá-bandeira* ocorre em todo território nacional e é uma espécie ameaçada de extinção.

Vocábulo	OC	Definições
<p><b>26. Caitetés: s.m.</b>  “— Ainda você pergunta? Esteve com os seus companheiros, dele, os &lt;caitetús&gt;. Isto não sabe viver entre gente”. (p. 161)</p>	01	<p><b>AMS – n/c</b></p> <p><b>AGC</b> – caitetu sm. ‘porco do mato da fam. dos taiacuídeos’ 1789. Do tupi <i>taïte’tu</i>. (p. 137)</p> <p><b>RVI</b> – caititu, “cateto” ou “catete” – Porco-do-mato. É a espécie menor, <i>Tayassu tayassu</i>.(p. 140)</p>

**NOTA:**

Não há em AMS registro da lexia *caitetus*. Já AGC descreve-o como porco-do-mato e informa sua origem no tupi *taïte'tu*.

Esse vocábulo é, para Houaiss, um regionalismo do Brasil, de procedência, também, tupi *taïte'tu* 'porco do mato'. Formação histórica: 1610 *taiacetu*, 1618 *tahitetu*, 1730 *cahetatus*, 1789 *caitetú*, século XVIII *taitetu*, século XVIII *caetatum*. Sob a rubrica mastozoologia, designa mamífero artiodátilo da família dos tiaiçuídeos (*Tayassu tajacu*), diurno e florestal, encontrado dos E.U.A. ao Norte da Argentina, com cerca de 90 cm de comprimento e pelagem cinza-escura com uma faixa branca no pescoço, em forma de colar; catete, cateto, pecari, porco-do-mato, tateto. Vive em bandos de até 20 animais.

Para Aurélio, uma variação de caititu, um brasileirismo do tupi. Designa, sob a rubrica zoologia, um mamífero artiodáctilo, tiaiçuídeo (*Tayassu tajacu*), da região cisandina da América do Sul. Pelagem anelada de branco, ou amarelo e negro, ou castanho-claro, resultando numa coloração rosada; linha de longos pêlos no pescoço, e patas pretas, com faixa característica em forma de colar branco cingindo o pescoço até os ombros. Apresenta as variantes: *caitatu*, *caitetu*, *taititu* e os sinônimos: *cateto*, *tateto*, *pecari*, e, *impropriamente*, *porco-do-mato*.

RVI descreve-o, também, como porco-do-mato. É a espécie menor; atinge 90 cm de comprimento. Possui um colar branco que o envolve o pescoço, do peito às costas.

Vocábulo	OC	Definições
<p><b>27. Preás:</b> s.m.  — <i>Surrem-me já esta corja de biltres, para ensiná-los a não serem basbaques! Deixarem-se agarrar como &lt; preás&gt; no fojo!</i> (p. 145)</p>	01	<p><b>AMS</b> – Preá, s. m. Animal do Brasil, que tem exteriormente na barriga uma bolsa, onde recolhe os filhinhos; é como um rato grande, de pello negro.</p> <p><b>AGC</b> – preá sm. ‘nome comum a várias espécies de mamíferos roedores da fam. dos cavídeos, dos gêneros <i>Cavia</i> e <i>galea</i>’ / prehá 1817 / Do tupi <i>apere’a</i> &gt; port. <i>Apereá</i> → a <i>pereá</i> → <i>preá</i>. (p. 628)</p> <p><b>RVI</b> – preá – Roedor da família <i>Caviidae</i>, <i>Cavia aperea</i>. (p. 420)</p>

**NOTA:**

AMS, referindo-se a preá, afirma ser este um animal do Brasil e compara-o a um rato grande. AGC classifica-o na família dos *cavídeos*, dos gêneros *Cavia* e *Gálea*. Vocábulo de origem tupi: *apere’a*, evoluindo para o português *Apereá*, *a pereá* e, finalmente, *preá*. RVI, após classificá-lo na família *Caviidae*, *Cavia aperea*, descreve-o como um pequeno animal que vive na borda da mata, nas baixadas úmidas.

Ainda com referência a esta espécie de nossa fauna, Houaiss descreve-o como de pequenos roedores sul-americanos, do gênero *Cavia*, da família dos *cavídeos*, com oito espécies, sendo quatro encontradas no Brasil. Classifica-o como um regionalismo do Brasil. De origem tupi *apere’a*, com deglutinação do *a-* e síncope do *-e-* formando-se o grupo consonantal *-pr-*; também adaptada *apereá*. Sua formação histórica é de 1671-1696 *preá*, 1730 *perías*, 1781 *periás*, 1817 *prehá*.

Aurélio registra o vocábulo *preá-da-índia*, um brasileirismo de Sergipe que ele remete para *cobaia*, que, por sua vez, designa o mamífero roedor caviídeo (*Cavia porcellus*), originário da região Andina, e, hoje, conhecido apenas em estado doméstico, sendo, também, usado em laboratório para fins experimentais. Aponta como sinônimos os itens *porquinho-da-índia*, *preá-da-índia*.

Vocábulo	OC	Definições
<b>28. Quati:</b> s.m. “... começou a bater o mato em regra, como sabem fazer os sertanejos, a quem não escapa um <quati> entre as folhas. (p. 181)	01	<b>AMS</b> – n/c <b>AGC</b> – n/c <b>RVI</b> – Carnívoro da família <i>Procyonidae</i> , <i>nasua nasua</i> . (p. 427)

**NOTA:**

Não há o registro desse vocábulo em nenhum dos dicionários de época consultados. RVI descreve-o como um animal da família *Procyonidae*, *Nasua nasua*. Informa, ainda, que, dependendo da região em que vivem, pode haver diferenças quanto às cores e desenhos no pêlo. O que leva a subespécies. Os caçadores costumam distinguir o “quatimundéu” dos “quatis-de-vara”.

Sob a rubrica mastozologia, Houaiss descreve-o como mamífero diurno da família dos procionídeos (*Nasua nasua*), encontrado em grande parte da América do Sul, de focinho longo e cauda com anéis escuros. Vive solitário ou em grupos de até 30 animais e alimenta-se de frutos e pequenos animais. De étimo tupi *kwa'ti* 'espécie de mamífero carnívoro', segundo citado por José Pedro Machado, literalmente 'nariz pontudo'

Aurélio registra sua origem, assim como Houaiss, do tupi = 'nariz pontudo'. E descreve-o como mamífero carnívoro, procionídeo (*Nasua nasua*), com sete subespécies distribuídas por todo o Brasil. A coloração, em geral, é cinzento-amarelada, porém, muito variável, havendo indivíduos quase pretos e outros bastante avermelhados, focinho e pés pretos, cauda com 55 cm, com sete a oito anéis pretos. Mede de corpo 70 cm. Vive em bandos de oito a 10, é praticamente onívoro, e se adapta bem ao cativeiro. Apresenta o sinônimo *quati-de-bando*.

Vocábulo	OC	Definições
<b>29. Sagüi:</b> s.m. <i>Muitas vezes, quando menino, corra por ali atrás dos macacos e &lt;sagüis&gt; que o não venciam na agilidade,...</i> (p. 36)	01	<b>AMS</b> – V. Sabui. Vasconc. Not. Bras. (p. 656) <b>AGC</b> – sagüi sm. ‘nome comum a várias espécies de símios da fam. dos calitriquídeos’. Do tupi <i>sa’üi</i> . (p. 698) <b>RVI</b> – n/c

**NOTA:**

Não há em RVI o registro da unidade vocabular *sagüi*. Houaiss registra a ocorrência desses animais nas Américas Central e do Sul. Descreve-os, na rubrica mastozoologia, como pequenos primatas, florestais, da família dos *calitriquídeos*, com cerca de 20 espécies. Vivem em pequenos grupos e se alimentam principalmente de insetos e frutas.

Com relação à etimologia, AGC, em seu Dicionário Histórico das Palavras Portuguesas de origem Tupi, registra sua origem no tupi *sa’gwi* ou *sa’gwi*, ‘nome comum a várias espécies de símios’.

Já Antenor Nascentes registra o tupi *sa’wi* e considera *sagüim* forma portuguesa nasalada. Sua formação histórica, conforme Houaiss, está assim formulada: 1511 *çagoys*, 1576 *sagois*, c1589 *saguis*, 1663 *çaguiz*, 1706 *saugim*.

Aurélio registra a unidade lexical em questão como brasileirismo da zoologia. Tem étimo tupi e é descrita como espécies de primatas, calitriquídeos, com cinco gêneros e várias espécies em território brasileiro. Aponta como variantes e sinônimos os itens *massau*, *sagüim*, *sauim*, *soim*, *sonhim*, *tamari*, *xauim* e *mico*.

Temos em *sagüi* mais um exemplo de um brasileirismo de étimo tupi.

Este é mais um vocábulo em que optamos por registrar apenas as informações dos dicionaristas consultados, porque seu emprego no contexto da obra não remete para outros significados além do sentido dicionarizado.

Vocábulo	OC	Definições
<p><b>30. Suçuarana: s.f.</b>  “ — <i>Com certeza é a &lt;suçuarana&gt;, observou outra fala</i>”. (p. 83)</p>	01	<p><b>AMS – n/c</b></p> <p><b>AGC</b> – suçuarana sf. ‘mamífero carnívoro da fam. Dos felídeos, onça-parda. Do tupi <i>siiiasua’rana</i>. (p. 741)</p> <p><b>RVI</b> – suçuarana ou “onça-parda” – A denominação “puma”, generalizada na Europa, parece ser de origem hispano-americana. Habita toda a América, do Canadá à Patagônia, com variantes subespécies nesses dois pontos extremos. (p. 468)</p>

**NOTA:**

O Dicionário de Língua Portuguesa de Moraes não registra esse vocábulo. AGC menciona ser esse animal um mamífero, carnívoro da família dos felídeos. Tem origem no tupi *siiiasua’rana*.

Já o Dicionário dos Animais do Brasil registra que a denominação “puma” é comum em toda a Europa, e parece ser de origem hispano-americana. É um felino, *Felis concolor*, pouco menor que a onça-pintada. Informa, também, que essa espécie habita toda a América, do Canadá à Patagônia, com variantes subespécies.

Quanto á origem, esse estudioso afirma que suçuarana é nome tupi; “iaguapita”, guarani.. Na Europa vulgarizou-se a denominação “cuaguar”, além de “puma”, conforme já mencionado.

O Dicionário Houaiss menciona essa unidade lexical, sob a rubrica mastozoologia, como um regionalismo do Brasil, e descreve-a como mamífero da família dos felídeos (*Felis concolor*), encontrado do Canadá à Patagônia, em uma grande variedade de ambientes; de grande porte, cabeça relativamente pequena, pelagem dorsal marrom clara e uniforme, podendo apresentar grande variação de tonalidade, partes inferiores esbranquiçadas, focinho ao redor da boca branco e cauda de ponta anegrada. Apresenta os sinônimos *jaguaruna*, *leão-baio*, *onça-parda*, *onça-vermelha*, *puma*.

Aurélio registra o item lexical *jaguaruna*, um brasileirismo da zoologia, e remete para *suçuarana*. Segundo esse dicionarista é um brasileirismo do tupi, descrevendo-o como mamífero carnívoro, felídeo (*Felis (Puma) concolor*), comum em toda a América nos tempos coloniais. A coloração é amarelo-avermelhada queimada, mais escura no dorso, amarelo-claro na parte ventral, e os filhotes nascem pintados com manchas escuras no corpo. Mede 1,20m de corpo e 65 cm de cauda. Alimenta-se de pequenos mamíferos, e também de aves e, até, de reptéis. Apresenta os sinônimos *jaguaruna*, *onça-parda*, *onça-vermelha*, *perma*.

Percebemos que, pelas informações dos dicionaristas quanto à etimologia, este é mais um item lexical formado a partir de uma base tupi.

### 1. Os animais que vivem próximos da água: 03 oc.

Vocábulo	OC.	Definições
<p><b>31. Anta</b>  <i>O estalar dos ramos despedaçados pela corrida veloz de um animal possante, como o boi, o cavalo, a &lt;anta&gt; e o veado, produz essa ilusão...</i> (p.121)</p>	03	<p><b>AMS</b> – Anta, s.f. Animal quadrúpede do tamanho de um bezerro de seis meses, com figura de porco, mas a cabeça é mayor; tem os olhos pequenos, e em lugar de rabo lhe ficão uns cabellos, que vem cahindo; nas mãos tem quatro unhas ocas, nos pés três, e um princípio de quarta unha. (p. 139)</p> <p><b>AGC</b> – anta sf. ‘mamífero da fam. dos tapirídeos’ XVI. Do ar. Hisp. E afric. <i>Lamt.</i>(p. 52)</p> <p><b>RVI</b> – anta ou “tapir” – mamífero ungulado, perissodactilo da família <i>Tapiridae</i>, <i>Tapirus terrestris</i>. Habita as matas cerradas, nas proximidades dos rios. (p. 77)</p>

#### NOTA:

AMS descreve essa espécie ressaltando os aspectos físicos. AGC informa a espécie e família a que pertence esse animal. Registra, também, a origem e afirma ser do árabe hispânico e africano *Lamt*.

RVI menciona que esse mamífero é uma de nossas maiores caças. Chega a medir até dois metros de comprimento e um de altura. Vive nas matas fechadas e próximo aos rios, pois nada e mergulha perfeitamente.

Ihering menciona, também que, embora os caçadores costumem nomeá-la por anta “gameleira”, anta “xuré”, “batupeva” e “batuvira”, supondo ser espécies diferentes, o fato é que essa espécie é uma só. Ocorre da Argentina à Venezuela. Há duas espécies diferentes mais ao norte até o México, e na Índia e sul da China há uma espécie semelhante à essa.

Com referência à origem do vocábulo, RVI supõe ser do árabe (designando um cervídeo sem galhada). Menciona também, que *Tapir* é seu nome tupi, e *mborebi* em guarani; *mborepirape* é a vereda aberta pela anta na mata, e assim também denominavam os índios a Via-Láctea.

Para Houaiss tem étimo árabe. É um mamífero perissodáctilo, florestal, da família dos *tapirídeos* (*Tapirus terrestris*), que ocorre da Colômbia ao Sul do Brasil; de corpo robusto e de grande porte, chegando a atingir 2 m de comprimento e a pesar 250 kg, pêlos lisos, curtos e de coloração marrom-escura, nariz e lábio superior prolongados formando uma tromba. Apresenta como sinônimos as unidades vocabulares *acuré*, *antacuré*, *anta-gameleira*, *anta-sapateira*, *antaxuré*, *batuvira*, *pororoca*, *sapateira*, *tapiira*, *tapir*, *tapira*, *tapiretê*. Vivem geralmente perto de rios ou lagos e se alimentam de frutos e folhas.

Já para Aurélio tem origem no árabe-hispânico e magrebino (região do Norte da África). Constitui-se num brasileirismo da zoologia. É um mamífero perissodáctilo da família dos *tapirídeos* (*Tapirus terrestris*), distribuído desde a Colômbia até o Norte da Argentina. Vive nas matas, nas proximidades de rios ou lagoas, alimentando-se de frutas e folhas. Aurélio aponta para esse item lexical e nesta acepção, os sinônimos: *anta-gameleira*, *anta-sapateira*, *antaxuré*, *batuvira*, *pororoca*, *tapiira*, *tapir*, *tapira*, *tapiretê*.

O IBAMA em seu site <http://www.ibama.gov.br/fauna/especies.htm>, acesso em 09 de março de 2006, registra que a *anta* é o único representante da família *Tapirus terrestris* (*Tapiridae*) na fauna silvestre brasileira. Alimenta-se de capim e frutas. Habitam locais próximos à água, pois gostam de banhos e de lama. São boas nadadoras e em perigo correm e atiram-se na água. Ocorre em todo o território nacional, exceto no leste da região Sudeste e Nordeste.

**b) As aves: 68 oc**

**1. generalidades: 06 oc.**

Vocábulo	OC.	Definições
<b>32. Frango: s.m.</b> “...e saiu ao terreiro Justa, a quem logo cercou um bando de galinhas, frangos e pintos à gana do milho pilado que a roceira vascojava em uma coité”. (p. 36)	02	<b>AMS</b> – Frango, s.m. O filho da galinha, que já não é pinto, mas crescido, antes de ser gallo. (p. 57) <b>AGC</b> – frango sm. ‘o filho da galinha, já crescido, mas antes de ser gallo’ / XIV. A origem é controversa. (p.367) <b>RVI</b> – n/c

**NOTA:**

Para Houaiss o pinto da galinha já desenvolvido. Tem, segundo esse dicionarista, origem controversa; geralmente ligado ao português antigo *frangão*, tomado indevidamente como aumentativo; derivado de uma forma *frángano* ou *frárganus*, de origem obscura; embora sem endossar a hipótese de C. Michaelis, que relaciona o português *frango* 'pinto da galinha, já crescido, antes de chegar a gallo' ao vocábulo *franco* 'francês', por ser o gallo símbolo nacional francês e originário do latim *Gallus*, antiga designação do país. Corominas considera possível uma relação entre os dois vocábulos. Sua formação histórica data dos

séculos XIV *frangão*, século XIV *frāgau*, século XIV *framgauus*, século XIV *frangãas*, século XIV *frangão*, século XIV *ffrangão*, século XV *frango*.

Quanto à formação, é para Aurélio o item lexical formado por derivação regressiva de *frangão*. Acepção: “o filho da galinha, já crescido, porém, antes de ser galo”.

Aurélio não menciona origem.

Vocábulo	OC	Definições
<b>33. Galinha: s.f.</b> “... e saiu ao terreiro <i>Justa</i> , a quem logo cercou um bando de galinhas, frangos e pintos à gana do milho pilado que a roceira vascojava em uma coité. (p. 36)	01	<b>AMS</b> – Gallinha, s.f. Fêmea do gallo. (p. 76)  <b>AGC</b> – subentrada em galináceo. Galinha XVI. Do lat. gallina. (p. 376)  <b>RVI</b> – n/c

**NOTA:**

O vocábulo *galinha* não se encontra registrado no DAB, mas há o registro de *galinha-de-bugre*, nome dado a uma ave da mata, no Norte do Mato Grosso. Para Houaiss, a fêmea do galo. Item lexical de origem latina.

Aurélio descreve a unidade lexical em questão como um termo da zoologia e originário do latim *gallina*, na acepção “ave galiforme, fasianídea, a fêmea, adulta, do galo”.

Vocábulo	OC	Definições
<b>34. Galo: s.m.</b> “ — <i>Esta madrugada, quando o galo cantar a segunda vez, todos a cavalo. Ouviu, Corrimboque?</i> (p. 136)	01	<b>AMS</b> – Gállo, s.m. O macho da gallinha, ave de penna caseira, e bem conhecida. (p. 76)  <b>AGC</b> – galo → galináceo – relativo a, ou indivíduo dos galináceos, ordem das aves de patas não palmadas, bico curto e não-adunco. (p. 377)  <b>RVI</b> – pássaros da família <i>Fringillidae</i> , do gênero <i>Paroaria</i> e, portanto, congêneres do “cardeal” do Sul. (p. 230)

**NOTA:**

No Dicionário de Animais do Brasil, além do item *galos-de-campina*, ele menciona, ainda, outras espécies de pássaros: *galo-bandeira*, *galo-da-serra*, *galo-do-mato* e *galo-do-pará*, mas todos se referindo às espécies de pássaros. O dicionário informa, ainda, que na Amazônia o galo-de-campina é chamado, também de “tangará”. É um belo pássaro. É também muito freqüente na caatinga.

Sob a rubrica ornitologia, Houaiss descreve esse item lexical como a designação comum que se dá às aves galiformes, do gênero *Gallus*, da família dos *fasianídeos*, com espécies selvagens e domésticas, de crista vermelha e carnuda e rabo com longas penas coloridas e erguidas em forma de arco. Proveniente do latim *gallus, i* 'galo (ave)'.  
 O Dicionário do Aurélio registra essa unidade lexical como termo da zoologia e de originária do latim *gallu* e a descreve como “ave galinácea, de crista carnuda e asas curtas e largas; o macho da galinha”.

Por esses registros, chegamos a mais uma formação vocabular oriunda do latim.

Vocábulo	OC	Definições
<b>35. Pinto:s.m</b> <i>e saiu ao terreiro Justa, a quem logo cercou um bando de galinhas, frangos e pintos à gana do milho pilado...</i> (p. 36)	01	<b>AMS</b> – Pinto, s.m. O filho da galinha antes de ser frango. (p. 454)  <b>AGC</b> – pinto sm. ‘filhote da galinha ainda novo’ 1813. De origem onomatopaica, provavelmente.  <b>RVI</b> – n/c

**NOTA:**

Conforme podemos ver as definições propostas pelos dicionários de época sobre esse item lexical são pouco esclarecedoras.

Ihering, no DAB, registra o item *pinto-do-mato*, mas fazendo referência às diversas espécies de passarinhos da família *Formicariidae*. Recebem esse nome porque vivem ciscando as folhas secas a procura de insetos.

Já Antenor Nascentes diz ser de uma raiz onomatopáica *pitt*, usado para chamar galinhas, através da forma *pito*, nasalada. Houaiss afirma, ainda, que houve quem propusesse um latim *\*pinctu-*, de *\*pinctáre* 'pintar', hipótese não admitida por grande parte dos estudiosos.

Houaiss propõe a definição frango (ou franga) recém-nato.

Aurélio, assim como Houaiss, menciona sua formação de uma raiz onomatopáica *pitt*, pela forma *pito*. É termo da zoologia na acepção filhote da galinha ainda novo; franguinho.

Vocábulo	OC	Definições
<p><b>36. Abutre: s.m.</b>  <i>“Caminhou o Campelo até o fim do terreno; e daí pôde confusamente avistar os pedaços de carniça, espalhados pelo chão, e que atraíam os abutres”.</i>(p. 183)</p>	01	<p><b>AMS</b> – abutre, s.m. Ave carnívora. (p. 17)</p> <p><b>AGC</b> – abutre sm. ‘nome comum a várias aves falconiformes da fam. dos vulturídeos’ / XVIII / Do lat. vultur –uris. (p. 6)</p> <p><b>RVI</b> – abutre – nome de aves de rapina em Portugal (<i>Vulpus e Gyps</i>), que correspondem, em seus hábitos, mais ou menos ao nosso “urubu”. (p. 65)</p>

**NOTA:**

Sobre o vocábulo abutre, o DAB chama a atenção para o fato de, muitas vezes, urubu é chamado erroneamente de abutre. Na verdade, abutre é a designação para as aves de rapina em Portugal.

Sob a rubrica ornitologia, Houaiss descreve esse item lexical como espécies de aves falconiformes da família dos *acipitrídeos*. Ocorrem na Europa, Ásia e África; de grande porte, podendo alcançar até 1 m de comprimento. Alimentam-se de animais mortos.

Tem origem no latim *vultur, ùris* 'abutre', pelo vulgar *vulture-* (rom. *vúltur*, francês antigo *voutre*, espanhol *buitre*). Ele registra sua formação histórica nos séculos XIII *auuytor*, XIII *voutre*, XV *abuter*, 1552 *abúter*.

O Dicionário Aurélio dá entrada ao item lexical *butre* (sinônimo desusado de abutre) e remete para *abutre*, que, por sua vez, forma-se pela composição do prefixo latino *a* + latim *vulture*. Apresenta como definição as aves falconiformes vulturídeas, do Velho Mundo, na maioria sarcófagas. É um termo da zoologia. É, ainda, de maneira imprópria, a designação que se dá aos urubus brasileiros.

### 1. As aves em particular: 61

Vocábulo	OC.	Definições
<p><b>37. Arara: s.f.</b>  <i>“... e uma longa fila de selvagens ornados de penas de canindés e &lt;araras&gt; coleou pelo campo semelhante a uma serpente monstruosa que enroscasse em seus elos os bandeiristas do Fragoso”.</i>            (p. 202)</p>	10	<p><b>AMS</b> – arara, s.f. Ave do Brasil de bico revoltado, e semelhante ao papagayo, com pennas de variadas cores; e mayor corpo. (p. 171)</p> <p><b>AGC</b> – arara sf. ‘ nome comum a diversas aves de grande porte da fam. dos psitacídeos’ 1576. Do tupi a’rara. (p. 63)</p> <p><b>RVI</b> – arara – designação que inclui as aves da família <i>Psittacidae</i>, gênero <i>Anodorhynchus</i> e as espécies maiores do gênero <i>Ara</i>. (p. 86)</p>

#### NOTA:

Ilhering, em seu DAB, classifica essa espécie como a maior do gênero *Ara* e informa que as menores desse último gênero são as *maracanãs*.

O item vocabular *araras* é um regionalismo do Brasil que Houaiss, sob a rubrica ornitologia, descreve como algumas aves psitaciformes da família dos *psitacídeos*, (*Anodorhynchus*, *Ara* e *Cyanopsitta*). Ocorrem na América Latina, possuem grande porte e são dotadas de bico alto, recurvado e de cauda longa.

Concernente à etimologia, Houaiss informa ser esse item lexical do tupi *a'rara* 'nome comum a diversas aves de grande porte da família dos psitacídeos' (acepção ornitologia). Ele acrescenta, ainda, que A.G. Cunha (DHPT, s.v. *ará*) transcreve a seguinte explicação do escritor brasileiro José de Alencar: "*ará* 'periquito'. Os indígenas como aumentativo, usavam repetir a última sílaba da palavra e, às vezes, toda a palavra. [...] *Arará* vinha a ser, pois, o aumentativo de *ará*, e significaria a espécie maior do gênero". Sua formação histórica é de 1576 *aráras*, 1584 *arara*.

Vocábulo	OC	Definições
<b>38. Saracura: s.f</b> “ <i>Soou então no mato o canto estridente da &lt;saracura&gt;;...</i> ” (p. 135)	05	<b>AMS</b> – n/c  <b>AGC</b> – saracura s.f ‘ave gruiforme da fam. dos ralídeos’ / 1587 / Do tupi sara’kura. (p. 705)  <b>RVI</b> – saracura – várias espécies de aves da família Rallidae, dos gêneros <i>rallus</i> e <i>Aramides</i> . (p. 454)

**NOTA:**

No Dicionário de animais do Brasil *saracura* é a denominação que se dá a várias espécies de aves da família Rallidae, dos gêneros *Rallus* e *Aramides*. É característico das saracuras o colorido vermelho-rubro das penas. Vivem sempre perto da água ou no meio do brejo. No Ceará e em Alagoas a denominação *saracura* sofreu deturpações como “sericora”, “soricoria” ou, como escreveu Euclides da Cunha “sericóia”.

O vocábulo *saracura* é para Houaiss um termo da ornitologia e designa as aves gruiformes da família dos *ralídeos*, cosmopolitas e geralmente de ambientes aquáticos, com 10 gêneros e 23 espécies representadas no Brasil. Tem origem no tupi *sara'kura*. Sua formação histórica é de, aproximadamente, 1584 *çaracura*, 1587 *saracura*, 1789 *ceracura*. Ele ressalta que a datação é para a acepção de ornitologia.

O Dicionário Aurélio registra a unidade lexical *saracura* como um termo da zoologia para designar as aves gruiformes, ralídeas, representadas no Brasil por 13 gêneros e várias espécies. São aves desconfiadas, que passam o dia escondidas na vegetação, saindo, em geral, à tarde, para se alimentar de insetos, crustáceos e peixes de pequeno porte. Tem, também, segundo Aurélio, étimo tupi.

Vocábulo	OC	Definições
<b>39. Rola: s.f.</b> “A <rola> arrufava-se de prazer escutando os ternos requebros que lembravam-lhe a companheira. (p. 34)	04	<b>AMS</b> – rola , s.f. pomba vulgar. (p. 640)  <b>AGC</b> – rola sf. ‘designação comum a varias espécies de aves columbiformes, da fam. dos columbídeos’ / <i>rrola</i> XV. De origem onomatopaica. (p. 689)  <b>RVI</b> – rola – Pombas da família Columbidae, que inclui também as juritis. (p. 438)

**NOTA:**

O Dicionário Houaiss registra este vocábulo como mais um termo da ornitologia para designar as aves columbiformes, da família dos *columbídeos*, dos gêneros *Columbina*, *Claravis* e *Uropelia*, que, geralmente, possuem pequeno porte. Aponta os sinônimos *pomba-rola*, *rola-carijó*, *rola-pequena*, *rolinha*, *turueí*. Tem origem onomatopáica; e sua formação histórica é dos séculos XV *rollas*, XV *rrola*, a1720 *rola*.

Já Aurélio registra este item lexical como termo onomatopaico, mas, ao contrário de Houaiss o classifica como da zoologia para designar várias aves columbiformes, *columbídeas*, gêneros *Columbina* *Claravis* etc. e suas espécies. Alimentam-se de sementes de gramíneas e outras plantas herbáceas. Também conhecida por *rolinha*, *rola-cabocla*, *rola-azul*, *turueí*.

Ihering (2002, p. 438) informa que a rola ou a juriti diferem dos pombos verdadeiros por ter tarsos mais longos e pés maiores. A título de curiosidade, Ilhering informa, ainda, que, no Norte do Brasil foi registrada esse nome para a praga do algodoeiro, mais conhecida como “broca da raiz do algodoeiro”

Vocábulo	OC	Definições
<b>40. Garça: s.f.</b> “As <garças> carmeiam com o bico a alva plumagem; e o maranhão dorme ainda, em pé no meio do brejo,...” (p. 107)	04	<b>AMS</b> – garça, s.f. Ave quática de rapina; há garças reaes , e garças ribeirinhas. (p. 79)  <b>AGC</b> – garça sf. ‘ave pernalta aquática’ XIII. Do lat. Lusit. <i>Gartia</i> .  <b>RVI</b> - garça – denominação genérica, que compreende várias aves da família Ardeidae, família que abrange também os “socós”. (p. 234)

**NOTA:**

Com relação à lexia *garça*, RVI registra a família a que pertence, descreve seus hábitos e menciona a existência de outras espécies que recebem diferentes denominações: *garça-azul* ou *graça-morena*, *garça-branca-grande*, *garça-branca-pequena* e *garça-real*.

Houaiss propõe para este vocábulo a classificação de termo da ornitologia na acepção “designação comum às aves ciconiiformes da família dos ardeídeos, em sua maioria paludícolas, que possuem porte variado, pernas e dedos compridos, pescoço fino, bico longo e pontiagudo”. Houaiss registra 20 espécies diferentes de garça. Quanto à origem afirma ser controversa.

Já AGC diz ser do latim lusitânico *gartia*; para José Pedro Machado, provém do latim *ardèa,ae* 'garça real'. Segundo Houaiss, Corominas afirma que este latinismo nada tem a ver com o espanhol *garza* (1251) 'ave aquática', que ela relaciona com o português e para o qual sugere uma origem provavelmente de base pré-romana *\*karkia*, céltica ou precéltica.

Quanto ao étimo, Aurélio menciona que, assim como o espanhol *garza*; pode ser possessivo de uma forma pré-romana *\*Karkia*, de origem incerta. Para esse dicionarista o item lexical em análise designa as aves ciconiiformes, ardeídeas. Vivem aos bandos, freqüentam rios, lagoas, charcos, praias marítimas ou manguezais de pouca salinidade, e se alimentam quase só de peixes.

Vocábulo	OC	Definições
<b>41. juriti: s.f.</b> “Ali, em seu pavilhão de verdura, grimpado nos ares, não tinha outros vizinhos além de uma <juriti>, que fabricara o ninho no próximo galho,...” (p. 31)	03	<b>AMS – n/c</b> <b>AGC</b> – juriti sf. ‘ave columbiforme da fam. Dos peristerídeos, ola’ / juriti 1587/ Do tupi <i>iuru’t</i> <b>RVI</b> – juriti – o mesmo que juruti. (p. 293)

#### NOTA

RVI dá entrada a *juriti*, mas remete para *juruti* e a descreve como ave da família *Columbidae*, gênero *Leptotila*, que difere das pombas chamadas “rolas” pelas manchas nas asas. No Brasil meridional há duas juritis: *Leptotila rufaxilla reichenbachii*; da Bahia para o norte há outra espécie de juriti, a *L. rufaxilla rufaxilla*, um pouco diferente.

Registra também a *juruiti-pepena*, (em tupi “pepena” é aquele que faz quebrar) encontrada na Amazônia, onde designa uma pomba mística, encantada, capaz de paralisar as pessoas.

Houaiss dá entrada a este item lexical sob a rubrica ornitologia como um regionalismo do Brasil, mas a descreve como uma ave (*Leptotila verreauxi*) que ocorre do Sul dos Estados Unidos até a Argentina e quase todo o Brasil, em matas, capoeiras, cerrados e pomares. Conhecida também por *juriti-pupu*. Tem etimologia tupi *yuru’ti* 'ave columbiforme'. Sua formação histórica é de 1728 *jurití*, 1730 *juritî*, 1781 *juritiz*, 1857 *juruty*.

Aurélio dá entrada ao item de origem tupi *juruti* como um brasileirismo da zoologia e remete para *juriti* que, por sua vez, é registrado como forma variante dissimulada de *juruti* que é também um brasileirismo da zoologia, definido como as várias espécies de aves columbiformes, columbídeas, gêneros *Leptoptila* e *Oreopeleia*, distribuídas por todo o Brasil. Frequentam o fundo dos quintais e as roças nas fazendas do interior e têm canto agradável e nostálgico. Apresenta ainda a variante *jeruti*.

Vocábulo	OC	Definições
<b>42. Sabiá: s.m.</b> “No meio da orquestra concertada pelos cantos dos <sabiás>, das graúnas e das patativas,...” (p. 102)	03	<b>AMS – n/c</b>  <b>AGC</b> – sabiá sm. ‘pássaro da fam. dos <i>turdídeos</i> , de canto mavioso’ 1618. Do tupi <i>sai’á</i> . (p. 695)  <b>RVI</b> – sabiá – As várias espécies desse nome, da família <i>Turdidae</i> . São os cantores mais apreciados de nossa fauna. (p. 441)

**NOTA:**

Tal item vocabular é mais um regionalismo do Brasil que Houaiss registra como termo da ornitologia, para designar as aves passeriformes, da família dos *muscapídeos*, subfamília dos *turdídeos*, cosmopolitas, que possuem plumagem de colorido simples, geralmente marrom, cinza ou preta, com as partes inferiores lisas ou manchadas. São muito apreciados pela beleza do canto. Tem étimo tupi *sai’á* 'sabiá, pássaro da família dos turdídeos'. Houaiss ressalta que Nascentes registra um tupi *haabi’a* e que o vocábulo ocorre no VLB (Vocabulário na língua brasílica) como *çabiâ* = tordo. Sua formação histórica é de 1618 *sabia*, 1728 *sabiá*, 1728 *sabiâ*.

O Dicionário do Aurélio traz registrada essa unidade vocabular como um brasileirismo de étimo tupi. Como termo da zoologia, designa as várias espécies de aves passeriformes, turdídeas, gênero *Turdus*, de colorido simples, cinzento-oliváceo, às vezes avermelhado. São pássaros muito populares, bons cantores, e onívoros. Ocorrem no Norte e Nordeste do Brasil.

Segundo dados do IBAMA, o sabiá (*Turdus rufiventris*) ocorre do Maranhão ao Rio Grande do Sul, Goiás e Mato Grosso. Da família *Turdidae* ocorrem no Brasil cerca de catorze espécies, sendo as mais populares o Sabiá-una (*Platycichla flavipes*), Sabiá-laranjeira (*Turdus rufiventris*), Sabiá-branco (*Turdus leucomelas*), Sabiá-poca (*Turdus amaurochalinus*) e Sabiá-coleira (*Turdus albicollis*).

Vocábulo	OC	Definições
<b>43. Urubu: s.m.</b> “Viu o capitão-mor esvoaçar um bando de <urubus> à beira da mata e pousar no campo”. (p. 183)	02	<b>AMS – n/c</b>  <b>AGC – urubu sm.</b> ‘nome comum às aves falconiformes da fam. Dos catartídeos’ 1587. (p. 806)  <b>RVI – urubu – Ave de rapina da família Cathartidae, Coragyps atratus.</b> (p. 520)

**NOTA:**

O Dicionário dos Animais do Brasil informa que no Brasil essa ave é impropriamente chamada de “corvo”. Vivem em bandos no ar à procura de carniça. Esse dicionário registra, ainda, outras espécies: *urubu-caçador*, também chamado de *urubu-campeiro*, alimenta não só de carniça, mas também de répteis (ocorre mais no campo); *urubu-de-cabeça-amarela* (ocorre mais no Norte do país); *urubu-de-cabeça-vermelha*, *urubu-gameleira*, *urubu-ministro*, *urubupeba*, *urubu-peru*, *urubutinga* ou, ainda, *camiranga* (alteração de piranga, vermelho) e *jereba*. Registra ainda o *urubu-rei*, um pouco maior que os outros urubus. É rei porque os outros urubus lhe respeitam a força.

Houaiss considera esse item lexical como regionalismo do Brasil, rubrica ornitologia e apresenta várias denominações para urubu: *urubu-branco*, *urubu-caçador*, *urubu-campeiro*, *urubu-comum*, *urubu-de-cabeça-amarela*, *urubu-de-cabeça-vermelha*, dentre outras. Descreve tal item lexical como as diversas aves ciconiiformes, gênero *Coragyps* e *Cathartes*, da família dos *catartídeos*; têm cabeça e pescoço nus e alimentam-se de carne em putrefação. Tem origem no tupi *uru'wu*. Sua formação histórica é de 1648 *orubù*.

Já para Aurélio, o vocábulo *urubu* é um brasileirismo da zoologia, tem origem tupi, e designa as aves catartidiformes, catartídeas, de cabeça pelada, que se alimentam de carnes em decomposição. Aurélio também registra vários tipos de urubus: *urubu-real*, *urubu-caçador*, *urubu-campeiro*, *urubu-comum*, *urubu-caapor*, *urubu-do-mar*, *urubu-de-cabeça-vermelha*, *urubu-de-cabeça-preta*, *urubu-re*, dentre outros.

Vocábulo	OC	Definições
<b>44. Gavião: s.m.</b> “...ouviu-se um grito sinistro como o que solta o <gavião> ao desabar da procela”. (p. 82)	02	<b>AMS</b> – gavião, s.m. Ave de rapina a mais pequena de todas. (p. 82) <b>AGC</b> – gavião sm. ‘designação de grande numero de aves falconiformes’. (p. 381) <b>RVI</b> – <b>gavião</b> – n/c

**NOTA:**

Os dicionários de época são poucos descritivos com relação a esse item lexical. É preciso ressaltar, de imediato, que RVI não dá entrada a gavião em sentido geral, mas registra as várias espécies existentes. A começar pelo gavião-belo ou “casaco-de-couro”, nome este motivado pelo fato de em quase toda a sua plumagem predominar as cores das vestes de couro usadas pelos vaqueiros nordestinos. No Sul ele tem o nome de gavião-cabloco.

Conforme pesquisa no site <http://www.avesdobrasil.com.br/guia.htm>, essa espécie vive nos campos inundados, pântanos, banhados e manguezais. Ocorre em quase todo o Brasil, não sendo encontrado apenas em Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Há, ainda, o *gavião-caipira* ou “cancã”, *gavião-carijó*, *gavião-penacho* ou *gavião real*. Este vive dentro ou na borda de florestas altas e densas. Era encontrado em quase todo o Brasil. Está ameaçado de extinção, sendo muito raro fora da região amazônica. Existe, também, o *gavião-de-uruá* e o *gavião-pato*, que ocorrem na Amazônia e nos estados do Nordeste. Já o *gavião-pegamacaco* vive dentro ou na borda de grandes florestas. Ocorre na faixa marítima no Brasil. No leste-meridional, da Bahia, leste de Minas Gerais até o Rio Grande do Sul, encontramos o *gavião-pega-pinto*, *gavião-pombo* e *gavião-tesoura*.

Já Houaiss menciona, sob a rubrica ornitologia, ser a designação comum às aves falconiformes, da família dos *acipitrídeos* e *falconídeos*, cosmopolitas, que, em sua maioria, se alimentam de presas vivas ou de animais mortos. Tem origem germânica, provavelmente

do gótico \**gavilâne*. Sua formação histórica é dos séculos XIII *gauiã*, XIV *gaujães*, XV *gavião*.

Aurélio diz ser de origem incerta. É termo da zoologia e o descreve como qualquer das aves de rapina diurnas, falconiformes, acipitrídeas, falconídeas; em sua maioria, alimentam-se de presas vivas, inclusive aves, répteis, pequenos mamíferos, e até invertebrados, tais como insetos e moluscos. Os catartídeos, da mesma ordem, preferem carnes em putrefação.

Como se vê, essa é mais uma de nossas inúmeras espécies de aves que habitam as mais diferentes regiões do Brasil, revelando a diversidade de nossa fauna.

Vocábulo	OC	Definições
<p><b>45. Graúna: s.f.</b>            "...queria bem às suas &lt;graúnas&gt; e sabiás; gostava de garrular com o seu periquito". (p. 87)</p>	02	<p><b>AMS – n/c</b></p> <p><b>AGC</b> – graúna sf. 'nome dos diversos pássaros de coloração predominantemente negra, quase todos da fam. Dos icterídeos' / 1865 / Do tupi <i>ü ara'uma</i>. (p. 394)</p> <p><b>RVI</b> – graúna – "araúna", "iraúna" ou, em Pernambuco e Alagoas, "arumará". (p. 241)</p>

#### NOTA:

O DAB registra o item vocabular *graúna* como "araúna", "iraúna" ou "arumará" em Alagoas e Pernambuco. Além destes é também reconhecida como "pássaro-preto", "chico-preto", "melro", "arranca-milho" e "renxênção". Em Mato-Grosso "graúna" é sinônimo de "vira-bosta" (*Molothrus*).

A unidade vocabular *graúnas* é, para Houaiss, um regionalismo do Brasil. Termo da ornitologia apresenta os sinônimos de *iraúna-grande* (*Scaphidura oryzivora*) e *melro* (*Gnorimopsar chopi*). De étimo tupi *gwará'una* < *gwa'ra* 'ave, guará' + '*una* 'preto, negro' e de *gwí'ra* 'ave' + '*uma*. Houaiss ressalta que no DHPT (s.v. *graúna*), A.G. Cunha registra uma série de variações, distribuindo-as em quatro grupos e tentando explicar-lhes as diferentes origens; para, no final do exemplário, acrescentar que "é provável, todavia, que na formação

das variações dos quatro grupos tenha havido cruzamento de três vocábulos tupis *gwira'una*, *gwara'una*, *ara'una*", o conjunto de palavras é definido como 'nome comum a diversos pássaros de coloração predominantemente negra'. Sua formação histórica é de, aproximadamente, 1777 *uiraúna*, 1833 *uraúna*, 1865 *graúna*.

Aurélio registra sua origem no tupi e classifica-o como brasileirismo da zoologia.

Ele o descreve como “ave passeriforme, icterídea (*Psomocolax oryzivorus*), de coloração geral preta com brilho violáceo e bico preto”. Apresenta, ainda, uma segunda acepção, como “ave passeriforme, icterídea (*Gnorimopsar chopi sulcirostris*), de coloração geral preta com brilho azulado. Ambas as espécies, largamente distribuídas no Brasil e países limítrofes, são granívoras, e causam grandes estragos nos arrozais, por ocasião das colheitas. Apresenta as variantes e os sinônimos: *caraúna*, *craúna*, *iraúna*, *araúna*, *chico-preto*, *melrão*, *melro*, *rexenxão*, *arranca-milho*, *vira-bosta-grande*, *vira-bosta-mau*.

Vocábulo	OC	Definições
<b>46. Maracanã: s.f.</b> “Já se ouviam grazinar as <maracanãs> entre os leques sussurrantes da carnaúba...” (p. 48)	02	<b>AMS – n/c</b>  <b>AGC – maracanã sf.</b> ‘ave psitaciforme da fam. Dos psitacídeos, espécie de papagaio’. Do tupi <i>maraka’na</i> .  <b>RVI – maracanã –</b> designa as espécies de Psittacidae do tipo das araras, porém bem menores e de cauda menos longa. (p. 321)

#### NOTA:

Termo da ornitologia que Houais classifica como regionalismo do Brasil para designar as diversas aves psitaciformes, especialmente dos gêneros *Propyrrhura*, *Diopsittaca* e *Aratinga*, da família dos *psitacídeos*. Aponta os sinônimos *maracanã-do-buriti* (*Propyrrhura maracana*), *periquitão* (*Aratinga acuticaudata*) e *periquitão-maracanã* (*Aratinga leucophthalmus*).

Trata-se de um vocábulo de étimo tupi *maraka'na* 'ave psitaciforme, da família dos psitacídeos; espécie de papagaio'; composto do tupi *mbara* 'forte, resistente' + *ka* 'casca, invólucro' + *nã* 'semelhante', literalmente 'semelhante ao maracá, que soa como o *maracá*. Ele registra sua formação histórica de 1576 *marcanãos*, 1587 *marcaná*, 1631 *maraquana*, 1777 *maracanã*.

Aurélio também o classifica como termo da zoologia, de origem tupi e configura-se num brasileirismo, designando seguintes aves psitaciformes e psitacídeas:

- a) *Propyrrhura maracana*, distribuída por quase todo o Brasil, verde, com vértice verde-azulado, fronte escarlate, dorso inferior e meio do abdome escarlate-claros, parte basal da cauda vermelho-escura, e parte terminal e rêmiges azuis;
- b) *Diopsittaca nobilis*, da Amazônia;
- c) *Psittacara leucophthalmus*, comum em todo o Brasil, verde, com o encontro e coberteiras inferiores menores da asa encarnados. Apresenta os sinônimos: *araguaí*, *araguari*, *ararinha*, *aruaí*.

Vocábulo	OC	Definições
<b>47. Jaçanã: s.f.</b> “As <jaçanãs> esvoaçavam por cima das lagoas e pousavam entre os juncos”. (p. 103)	02	<b>AMS – n/c</b> <b>AGC</b> – jaçanã sf. ‘ave da fam. Dos parrídeos’ 1587. Do tupi <i>iasa’ na</i> . <b>RVI</b> – jaçanã – ave da família jacanidae, <i>Jaçana jaçanã</i> . (p. 272)

**NOTA:**

RVI, ao descrever essa espécie de ave informa que, na Amazônia, é conhecida por “piaçoca” ou “japiaçoca”. No sul do país são conhecidas por “frango-d’água”. O item lexical *jaçanãs*, um regionalismo do Brasil, que Houaiss classifica como termo da ornitologia, diz respeito às aves caradriiforme, paludícola, da família dos *jacanídeos* (*Jacana jacana*), com ampla distribuição na América tropical cisandina; com cerca de 23 cm de comprimento,

plumagem negra com manto castanho, bico amarelo com escudo frontal vermelho, rêmiges verde-amareladas, encontro com um afiado esporão vermelho, pernas altas, dedos longos e abertos, adaptados à locomoção sobre plantas aquáticas. Apresenta os sinônimos *aguapeaçoca*, *cafezinho*, *casaca-de-couro*, *ferrão*, *japiaçó*, *japiaçoca*, *marrequinha*, *meninho-do-banhado*, *nhaçanã*, *nhançanã*, *nhanjaçanã*, *piaçó*, *piaçoca*, *pia-sol*.

Tem origem no tupi *yasa'nã* 'espécie de ave'. Sua formação histórica é de 1889 *jassanân*.

Segundo Houaiss, essa espécie é conhecida no Maranhão como *frango- d'água-azul* (*Porphyrola martinica*). Sua formação histórica é de 1899. É uma espécie encontrada desde o Sul dos E.U.A. até a Argentina, podendo atravessar o Atlântico e atingir ilhas da costa africana. Tem cerca de 35 cm de comprimento, plumagem azul-escura com dorso e cauda verdes, escudo frontal azulado e pernas amarelas. A título de curiosidade, Houaiss informa, ainda, que no Maranhão compõe um prato típico chamado arroz de jaçanã.

No Amazonas é conhecido como *libélula*, designando os insetos da ordem dos odonatos, facilmente reconhecíveis pelo abdome longo e estreito, pelas quatro asas alongadas, transparentes e providas de rica nervação. São carnívoros em todas as fases vitais, alimentando-se de insetos e outros organismos. É um vocábulo oriundo do latim científico *libellula*, diminutivo do latim clássico *libélla,ae* 'prumo, nível; moeda de prata' procedente do diminutivo do latim *libra,ae* 'balança'. O nome, segundo Houaiss, é uma alusão ao vôo do inseto, que se mantém em equilíbrio no ar, pairando. Sua formação histórica tem registro em 1899 *libéllula*.

Para Aurélio, este vocábulo constitui-se num brasileirismo de étimo tupi e é termo da zoologia. É uma ave caradriiforme, jacanídea (*Jacana spinosa jacana*), distribuída por todo o Brasil, de dorso vermelho-castanho vivo, uropígio e cauda mais escuros, rêmiges da mão verde-claras com pontas pretas, e cabeça, nuca e parte inferior pretas. Conhecida também por

*nhaçanã, nhançanã, nhanjaçanã, piaçoca, piaçó, japiaçoca, japiaçó, cafezinho, marrequinha, ferrão.*

Vocábulo	OC	Definições
<p><b>48. Canindé: s.m.</b>  <i>“querendo obrigar o selvagem a deixar o passo grave e concertado para andar mais ligeiro, travou do penacho de plumas de &lt;canindé&gt; que o chefe trazia à cabeça pregado com resina de almécega, e puxou-o para diante”.</i>            (p. 102)</p>	02	<p><b>AMS – n/c</b></p> <p><b>AGC</b> – canindé sm. ‘ave da fam. Dos psitacídeos’ 1576. Do tupi <i>Kani’ne</i>. (p. 148)</p> <p><b>RVI</b> – canindé – arara de colorido azul em cima, amarelo no lado inferior e sem ornatos vermelhos; <i>Ara ararauna</i> é seu nome científico. (p. 151)</p>

#### NOTA:

Esta é mais uma unidade lexical que compõe o campo lexical da fauna, subcampo aves. Trata-se, segundo Houaiss, de mais um regionalismo do Brasil e é termo da ornitologia. Tem origem no tupi *kani'nde* 'ave da família dos *psitacídeos*'. Sua formação histórica é de 1576 *canindé*, 1587 *canide*, 1618 *canides*, 1627 *canidéz*. Conhecida também como *arara-de-barriga-amarela* (*Ara ararauna*). Essa espécie ocorre da América Central ao Brasil, à Bolívia e Paraguai.

O item lexical *canindé* é um brasileirismo de étimo tupi que Aurélio remete para *arara-canindé*, classificando-a como um brasileirismo da zoologia e descrevendo-a como uma ave psitaciforme, psitacídea (*Ara ararauna*), distribuída do Panamá ao Sul do Brasil

RVI, sobre esse item vocabular informa que essa espécie de arara habita toda a zona compreendida entre São Paulo e a Amazônia. AGC registra a unidade vocabular *canindé* como oriunda do tupi *Kani’ne*. Já AMS não registra tal item lexical.

Vocábulo	OC	Definições
<b>49. Periquito: s.m.</b> “Nada, porém, mais gracioso e alegre do que os <periquitos> verdes, de bico branco, e tamanho de um beija-flor,...” (p. 103)	02	<b>AMS</b> – periquito, s.m. Ave da feição do papagayo, mas muito menor. (p. 435) <b>AGC</b> – periquito sm. ‘ave psitaciforme, da fam. Dos sitacídeos’ XVII. Do cast. <i>Periquito</i> . (p. 597)

**NOTA:**

O vocábulo *periquito* é termo da ornitologia, classificado por Houaiss como um regionalismo do Brasil, tem como designação comum *tuim*, um regionalismo do Brasil, que por sua vez, designa as diversas aves *psitaciformes* da família dos *psitacídeos*, do gênero *Forpus*, amplamente distribuído no Brasil, de pequeno porte, coloração verde e cauda curta. Apresenta os sinônimos *periquitinho*, *periquito*, *periquito-de-santo-antônio*, *periquito-miúdo*, *periquito-tuim*. Houaiss registra sua etimologia do espanhol *periquito* (1565), de *perico* 'espécie de papagaio; espécie de toucado que se fazia com cabelo postiço', antropônimo *Perico*, diminutivo de *Pero* por *Pedro*.

Aurélio também registra sua origem do espanhol *periquito*, um brasileirismo da zoologia, para designar *ave psitaciforme*, *psitacídea* (*Tirica chiriri*), de larga distribuição geográfica, de coloração verde, com parte das coberteiras superiores maiores da asa amareladas e as coberteiras das rêmiges da mão azuis. Ele registra *tuixiriri* como brasileirismo da zoologia e sinônimo de *periquito*.

Vocábulo	OC	Definições
<b>50. Araponga: sf</b> “...abalado por um ruído estranho, que soara no embastido da folhagem e que, apesar de frágil, repercutira dentro dele como a vibração do grito da <araponga> no seio da floresta”. (p.35)	02	<b>AMS</b> – n/c <b>AGC</b> – araponga sf. ‘pássaro da fam. dos <i>cotingídeos</i> ’ / <i>guigrapónca</i> c 1584, <i>guiraponga</i> c 1594 etc./ Do tupi <i>üira</i> ’ (< <i>üi</i> ’ra ‘ave’ + ‘ <i>ponga</i> ‘sonante’’. (p. 63) <b>RVI</b> -Araponga ou “ferreiro”.Pássaro da fam. <i>Citingidae</i> , <i>P. nudicollis</i> , no Brasil meridional, e <i>Procnias alba</i> , na Amazônia.(p. 85)

**NOTA:**

Quanto a origem desse item lexical, AGC afirma que este é um vocábulo de origem tupi, cuja formação se deu a partir de *üi'ra* ‘ave + ‘pon ‘sonante’. Temos, nesse caso, mais um brasileirismo de base tupi.

Não há registro dessa unidade vocabular no dicionário de Moraes.

Para Ihering, trata-se de um pássaro da família *Citingidae*, *P. nudicollis*, no Brasil meridional, e *Procnias alba*, na Amazônia. Seu canto é estridente, com notas metálicas que tão bem imitam o trabalho do ferreiro na bigorna: primeiramente ecoam as pancadas espaçadas, bem claras, e por fim algumas mais apressadas e arrastadas correspondem ao ranger da lima sobre o ferro.

Vocábulo	OC	Definições
<b>51. Jaburu: s.m.</b> <i>“Pelas margens das lagoas os &lt;jaburus&gt; caminham lentos e taciturnos ou miram-se imóveis nas águas”.</i> (p. 107)	01	<b>AMS – n/c</b> <b>AGC</b> – jaburu sm. ‘nome comum a várias aves de grande porte das famílias dos ardeídeos e dos ciconídeos’ / 1618, <i>jaboru</i> 1587 etc./ Do tupi <i>iamu’ru</i> . (p. 451) <b>RVI</b> – jaburu ou jabiru – nossas maiores aves pernaltas da ordem Ciconiiformes. (p. 269)

**NOTA:**

Com relação à lexia *jaburu*, o DAB explica que há, no Norte e no Sul, vários nomes para designar as nossas maiores aves da ordem Ciconiiformes. *Jabiru mycteria*: “jabiru”, no Sul; “tuiuiú”, na Amazônia. A espécie *Euxenura mycteri*, muito semelhante à “cegonha” da Europa, é conhecida no Norte por “cauauã”, no Sul, por “jabiru-moleque”.

A *Mycteria americana* é conhecida na Amazônia por “passarão” ou “cabeça-de-pedra”, e por “tuiuiú”, no Sul. A *Ardea cocoi* é reconhecida na Amazônia por “manguari”, e por “joão-grande” e “socoí”, no Sul.

A unidade vocabular *jaburu* é, para Houaiss, mais um regionalismo do Brasil e termo da ornitologia. Designa as aves ciconiiformes, de grande porte, da família dos *ciconídeos*, gêneros *Mycteria* e *Jabiru*, encontrados em grandes rios, lagoas e pantanais. Conhecidos também por *jabiru*, *tapucaja*. São coloniais e constroem ninhos sobre árvores.

A espécie (*Jabiru mycteria*) ocorre da América Central ao Norte da Argentina e no Brasil (até Santa Catarina), sendo muito comum no Pantanal. Apresenta plumagem branca, enorme bico negro levemente curvado para cima e pescoço negro, nu e com a base vermelha. Apresenta os sinônimos *jaburu-moleque*, *rei-dos-tuinins*, *tuiaguaçu*, *tuiuiú*, *tuiuiú-coral*, *tuiupara*, *tuiú-quarteleiro*.

Houaiss ressalta, ainda, que essa é uma ave considerada símbolo do Pantanal mato-grossense. Tem, segundo Houaiss, origem tupi *yambi'ru* 'nome comum a várias aves de grande porte'. Adaptado também ao português *jabiru*. Sua formação histórica é de 1587 *jaboru*, 1618 *jaburu*, com mudança da vogal *o* em *u*.

Aurélio registra-a como uma variante de *jabiru*, um brasileirismo da zoologia que ele define como as aves ciconiiformes, de grande porte, ciconídeas, gêneros *Mycteria* e *Jabiru*, as quais freqüentam grandes rios ou lagoas, preferindo os pantanais. Alimentam-se de peixes e outros animais aquáticos, vivem em bandos, e constroem ninhos coletivos.

Vocábulo	OC	Definições
<b>52. Jandaia: s.f.</b> “Agora era um bando de <jandaias> que atravessava o espaço grasnando e ralhando...” (p. 103)	01	<b>AMS – n/c</b> <b>AGC</b> – jandaia sf. ‘ave psitaciforme da fam. Dos psitacídeos. Do tupi <i>ia’naia</i> .(p. 452) <b>RVI</b> – jandaia – periquito da família Psittacidae, Aratinga jandaya, espécie característica do Nordeste do Brasil (Ceará e Pernambuco). (p. 280)

**NOTA:**

Para RVI, essa ave é uma espécie própria do Nordeste do Brasil, especialmente no Ceará e Pernambuco. Informa, também, que, no oeste de São Paulo designam-a como “jandaia” o chamado “periquito-rei”.

Ao focalizar a lexia *jandaia*, um regionalismo do Brasil, Houaiss menciona que essa espécie possui três raças distintas, encontradas na Amazônia e em várias regiões do Brasil. Também conhecida por *cacaué*, *nandaia*, *nhandiaia*, *queci-queci*, *quijuba*. Tem étimo tupi *ya'ndaya* 'ave da família dos psitacídeos; espécie de papagaio'. Sua formação histórica é de 1618 *hyendaya*, 1631 *jimdaia*.

Para Aurélio, trata-se de um brasileirismo da zoologia de étimo tupi. Designa as espécies de aves *psitacíformes*, *psitacídeas*, gênero *Aratinga*, comuns em todo o Brasil.

Vocábulo	OC	Definições
<b>53. Marreca: s.f.</b> “O primeiro casal de <marrecas>, naquele instante chegado das margens de Parnaguá,...” (p. 49)	01	<b>AMS</b> – marreca, s.f fêmea do marreco. Marreco, s.m. Ave parecida ao pato, caseira ou agreste; é menor no corpo que os patos. (p. 272)  <b>AGC</b> – marreco sm. ‘ave semelhante ao pato e menor do que ele’ ‘astuto, sagaz’ XVI. De origem obscura. (p. 503)  <b>RVI</b> – marreca – diversas espécies de aves indígenas da família <i>Anatidae</i> às quais cabe esse nome. (p. 325)

**NOTA:**

O Dicionário de Animais do Brasil menciona que há 16 espécies de aves indígenas que levam esse nome. São elas: “irerê”, “ananaí”, “assobiadeira”, “cancã”, e “paturi”. As formas maiores são “mergulhador”, “marrecão”, e “pato-do-mato”.

Ihering menciona, também, que é comum confundir as marrecas com os gansos. E esclarece: zologicamente os gansos são *Anseríneos*, e as marrecas, *Anatídeos*, o “irerê”, apesar de

pertencer ao grupo dos gansos, no Sul do Brasil é denominado “marreca-do-pará”. Os *Anseríneos* (ou gansos) têm pescoço comprido, o bico é mais alto do que largo. Além disso, os sexos não diferem entre si pelo colorido, o macho auxilia a fêmea na criação dos filhos e são aves que não mergulham quando nadam.

Segundo o mesmo dicionário, os Anatídeos, (marrecos), ao contrário, têm pescoço menor, o bico, na base, é mais largo do que alto. Os machos distinguem-se pela cor e quase todos gostam de mergulhar. Os patos constituem uma subfamília intermediária, mais chegada à dos gansos, distinguindo-se pela cauda mais comprida e pela presença de uma verruga na frente. Ele informa, ainda, que há no Brasil, ao todo, 24 espécies da ordem *Anseriformes*, distribuídas nas mais diferentes regiões do país.

Houaiss não menciona nenhuma marca de uso para esse item lexical. Apenas classifica-o como termo da ornitologia designando as diversas aves anseriformes, da família dos *anatídeos*, geralmente migratórias e de pequeno porte. Mas dá entrada a vários outros itens lexicais que denominam as mais diferentes espécies de marrecas, cujo nome varia em função do local de ocorrência. Por exemplo, a marreca-ananaí ou marreca-do-pé-vermelho (*Amazonetta brasiliensis*), no Brasil, concentram-se nos banhados do Rio Grande do Sul onde sofrem pressão de caça; a marreca-apaí ou irerê (*Dendrocygna viduata*), tem vasta distribuição, encontrada na África e na América do Sul; Marreca-arebio é uma marreca migratória (*Anas acuta*) do hemisfério norte, encontrada ocasionalmente na América do Sul; marreca-asa-branca ou marreca-cablocá (*Dendrocygna autumnalis*), restrita às Américas, com ampla distribuição no Brasil e comum na Amazônia; marreca-caneleira (*Dendrocygna bicolor*) que ocorre da Califórnia à Argentina e localmente no Brasil; marreca-cricri (*Anas versicolor*), que ocorre na América do Sul meridional, podendo nidificar no Rio Grande do Sul, dentre outras.

Aurélio não registra tal item como termo da ornitologia, mas da zoologia, com uma definição pouco esclarecedora: “a fêmea do marreco”. Numa segunda acepção, considera tal vocábulo como um brasileirismo para designar os *anatídeos* de pequeno porte.

Vocábulo	OC	Definições
<p><b>54. Ema: s.f.</b>  “Nos tabuleiros um bando de &lt;emas&gt; apostavam carreira com os veados campeiros;...”  (p. 107)</p>	01	<p><b>AMS – n/c</b></p> <p><b>AGC</b> – ema sf. ‘ave reiforme, da fam. Dos réideos’ / XVI, <i>hema</i> XVI. De origem controvertida. (p. 289)</p> <p><b>RVI</b> – ema – verdadeira denominação da grande ave sul-americana, único representante, na América, da subclasse dos Ratitae e á qual também pertence o avestruz africano, <i>Struthio camelus</i>. (p. 212)</p>

**NOTA:**

RVI, ao descrever essa ave, informa essa é a denominação da grande ave sul-americana, único representante, na América, da subclasse dos Ratitae. Informa, ainda, que a nossa “ema”, conhecida pelos índios como “nhandu”, o povo dá, impropriamente, o nome de “avestruz”; mas, na verdade, são de famílias distintas. O avestruz tem no pé apenas dois dedos, ao passo que, nas duas espécies sul-americanas da família Rheidae, o pé tem três dedos. Outro traço diferenciador diz respeito ao seu valor econômico: as plumas do avestruz, muito delicadas e artísticas são muito valorizadas no comércio, já as da ema fornecem apenas material para a fabricação de espanadores. A espécie *Rhea americana* habita a Argentina Setentrional e, daí para o norte, todos os campos até o Maranhão.

O Dicionário de Houaiss traz sob a rubrica ornitologia, a descrição dessa espécie como da família dos *réideos* (*Rhea americana*), que vive em regiões campestres e cerrados no Paraguai, Bolívia, Argentina, Uruguai e Brasil; com até 170 cm de altura, é a maior e mais pesada ave brasileira, de cabeça e pescoço cinza-pardacentos, partes inferiores brancas,

cauda ausente e pés com três dedos; o macho possui a base do pescoço e o peito negros. Conhecida também como *churi*, *guaripé*, *nandu*, *nhandu*, *nhanduguaçu*, *xuri*. Característica interessante dessa espécie, e mencionada por Houaiss, é que o macho é responsável pela incubação de vários ovos, postos por diferentes fêmeas em um ninho escavado no solo, e também pelo cuidado com os filhotes. Para Houaiss o item vocabular *ema* tem origem controversa. Pode ser do molucano *emeu*, *eme* ou *samu*, *sam* 'casuar (ave)' ou do árabe *naHama* 'avestruz'. Houaiss registra, ainda, que no Norte e Nordeste do Brasil esse item lexical se regionalizou pelo nome de *bebedeira*. Segundo Aurélio, talvez pelo bamboleio do bêbado que se assemelha ao do animal.

Para Aurélio, também tem origem controvertida. Constitui termo da zoologia na designação de *Ave reiforme*, *reídea* (*Rhea americana*), dos campos e cerrados brasileiros, de dorso branco-cinzento, parte inferior mais clara, e com três dedos nos pés. Vive em bandos, alimenta-se de frutos e grãos, e de toda sorte de pequenos animais, e atinge 1,30m de altura. O macho é quem choca os ovos postos por várias fêmeas, em ninhadas de até 40 ovos. Aurélio apresenta os sinônimos: *nhandu*, *nandu*, *guaripé*, *xuri*. No Rio Grande do Sul recebe a designação imprópria de *avestruz*. Imprópria porque o avestruz difere da ema por possuir apenas dois dedos em cada pé.

Informações prestadas pelo IBAMA atestam que as emas correm em regiões de campo, desde que haja água, por exemplo, no Sul do Pará, Nordeste, campos do Vale do São Francisco, Leste, Sul e Centro-oeste.

Vocábulo	OC	Definições
<b>55. Patativa: s.f.</b> <i>No meio da orquestra concertada pelos cantos dos sabiás, das graúnas e das &lt;patativas&gt;, retiniam os clamores das maracanãs,...</i> (p. 102)	01	<b>AMS – n/c</b> <b>AGC</b> - patativa sf. ‘pássaro da fam. Dos fringilídeos’ provavelmente de origem tupi, mas de étimo incerto. (p. 586) <b>RVI</b> – patativa – Passarinho da família Fringillidae, do gênero <i>Sporophila</i> , isto é, do grupo dos “papa-capins”. (p. 375)

**NOTA:**

Item vocabular classificado por Houaiss na rubrica ornitologia, configura-se como regionalismo do Brasil na acepção ave passeriforme (*Sporophila plumbea*), da família dos emberizídeos, encontrada nas regiões meridionais e setentrionais do Brasil e em países adjacentes; com cerca de 10,5 cm de comprimento, o macho é cinza-azulado com mento, estria malar, abdome e espéculo brancos, enquanto a fêmea e o imaturo são pardacentos. Espécie canora muito procurada no mercado de aves de gaiola. De origem incerta, provavelmente do tupi, e de étimo duvidoso. Sua formação histórica é de 1730 *patatibas*, 1859 *patativa*.

Brasileirismo de étimo tupi, essa unidade vocabular refere-se, segundo Aurélio, às aves passeriforme, fringilídea (*Sporophila plumbea*), distribuída do Nordeste ao Paraná e a países limítrofes.

Vocábulo	OC	Definições
<b>56. Andorinha: sf.</b> — <i>Outrora eu flechava as &lt;andorinhas&gt; no ar.</i> (p. 193)	01	<b>AMS</b> – andorinha, s.f. Ave vulgar. (p. 132) <b>AGC</b> – andorinha sf. ‘designação comum a várias espécies de aves passeriformes da fam. dos <i>hirundinídeos</i> / XIV, <i>andorya</i> XVIII/ Do lat. <i>harundina</i> , de <i>harundo</i> , por <i>hirundo</i> –inis ‘andorinha’ com influência de ANDAR. (p. 46) <b>RVI</b> – andorinhas – Pássaros da família <i>Hirundinidae</i> , ao todo 14 espécies brasileiras. (p. 73)

**NOTA:**

Item vocabular de origem latina. Designa os pássaros da família *Hirundinidae*. São, segundo DAB, ao todo catorze espécies brasileiras. Elas apresentam feitio muito característico, vôo rápido e elegante. Há algumas espécies de andorinhas que nidificam na América do Norte e vêm passar o inverno aqui; mas a maior parte procria no Brasil, fazendo ainda assim suas migrações. Fato interessante é que nenhuma de nossas andorinhas constrói ninho de barro, como fazem as espécies correspondentes européias.

O item covabular *andorinha* é, pois, mais um brasileirismo da Zoologia (ornitologia) de origem latina.

Vocábulo	OC	Definições
<b>57. Cancã: s.f.</b> “ <i>Já se ouviam grazinar as maracanãs entre os leques sussurrantes da carnaúba e repercutirem os gritos compassados do &lt;cancã&gt;,...</i> ” (p. 48)	01	<b>AMS – n/c</b>  <b>AGC</b> – <i>cancã</i> sm. ‘espécie de dança tradicional dos cabarés de Montmartre (Paris)’ /cancan 1881 / Do fr. Cancan. (p. 146)  <b>RVI</b> – <i>Cancã</i> – veja “paturi”

**NOTA:**

O item lexical *cancã* não se encontra registrado por AMS.

A definição proposta por AGC para essa unidade vocbular não corresponde ao sentido da abonação.

Já em Ihering, encontramos três entradas para esse vocábulo: na primeira o pesquisador afirma que *cancã* na Amazônia é o mesmo que “*caracará-preto*” no Sul e que o gavião conhecido por *cancã* no Sul é *Buteogallus urubitinga*, que, por sua vez, na Amazônia, é conhecido por “*gavião-caipira*”. Na segunda entrada ele remete para “paturi” e a descreve como ave da família *Anatidae*, *Oxyura diminica*, também, chamado “marrequinha”, pois mede apenas 38 cm de comprimento. É ave que pode ser encontrada por toda América do Sul.

E, finalmente, na terceira definição diz que *cancã* é em todo o Nordeste o nome que se dá aos seus parentes no Sul, as *gralhas*.

Uma informação curiosa é que em Sergipe, quando se quer fazer referência a pessoas magras, fortes que não envelhecem, diz-se que elas “tem carne de *cancã*”, talvez pelo fato de ela ser umas das poucas aves que suportam a seca na caatinga.

Para Houaiss o item lexical *cancã* trata-se de um regionalismo do Brasil e termo da ornitologia, para designar as *aves passeriforme* da família dos *corvídeos* (*Cyanocorax cyanopogon*), restrita ao Nordeste e Centro-Oeste do Brasil. Mede até 31 cm comprimento, cabeça, face e garganta negras com manchas azuis acima e abaixo dos olhos, manto acinzentado, asas e cauda negras, ventre e ponta da cauda brancos. Apresenta os sinônimos *cancão*, *gralha-cancã*, *piom-piom*, *quenquém*. Segundo Nascentes, tem formação onomatopáica da voz da ave. Registra formação histórica antes de 1899 *cancan*.

Também para Aurélio é termo onomatopáico, brasileirismo da zoologia, para designar *ave passeriforme*, *corvídea* (*Cyanocorax cyanopogon*), do Brasil este-setentrional e centro oriental de coloração azul-escura. Distingue-se das outras gralhas pela mancha azul-marinho acima e abaixo dos olhos, e pelas penas azuis na raiz da mandíbula. É a espécie mais comum nas caatingas do Nordeste. Aurélio registra seu étimo do francês *cancan* e aponta como sinônimos os itens lexicais: *cancão*, *gralhão*, *piom-piom*, *quenquém*.

Vocábulo	OC	Definições
<b>58. Caitetu: sm</b> “Esteve com os seus companheiros, dele, os <caitetús>. Isto não sabe viver entre gente”. (p.161)	01	<b>AMS – n/c</b> <b>AGC</b> – caitetu sm. ‘porco do mato da fam. dos tiaiçuídeos’ / Do tupi taíte’ tu; v. TAIACU. (p. 137) <b>RVI</b> – caititu, “cateto” ou “catete” – Porco-do-mato . É a espécie menor, Tayassu tayassu, de 90 cm de comprimento. (p. 140)

**NOTA:**

O item lexical *caitetus* é, segundo Aurélio, oriundo do tupi. Constitui-se, portanto, num brasileirismo da Zoologia referindo-se a mamífero artiodáctilo, taiacuideo (*Tayassu tajacu*), da região cisandina da América do Sul. Possui pelagem anelada de branco, ou amarelo e negro, ou castanho-claro. Apresenta as variações *caitatu*, *caitetu*, *taititu* e os sinônimos *cateto*, *tateto*, *pecari*, e impropriamente chamado de *porco-do-mato*.

Vocábulo	OC	Definições
<b>59. Colibri:sm</b> <i>“Mais longe as touceiras de cardos entrelaçam suas hastes crivadas de espinhos e ornadas de lindos frutos escarlates, que atraem um enxame de &lt;colibris&gt;”.</i> (p. 102)		<b>AMS – n/c</b>  <b>AGC</b> – colibri sm. ‘beija-flor’ 1873. Do fr. <i>Colibri</i> , deriv. Provavelmente de um idioma indígena das Antilhas. (p. 195)  <b>RVI</b> – colibri - Denominação usada pelos europeus e, daí, também na linguagem poética no Brasil, para os beija-flores. (p. 186)

**NOTA:**

Não há em AMS o registro desse item vocabular.

AGC registra sua origem no francês *Colibri*, derivado possivelmente de um idioma indígena das Antilhas.

Para Houaiss trata-se de um sinônimo de beija-flor. Sua formação histórica, segundo esse dicionarista é de 1843 *colibrio*. Etimologicamente afirma ser, assim como AGC, do francês *colibri* (*colibry* 1640).

Já Aurélio afirma ser termo da Zoologia como “designação comum às aves apodiformes, troquilídeas, de vôo muito veloz, e que se alimentam de néctar das flores e de insetos minúsculos. O dicionarista apresenta para esse item lexical os seguintes sinônimos: *binga*, *chupa-flor*, *chupa-mel*, *colibri*, *cuitelo* (mesmo uso em Portugal), *guainumbi*, *guanambi*, *guanumbi*, *guinumbi*, *pica-flor*.

Vocábulo	OC	Definições
<b>60. Corrupião: s.m.</b> “ <i>Os &lt;corrupiões&gt; brincavam nos galhos da cajá-zeira;...</i> ” (p. 103)	01	<b>AMS – n/c</b>  <b>AGC – corrupião sm.</b> ‘ave passeriforme da fam. Dos icterídeos’ 1899. De provável origem onomatopaica. (p. 220)  <b>RVI – corrupião – O mesmo que “sofrê”.</b> (p. 192)

**NOTA:**

A unidade vocabular *corrupiões* não se encontra registrada em AMS. Em AGC aparece como uma ave da família dos *icterídeos* e de origem, provavelmente, onomatopaica.

RVI remete para *sofrê*, em cuja definição informa ser pássaro da família Icteridae, *Icterus jamacaii*. É uma ave da Amazônia e de todo o Norte do Brasil até Minas. Tem um canto agradável. Ihering (p. 467) menciona, ainda, que o escritor José de Alencar, poeticamente, alterou-lhe o nome, explicando-o como “sofrer”. Mas, é ele o canto mais alegre do sertão.

No Dicionário de Houaiss está classificada como um regionalismo do Brasil, termo da ornitologia, para designar as aves passeriformes, da família dos *emberizídeos*, subfamília dos *icteríneos* (*Icterus jamacaii*), que possui dois representantes geográficos no Brasil; *sofrê*, *sofreu*. Essa é uma ave muito conhecida pela sua voz e pela capacidade de imitar músicas. Habita do Maranhão à Bahia e Minas Gerais. Tem origem controversa; para Nascentes, vocábulo onomatopáico.; para outros, ligado a *corrupio* + *-ão*.

Aurélio registra-o como vocábulo onomatopaico possessivo, um brasileirismo da Bahia, termo da zoologia para designar *ave passeriforme, icterídea* (*Icterus jamacaii*), do Brasil este-setentrional, de coloração geral preta, dorso e barriga vermelhos com tons alaranjados, e asa com espelhos brancos. E aponta como sinônimos: *concliz, concriz, sofrê*.

Vocábulo	OC	Definições
<b>61. Maranhão: s.m.</b> “As garças carmeiam com o bico a alva plumagem; e o <maranhão> dorme ainda, em pé no meio do brejo,...” (p. 107)	01	<b>AMS – n/c</b> <b>AGC – n/c</b> <b>RVI – maranhão – ave pernalta mais geralmente conhecida por “flamingo”, com o nome do grande estado nortista e do <i>mar dulce</i>. (p. 321)</b>

**NOTA:**

O item lexical *maranhão* não se encontra registrado pelos dicionários de época.

O DAB traz seu registro, mas afirma que não se sabe até que ponto é possível explicar o nexos que une a origem dessa denominação, aplicada a essa ave, descrita por ele apenas como ave pernalta conhecida por flamingo, com o nome do estado nortista e do *mar dulce*.

Esse item vocabular Aurélio descreve-o como (de maranha + -ão, possessivo) e o classifica como brasileirismo da zoologia, remetendo para *flamingo*, uma variação de *flamingo*. Designa *ave ciconiiforme, fenicopterídea (Phoenicopterus ruber)*, das costas atlânticas tropicais e subtropicais da América do Norte, das Antilhas, e da costa setentrional da América do Sul desde as Guianas até o estuário do rio Amazonas. Coloração rosada, rêmiges pretas, e penas dos ombros de um encarnado vivo. Apresenta como sinônimos os itens vocabulares *ganso cor-de-rosa, ganso-do-norte, gansão, maranhão*.

Houaiss, sob a rubrica ornitologia, classifica esse item lexical como um brasileirismo geral e remete para *flamingo (Phoenicopterus ruber)*. Quanto ao aspecto formal temos *maranh* + sufixo *ao*, sendo que *maranh-* é, segundo Houaiss, um antepositivo, do português *maranha*, espanhol *maraña*, talvez pré-romano, quiçá cognato do provençal e franco-provençal. *baragne* 'sarçal, carrascal, estorvo', o que permitiria presumir cognação com o português *baranha* (espanhol *baraña*), *baranho*, o que autorizaria, por fim, a cognação morfossemanticamente plausível com o português *baraço* (1260) - quase sempre atribuído ao árabe *maraç/ma'rasa* 'corda, cordel', a que J.P. Machado apõe a nota "estranho a ausência do

art. definido arábico"; a ser assim, ter-se-iam três bases conexas: **1) maranh-**, **2) baranh-** e **3) baraç-**, a saber: **1) amaranhado, amaranhamento, amaranhar, desemaranhado, desemaranhador, desemaranhamento, desemaranhante, desemaranhar, desemaranhável, desemaranho, desmaranhado, desmaranhamento, desmaranhante, desmaranhar, desmaranhável, desmaranho, emaranhado, emaranhamento, emaranhar; maranha, maranhada, maranhado, maranhão (não Maranhão), maranhar, maranheiro, maranho, maranhosa, maranhona, maranhoso, maranhoto; 2) baranha, baranho; 3) baraça, baracinho, baracinha, baraço; desembaraçado, desembaraçador, desembaraçamento, desembaraçante, desembaraçar, desembaraçável, desembaraço; embaraçado, embaraçada, embaraçador, embaraçamento, embaraçante, embaraçar, embaracilho, embaraço, embaraçoso**

Vocábulo	OC	Definições
<b>62. Nambu: s.m.</b> “Aí dentro da selva espessa, fez a <nambu> seu ninho, onde piam os pintinhos implumes”. (p. 102)	01	<b>AMS – n/c</b> <b>AGC – n/c</b> <b>RVI – nambu – veja “inhambu” (p.355)</b>

**NOTA:**

A unidade vocabular *nambu* não se encontra registrada nos dicionários de época.

Já o DAB registra o item *nambu* e remete para *inhambu* descrevendo-o como aves família *Tinamidae*, gênero *Crypturellus*. Há 14 espécies brasileiras desse gênero. Elas representam um tipo homogêneo quanto ao feitio, variando apenas de tamanho e um tanto no colorido.

Houaiss classifica-o como termo da ornitologia e aponta como sinônimo o item lexical *inhambu*, cuja formação histórica é de 1587 *nambu*, 1624 *nãbus*; na acepção dada dentro da rubrica ornitologia.

Aurélio considera essa unidade vocabular como brasileirismo de étimo tupi e termo da zoologia. Ele também remete para *inhambu* e apresenta a definição: “Designação comum às aves *tinamiformes tinamídeas*, gêneros *Tinamus* e *Crypturellus*, características da região neotropical, e desprovidas completa ou quase completamente de cauda”.

Neste vocábulo, optamos por registrar apenas as informações dadas pelos dicionários consultados, tendo em vista que o mesmo foi empregado no contexto da obra sem nenhuma significação para além de seu sentido dicionarizado.

Ressaltamos apenas quanto à origem, que, sendo mais um vocábulo de origem tupi, não deixa de evidenciar a preocupação de Alencar em valorizar a língua geral dos índios, símbolo maior da nação brasileira.

vocábulo	OC	Definições
<b>63. Sericóia: s.f.</b> “ — Lembra-se bem do canto da <sericóia>?” (p. 137)	01	<b>AMS – n/c</b> <b>AGC</b> – sericóia sf. ‘ave gruiforme da fam. Dos ralídeos, saracura-do-brejo’ XIX. De origem incerta, talvez tupi. (p. 717) <b>RVI</b> – sericora ou “sericóia” – o mesmo que “saracura”. (p. 462)

#### NOTA:

Item vocabular classificado por Houaiss como um regionalismo do Espírito Santo, o mesmo que *saracura-três-potes* (*Aramides cajanea*).

Ele registra etimologia como incerta, provavelmente, do tupi; em DHPT, A. G. Cunha registra, com dúvida e sem fornecer o étimo. Sua formação histórica é 1875 *sericoia*.

AGC afirma, em seu DELP, que esse item lexical tem origem incerta, talvez do tupi. Já em seu DHPT informa datação de 1875 *sericoia*.

Para Aurélio tem origem tupi possessivo. Classifica-o como um brasileirismo termo da zoologia e remete para *saracura-do-brejo*. Apresenta a variante *sericora*.

Ihering (2002) considera esse item vocabular como sinônimo de *saracura*, que é definida como as várias espécies de aves da família *Rallidae*, dos gêneros *Rallus* e *Aramidese*. Informa que uma característica comum a todas as espécies é o colorido vermelho-rubro das pernas. Vivem sempre perto da água ou no meio do brejo. Menciona também, que no Ceará e em Alagoas a denominação *saracura* sofreu deturpações como “sericora”, “soricoria” ou, ainda, “cericóia”.

Este vocábulo, à maneira do anteriormente descrito, também não foi utilizado no contexto sugerindo significados diversos. Sendo de origem tupi, também pode revelar o propósito do escritor no que diz respeito à valorização da língua portuguesa falada no Brasil.

Vocábulo	OC	Definições
<b>64. Sofrê: s.m.</b> <i>Os corruptions brincavam nos galhos da cajazeira; e a industriosa colônia dos &lt;sofrês&gt; construía os seus ninhos em forma de bolsas...</i> (p. 103)	01	<b>AMS – n/c</b> <b>AGC – n/c</b> <b>RVI – sofrê</b> – “corripião”, “concriz”, ou “joão-pinto” – Pássaro da família <i>Icteridae</i> , <i>Icterus jamacaii</i> .(p. 467)

#### NOTA:

Não há nos dicionários de época o registro da inidade vocabular *sofrê*.

No DAB esse item lexical está registrado “corripião”, “concriz” ou “joão-pinto”, um pássaro da Amazônia e de todo o Norte do Brasil até Minas. Seu colorido é preto alternando com o vermelho-alaranjado na nuca, no dorso e na barriga. Seu canto é muito agradável, isso o torna muito apreciado pelos amadores de viveiros. Jose de Alencar, poeticamente, alterou-lhe o nome, explicando-o como “sofrer”.

Houaiss assinala que o item *sofrês* configura-se como um regionalismo da Bahia e é termo da ornitologia. Aponta como sinônimo corripião (*Icterus jamacaii*). Sobre o aspecto formal, Antenor Nascentes, afirma ser essa unidade, um vocábulo onomatopáico do grito da ave.

Também para Aurélio configura-se como vocábulo onomatopáico, mas um brasileirismo da Bahia, termo da zoologia e que ele remete para *corrupião*.

Vocábulo	OC	Definições
<p><b>65. Tié: s.m.</b>  <i>“...retiniam os clamores das maracanãs, os estríduos das arapongas, e os gritos dos &lt;tiés&gt; e das araras”.</i> (p. 102)</p>	01	<p><b>AMS – n/c</b></p> <p><b>AGC</b> – tié sm. ‘designação comum aos pássaros da fam. Dos traupídeos’ / 1587 / Do tupi ti’ie. (p. 769)</p> <p><b>RVI</b> – tié – designa o grande número de pássaros da família <i>Thraupidae</i>. (p. 500)</p>

**NOTA:**

O dicionário de AMS não registra esse item lexical.

AGC refere-se a essa espécie como pássaro da família dos *traupídeos*.

Houaiss, por sua vez, classifica-o como um regionalismo do Brasil e termo da ornitologia. O mesmo que *tié* (designação comum). Registra sua etimologia no tupi *ti’ye* ‘pássaro da família dos *traupídeos*’.

Aurélio afirma ser esse um vocábulo de origem tupi. Um brasileirismo da zoologia para designar aves *tinamiformes tinamídeas*, gêneros *Tinamus* e *Crypturellus*, características da região neotropical, e desprovidas completa ou quase completamente de cauda.

O DAB afirma que o item lexical *tié* é denominação de acepção bastante ampla, pois abrange grande número de pássaros da família *Thraupidae*. Na Amazônia a denominação correspondente é “pipira”. Vários “tiés” têm nome especial, como por exemplo, *tié-de-topete*, *tié-fogo*, *tié-galo* e *tié-sangue*.

Vocábulo	OC	Definições
<b>66. Xexéu: s.m.</b> “Passava depois a trinar uma multidão de galos de campina, à cata do milhal; ou um enxame de <xexéus> que pousava em um jatobá seco,...” (p. 103)	01	<b>AMS – n/c</b> <b>AGC</b> – xexéu sm. ‘pássaro da fam. Dos icterídeos’. De provável origem tupi. (p. 833) <b>RVI</b> – Xexéu – o mesmo que “japim”. (p. 34)

## NOTA

Não há o registro do item lexical xexéu no dicionário de AMS.

AGC afirma ser esse vocábulo oriundo do tupi e descreve-o como pássaro da família dos icterídeos.

Houaiss classifica-o, sob a rubrica ornitologia, como regionalismo do Brasil. Aponta como sinônimo o item vocabular *japim* (*Cacicus cela*).

Quanto à etimologia menciona que, segundo Nascentes é oriundo do tupi *xe'xéu*, para a acepção ornitologia; nessa mesma acepção, documentado no DHPT, sem identificação do étimo tupi. Sua formação histórica é de 1833 *chexéo*, 1875 *chechéo*, 1878 *chechéu*, 1935 *xexéus*.

Aurélio, não dá entrada ao item *xexéu*, mas aos itens lexicais compostos *xexéu-bauá*, *xexéu-bananeira* e *xexéu-do-mangue*. Porém, as definições que Aurélio propõe para esses itens nos parecem, bastante problemática, pois são definições circulares. Para *xexéu-bauá* ele propõe a classificação termo da zoologia e brasileirismo do Nordeste, cuja formação se dá pela junção de *xexéu* + a onomatopéia *bauá* e remete para *guaxe*. Para este vocábulo apresenta, sob a rubrica zoologia, a definição “Ave passeriforme, *icterídea* (*Cacicus haemorrhous*), do Brasil central para o Sul, de coloração preta, dorso inferior e uropígio vermelho-vivos, e bico claro. Apresenta os sinônimos *japira*, *japuúra*, *japuú*, *japujuba*, *xicu*, *bauá*, *xexéu-bauá*. E ainda remete para *joão-congo* e *japim-de-costa-vermelha*.

Em *xexéu-bananeira* apresenta a classificação brasileirismo de Pernambuco, sob a rubrica zoologia, e remete para *encontro*, que, por sua vez, é definido como um brasileirismo para designar as aves *passeriforme, icterídea (Icterus cayenensis tibialis)*. Ocorre do Maranhão ao Rio de Janeiro. É uma ave de canto agradável. E, finalmente, *xexéu-do-mangue*, brasileirismo do nordeste que ele remete para *bodum*. Só que, em *bodum*, na acepção zoologia, ele remete para *opilião*, vocábulo este que é classificado por ele como brasileirismo da zoologia, cuja definição foge totalmente do sentido primeiro, isto é, um tipo de pássaro. A definição apresentada para esse item lexical é: “Designação comum aos invertebrados, artrópodes, aracnídeos, opiliônidos, com mais de 2.000 espécies conhecidas”. Vivem debaixo de troncos em decomposição, entre pedras e folhagem, preferindo lugares sombrios, e alimentam-se de outros artrópodes. Exalam cheiro ativo; algumas espécies, cheiro fortemente desagradável. Apresenta, ainda, os sinônimos *bodum, frade-fedorento, josé-mole*.

Conforme podemos perceber essa descrição não corresponde ao sentido do item lexical na passagem abonatória em que Alencar refere-se a um pássaro. Isso nos leva a admitir tal item vocabular como um regionalismo do Nordeste.

Vocábulo	OC	Definições
<b>67. Zabelês: s.m.</b> “Nos tabuleiros um bando de emas apostavam carreira com os veados campeiros; as raposas davam caça às <zabelês>;...”	01	<b>AMS – n/c</b>  <b>AGC</b> - zabelê s2g. ‘jaó 1899. de origem obscura; talvez se trate de uma formação onomatopáica. (p. 835)  <b>RVI</b> – Da Bahia para o norte chamam assim o “jaó”. (p.537)

**NOTA:**

O item lexical *zabelês* não foi registrado por AMS. AGC afirma ser essa unidade vocabular de origem obscura e que talvez tenha sido formação onomatopáica.

Houaiss classifica o vocábulo *zabelê* como termo da ornitologia, regionalismo da Bahia e Espírito Santo e remete para *jaó (Crypturellus noctivagus)*, que é descrito como ave

da família dos *tinamídeos* (*Crypturellus undulatus*), que ocorre da Venezuela ao Paraguai e Argentina, comum na Amazônia e no Brasil central. Também conhecida por *macucau*, *macucauá*, *sururina*. Em relação á etimologia, Houaiss registra que, segundo Teodoro Sampaio, s.v. *jahó*, voz onomatopáica da ave *zabelê*. Já Aurélio registra o item lexical *zabelê* como subentrada em *jaó*, que ele define como um regionalismo da Bahia e menciona a variante *zambelê*.

O DAB menciona que da Bahia para o norte essa ave é conhecida por *jaó*. Em *jaó* encontramos a classificação da espécie a qual pertence essa ave (*Crypturellus noctivagus*) e família. Ihering informa que essa ave da família *Tinamidae* é do mesmo gênero dos “inambus”. Essa espécie habita toda a região da Bahia ao Rio Grande do Sul, porém só as matas. Esse estudioso dos animais informa, a título de curiosidade, que o assobio do *zabelê* compõe-se de quatro notas, as últimas emitidas apressadamente e moduladas, de forma a sugerirem aos caçadores da Serra do Mar, no estado de São Paulo, e também de Mato Grosso a interpretação por estas palavras: “Eu sou *jaó*”.

### c) Os répteis: 18

Vocábulo	OC.	Definições
<p><b>68. Serpente: s.f.</b>  “Arnaldo agarrou a  &lt;serpente&gt; pelo pescoço,  abriu-lhe a boca  ensangüentada, e meteu nesta  os dedos”. (p. 155)</p>	07	<p><b>AMS</b> – serpente, s.f. Animal réptil; debaixo deste nome se compreende a cobra, a víbora, o aspide. (p. 692)</p> <p><b>AGC</b> – jararaca sf. ‘cobra da fam. dos crotalídeos. Do tupi <i>iararaüaipi’tana</i>. (p. 453)</p> <p><b>RVI</b> – serpente – Costuma-se diferenciar, sob esse nome, as cobras peçonhentas, que em nossa fauna se acham representadas pelas famílias <i>Viperidae</i> e <i>Elapidae</i>. (p. 463)</p>

**NOTA:**

Para AMS a serpente é um animal réptil e compreende a cobra, a víbora e o aspide. AGC ressalta a família a que pertence esse réptil e sua origem do tupi *iararaiaipi'tana*.

O DAB menciona sobre a unidade vocabular em análise, que é costume diferenciar por este nome as cobras que em nossa fauna são representadas pelas famílias *Viperidae* e *Elapidae*, caracterizadas pelas grandes dentuças ocas com que injetam o veneno. As espécies da primeira família a cascavel, surucucu, jararaca e outras, distinguem-se das demais de nossa fauna por um grande número de pequenas escamas. Em relação à segunda família, *Micruridae*, que engloba as cobras-corais verdadeiras, distinguem-se essas serpentes das cobras inofensivas, pela dentadura, em geral, as não-venenosas têm olhos grandes e a cauda é fina e alongada.

Sob a rubrica herpetologia, Houaiss define-a como da subordem de répteis escamados, também chamada de ofídios, que inclui cerca de 2.300 espécies conhecidas vulgarmente como cobras. Quanto à etimologia, esse dicionarista afirma ser esse item vocabular oriundo do latim *serpens, éntis* 'serpente, serpe, cobra', substantivado do particípio presente do verbo *serpère* 'arrastar-se', eufemismo usado em latim para substituir *anguis, is* 'cobra, serpente', designativo do animal maligno; o verbo latim *serpère* é cognato do grego *hérpó* 'arrastar-se penosamente' e sânscrito *sarpati* 'ele arrasta'. No Brasil, acrescenta Houaiss, *serpente* e *cobra* são sinônimos; em espanhol *serpiente* foi sempre palavra literária, em todos os lugares substituída no uso popular por *culebra*, embora no Peru prevaleça *serpiente*, por tabu ou interdição léxica da forma popular; o étimo imediato para a acepção de *herp* é o latim científico subordem *Serpentes*> Sua formação histórica é do século XIV *serpentes*, século XIV *serpete*, século XV *ssermpente*.

Aurélio menciona ser essa unidade vocabular utilizada para designar, de forma geral, os ofídios, sobretudo das espécies peçonhentas e remete para cobra. Registra seu étimo no tupi serpente.

Vocábulo	OC	Definições
<p><b>69. cascavel: s.m.</b>  <i>“— Tem-se visto sujeitos neste sertão que lidam com as cobras mais assanhadas, como a &lt;cascavel&gt; e a jararaca,...”</i> (p. 58)</p>	05	<p><b>AMS</b> – cascavel, s.m. Guiso, ou casquinha de metal redonda, e oca, com uma bolinha, que a faz soar.  Subentrada – cobra cascavel; que faz certo som com a cauda inde tem ossinhos ou vértebras forradas de uma tonazinha córnea delgada. (p. 356)</p> <p><b>AGC</b> – cascavel sf. ‘réptil ofídio da fam. dos crotalídeos, facilmente reconhecível pela presença de guizo ou chocalho na ponta da cauda’ XIII. Do prov. <i>Cascavel</i>, dim. Do lat. Vulg. <i>Cascabus</i>. (p. 162)</p> <p><b>RVI</b> – cascavel – Cobra da família <i>Viperidae</i>, <i>Crotalus terrificus</i>, a única da nossa espécie que tem a cauda terminada em “guizo”. (p. 167)</p>

**NOTA:**

AGC traz o registro de cascavel na acepção de cobra, ressaltando como principal característica o fato de que ele produz certo som com a cauda.

AGC já menciona sua classificação no mundo da biologia e ressalta a família a que pertence essa espécie. Informa, também, ser esse um vocábulo oriundo do provençal *cascavel*, diminutivo do latim vulgar *cascabus*.

O DAB registra a unidade vocabular cascavel ou “boicinga”, em guarani (e ainda mboiquira) explicando ser essa espécie a única que tem a cauda terminada em “guizo” (são de oito a catorze anéis córneos, móveis que produzem o som de chocalho, quando a serpente, irritada os faz vibrar. A cascavel habita os campos secos e evita as florestas, portanto, não ocorre na zona do litoral, na Serra do Mar e nem na Amazônia.

Houaiss afirma, sob a rubrica herpetologia, ser essa unidade lexical, cuja formação se deu por derivação por metonímia, uma serpente venenosa, da família dos *viperídeos* (*Crotalus durissus*), encontrada do México à Argentina, com cerca de 1,5 m de comprimento, coloração castanha com losangos verticais, escuros e marginados de claro, cauda com um chocalho ou guizo na ponta. Ele apresenta os sinônimos: *boicinga*, *boiçununga*, *boiquira*, *cascavel-de-quatro-ventas*, *maracá*, *maracabóia*. Informa, ainda, que no Brasil é encontrada, geralmente, em regiões secas.

Quanto à etimologia, Houaiss registra o provençal *cascavel*, diminutivo do latim vulgar *cascabus*, variante de *caccabus*, 'panela, caçarola, frigideira' que, segundo AGC, já na Antigüidade se empregou para designar 'chocalho' e se alterou na forma citada por influência onomatopaica. Já, segundo JM, do provençal *cascavel* e este do latim *cascabèllu*- 'guizo'. Nascentes acrescenta: “o nome da cobra vem de uma espécie de chocalho que ela tem na cauda“. Sua formação histórica é de 1253 *cascauel*, século XIV *cascavees*.

Aurélio, à maneira de Houaiss, afirma ser esse vocábulo oriundo do provençal *cascavel*. É um ofídio crotalídeo, venenoso (*Crotalus durissus*), das zonas secas do continente americano e, raro, do extremo sul e da Amazônia; ovíparo, de coloração pardo-escuro, com losangos claros que se alternam com outros laterais. É facilmente reconhecível pela presença de chocalho na ponta da cauda e pode atingir até 1,80m.

Já no site do IBAMA (<http://www.ibama.gov.br/fauna/especies.htm>), acesso em 12 de março de 2006, encontramos importantes descrições sobre essa espécie de cobra: pertencem à espécie *Crotalus durissus terrificus*, família *Viperidae*. São serpentes cujo aparelho inoculador de veneno é extremamente eficiente, dotado de presas móveis e canaliculadas. São de hábitos crepusculares e noturnos e alimentam-se de pequenos mamíferos. São caracterizadas por possuírem chocalho na extremidade de cauda que é formado por resíduo de pele a cada muda, que é acrescentado aos anteriores. As cascavéis podem mudar de pele

até 4 vezes no ano o que derruba a lenda de que a idade do animal pode ser determinada pelo número de anéis. Normalmente possuem coloração cinza-oliváceo. Como toda serpente é surda, porém possui olfato muito desenvolvido; os odores são captados através da língua. Habita regiões de clima seco e quente. Ocorre nos estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Vocábulo	OC	Definições
<p><b>70. Lagarto: s.m.</b>  “...trazia do mato uma folha de urtiga para esfregar-lhe no braço, e um &lt;lagarto&gt; para pregar-lhe um susto. (p. 150)</p>	02	<p><b>AMS</b> – lagarto, s.m Animal reptile de corpo quase roliço, com quarto pés, cauda afusada, focinho como de cobra. (p. 200)</p> <p><b>AGC</b> – lagarto sm. ‘nome comum a diversos lacertílios, especialmente os da fam. Dos teídeos’ XVI. Do lat. <i>Lacartus</i>, por <i>lacertus</i>. (p. 462)</p> <p><b>RVI</b> – <b>lagarta</b> – Larvas dos lepidópteros, na fase subsequente ao ovo; ao crescerem sofrem sucessivas mudanças de pele. (p. 297)</p>

**NOTA:**

Enquanto AMS descreve esse réptil salientando suas características morfológicas, AGC ressalta a classificação quanto á espécie e família. O DAB registra apenas a forma no feminino e explica que a lagarta, na fase subsequente ao ovo, comendo vorazmente, cresce, passando por várias trocas de pele. São de quatro a seis vezes. Alimentam-se de substâncias vegetais. Cada espécie tem preferência por uma determinada folha vegetal. Ihering registra, ainda, algumas espécies de lagarta como, por exemplo, no Rio Grande do Sul são chamadas de lagarta-aranha ou “sauí” as lagartas das mariposas da família Coclidiidae (Limacodídeos). Apresenta feitio estranho, semelhante à aranha. Lagarta-de-fogo, o mesmo que “taturana”, no Nordeste mais precisamente em Sergipe e Pernambuco. Lagarta do milharal, é a lagarta mariposinha da família *Noctuidae*, *Mocis latipes* (capinzal), ataca várias gramíneas, a cana e principalmente o milho. Lagarta-pêlo-de-veado, o mesmo que “lagarta-suçarana” e lagarta-

rosada ou “lagarta-rósea”, uma terrível praga dos algodoeiros. O mal causado é conhecido no norte por “seca” ou “eclipse”; as maçãs são corroídas pela lagartinha, e, com isso, a colheita fatalmente comprometida.

Para Houaiss, o item lexical *lagarta* é um regionalismo do Brasil e termo da herpetologia para designar os répteis escamados da subordem dos sáurios, terrícolas, arborícolas, fossórios ou semi-aquáticos, de corpo geralmente delgado, cauda longa e de ponta afinada, membros presentes ou não e pálpebras móveis. Ele registra sua etimologia provavelmente do latim *lacartus* por *lacértus*, 'lagarto', mantendo-se, além da acepção latina de 'réptil', as acepções latinas 'músculo, bíceps'.

Aurélio não dá entrada ao vocábulo na sua forma simples. Registra as formas compostas *lagarto-do-mar* e *lagarto-monitor*. Encontramos o item *lagarto* como subentrada nas formas compostas como um brasileirismo da zoologia, vocábulo oriundo do latim *lacartu*, por *lacertu*, designando as várias espécies de lacertílios, teídeos, de porte médio a grande, especialmente os do gênero *Tupinambis* e *Teius*. Segundo Aurélio, no Brasil o grupo é representado por umas 40 espécies. Ele apresenta como sinônimo o item *teiú*.

Vocábulo	OC	Definições
<b>71. Jibóia: s.f.</b> “... se não soubesse que você em ferrando a dormir é como <jibóia> quando enguliu veado. (p. 37)	02	<b>AMS – n/c</b> <b>AGC</b> – jibóia sf. ‘cobra não venenosa da fam. Dos boídeos’ / giboya 1584. Do tupi <i>ii’moia</i> . (p. 455) <b>RVI</b> – jibóia – <i>Boa constrictor</i> , pertencente à família <i>Boidae</i> . (p. 288)

#### NOTA:

AMS não registra em seu dicionário o item lexical *jibóia*. AGC registra e ressalta a família a que pertence esse animal e apresenta datação e origem.

Houaiss, por sua vez, classifica o item lexical jibóia como um regionalismo do Brasil e termo da herpetologia, para designar a grande serpente arborícola da família dos *boídeos* (*Boa constrictor*), encontrada do México ao Norte da Argentina, com até 4 m de comprimento. Conhecida, também, como *cobra-de-veado*, *suaçu*. Alimenta-se de mamíferos, aves e répteis, que são mortos por constrição.

É, conforme Houaiss, um vocábulo oriundo do tupi *yi'mboya* 'cobra não venenosa, da família dos *boídeos*, que geralmente vive na água'. Sua formação se dá pela junção de *yu' i* 'nome genérico da rã' e *'mboya* 'cobra'. Sua formação histórica é de aproximadamente de 1584 *giboya*, 1594 *giboja*, 1889 *jibóia*.

Aurélio considera esse vocábulo também de procedência tupi. É um brasileirismo da zoologia para designa o reptil ofídio, boídeo (*Constrictor constrictor*), comum em todo o Brasil, de coloração geral cinzenta tirante a violáceo, com faixas de cor escura no dorso e desenhos laterais ovóides ou rômnicos. Vive nas florestas ou campos, é arborícola, e alimenta-se de roedores e aves. Chega a medir até quatro metros de comprimento. Embora não seja venenosa, sua mordedura dói e pode causar infecção. A pele deste animal é largamente usada na confecção de artefatos de couro.

Vocábulo	OC	Definições
<b>72. Jararaca: s.f.</b> “— <i>Tem-se visto sujeitos neste sertão que lidam com as cobras mais assanhadas, como a cascavel e a &lt;jararaca&gt;,...</i> ” (p.58)	01	<b>AMS – n/c</b>  <b>AGC</b> – jararaca sf. ‘cobra da fam. Dos crotalídeos. Do tupi tupi <i>iaraiiaipi</i> ’ <i>tana</i> . (p. 453)  <b>RVI</b> – jararaca – A serpente à qual esse nome cabe em rigor é <i>Bothrops jararaca</i> ; contudo, é aplicado também a duas outras formas aliadas ( <i>B. atrox</i> e <i>B. jararacussu</i> ). (p. 283)

**NOTA:**

Essa unidade vocabular não foi registrada por AMS em seu dicionário. AGC registra esse item mencionando a família a que pertence essa espécie e a origem do vocábulo.

Houaiss já apresenta a marca de uso regionalismo do Brasil na rubrica herpetologia para designar as diversas serpentes sul-americanas do gênero *Bothrops*, da família dos *viperídeos*, extremamente venenosas, com cabeça triangular, em forma de lança, e cauda afilada, sem guizo ou escamas eriçadas.

Etimologicamente está assim caracterizada: tupi *yara'raka* 'cobra venenosa'; segundo Teodoro Sampaio, o vocábulo significa na língua de origem 'aquele que colhe ou agarra envenenando; o que tem o bote venenoso'. Sua formação histórica é de 1560 *geraraca*, aproximadamente 1584 *jararaca*.

Aurélio descreve esse vocábulo como oriundo do tupi e configura-se como um brasileirismo da zoologia, designando as várias espécies de reptis ofídios, crotalídeos, gênero *Bothrops*, que ocorrem em todo o Brasil, e têm presas anteriores solenóglifas, cauda afilada bruscamente, sem guizo, cabeça triangular e revestida de escamas. Aurélio menciona os hábitos dessa espécie afirmando que, embora venenosas, são cobras mansas; vivem geralmente isoladas, e alimentam-se de roedores e outros animais de pequeno porte; medem 1m a 1,50m de comprimento. A espécie mais comum no Brasil é a *Bothrops jararaca*, a jararaca-verdadeira.

Ihering, em seu Dicionário dos Animais do Brasil, explica que a serpente à qual esse nome cabe em rigor é *Bothrops jararaca*; mas é aplicado também a duas outras formas aliadas (*B. atrox* e *B. jararacussu*). A distinção entre a jararaca e os outros viperídeos é feita pelo caráter anatômico. A jararaca possui a segunda escama labial superior formada a margem da covinha oral; nas demais espécies há, nesse ponto, interposição de outras escamas pequenas. Ihering registra, ainda, outras espécies de jararaca: a jararaca-de-barriga-amarela, conhecida também, por jararaquinha-do-campo e jararaca-do-banhado o mesmo que “cobra-nova”.

Vocábulo	OC	Definições
<b>73. Tejuaçu: s.m.</b> “ <i>Estendido sobre essa cúpula de verdura, um grosso &lt;tejuaçu&gt; aquecia-se ainda sonolento aos raios do sol matutino,...</i> ” (p. 120)	01	<b>AMS</b> – n/c <b>AGC</b> – n/c <b>RVI</b> – teju - pronúncia cearense de “teíú” ou “tejuaçu”. (p. 496)

**NOTA:**

Não há, nos dicionários de época consultados, o registro do item vocabular *tejuaçu*. Para Houaiss, trata-se de mais um regionalismo do Brasil e termo da herpetologia. Para ele é o mesmo que *teíú* (*Tupinambis teguixin*). Sua formação se dá, segundo estudos e pesquisas desse dicionarista, pela junção de *teíú* + tupi *gwa'su* 'grande'. Sendo que *açu-* é um pospositivo, do tupi *gwa'su* 'grande', português *-guaçu*; ocorre nas variantes: tupi *-wa'su*, português *-uaçu*, com redução do grupo iniciado por consoante velar sonora *-gw-* à semivogal posterior arredondada *-w-*, formando-se o ditongo *-wa-* em posição pretônica; tupi *-a'su*, português *-açu*, com queda da semivogal; tupi *-u'su*, português *-uçu*, com mudança de *-a-* para *-u-*, provavelmente, favorecida pela flutuação do timbre de vogais pretônicas, que, em contextos formais favoráveis, tende a se aproximar do timbre da vogal tônica final.

Ainda, segundo Houaiss, aparece já no século XVI em palavras dessa origem, ao mesmo tempo que perdura seu uso como mero adjetivo 'grande, vasto, enorme, maior': *acará-açu*, *acarauaçu*, *acariaçu*, *acutipuruaçu*, *aguaçu*, *aguaraçu*, *aguaraquiá-açu*, *aiaraçu*, *ajuruaçu*, *andá-açu*, *anilaçu*, *aningaçu*, *aracaçu*, *aranhaçu*, *arapaçu*, *araracangaçu*, *arataiaçu*, *atingaçu*, *atiuaçu*, *auaçu*, *beijuguaçu*, *boiguaçu*, *buiuçu*, *caaguaçu*, *canapuguaçu*, *carandaguaçu*, *carauaçu*, *carobaguaçu*, *guacariguaçu*, *minhocuçu*, *pixiricuçu*, *ubuçu*, *uxipuçu*, *viruçu*. Houaiss explica, também, que muitos dos vocábulos nessas condições são de curso regional. Sua formação histórica é de 1881 *teju-assu*, 1899 *teju-açu*.

Aurélio já classifica esse item vocabular como brasileirismo da zoologia, variação de *teiuacu* e remete para *teiú*. Vocábulo este, também de origem tupi (comida de gentalha). Um brasileirismo que Aurélio enquadra no âmbito da zoologia como a designação indígena do lagarto, réptil lacertílo, teídeo (*Tupinambis teguixim*), amplamente distribuído no Brasil. O tejuacu é, segundo esse dicionarista, o maior dos lagartos brasileiros, medindo até quase 2m de comprimento. Coloração geral preto-azulada, com fitas transversais malhadas de amarelo-escuro, pernas com manchas e salpicos. Vive em buracos no solo, alimenta-se de toda sorte de pequenos animais e de frutas. Sua carne é comestível, e a pele, muito cotada no mercado. É, também, conhecido por *tiú* e apresenta os sinônimos *teiuacu*, *tejo*, *teju*, *tejuguaçu*.

Finalizado este capítulo, em que elaboramos as análises dos itens lexicais que compõem os campos léxicos da flora e fauna na obra *O sertanejo*, com base no *Sistema de Conceitos* de Hallig-Wartburg, passamos, na seqüência, à exposição e análise dos vocábulos que classificamos como neologismos na obra alencariana em estudo para, em seguida, procedermos à discussão dos dados e, finalmente, às nossas conclusões.

Reafirmamos que, embora nossa pesquisa tenha mudado o seu propósito inicial, cujo objetivo era a elaboração de um glossário contendo os neologismos presentes na obra em análise, não ignoramos o viés que este estudo mantém com o projeto de nosso orientador. Portanto, ainda que em número pouco expressivo, julgamos pertinente registrar as formações vocabulares que consideramos neológicas, isto é, uma unidade vocabular que, embora lexicalizada, ganha nova proposição.

## CAPÍTULO V – NEOLOGISMO EM ALENCAR

Conforme já mencionamos na introdução deste estudo, nossa pesquisa mantém um viés com o projeto já em desenvolvimento, do pesquisador Professor Doutor Evandro Silva Martins, na Universidade Federal de Uberlândia, cujo objetivo é pesquisar, analisar e difundir aspectos da neologia literária do Português do Brasil. Assim sendo, dedicamos este capítulo ao registro e análise das unidades lexicais classificadas como neológicas. Reafirmamos que, para a classificação de uma unidade lexical como um neologismo, utilizamos o critério da exclusão lexicográfica e consideramos como vocábulo neológico a palavra não atestada e, se atestada, apresentasse novo significado.

### 5.1 – Neologismo na literatura

A literatura configura-se como uma forma de expressão em que se faz uso de uma forma de expressão, até certo ponto, diferente daquela do nosso cotidiano, visto que faz uso especial da linguagem conferindo-lhe, além de contorno estético, um aspecto particular e específico na busca da criação de novas formas, de novos sentidos. Esses novos sentidos se concretizam sob a forma de novos significantes ou novos significados: os neologismos literários. São estes os de interesse para o nosso estudo, já que estamos trabalhando com o texto literário.

No momento de criação, o artista, na busca de seu intento, procura a melhor forma de expressão para transmitir sua arte. Para tanto, ao se expressar, o escritor pode valer-se não só das palavras já dicionarizadas ou conhecidas de seu leitor, mas através de sua criatividade e das possibilidades do sistema lingüístico, ele pode concretizar uma forma que, até então, estava em potencial no sistema, produzindo assim um neologismo.

Os escritores, inventores de palavras, reinventores de sentidos, tornam-se, assim, especialistas da criação lingüística na elaboração do fazer literário. É por isso que Guilbert (1975, p. 42) afirma que, “na medida em que a literatura é uma arte, o escritor fica no direito de adequar-se à sua atitude e abandonar-se à sua fantasia.”<sup>14</sup>

Considerando a concepção de linguagem proposta por Coseriu (1980), isto é, a língua como atividade de perpétua criação, devemos admitir que o falante tem ao seu dispor, no momento da comunicação, uma infinidade de possibilidades (virtualidades lexicais autorizadas pelo sistema) para a criação de novas palavras que atendam às suas intenções comunicativas. Para tanto, o falante poderá transitar pela norma, seja repetindo-a ou modificando-a, mas só não poderá violar o sistema que subjaz a língua.

Valer-se das virtualidades lexicais oferecidas e permitidas pelo sistema no processo de comunicação, é fato inquestionável na língua, mas é no texto literário que, dado o seu caráter retórico, sua natureza e suas próprias regras ou características, que isso se verifica em abundância através dos neologismos literários.

Dentre os vários tipos de neologismos propostos pelos estudiosos, já mencionados no capítulo III, daremos ênfase, como já mencionamos anteriormente, à criação neológica estilística, em virtude de sua relação direta com o texto literário.

Dado o seu caráter de inventatividade e originalidade, o neologismo literário se diferencia das outras criações lexicais, na medida em que o escritor, quando cria uma nova palavra, não o faz com a intenção de atestar tal palavra na língua. Suas razões são de outra ordem: chamar a atenção do leitor, produzir uma nova linguagem, um efeito especial no ato de comunicação.

Com relação ao processo de criação lexical em José de Alencar, podemos observar,

<sup>14</sup>Tradução nossa do original:

“Dans la mesure ou la littérature est un art, l'écrivain serait en droit d'adopter la même attitude et de s'abandonner à sa fantaisie”. (GUILBERT, 1975, p. 42)

nos vários prefácios e pós-fácios de Alencar, que ele, como um lingüista em seu tempo, sempre se posicionava a favor das inovações na língua e na literatura. Para ele, o verdadeiro escritor deveria buscar o equilíbrio entre as inovações aceitas sem crítica e a ausência total de inovações, limitando a língua a um conjunto de regras invioláveis.

Também é verdade que ele não foi um inventor de palavras como foi, por exemplo, Guimarães Rosa ou Carlos Drummond, mas soube lidar com a questão da língua num momento histórico-cultural em que o país necessitava constituir sua identidade, valorizar suas raízes, sua cultura, seu povo. Para tanto, a língua e a literatura constituíram instrumento de afirmação de nossa nacionalidade. Logo, não se pode negar o talento com que Alencar abordou a questão da língua no Brasil.

Ainda com relação à criação de novas palavras, talvez Alencar tenha sido mais produtivo em suas sobras indianistas, já que ele tomou o índio como a figura representativa da nova nação que se formava a partir da independência política e cultural. Dessa maneira, não encontramos na obra *O sertanejo* um número muito significativo de neologismos. Corrobora isso Almeida (1999, p. 56), ao afirmar que, essa obra, ao lado de *O gaúcho*, constituem etapas necessárias de transição entre o indianismo nacionalista de *O guarani* e o regionalismo particularista de Franklin Távora. Por isso, classificar *O sertanejo* como obra regionalista é um tanto quanto questionável.

Posto isso, e considerando que adotamos neste estudo o conceito de neologismo proposto por Boulanger (1990), para quem o neologismo é a palavra lexicalizada, mas que pode ganhar nova proposição, faremos, na seqüência, as análises dos itens lexicais admitidos, por nós, como neologismos na obra em análise.

Ressaltamos que o critério utilizado por nós para classificação das unidades léxicas como neológicas, foi o critério tradicionalmente adotado, o da exclusão lexicográfica. E os dicionários de época utilizados como *corpus* de exclusão foram, pela ordem, Dicionário da

Língua Portuguesa de Antônio de Moraes Silva, FAC-Símile da segunda edição (1813); Novo Dicionário da Língua Portuguesa de Cândido de Figueiredo, 4ª edição, (1925); Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa (1982) de, Antonio Geraldo da Cunha e o Dicionário Histórico das Palavras Portuguesa de Origem Tupi (1998), também de Antônio Geraldo da Cunha.

Reafirmamos que, seguindo as orientações metodológicas já mencionadas anteriormente, consideramos neologismos os vocábulos que não foram registrados por nenhum dos dicionários consultados, ou aqueles que, quando registrados nos dicionários apresentavam significados diferentes daqueles propostos pelo autor no contexto da obra.

## **5.2 - Unidades lexicais classificadas como neológicas**

### **1. anhamum s.m.**

Significa “irmão do diabo”, é o chefe da nação indígena Jucá.

*“Arnaldo por mais de uma vez foi à taba dos Jucás, levantada à margem do rio a que eles deram o nome; e sua amizade com <Anhamum> estreitara-se ainda mais, com os mimos de armas que lhe fizera.” (p. 162) (25 oc.)*

AMS – n/c

CA – n/c

CF – n/c

**NOTA:**

Nenhum dos dicionários de época consultados traz registrado o item lexical *Anhamum*. Nem mesmo os dicionários das palavras portuguesas de origem tupi, como, por exemplo, o **Dicionário da Língua Tupi**, de Antônio Gonçalves Dias e o **Dicionário Histórico das Palavras Portuguesas de Origem Tupi**, de Antônio Geraldo da Cunha. A definição desse vocábulo é formulada pelo próprio autor num trecho da obra, conforme podemos constatar em: “...ficando prisioneiro seu chefe, o terrível <Anhamum>, nome que na língua indígena significa “irmão do diabo”. (Alencar, 1975, p. 156).

Vale assinalar que encontramos em AGC, em seu DHPPOT, a palavra *Anhangá* como gênio do mal, diabo entre os indígenas do Brasil (p.53 – 54). Já o Dicionário **O Tupi na geografia nacional**, de Theodoro Sampaio registra que *Anhangá* é o mesmo que *anhã*, cuja formação se dá a partir de *na-nhan*, gênio do mal ou espírito que vaga, que corre, gênio malfasejo, o diabo; altera-se o vocábulo às vezes em *inhan*. (p. 110)

Dessa maneira podemos concluir que Alencar, ao criar a palavra *anhamun*, forma esse vocábulo realizando a junção de duas palavras da língua Tupi, isto é, *Anhanga*, definido pelo Pe. A Lemos Barbosa como “demônio” (p. 29), + *mu*, definido pelo mesmo dicionarista em seu “Pequeno vocabulário Tupi-Português” (p. 103), como parente, aliado, amigo, que, também, por extensão de sentido pode ser entendido como irmão. Assim chegamos à definição proposta pelo autor da obra em análise em que a palavra *Anhamun* é definida como “irmão do diabo” ou “irmão do demônio”. Isso evidencia a posição do autor a favor dos processos de formação de palavras que promovam a valorização da língua portuguesa com marcas do Brasil.

Portanto, entendemos que José de Alencar cria esse item lexical com roupagem indianista, dando à palavra um contorno bem brasileiro.

## 2. berredo – s.m.

Alvoroço provocado pelas vozes dos animais ao perceberem a presença de alguém por perto.

*“Acompanhava-a uma cabra que, deixando a mulher às voltas com a gente do poleiro, foi, como de razão, ali perto dar os bons dias aos moradores de um chiqueiro, que lhe responderam com um <berredo> dos mais alegres, no meio de cabriolas de toda a espécie”.*

(p.36) (1 oc.)

AMS – n/c

CA – n/c

CF – n/c

### NOTA:

Em todos os dicionários consultados, inclusive os dicionários atuais, não consta o item lexical *berredo*, o que justifica algumas reflexões sobre o uso desta palavra pelo autor.

No contexto em que foi empregada, conforme podemos verificar pela abonação, há todo um ambiente favorável ao entendimento do uso dessa palavra com o intuito de sugerir a voz dos animais, o alvoroço deles ao perceberem a presença de alguém por perto, o que seria, para os animais, o sinal de que receberiam a primeira alimentação do dia, o que é prática nas fazendas ser oferecida aos animais pela manhã.

Do ponto de vista da formação da palavra temos a base (*berr*) + o sufixo (*edo*), entendemos que o autor, autorizado pelas possibilidades de criação oferecidas pelo sistema da língua e considerando o paradigma já existente, pois já temos *arvoedo*, *bicharedo*, *ervedo*, *passaredo*, *rochedo*, *vinhedo*, etc., ele criou esse um novo item lexical a partir da palavra

*berro* (voz de certos animais) mais o sufixo *-edo*, oriundo do latim , como coletivo, o que, no contexto da abonação, remete para o alvoroço, o barulho conjunto dos animais.

Portanto, parece-nos plausível, considerando o critério de identificação de neologismos adotado neste estudo, admitirmos tal item lexical como um neologismo constituído por uma lexia simples e criado com finalidades estilísticas.

### **3. bolandeira – s.f.**

Nome dado, na província, unicamente à roda que move o ralador de mandioca; a que move as moendas chamam almanjarra ou engenho.

*“Os lenhadores voltavam do mato carregados de feixes, enquanto os companheiros conduziam à <bolandeira> cestos de mandioca, ainda da plantação do ano anterior, para a desmancharem em farinha durante o serão.” (P.90) (3 oc.)*

**AMS –bolandeira**, s.f. Roda do engenho de assucar, pegada no eixo do meyo, movida pelo rodete. (p. 288) - (ortografia original)

**CA – bolandeira**, s.f.roda grande do engenho de assucar, que transmite o movimento ás mós. (p.230)

**CF – bolandeira**, f. Grande roda dentada, nos engenhos de açúcar, que trabalha horizontalmente, por impulso do rodete. (p.295)

#### **NOTA:**

Comparando as definições formuladas pelos dicionários em análise, constatamos que não há discrepância entre as definições apresentadas. Todos mencionam o traço sêmico

principal: uma roda utilizada nos engenhos de açúcar, configurando-se como um brasileirismo. Porém, no contexto da abonação Alencar a utiliza fazendo referência a uma grande roda que move o rodete de ralar mandioca. Logo, tal lexia pode ser classificada como um neologismo semântico do Norte e Nordeste, onde passou a denominar, em virtude de seus costumes e necessidades peculiares a essas regiões, não mais a roda grande do engenho de açúcar, mas a roda que move o rodete de ralar mandioca.

Quanto à etimologia, origina-se do espanhol *volandera* ‘*mo*’ procedente de *volar* ‘*voar*’, *passar ou ir depressa*’

Importa ressaltar que tal vocábulo encontra-se registrado como brasileirismo do Norte e Nordeste, nessa mesma acepção da abonação, no Dicionário do Nordeste de Fred Navarro (2004, p.66).

Assim, podemos considerar a lexia *bolandeira* um vocábulo que adquiriu novos traços sêmicos em decorrência de sua regionalização, já que seu uso, embora possa ser do conhecimento de falantes de outras regiões caracterizando um brasileirismo, tem seu uso, nesse sentido, mais restrito ao norte e nordeste. Portanto, *bolandeira* é um vocábulo neológico no sentido admitido por nós neste trabalho como uma expressão atestada, mas que ganha nova proposição ao revelar e traduzir peculiaridades locais, costumes e tradições regionais.

#### **4. cabrinha – s.f.**

Nome utilizado no Ceará para designar o homem do campo, de gênio aventureiro e destemido. Cabra, aplicado ao homem designa o mestiço de cor escura.

— *Eu não me atrevo. Se tens topete para tanto, <cabrinha>, vai com Deus, que eu não te esbarro. (p. 149) (2 oc.)*

**AMS – cabrinha**, s.f. dim. de Cabra. & Peixe, aliás ruivo.(p. 314)

**CA – cabrinha**, s.f. dim. de cabra. // (Zôo) O mesmo que cabra (peixe). // F. *Cabra + inha*.  
(p. 256)

**CF – cabrinha**, f. Cabra pequena. O mesmo que cabra ou cabrita, peixe. (p. 332)

**NOTA:**

Nenhum dos dicionários consultados, registra essa lexia no sentido empregado por Alencar. Interessante observar que tal vocábulo encontra-se registrado no “Dicionário do Nordeste” (NAVARRO, 2004, p. 82), como regionalismo do nordeste na acepção “ *um tipo de manga na Bahia*”. Essa acepção é totalmente diferente daquelas dadas pelos dicionários de época e, também, da acepção dada por Alencar no contexto da obra. Assim sendo, julgamos pertinente, dado o novo traço sêmico incorporado à palavra pelo autor, um neologismo semântico, mas com uso regional, particularmente empregado no Ceará, para designar o homem do campo, o sertanejo, de gênio aventureiro e destemido.

Do ponto de vista da composição, chama-nos a atenção o valor do diminutivo; empregado aqui não mais para indicar seus aspectos semânticos usuais, quais sejam, designar coisa de tamanho e intensidade reduzidos, afetividade ou aspecto depreciativo. Na situação em análise, o diminutivo não transmite, necessariamente, tais valores, mas uma diferente e nova idéia: indivíduo corajoso, arrojado e destemido.

Assim, temos uma unidade vocabular que, embora lexicalizada, é revestida de novos traços sêmicos, configurando-se como um neologismo.

## 5- Comadre sf

Usava-se muito na província ajudar a criação dos filhos com uma cabra, que recebia o nome de comadre.

“ *Tinha parado à espera. Com pouco surdiu dentre a ramagem a <comadre>, que chegando perto de seu filho de leite, levantou a pata dianteira para acariciá-lo; ...*” (p. 78)

07 oc

**AMS – Comadre**, s.f. A mulher, que serve de madrinha a respeito da mãe, ou pai do afilhado. & A parteira, familiarmente.

**CA – Comadre**, s.f. a madrinha (com relação ao pae, mãe e padrinho do individuo baptizado ou chismado); a mãe (com relação a madrinha). (Fam.) A parteira (em relação aos paes e padrinhos do neophyto). (p. 351)

**CF – Comadre**, f. Madrinha de um *neóphyto*, em relação aos pais deste. Fam. Parteira. Fig. Mulher mexeriqueira.

### NOTA:

A unidade lexical *comadre*, conforme podemos perceber pelas definições acima registradas, embora já lexicalizada, difere-se da acepção em que foi utilizada pelo autor de *O sertanejo*. Assim sendo, considerando o contexto da obra e os critérios admitidos por nós para identificação e classificação de uma unidade neológica, propomos a classificação dessa lexia como um neologismo semântico, cuja criação foi motivada pela cultura e costumes locais, o que resultou na ampliação de seu significado.

## 6. sertão s.m

A terra ainda não desbravada.

*“O gado de várias espécies, que os primeiros povoadores tinham introduzido na capitania do Ceará, se propagara de um modo prodigioso por todo o <sertão>, coberto de ricas pastagens”.(p. 25) 90 oc.*

**AMS – sertão**, s.m. o interior, o coração das terras, oppõe-se ao marítimo, e costa. (p. 693)

**CA – sertão**, s.m. o ponto ou sitio mais afastado dos terrenos cultos; matto longe da costa. (p. 1641)

**CF – sertão** – s.m. sertão, m. Lugar inculto, geralmente distante de povoações ou de terrenos cultivados. Floresta, no interior de um continente, ou longe da costa. (p.707)

### NOTA:

O vocábulo *sertão* também nos chamou a atenção, não só por apresentar um número grande de ocorrência, mas também, por aparecer empregada com diferentes significados. Às vezes, na acepção dos dicionários; em outras, nos revela uma concepção de sertão que foge daquela encontrada nos dicionários, isto é, uma região agreste, distante das povoações ou das terras cultivadas; passando a designar uma região fértil como qualquer outra do país com suas campinas, várzeas, vales, serras e campos. É o que constatamos nos trechos em que tais lexias foram empregadas:

- **Sertão** como sinônimo de **campina**: “Esta imensa **campina**, que se dilata por horizontes infindos, é o sertão de minha terra natal”. (p. 11)

- O **sertão** como campo, **pasto**: “O gado de várias espécies, que os primeiros povoadores tinham introduzido na capitania do Ceará, se propagara de um modo prodigioso por todo o sertão, coberto de ricas **pastagens**”. (p. 25)
- O **sertão** como uma **região** específica: “... vieram estabelecer-se nos sertões do **Ceará**; e ali fundaram grandes herdades,...” (p. 25)
- O **sertão interior** do país: O cavalo deste sertão de **Quixeramobim** caminha o dia inteiro, come um ramo de juá, e só bebe água quando encontra a cacimba. Aonde há mais valente campeão? (p. 39)
- O **sertão**, região despovoada, **terras incultas**: “A cavalgada atravessa agora uma zona, onde o sertão ainda **inculto** ostenta a riqueza de sua vária formação geológica”. (p. 102)
- **Sertão** como região **agreste**: “Nessa época o sertão parece a **terra combusta** do profeta; dir-se-ia que por aí passou o fogo e consumiu toda a verdura, que é o sorriso dos campos e a gala das árvores, ou o seu manto, como chamavam poeticamente os indígenas”. (p. 13)
- **Sertão** como um lugar **sem limites** claros: “Ali costumava o sertanejo passar a noite ao relento, conversando com as estrelas, e a alma a correr por esses sertões **das nuvens**, como durante o dia vagava ele pelos sertões **da terra**”. (p. 31)
- A **pátria sertão**: “Para o sertanejo a floresta é um **mundo**, e cada árvore um amigo ou um conhecido a quem saúda, passando”. (p. 46)
- O **sertão universal**: “Teu pai, o Louredo, nosso vaqueiro, e o primeiro campeador de todo este Quixeramobim, o que quer dizer de todos os sertões **do mundo**, levou uma semana atrás desse boi desaforado”. (p. 132)

Depreendemos daí as diversas percepções do sertão. Este é apreendido não apenas como uma região árida, mas também, e principalmente, como espaço pouco povoado ou desbravado. É o espaço coberto por desertos, várzeas, campinas, vales, serras, florestas etc. É o interior e o litoral do país. É a nação grandiosa a ser descoberta. Não é um sertão delimitado

geograficamente, mas é um sertão nacional, a própria nação brasileira com todas as suas diversidades geográficas, culturais e históricas. Tudo isso leva a uma aproximação dos vocábulos “sertão”, “deserto” e “floresta”. Enfim, o sertão, a floresta, o deserto, as várzea, as campinas, as serras, constituem o próprio país em toda a sua diversidade e extensão geográfica.

Como podemos verificar nos trechos abaixo:

“A civilização que penetra pelo **interior** corta os campos de estradas, e semeia pelo vastíssimo deserto as casas e mais tarde as povoações”. (p. 11)

“Para ele, sertanejo, filho do **deserto**, tão poderosas manifestações da força tinham majestade e beleza épicas”. (p. 37)

“Para o sertanejo a **floresta** é um mundo, e cada árvore um amigo ou um conhecido a quem saúda, passando”. (p. 46)

Isso revela a concepção alencariana do sertão não necessariamente como uma região agreste, mas como a terra a ser desbravada, ou seja, o território nacional. Assim sendo, o leitor, para perceber e compreender este sertão criado por Alencar, não deve buscá-lo comparando-o com o sertão real, buscando fidelidade a um espaço físico delimitado ou a um referente objetivo, pois para Alencar, segundo José Gomes de Almeida (c1999), “o dado observável constituía apenas matéria-prima a ser transfigurada pela imaginação”

Isso reafirma a idéia, aqui defendida por nós, de que não era pretensão de Alencar fazer um documentário sobre o Brasil, mas construir, pelo processo da mitificação, pela verossimilhança, pela poesia, por suas leituras, vivências e conhecimentos sobre o Brasil, imagens e cenários que retratassem nossas singularidades, as matas, florestas, sertões, campos e rios do país. Enfim, revelar o Brasil nas suas mais diferentes composições. Para tanto, focalizou toda a diversidade de nossas plantas, de nossos animais, de nossa geografia, de nossos costumes.

Vale ressaltar que isso pode ser verificado pela configuração de todos os campos lexicais que formam o macrocampo aspectos físicos da natureza, sobretudo, da flora e da fauna, conforme já verificamos pelas análises dos itens lexicais que compõem cada um dos campos léxicos estudados.

Desta maneira, o leitor que queira apreender o espaço denominado sertão por Alencar, deve, pois, apreendê-lo como o espaço que possibilita a convivência harmoniosa do homem com a natureza. A exaltação da natureza foi o caminho para a demonstração e revelação desta pátria nova; foi o elemento caracterizador da nação emergente. Era preciso reconhecer a superioridade da América sobre o que vinha da Europa.

#### **7 - Tesoureiro – s.m.**

Nome dado pelo povo a uma espécie de gaivota que anuncia o temporal, porque aparece pairando quando a chuva se aproxima.

*Paciência, meu rico, aí vem o inverno e com ele reses gordas e carniça à farta. A chuva não tarda; esta manhã vi passar o <“tesoureiro”> .*

**AMS – tesoureiro**, s.m. O guarda do thesoiro. (p.774)

**CA – tesoureiro**, s.m. o que guarda o thesoiro ou cofre de uma associação. // O individuo que tem a seu cargo fazer todas as operações monetárias de um banco, de uma companhia, etc. ( p. 1753)

**CF – tesoureiro**, m. Guarda de thesoiro. Empregado superior da administração do thesoiro público. (p. 816)

**NOTA:**

Não encontramos este vocábulo nos dicionários consultados, nem na forma em que foi grafada por Alencar e nem tampouco como uma espécie de pássaro que anuncia a chegada das chuvas de inverno no sertão. Ou seja, a utilização desta lexia por JA, revela uma sabedoria popular, tipicamente nordestina, pois dada a situação calamitosa em que vive a população no período da seca no nordeste, é comum no meio popular observar na atitude de um tipo de pássaro, as conclusões de fenômeno natural. As experiências vividas, observadas nos animais, nas plantas e nas nuvens, permitem fazer previsões sobre a chegada ou não das chuvas.

Assim, porque o vocábulo foi criado para designar um dos pássaros da fauna nordestina que, segundo a sabedoria popular, advinha chuva e, principalmente, não consta nos dicionários consultados, no sentido pretendido pelo autor, propomos a classificação dessa lexia como um neologismo semântico regional.

Quanto à sua formação temos um processo de formação por sufixação em que se agrega à base *tesour* o sufixo *-eiro*, cujo sentido nos remete a idéia de ocupação. Vale lembrar que o sufixo *-eiro(a)* (do latim *-arius, -aria*) é dos mais produtivos da língua e entra na formação de grande número de palavras, em sua maioria de cunho popular. É utilizado para nomear profissão, instrumento, recipiente, lugar, coleção, plantas, moléstias, defeitos, qualidade ou estado etc. Ex.: enfermeiro, isqueiro, tinteiro, banheiro, viveiro, roseira, cegueira, gagueira, asneira.

Essas foram as unidades neológicas consideradas por nós na obra em análise. Embora em número pouco expressivo, entendemos que foram importantes para o contexto da obra, já que serviram ao propósito maior do autor em caracterizar nosso país em toda a sua riqueza e diversidade, seja na natureza, na língua ou na cultura.

Isso posto, passemos ao capítulo referente à discussão dos dados.

## CAPÍTULO VI – DISCUSSÃO DOS DADOS

Este capítulo tem como objetivo tecer alguns comentários relacionados à quantificação dos dados analisados, já que isso contribui para uma argumentação favorável à confirmação de nossa hipótese. Sendo assim, e, conforme já mencionamos na introdução deste estudo, embora tenhamos redirecionado nosso objetivo inicial, não ignoramos o viés que tal estudo mantém com o projeto de meu orientador, qual seja o da elaboração de um Dicionário de Neologismos Literários do Português do Brasil. Portanto, registramos, na tabela 1, os itens lexicais, já expostos e analisados no capítulo anterior, classificados como neologismos.

Na seqüência, apresentamos as demais tabelas com as unidades lexicais representativas do campo léxico flora e fauna, seguidas do número de ocorrência, datação e origem da palavra, da seguinte forma: tabela 2 para a quantificação dos vocábulos relacionados à flora nos subitens *generalidades*, *árvores de que se utilizam madeira*, *árvores frutíferas*, *plantas medicinais* e *plantas ornamentais*; tabela 3 para os vocábulos relacionados ao campo conceptual da fauna nos subitens *quadrúpedes (generalidades)*, *os animais domésticos*, *os animais dos campos e das florestas* e *os animais que vivem próximos da água*, *aves (generalidades)*, *aves em particular* e *os répteis*.

Além disso, a fim de demonstrarmos que as espécies de plantas e animais retratados, por Alencar na obra em análise não são, necessariamente, espécies tipicamente nordestinas, elaboramos, ainda, as tabelas 4 e 5. Nelas registramos os itens lexicais relacionados à flora e à fauna, focalizando a região do Brasil em que, segundo obras especializadas no assunto, geralmente se verificam com maior freqüência as espécies de plantas e animais em estudo. Para tanto, recorreremos aos Dicionários de Botânica, livros sobre as árvores brasileiras e dicionários dos animais brasileiros. Recorreremos, também, a alguns *sites* que divulgam informações sobre a flora e fauna brasileiras como, por exemplo, *Instituto de Pesquisas e*

*Estudos Florestais*, IPEF, [www.ipef.br](http://www.ipef.br), *Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Renováveis*, IBAMA, [www.ibama.br](http://www.ibama.br), dentre outros.

## 5.2 Quantificação dos dados

Conforme já mencionamos na metodologia, após identificação de todos os substantivos presentes na obra em análise, identificamos e elencamos todas as unidades vocabulares relacionadas aos aspectos físicos da natureza, englobando aqui aspectos outros além da flora e fauna, como por exemplo, o universo topográfico, clima, dentre outros. Porém, em virtude das limitações previstas para este estudo, decidimos por fazer a análise apenas dos campos léxicos flora e fauna. Assim sendo, fizemos, conforme já exposto anteriormente, o recorte no *Sistema de Conceitos*, adequando-o aos nossos objetivos. Portanto, analisamos apenas os itens *plantas* e *animais* da 1ª categoria do Sistema de Conceitos, A - *O universo*.

Dos 320 vocábulos totalizados, sendo 1712 ocorrências compondo o macrocampo dos aspectos relativos à natureza, selecionamos, conforme já mencionado, apenas, os itens lexicais, especificamente, relacionados ao campo léxico da flora e fauna, o que resultou em 125 vocábulos, perfazendo 934 ocorrências, que compõem a 1ª categoria do *Sistema de Conceitos* – O Universo. Destes, 53 vocábulos totalizando 450 ocorrências estão relacionadas à flora e, 72 vocábulos com 484 ocorrências estão relacionados à fauna. Isso demonstra claramente o propósito do autor em dar destaque à natureza brasileira revelando suas singularidades, suas belezas e diversidades. Ou seja, das 320 unidades vocabulares que se relacionam aos aspectos físicos da natureza, 125 vocábulos, ou seja, 39,06% delas pertencem aos campos conceptuais da flora e fauna.

A 1ª categoria do *Sistema de Conceitos de Hallig-Wartburg, O universo*, em seu item II – *As plantas* e item III *Os animais*, constitui, portanto, considerando os itens lexicais que compõem o *corpus* analisado (125 unidades vocabulares) e levando-se em consideração o propósito do autor, bem como o contexto sócio-histórico-cultural daquela época, um universo bastante expressivo nos campos léxicos em estudo.

**Tabela 1 – Vocábulo lexicalizados e não lexicalizados considerados neológicos no contexto da obra.**

Vocábulo	significado	página
1. Anhamum	“irmão do diabo” chefe da nação Jucá.	162
2. berredo	barulho	36
3. bolandeira	Roda que move o ralador de mandioca	90
4.cabrinha	homem do campo, destemido e aventureiro	149
5. comadre	cabra que ajudava na criação dos filhos dos sertanejos	78
6. sertão	terra ainda não desbravada	25
7.tesoureiro	espécie de pássaro	33

Como podemos ver na tabela acima, dentre os substantivos identificados na obra, apenas 7 se enquadram dentro dos critérios admitidos neste estudo para identificação de uma unidade neológica. Sobre essa questão, admitimos que ainda não são únicos nem definitivos os critérios para a identificação e classificação de uma unidade vocabular como neológica, e que muito ainda se tem por fazer com relação à definição dos critérios para a identificação de uma unidade neológica. Entretanto, seguimos as orientações tradicionalmente adotadas nas pesquisas que vêm sendo desenvolvidas no âmbito da neologia e adotamos, para este estudo, o conceito de neologismo admitido por Boulanger (1979), para quem um neologismo é “[...] uma unidade lexical de criação recente, uma nova acepção de uma palavra já existente, ou

ainda, uma palavra recentemente emprestada de um sistema lingüístico estrangeiro [...]” (BOULANGER *apud* ALVES, 1994, p. 14)

Analisando as formações consideradas neológicas aqui elencadas, suas definições e processos de formação, percebemos que, embora em número limitado, o autor continua com seu propósito de abrigar nossa literatura conferindo às palavras os tons brasileiros, frutos dos costumes indígenas, da espontaneidade de nosso povo, das riquezas e da multiplicidade de espécies vegetais e animais.

Exemplifica isso a palavra *anhamum*, cuja formação se dá pela junção de duas palavras do Tupi, isto é, *Anhanga*, definido pelo Pe. A Lemos Barbosa como “demônio” (p. 29), + *mu*, definido pelo mesmo dicionarista em seu “Pequeno vocabulário Tupi-Português” (p. 103), como parente, aliado, amigo, que, também, por extensão de sentido pode ser entendido como irmão. Isso evidencia a posição do autor a favor dos processos de formação de palavras que promovam a valorização da língua portuguesa com marcas do Brasil.

**Tabela 2 – Vocábulo utilizados para designar elementos da flora brasileira: *subitens generalidades, árvores de que se utiliza madeira, árvores frutíferas, plantas medicinais e plantas ornamentais.***

Vocábulo	Ocorrência	datação	Origem
<b>1. generalidades</b>			
1. mato	82	sXIV	latim
2. árvore	60	1618	latim
3. floresta	37	sXIV	francês
4. flores	37	sXIII	latim
5. folhas	20	sXIII	latim
6. folhagem	18	1510	latim
7. fruto	11	sXIII	latim
8. capim	07	1618	tupi
9. cipó	05	1587	tupi
10. panasco	03	S XVI	Or. obsc.
11. cardos	03	1258	latim

12. mimoso	03	1618	tupi
13. trepadeira	02	1695	espanhol

<b>Vocábulos</b> <i>2. A floresta, as árvores de que se utiliza madeira, etc.</i>	<b>Ocorrência</b>	<b>Datação</b>	<b>Origem</b>
14. carnaúba	21	1752	tupi
15. oiticica	18	1574	tupi
16. angico	09	1871	Obsc.
17. jacarandá	09	1584	tupi
18. gameleira	08	1634	latim
19. palmeira	07	sXIV	latim
20. tingui	05	1663	tupi
21. braúna	02	1765	tupi
22. cedro	02	sXV	latim
23. crauatás	02	1781	tupi
24. aroeira	02	sXV	Or.. Controv.
25. angelim	01	1514	tâmil
26. cauçu	01	1833	tupi
27. espinheiro	01	1086	latim
28. janaguba	01	1877	tupi
29. jatobá	01	1801	tupi
30. juá	01	1875	tupi
31. pereiro	01	1269	latim
32. sicupira	01	1730	tupi
33. taquara	01	1584	tupi
34. visgueiro	01	1813	latim
35. murta	01	sXV	latim
36. mulungu	01	1877	tupi

<b>Vocábulos</b> <b>3. árvores frutíferas</b>	<b>Ocorrência</b>	<b>Datação</b>	<b>Origem</b>
37. catolés	03	1817	tupi
38. goiabeira	02	1557	tupi
39. jurema	01	1782	tupi
40. cajazeira	01	1579	tupi
41. maracujazeiro	01	1584	tupi
42. ateira	01	1899	Or. controv.

<b>Vocábulos</b> <b>4. plantas medicinais</b>	<b>Ocorrência</b>	<b>datação</b>	<b>origem</b>
43. alecrim	02	1583	árabe
44. barbatimão	02	s/d	Or. controv.
45. algodoeiro	01	1279	árabe
46. carrapicho	01	1881	Or. controv.

47. língua-de-vaca	01	1889	latim
48. urtiga	01	sXIV	latim
49. unha-de-gato	01	1899	latim

Vocábulos	Ocorrência	datação	origem
<b>5.Plantas ornamentais</b>			
50. bilros	04	1889	latim
51. mimosas	04	1716	latim
52. bignônia	01	1871	latim
53. magnólia	01	1858	latim

Na tabela acima, elencamos todos os vocábulo utilizados para designar elementos da flora brasileira (categoria A, item III do SC – *As plantas*) nos subitens *generalidades, árvores de que se utiliza madeira, árvores frutíferas, plantas medicinais e plantas ornamentais*. E registramos também o número de ocorrências, datação e origem da palavra. Pudemos constatar que, quanto à ocorrência, os itens de maior destaque neste subitem foram *árvore (s)* – 60, *floresta* -37, *carnaúba* -21 e *oiticica* -18.

Conforme já comentamos no capítulo das análises, as palavras *árvore* e *floresta* adquirem no contexto da obra significados especiais, ao servir de pano de fundo para a revelação da integração e harmonização do homem com seu meio.

O item *carnaúba*, segundo o próprio autor, simboliza as duas virtudes cearenses, a sobriedade e a perseverança (p. 14), o que, na verdade, pode ser entendido como as principais características do povo brasileiro, já que Alencar pretendia revelar não apenas parte da nação brasileira, mas todo o país e todo o seu povo. O que acontece é que, muitas vezes, o autor vale-se do regional para revelar o nacional.

A carnaúba, dada suas características de uma planta típica de regiões mais secas, chega a tomar aspectos sagrados para sertanejo. É o que podemos constatar em:

“— A ordem que demos, José Venâncio, é de não cortar carnaúba, em qualquer parte deste sertão”. (p. 99)

“— A carnaúba é um presente do céu: é ela que na seca dá sombra ao gado, e conserva a frescura da terra. Quem corta uma carnaúba ofende a Deus, Nosso Senhor; e nós não podemos deixar sem castigo tão feio pecado”. (p. 100)

Quanto à origem das palavras vimos que no campo léxico da flora brasileira há predomínio de palavras oriundas do tupi e do latim. Dos 125 vocábulos analisados 49 (39,2%) são oriundos do Tupi, 45 (36%) do Latim e 31 (24,8%) são de outras origens (árabe, francês e espanhol) ou de origem controversa. As várias palavras oriundas de outras línguas revelam as contribuições no processo de formação da língua portuguesa no Brasil, advindas, sobretudo do latim e do tupi. O uso considerável de vocábulos oriundos do tupi, a língua geral dos índios, revela-nos a preocupação do autor em revelar as origens e o passado histórico do povo brasileiro. E para isso, o índio era figura fundamental. Já as palavras oriundas do latim podem ser compreendidas como reveladoras da postura moderada de Alencar diante da questão da língua, pois o latim representa, dentre outros aspectos, no caso da língua portuguesa no Brasil, a unidade na variedade.

Disso podemos depreender que Alencar, inspirado no ideário romântico, perseguia a independência literária brasileira, lutava para resgatar o sentimento de nacionalidade da nação, até então, subjugado pelo colonizador e entendia que, para isso, era preciso valorizar as nossas raízes, tradições, enfim, nosso passado. Nisso estava também a língua, elemento fundamental para o estabelecimento da identidade de um povo. Não foi à toa que o próprio autor afirmava em seu pós-escrito (1865) que “a língua é a nacionalidade do pensamento como a pátria é a nacionalidade do povo”. E continua, agora em um de seus prefácios, “Questão Filosófica” (1873), que “... o escritor verdadeiramente nacional, acha na civilização da sua pátria, e na história já criada pelo povo, os elementos não só da idéia, como da linguagem que a deve exprimir”. Aqui percebemos claramente o destaque que Alencar confere à língua como instrumento de afirmação do sentimento de nacionalidade, tão precioso

no momento sócio-histórico daquele momento. Descrever através da literatura a integração e harmonia do homem com a natureza, a beleza e a diversidade da flora e da fauna era uma maneira de revelar a força e a capacidade da nação. Era, ainda, uma forma de resgatar e mostrar a nossa autonomia frente à autoridade do colonizador.

É o que encontramos, por exemplo, de forma evidente, nos campos léxicos analisados. Ao descrever a exuberância da flora e da fauna brasileira, Alencar destaca a variedade e riqueza das espécies do país tropical. São 53 espécies diferentes de plantas que vicejam nas mais diferentes regiões do país.

Por exemplo, o subitem *A floresta, as árvores e as outras árvores de que se utiliza a madeira*, sobressai-se com relação aos demais subitens desse campo léxico, tendo em vista o número de unidades que o compõem. Formam este campo, conforme já mencionamos no capítulo das análises, 23 vocábulos com 97 ocorrências.

Quanto à origem dos vocábulos, chamou-nos a atenção o fato de que dos 23 itens lexicais que compõem este campo léxico, 13 são oriundos do tupi. Isso pode ser compreendido como mais uma demonstração do escritor de exaltar a língua geral dos índios e a diversidade de espécies de árvores brasileiras, reafirmando a nacionalidade, a história, a beleza e a grandiosidade da nação brasileira.

O que também nos chamou a atenção neste campo lexical, é que as lexias de maior ocorrência, utilizadas neste campo semântico para compor o cenário do sertão, a *carnaúba* e *angico*, são justamente as árvores, segundo o autor, símbolo das virtudes do homem sertanejo. É o que podemos constatar pelas próprias palavras do autor no seguinte trecho da obra: “*Sempre verdes, ainda quando não cai do céu uma só gota de orvalho, estas plantas simbolizam no sertão as duas virtudes cearenses, a sobriedade e a perseverança*”. (p. 14)

Entretanto, buscando a origem dessas espécies de árvores, verificamos nos dicionários consultados que, embora a carnaúba seja normalmente relacionada ao Nordeste do Brasil,

pode ser encontrada também em outras regiões do Brasil, evidenciando que Alencar não estava preocupado com uma região especificamente delimitada em suas fronteiras, mas, ao contrário, sua preocupação era com o país em toda a sua extensão territorial. Era mostrar a força e a energia da “terra brasilis”. Para tanto, ele partia do regional para desvelar o nacional.

Isso é também o que vamos encontrar-nos demais subitens que formam o campo léxico da flora. O campo léxico das *árvores frutíferas*, por exemplo, forma-se por vocábulos, também, facilmente reconhecidos em diversas regiões do Brasil, principalmente, *goiabeira*, *maracujazeiro e cajazeira*. Para se ter um exemplo, os itens *catolés*, *jurema* e *ateira* são registrados por Lorenzi (2000), em seu livro *Árvores brasileiras*, como espécies típicas do Rio de Janeiro.

Quanto à origem das palavras, esse campo léxico, à maneira do anteriormente focalizado, constitui-se de palavras oriundas do tupi, com exceção do item lexical *ateira*, o que revela mais uma vez a tendência do escritor em valorizar a língua portuguesa, falada no Brasil.

As unidades vocabulares *alecrim*, *barbatimão*, *algodoeiro*, *carrapicho*, *língua-de-vaca*, *urtiga* e *unha-de-gato*, estruturam o campo léxico denominado *Plantas medicinais* e simbolizam parte da extraordinária reserva de recursos naturais de nossas florestas e que podem ser utilizados na cura de doenças.

O subcampo *plantas ornamentais*, ainda que em menor número, também representam uma pequena amostra da beleza da natureza do Brasil.

Finalmente, podemos afirmar que de todos os subitens que compõem a categoria A – *O universo*, do SC, o item III - *As Plantas* em seu subitem *As árvores*, *generalidades* e *A floresta*, *as árvores de que se utiliza a madeira*, foram os que apresentaram maior número de vocábulos e ocorrências, evidenciando mais uma vez a estratégia do autor para a elaboração de seu projeto de exaltação da beleza, riqueza e diversidade da flora brasileira.

**Tabela 3 - Vocábulo utilizados para designar elementos da fauna brasileira: subitens *animais quadrúpedes (generalidades), domésticos, animais dos campos e da floresta, os que vivem próximos da água, as aves e os répteis.***

<b>Vocábulo</b> <b>1. generalidades</b>	<b>Ocorrência</b>	<b>Datação</b>	<b>origem</b>
1. gado	39	837	latim
2. touro	37	sXIII	latim
3. novilha	12	1899	latim
4. barbatão	21	1899	latim
5. rês	07	1117	árabe
6. garrote	05	1899	francês
7. poldro	07	1031	latim
8. ginete	02	sXIII	árabe
9. bestas	01	sXIII	latim
10. borrego	01	1258	latim

<b>Vocábulo</b> <b>2. Animais domésticos</b>	<b>Ocorrência</b>	<b>datação</b>	<b>Origem</b>
11. boi	87	921	latim
12. cavalo	76	870	latim
13. cabra	08	1278	latim
14. cães	12	1152	latim
15. vaca	05	sXIII	latim
16. bezerro	04	1056	latim-hisp.
17. ovelhas	01	sXIII	latim
18. porcos	01	908	latim
<b>Vocábulo</b> <b>3. Animais dos campos e da floresta</b>	<b>Ocorrência</b>	<b>Datação</b>	<b>Origem</b>
19. onça	20	sXV	francês
20. veado	09	sXIV	latim
21. raposas	03	1123	castelhano
22. caititus	01	1610	tupi
23. jaguar	01	1610	tupi
24. lobos	01	965	latim
25. macaco	01	1550-1568	africana
26. quati	01	1594	tupi
27. sagüis	01	1511	tupi
28. tamanduá	01	1560	tupi

29. preás	01	1671-1696	tupi
30. suçuarana	01	1587	tupi

<b>Vocábulos</b> <b>4 – animais que vivem</b> <b>próximos da água</b>	<b>Ocorrência</b>	<b>Datação</b>	<b>Origem</b>
31. anta	03	sXV	Árabe/hisp.

<b>Vocábulos</b> <b>5 aves, generalidades</b>	<b>Ocorrência</b>	<b>Datação</b>	<b>Origem</b>
32. frangos	02	sXIV	Or. controv.
33. galinhas	01	sXIII	latim
34. galos	01	sXIII	latim
35. pintos	01	1651	Or. controv.
36. abutres	01	sXIII	latim

<b>Vocábulos</b> <b>6. As aves em particular</b>	<b>Ocorrência</b>	<b>Datação</b>	<b>Origem</b>
37. araras	10	1576	tupi
38. saracura	05	1584	tupi
39. garça	04	sXIII	latim
40. rola	04	sXV	onoma
41. juritis	03	1728	tupi
42. sabiá	03	1618	tupi
43. periquitos	02	1665	castelhano
44. canindé	02	1576	tupi
45. urubus	02	1587	tupi
46. gavião	02	sXIII	germânica
47. graúnas	02	1765	tupi
48. jaçanãs	02	1587	tupi
49. maracanãs	02	1576	tupi
50. jaburus	01	1587	tupi
51. andorinha	01	sXIII	latim vulg.
52. arapongas	01	1728	tupi
53. cançã	01	sXIII	francês
54. colibris	01	1838	francês
55. corruções	01	1899	Onomat.
56. emas	01	sXIV	Or. contrv.
57. jandaias	01	1618	tupi
58. maranhão	01	1851-1881	espanhola
59. marrecas	01	1609	Or. obscura
60. nambu	01	1587	tupi
61. patativa	01	1730	tupi
62. sericóia	01	1875	tupi
63. sofrês	01	1899	onomat

64. tiés	01	1899	tupi
65. xexéus	01	1833	tupi
66. zabelês	01	1899	Onomat.

Vocábulos	ocorrência	datação	Origem
<b>6. Os répteis</b>			
67. serpente	07	sXIV	tupi
68. cascavel	05	1253	latim vulg.
69. jibóia	02	1584	tupi
70. lagarto	02	sXV	latim
71. jararaca	01	1560	tupi
72. tejuacu	01	1881	tupi

A tabela 3, em que registramos os vocábulos que estruturam o campo léxico da fauna, (item IV do SC – *Os animais*), compõe-se de 72 vocábulos com 452 ocorrências, distribuídas nos subcampos *animais quadrúpedes (generalidades)*, *domésticos*, *animais dos campos e da floresta*, *os que vivem próximos da água*, *as aves e os répteis*.

Esse campo léxico foi também destacado por Alencar para, ao lado dos elementos da flora, constituir um cenário originalmente local, evidenciando assim, o que havia de mais brasileiro: o interior, a natureza e os campos habitados pelos animais e pelo homem “brasileiro sertanejo”.

O primeiro subitem *generalidades* está estruturado por nove itens lexicais que se referem aos elementos gerais da fauna. São 11 vocábulos e 147 ocorrências. Sobressaem-se nesse campo, quanto ao número de ocorrências, os itens vocabulares *animal* -48 oc., *gado* -39 oc. e *toro* -37 oc. Esse subitem, ao lado do subitem *animais domésticos*, em que ressaltamos os vocábulos *boi*, *cavalo*, *cão* e *cabra*, representa, genericamente, os animais que servem ao homem, seja para a sua sobrevivência, lazer ou trabalho. Constituem os elementos de caracterização do espaço denominado sertão, bem como as atividades econômicas em desenvolvimento no país. O subitem *animais do campo e da floresta* apresenta 15 unidades lexicais e *os animais que vivem próximos da água* 4 itens lexicais.

Já o subitem *aves em particular* formam o campo léxico de maior destaque quanto ao número de vocábulos. Estruturam esse subcampo léxico 30 vocábulos que, ao lado dos demais subcampos que constituem o campo conceptual da fauna, apontam para a grande riqueza e diversidade de espécies animais que habitam os campos e as florestas de todo o país.

Quanto à origem das palavras que compõem o item I - *Os animais*, vale ressaltar que houve predomínio de vocábulos oriundos do tupi. Dos 72 itens vocabulares que constituem esse campo conceptual, 29 são de origem tupi, 25 do latim e 22 de outras origens ou de origem não determinada. Nos subitens *animais do campo*, *aves em particular* e *répteis* houve predominância de vocábulos do tupi, ou seja, dos 12 vocábulos que compõem o subitem *animais do campo* 7 são oriundos do tupi, dos 30 itens lexicais que compõem o subitem *aves em particular* 17 são do tupi e dos 6 vocábulos que compõem o subitem *répteis* 4 são, também, do tupi. Isso nos permite constatar, mais uma vez, que exaltar à língua indígena foi um dos recursos utilizados por Alencar na direção da valorização da figura do índio e do sertanejo como elementos indispensáveis para o processo de configuração da nova nação que, desejosa da autonomia política, cultural e lingüística, teve, na figura desse romancista, a possibilidade de mostrar ao Velho Mundo a sua grandiosidade.

**Tabela 4 – Classificação dos vocábulos representativos da flora quanto às marcas de uso e região de ocorrência.**

<b>Vocábulos</b>	<b>Marcas de uso</b>	<b>Região de ocorrência</b>
1. árvore	Botânica	Todo o país
2. floresta	n/c	Todo o país
3. cipó	Bras. da Bot.	Nativa de matas tropicais. Todo o país.
4. panasco	Botânica	Nativa da Europa e Ásia
5. cardos	Botânica	Nativas das regiões áridas
6. mimoso	Regionalismo do PI	Nativas da Europa, mediterrâneo e Leste da África
7. trepadeira		Todo o país

8. carnaúba	Bras. Botânica	Nordeste brasileiro, Pará. Maranhão Piauí até Goiás e Bahia.
9. oiticica	Bras. Botânica	Piauí até Minas Gerais, São Paulo e Mato Grosso do Sul
10. angico	Bras. Botânica	Todo o país
11. jacarandá	Bras. Botânica	Todo o país
12. gameleira	Bras. Botânica	Centro e no sul do País.
13. tingui	Bras. Botânica	Ceará, Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso do Sul e Mato Grosso, no cerrado.
14. palmeira	Botânica	Várias regiões do Brasil.
15. braúna	Bras. Botânica	Sul da Bahia até São Paulo e Minas Gerais
16. cedro	Botânica	Rio Grande do Sul até Minas Gerais
17. crauatás	Bras. Botânica	Norte e Nordeste
18. murta	Botânica	Região amazônica até o Ceará, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Bahia, Rio de Janeiro até o Rio Grande do Sul.
19. angelim	Botânica	Alagoas, Bahia, Ceará, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Sergipe, São Paulo e Tocantins.
20. aroeira	Botânica	Alagoas, Bahia, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Minas Gerais, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Sergipe, São Paulo, Tocantins.
21. cauçu	Bras. Botânica	Nativa da Amazônia, mas pode ser encontrado também em Minas Gerais, Rio de Janeiro a Santa Catarina.
22. janaguba	Bras. Botânica	Pará a Minas Gerais.
23. jatobá	Bras. Botânica	Bahia, Ceará, Espírito Santo, Goiás, Minas Gerais, Paraíba, Piauí, Paraná, Rio de Janeiro e São Paulo.
24. espinheiro	Bras. Amazônia Botânica	Acre, Alagoas, Amazônia, Bahia, Ceará, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Minas Gerais, Mato Grosso, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Paraná, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte e Rio Grande do Sul.
25. sucupira	Bras. Botânica	Nativa do Brasil e pode ser encontrada em vários pontos do nosso território.
26. taquara	Bras. Botânica	Várias regiões do país
27. visgueiro	Bras. Botânica	Nativa do Brasil e ocorre na Amazônia, na floresta de terra firme e várzea alta em solo argiloso
28. mulungu	Bras. Botânica	Maranhão até o Rio Grande do Sul, em várzeas pantanosas ou alagadiças.
29. pereiro	Bras. N.E. Botânica	Sul da Bahia, Espírito Santo, Minas Gerais, Goiás e São Paulo
30. juá	Brasileirismo	nordeste do país (Piauí até norte de Minas

		Gerais),
31. catolés	Bras. Botânica	nordeste até a Bahia, Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso do Sul, São Paulo e Rio de Janeiro
32. goiabeira	Botânica	Todo o país
33. jurema	Bras. Botânica	Nativa do Brasil. Ocorre do Pará ao Rio de Janeiro.
34. ateira	Bras. Angol. Moç. Botânica	nativa de regiões tropicais das Américas
35. maracujazeiro	Bras. Botânica	Todo o país
36. cajazeira	Angol. Bras. Botânica	Amazônia até São Paulo e Minas Gerais, sendo comum também no Nordeste.
37. alecrim	Botânica	Todo o país
38. barbatimão	Bras. Botânica	É nativa do Brasil. Ocorre nos campos e cerrados do Pará até São Paulo e Mato Grosso do Sul. Há outras espécies que podem ser encontradas em outras regiões do país como no Pará, Minas Gerais, São Paulo, Goiás, Mato Grosso do Sul e Mato Grosso.
39. língua-de-vaca	Bras. Botânica	Nativa do Brasil, Uruguai e Argentina. Ocorre em todo o país.
40. carrapicho	Bras. Botânica	Nativa do Brasil (Amazônia a Mato Grosso e ao Rio Grande do Sul) e das Guianas. Ocorre em todo o país.
41. unha-de-gato	Bras. Botânica	Nativa das Guianas e do Brasil. Ocorre do Amazonas ao Paraná.
42. urtiga	Bras. Botânica	originária da Europa e da Ásia Ocidental,
43. algodoeiro	Botânica	Todo o país
44. bilros		Minas Gerais e Rio de Janeiro.
45. bignônia	Botânica	nativas da América do Sul, África e Ásia tropical
46. magnólia	Botânica	originária da América do Norte e muito cultivada no Brasil. Nativas de regiões tropicais e subtropicais, especialmente das Américas. Ocorre do Maranhão e região nordeste até a Bahia, na caatinga.
47. mimosas	Botânica	Nativas de regiões tropicais e subtropicais, especialmente das Américas. No Brasil ocorre nos Estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo.
48. mato	n/c	Todo o território
49. capim	angiosperma	Todo o território

**Tabela 5 – Classificação dos vocábulos representativos da fauna quanto às marcas de uso e região de ocorrência.**

<b>Vocábulos</b>	<b>Marcas de uso</b>	<b>Região de ocorrência</b>
1. gado	n/c	Todo o país
2. touro	zoologia	Todo o país
3. novilha	n/c	Todo o país
4. rês	n/c	Todo o país
5. poldro	zoologia	Todo o país
6. garrote	n/c	Todo o país
7. bestas	zoologia	Todo o país. Norte e Nordeste
8. borrego	n/c	Todo o país. Rio Grande do Sul.
9. boi	Zoologia	Todo o país
10. cavalo	Zoologia	Todo o país
11. cão	Zoologia	Todo o país
12. cabra	Zoologia	Todo o país
13. vaca	Zoologia	Todo o país
14. bezerro	n/c	Todo o país
15. porcos	Zoologia	Todo o país
16. ovelhas	n/c	Todo o país
17. barbatão	Brasileirismo	Norte e Nordeste
18. onça	Zoologia	Todo o território, exceto no Nordeste.
19. veado	Zoologia	Todo o país
20. raposas	Zoologia	Quase todo o país
21. tejuacu	Bras. Zoologia	Do sul do Amazonas ao norte da Argentina
22. caítitus	Bras. Zoologia	Quase todo o país
23. ginete	Regionalismo	Sul do Brasil
24. jaguar	Bras. Zoologia	Sul dos Estados Unidos ao norte da Argentina.
25. lobos	Zoologia	Todo o país, especialmente nos cerrados.
26. macaco	Zoologia	Quase todo o território.
27. quati	Zoologia	Todo o país
28. sagüis	Bras. Zoologia	Quase todo o país
29. tamanduá	Bras. Zoologia	Todo o país
30. preás	Bras. Zoologia	Todo o país
31. suçuarana	Bras. Zoologia	Habita toda a América
32. anta	Bras. Zoologia	Todo o país
33. abutres	Zoologia	Todo o país
34. frangos	Bras. Zoologia	Todo o país
35. galinhas	Zoologia	Todo o país

36. galos	Zoologia	Todo o país
37. pintos	Zoologia	Todo o país
38. araras	Bras. Zoologia	Quase todo o país
39. saracura	Bras. Zoologia	Todo o país
40. garça	Zoologia	Quase todo o país em regiões em que há rios, lagos, praias.
41. rola	Zoologia	Todo o país
42. juritis	Bras. Zoologia	Sul dos USA até Argentina e quase todo o Brasil
43. sabiá	Bras. Zoologia	Quase todo o país
44. periquitos	Bras. Zoologia	Quase todo o país
45. canindé	Bras. Zoologia	Do Panamá ao Sul do Brasil
46. urubus	Bras. Zoologia	Todo o país
47. gavião	Zoologia	Todo o país
48. graúnas	Bras. Zoologia	Todo o Brasil e países limítrofes
49. jaçanãs	Bras. Zoologia	Quase todo o país
50. maracanãs	Bras. Zoologia	Todo o país
51. jaburus	Bras. Zoologia	América Central, Norte da Argentina e Brasil
52. andorinha	Bras. Zoologia	Todo o país
53. arapongas	Bras. Zoologia	Todo o país
54. cançã	Bras. Zoologia	Toda a América do Sul
55. colibris	Zoologia	Todo o país
56. corrupeções	Bras. Zoologia	Amazônia e todo o Norte do Brasil até Minas.
57. emas	Zoologia	Sul do Pará, Nordeste, campos do Vale do São Francisco, Leste, Sul e Centro-oeste.
58. jandaias	Bras. Zoologia	Quase todo o país, especialmente no Norte e Nordeste.
59. maranhão	Bras. Zoologia	América do Norte, Antilhas, e da costa setentrional da América do Sul desde as Guianas até o estuário do rio Amazonas
60. marrecas	Zoologia	Ampla distribuição no Brasil e comum na Amazônia;
61. nambu	Bras. Zoologia	Quase todo o país.
62. patativa	Bras. Zoologia	Regiões meridionais e setentrionais do Brasil.
63. sericóia	Bras. Zoologia	Quase todo o país, em regiões em que há água e brejos.
64. sofrês	Bras. Bahia Zoo	Amazônia e de todo o Norte do Brasil até Minas
65. tiés	Bras. Zoologia	Quase todo o país.
66. xexéus	Bras. NE. Zoo	Norte e Nordeste
67. zabelês	Bras. Bahia Zoo	Venezuela ao Paraguai e Argentina, comum na Amazônia e no Brasil central.

68. jararaca	Herpetologia	Encontrada no Brasil nos Estados da Bahia ao Rio Grande do Sul e em regiões adjacentes no Paraguai e Argentina.
69. jibóia	Herpetologia	Encontrada do México ao Norte da Argentina.
70. serpente	Herpetologia	Quase todo o país
71. lagarto	Herpetologia	Quase todo o país
72. cascavel	Herpetologia	Encontrada do México à Argentina

Conforme pudemos constatar pelas tabelas acima elaboradas, todas as espécies de plantas e animais citadas por Alencar, nas descrições de nossa flora e fauna, podem ser encontradas também em outras regiões que não sejam, necessariamente, no sertão ou no nordeste. Isso pôde ser verificado, também, quanto ao aspecto lingüístico, pois, pela análise dos vocábulos que compõem o campo conceptual da flora e fauna, vimos que muitos daqueles utilizados pelo autor são de uso em todo o país (brasileirismos), seja os de origem tupi ou latina e, ainda, pelo predomínio de termos típicos da ciência Botânica e Zoologia.

Quanto às marcas de uso que recebem dos dicionários consultados, vimos que dos 53 vocábulos que constituem o campo conceptual da flora, 47 (88,67%) foram classificados como termos da Botânica, sendo que destes, 29 (61,70%) recebem a marca de uso *brasileirismo*. Já com relação à fauna, constatamos que dos 72 vocábulos representativos da fauna 59 (81,94%) receberam a classificação de termos pertencentes à Zoologia. Destes, 34 (57,62%) foram classificados, pelas obras consultadas, como *brasileirismos*. Apenas 3 (2,4%) dos vocábulos foram classificados como regionalismos e no subitem *répteis* os vocábulos foram classificados como termos da Herpetologia. Mais uma vez constatamos a preferência de Alencar em valorizar os aspectos da natureza do Brasil e, para isso, procurou priorizar vocábulos de uso no Brasil, numa demonstração de que pela língua se pode conhecer a cultura, os costumes e a riqueza de um país. Vimos, ainda, que a flora e a fauna por ele

retratada não são a flora e a fauna da região nordeste, mas a flora e fauna conhecida em todo o Brasil.

Além disso, é preciso ressaltar, também, que, com relação à construção deste “sertão brasileiro”, isto é, do universo brasileiro por Alencar, algumas unidades vocabulares, embora não pertençam aos campos léxicos flora e fauna, apresentaram ser de grande relevância no contexto da obra. Por exemplo, os itens lexicais, cujos sememas revelam parte do mundo físico que constitui a natureza tais como: *sertanejo* -219 oc, *inverno* -22 oc, *seca* -20 oc e *terra* -83 oc.

A unidade lexical *sertanejo* tem valor de destaque na obra em análise. Não só pelo número de ocorrências, 219 vezes, mas também, e, sobretudo, pelas conotações que adquire para atender ao propósito do autor em estudo. O item lexical *sertanejo* representa na obra o próprio homem brasileiro que habita as mais diferentes regiões do país. Aquele capaz de reconhecer em sua pátria toda a sua religiosidade, sua cultura, sua língua, sua força, coragem e bravura. O sertanejo é o homem do Ceará, do Nordeste, do Sudeste, do Norte, do Centro-oeste e do Sul. É o que constatamos em algumas das muitas passagens em que isso é facilmente justificável. Vejamos:

“Ajoelhou então o sertanejo à beira do canapé; tirando do peito uma cruz de prata, ...” (p. 19)

“Com as mãos postas e a fronte reclinada para fitar o símbolo da redenção, murmurou uma ave-maria, que ofereceu à Virgem Santíssima como ação de graças por haver permitido que ele chegasse a tempo de salvar a donzela”. (p. 19)

“...o sertanejo tinha dentro d’alma um poderoso sentimento, que lhe encadeava os assomos da paixão, e o soldava ao pavimento”.(p. 19)

“Para ele, sertanejo, filho do deserto, tão poderosas manifestações da força tinham majestade e beleza épicas”. (p. 37)

“Para o sertanejo a floresta é um mundo, e cada árvore um amigo ou um conhecido a quem saúda, passando. A seu olhar perspicaz as clareiras, as brenhas, as coroas de mato, distinguem-se melhor do que as praças e ruas com seus letreiros e números”. (p. 46)

“Embora falhem muitas vezes essas promessas, o sertanejo, como os animais e toda a natureza que o cerca, recebe sempre com intenso prazer as alvíssaras de bom ano. (p. 48)

“A luta de um homem só contra o tirano das florestas brasileiras não era novidade: sabiam que o sertanejo afronta a onça e a abate a seus pés. (p. 57)

“O sertanejo é supersticioso”, (p. 123)

Como podemos perceber, a unidade vocabular *sertanejo* tem seu sentido ampliado para além de seu sentido literal, passando a simbolizar o próprio homem brasileiro com sua coragem, com sua força, com sua cultura, tradições e costumes.

Já com relação ao item lexical *inverno*, o que nos chama a atenção é que, além de ter um número consideravelmente expressivo em relação a outros vocábulos, a palavra tem seu valor semântico ampliado, isto é, deixa de ser a estação mais fria do ano, para simbolizar a fartura, a alegria, a vida. O inverno no contexto da obra está muito mais relacionado às chuvas do que ao frio. É o que podemos constatar no trecho seguinte:

“— Chuva! Arnaldo proferiu esta palavra, dirigindo-se a Nicácio que estava a seu lado; possuído do vivo prazer que a vinda do inverno desperta sempre no homem do sertão, sua alma expandiu-se para dar aos outros as alvíssaras dessa alegria”. (p. 47)

Todas as ocorrências da lexia *inverno* estão relacionadas à recomposição da natureza com a chegada das chuvas e a possibilidade de vida para o homem e para os animais.

Outro vocábulo que chama a atenção é o vocábulo *seca*, com 20 ocorrências. Isso se explica pelo fato de a seca constituir-se, normalmente, num dos elementos mais caracterizadores do sertão. E Alencar, possivelmente, imaginando o sertão a partir das tópicas fornecidas pela visão romântica da natureza, cria a imagem do sertão, a fim de utilizá-lo como

elemento de afirmação nacional. Logo, não poderia deixar de descrever os quadros da seca que castiga o sertão.

A seca no contexto da obra tem conotações fortes. Revelam muito mais de que um fenômeno natural em que há falta de chuvas. Sugere a ausência de vida, o sofrimento. É o que podemos verificar no trecho a seguir: “Quem pela primeira vez percorre o sertão nessa quadra, depois de longa seca, sente confranger-se-lhe a alma até os últimos refolhos em face dessa inanição da vida, desse imenso holocausto da terra”. (p. 13)

Chama-nos a atenção, também, a unidade vocabular *terra*. Tal item lexical aparece 83 vezes, o que nos permite admitir que tal vocábulo tem, considerando as intenções do autor, uma relevância muito grande no contexto da obra. Ela foi empregada explorando seus vários sentidos. É o que veremos nas passagens abaixo:

1) local onde se caminha: “O capitão-mor parou, e descobrindo-se, pôs o joelho em terra para fazer sua oração mental”. (p. 93)

2) lugar onde se nasceu, a pátria: “Esta imensa campina, que se dilata por horizontes infindos, é o sertão de minha terra natal”. (p. 11)

3) propriedade privada (nesta acepção a palavra aparece no plural): “Ao cabo de sua jornada, já em terras da fazenda, fora o capitão-mor atalhado pelo fogo, que afinal conseguira extinguir com sua gente”. (p. 26)

4) chão firme em oposição a mar: “Saltou o mancebo em terra sem esperar auxílio...” (p. 18)

5) moradia: “ — Então, Arnaldo, como foi isto por cá, amigo? Seca muita, já se sabe! Olhe, digam vocês o que quiserem. isto não é terra de cristão. (p. 39)

6) O planeta: “...é o beijo de amor trocado entre o céu e a terra, o santo himeneu do verbo criador com a Eva sempre virgem e sempre mãe”. (p. 48)

6) lugar de origem: “...trazendo os alforjes cheios de comidas e os odres retesados de vinho português e de cachaça da terra”. (p. 138)

7) o solo: “As ramas do maracujá que rebentam com as primeiras águas cobrem-se de flores; das flores saem os frutos que espalham na terra as sementes e das sementes brotam novas ramas,...” (p. 77)

Chama-nos ainda, a atenção o fato de que a acepção mais utilizada pelo autor foi a de *terra* como sinônimo de pátria (12 vezes), o que revela o sentimento de valorização da nação brasileira, era o sentimento nacionalista que se afluava. Isso justifica a baixa ocorrência da lexia país, já que terra foi empregada, conforme já mencionado, como sinônimo de país.

A unidade lexical *sertão*, conforme já registramos no início deste capítulo, foi considerada por nós como neologismo, já que aparece na obra com vários significados. Às vezes na acepção dos dicionários; em outras, nos revela uma concepção de sertão que foge daquela encontrada nos dicionários, isto é, uma região agreste, distante das povoações ou das terras cultivadas. E passa a designar uma região que vive um período de seca, mas uma região fértil como qualquer outra do país com suas campinas, várzeas, vales, serras e campos.

Nesse sentido, a obra *O sertanejo*, discutivelmente classificada como regionalista, deve ser entendida, segundo Proença (1974, p. 104), muito mais como um “fragmento do grande mural da nacionalidade que José de Alencar realizou na sua obra de romancista”.

Enfim, o conjunto de itens léxicos, aqui analisados, compõe parte da composição, por Alencar, do grande cenário brasileiro em que vimos focalizados a flora e a fauna brasileiras, descritas em toda a sua beleza, diversidade e riqueza, revelando, à maneira romântica, a grandiosidade da nação brasileira.

Concluído o capítulo referente à discussão dos dados, passemos às conclusões.

## CONCLUSÃO

Conforme já mencionamos na introdução deste estudo, nosso intento com esta pesquisa, foi fazer uma análise léxico-semântica do vocabulário alencariano, representativo da flora e fauna, na obra *O sertanejo*, de José de Alencar, com vistas a verificar aspectos do léxico utilizado por esse autor na configuração do espaço geográfico denominado sertão.

Para a organização, classificação e análise dos itens lexicais nos campos léxicos da flora e fauna, partimos do modelo teórico denominado *Sistema de Conceitos*, de Rudolf Hallig e Walter von Wartburg (1963). E para análise dos vocábulos, consultamos os dicionários de época e algumas outras fontes de pesquisa tais como enciclopédias, livros, dicionários atuais, artigos sobre as plantas e animais, observando definições, datação, marcas de uso, etimologia e origem.

Diante da necessidade de utilização de dicionários específicos para as pesquisas sobre flora e fauna brasileira, verificamos que ainda são poucos os trabalhos realizados nesse sentido. Tivemos algumas dificuldades para aprofundarmos mais nossas investigações sobre a flora e fauna brasileiras.

O levantamento e análise dos vocábulos representativos da flora e fauna na obra *O sertanejo* demonstrou que os itens lexicais utilizados pelo autor na composição dos campos léxicos da flora e fauna, ocorrem sob várias formas e sinônimos, dependendo da região em que são empregados, isto é, não são de uso específico de uma determinada região do país, o que é fato natural, pois dada a grande extensão territorial do Brasil, é de se esperar que as espécies de plantas e animais que habitam as mais diferentes regiões, recebam também denominações distintas.

Isso é resultado das diferentes formas de apreensão de um mesmo referente, por grupos sociais que habitam espaços geograficamente distantes e revela a relação incontestada

entre linguagem e realidade, língua e cultura, e, ainda, a característica da linguagem não só como reflexo da realidade, mas também como geradora da imagem de mundo que o indivíduo possui.

Dessa maneira, estudar o vocabulário alencariano é resgatar aspectos sócio-históricos e culturais de uma época. Isso demonstra, ainda, que essa relação existente entre língua e estrutura sociocultural, caracteriza a variante brasileira da língua portuguesa.

Constatamos por esse estudo que a diversidade de espécies de plantas e de animais descritas por Alencar não habitam apenas o Nordeste do país, ao contrário, podem ser encontradas nas mais diferentes regiões do país. Conforme verificamos nas pesquisas feitas em dicionários de Botânica e Zoologia, várias das espécies de plantas e animais focalizados pelo autor em seus vários quadros descritivos da natureza brasileira, não são espécies tipicamente do sertão ou da região Nordeste do Brasil. Pelo contrário, muitas delas podem ser encontradas em diferentes regiões do país; seja no Sul, Sudeste, Centro-Oeste e Norte.

Isso comprova a hipótese de que a pretensão de Alencar não era retratar a região ou a natureza do Nordeste brasileiro ou criar um romance regional, mas mostrar através de um sertão idealizado, criado a partir da visão romântica da natureza, um espaço ficcional em que se pudesse desvelar o país recém-independente, a terra não desbravada, em toda a sua extensão, beleza e grandiosidade. O sertão é a pátria, a terra natal, é o próprio Brasil - o que, de certa forma, nos leva a pensar que “O sertanejo” de Alencar pode ser o homem brasileiro.

Por essa perspectiva romântica, Alencar revela um cenário grandioso, em que vemos descrito episódios que revelam a convivência harmoniosa do homem com a natureza, a relação natureza/cultura e natureza/pátria.

Assim, a organização e análise dos itens lexicais nos campos conceptuais da flora e fauna, possibilitou-nos constatar que o autor vale-se da descrição e exaltação da terra, da natureza e, sobretudo, da criação de um sertão literário, para atribuir à obra o caráter nacional.

Conforme já mencionamos, a terra é identificada como pátria. Dessa maneira, os fenômenos naturais tornam-se representativos da grandeza do país. A natureza rica, jovem, vital, exuberante, serve para simbolizar a grandeza, a força e as potencialidades da nação brasileira, pronta para crescer e se desenvolver por si mesma.

Assim, reafirmamos: Alencar não estava preocupado em retratar apenas o nordeste brasileiro ou mais especificamente o Ceará, mas o Brasil. Seu propósito era revelar através do sertão e, consoante o ideário romântico, a nação brasileira naquilo que lhe era mais espetacular: a diversidade de espécies de plantas e animais, sua geografia, seus rios, suas várzeas, seus campos, seu povo, sua cultura e sua língua. O sertão alencariano não é um sertão cearense, como até poderíamos supor, já que o autor era um cearense e, além do mais, inicia a obra *O sertanejo* afirmando “Esta imensa campina, que se dilata por horizontes infindos, é o *sertão de minha terra natal*”(p. 11). Este é o sertão concebido na visão romântica da natureza. Alencar, talvez, não tenha visto o sertão que descreveu, pois suas descrições, seja da natureza, da história ou da geografia do Brasil, sugerem a idealização de uma nova nação.

É verdade que alguns anos de sua infância no Ceará podem tê-lo influenciado ou motivado alguns pontos do romance, mas não o suficiente para afirmarmos que a natureza descrita pelo autor seja fruto de sua observação direta da natureza que descreve.

O que depreendemos disso é que, muito do que Alencar escreveu em suas obras foi fruto de sua necessidade de dar ao país a independência literária que justificasse o momento de independência política.

Assim, o sertão foi criado de modo a constituir-se como um dos elementos de afirmação da identidade, da nacionalidade, da superioridade e das diferenças em relação aos lusitanos. E nessas diferenças estava também a língua, entendida por ele como o elemento fundamental para o estabelecimento da identidade de um povo. Alencar reconhece na língua

sua maior característica: a capacidade de renovar-se continuamente e de ser fato lingüístico, social e cultural.

Não foi à toa que, conforme já mencionamos, o próprio autor afirmava em seu proscrito (1865) que “a língua é a nacionalidade do pensamento como a pátria é a nacionalidade do povo”. E continua, agora em um de seus prefácios, “Questão Filosófica” (1873), que “[...] o escritor verdadeiramente nacional, acha na civilização da sua pátria, e na história já criada pelo povo, os elementos não só da idéia, como da linguagem que a deve exprimir”. Disso depreendemos a concepção de língua como fato social, como instrumento de vida, de afirmação do sentimento de nacionalidade, tão precioso no momento sócio-histórico daquele momento.

Valer-se da língua e da literatura para revelar a integração e harmonia do homem com a natureza, sua beleza e diversidade era uma maneira de revelar também a força e a capacidade da nação em todos os aspectos: lingüísticos, históricos, culturais, sociais, geográficos, dentre outros. Enfim, era uma forma de resgatar e mostrar a nossa autonomia frente à autoridade do colonizador.

Além disso, no que se refere às marcas de uso dos vocábulos percebemos que há uma predominância de brasileirismos da Botânica e da Zoologia, evidenciando mais uma vez o interesse de Alencar em caracterizar não o regional, mas o nacional.

Vale registrar, ainda, que, como tivemos que consultar dicionários das áreas de Botânica e Zoologia, verificamos que, em certo casos, há entre os estudiosos algumas discrepâncias quanto às marcas de uso e regiões de ocorrência. É, por exemplo, o caso do item lexical *tingüi* do tupi e classificada por Aurélio como brasileirismo da Zoologia na acepção “Arvoreta vulgar nos cerrados (*Magonia pubescens*), caracterizada pelas grandes cápsulas lenhosas e triangulares, e cujas sementes, aladas e amplas, contêm óleo”. O mesmo dicionarista registra numa 2ª acepção como brasileirismo da Botânica e remete para *cipó-*

*timbó*. Em *cipó-timbó* já encontramos brasileirismo da Botânica. Aqui fica evidente a incoerência do dicionarista ao tratar de termos específicos de uma área do conhecimento num dicionário de língua geral.

Pudemos constatar, pelas nossas análises, que o sertão criado por Alencar para a expressão de seu propósito, está caracterizado pela pluralidade de significados das palavras utilizadas por ele e retrata as diversas regiões do país e não apenas o sertão nordestino, conforme já registramos. Alencar quer revelar a paisagem dos trópicos, as particularidades e a identidade do interior e da vida rural, com vistas a tornar literário todo o Brasil.

Verificamos, também, que os campos léxicos da flora e da fauna destacam-se consideravelmente e adquirem significado relevante na obra *O sertanejo*. Ao longo das análises, percebemos que grande maioria dos itens lexicais que compõem os campos léxicos em estudo pertence à Botânica e Zoologia e são termos procedentes da língua indígena brasileira, latina e, sobretudo, do Tupi. Essa preferência de Alencar pelos tupinismos, indigenismos evidencia a preocupação dele não só em valorizar a língua portuguesa do Brasil, mas mostrar o novo país que estava nascendo. O uso de tupinismos e dos indigenismos era uma forma de expressar o passado, a história, a gente e a terra brasileira. Era uma maneira de valorizar a língua portuguesa falada no Brasil. Alencar acreditava que ao conhecermos a língua indígena, poderíamos imprimir na literatura as marcas de nossa nacionalidade.

Além disso, com base nas informações registradas por Alencar nas *Cartas sobre a Confederação de Tamoios* (1856) e *O nosso cancioneiro* (1874), no caso da obra em análise, podemos afirmar que há nela sinais do desejo de Alencar de substituir a temática indianista, até então já muito explorada, pela temática sertanista na busca de modelos que pudessem sugerir as aspirações nacionalistas próprias do Romantismo brasileiro. E um dos caminhos para isso era a busca pela pureza das origens, pela exaltação da natureza e a valorização do folclore ou da cultura popular do povo brasileiro.

Assim sendo, a obra *O sertanejo* deve ser percebida, não como uma obra regionalista, mas como um “fragmento do grande mural da nacionalidade que José de Alencar realizou na sua obra de romancista” (PROENÇA 1974, p. 104).

Alencar foi um homem que buscou pensar e escrever sobre a sociedade, sobre sua época, e ainda que se tenha privilegiado uma reflexão em torno da língua e da literatura, a idéia de seu trabalho era partir disso para algo mais amplo, procurando despertar o sentimento nacionalista numa nação que acabava de livrar-se da dominação dos portugueses.

Seu comprometimento com a criação de uma literatura com raízes brasileiras e com a língua portuguesa, com jeito brasileiro, foi uma das suas melhores contribuições para com a caracterização da língua portuguesa além dos mares.

A literatura brasileira adquire, assim, uma dimensão nacional e passa a ser vista sendo como algo criado para que fosse viabilizada a expressão de um sentimento de patriotismo. E isso pode ser constatado nas estratégias de criação literária e no léxico utilizado pelo autor na obra em análise. Conforme pudemos demonstrar em nossas análises, houve um predomínio de vocábulos de origem tupi nos campos léxicos analisados.

Assim, podemos afirmar que *O sertanejo* constitui-se num romance em que as diversificadas regiões culturais brasileiras são descritas e focalizadas na sua tipicidade e contraste, ressaltando em cada uma os diversos tipos humanos que ficariam, sobretudo depois, como símbolos do homem brasileiro: o sertanejo.

Há que ressaltar também que o Romantismo foi de importância vital para a construção cultural do Brasil e Alencar, indubitavelmente, o grande construtor desse movimento de tornar o Brasil dos brasileiros.

Nesse período surgiram, conforme consta da história literária, as calorosas discussões sobre o purismo ou brasileirismo da língua, da questão da nacionalidade, dentre outras. Foi o tempo da polêmica da *Confederação dos Tamóios* envolvendo Alencar, D. Pedro II; das

*Questões do Dia* de Franklin Távora, Castilho e Alencar, etc. E Alencar manteve-se firme no seu projeto de construção pela literatura e pela língua de um “Brasil brasileiro”.

Finalmente podemos afirmar que a grande contribuição alencariana foi o da reivindicação de um uso brasileiro da Língua Portuguesa. Para tanto, era preciso reconhecer na língua sua maior característica: a capacidade de renovar-se continuamente e de ser fato lingüístico, social e cultural.

Portanto, certos de que quando se chega ao final de uma pesquisa não estamos fechando conclusões, esperamos que este estudo possa contribuir para mostrar algumas características do léxico alencariano na obra *O sertanejo*, que possam favorecer àqueles que ensinam ou aprendem literatura, ou que se interessam pelo estudo e compreensão da obra alencariana. E quem sabe estudos dessa natureza não possam apontar para uma nova forma de ensinar literatura nas escolas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Apresentação de biografias dos grandes escritores brasileiros*. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/imortais/cads/23/alencar2.htm>>.

Acesso em 10 de outubro de 2005.

ALENCAR, José de. *O Sertanejo*. São Paulo: Ática, 1975. “Cotejado com a ed. original de B. L. Garnier, Rio de Janeiro, 1875”. 206 p.

\_\_\_\_\_. *Diva*. 5 ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1864. 75 p.

\_\_\_\_\_. *Sonhos d'Ouro*. 5ª ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1872. 161 p.

ANDRADE, Maria. Margarida de. Lexicologia, terminologia: definições, finalidades conceitos operacionais. In: OLIVEIRA, Ana. Maria Pinto Pires & ISQUERDO, Aparecida Negri (org.). *As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia*. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 1998, p. 189 – 199.

AUTORES E OBRAS. Apresenta resumo da vida e obras dos mais importantes autores da Língua Portuguesa. Disponível em: [http://virtualbooks.terra.com.br/literatura\\_brasileira/jose\\_de\\_alencar.htm](http://virtualbooks.terra.com.br/literatura_brasileira/jose_de_alencar.htm).

BALMÉ, François. *Plantas Medicinaiis*. São Paulo: Hemus, 2004. 398 p.

BARBOSA, Maria Aparecida. *Léxico, produção e criatividade: processos do neologismo*.

São Paulo: Global, 1981. 323 p.

\_\_\_\_\_. Lexicologia, lexicografia, terminologia, terminografia: objeto, métodos, campos de atuação e de cooperação. In: *Estudos Lingüísticos XX*.

*Anais de Seminários do GEL*. Franca: UNIFRAN, 1991. p. 1 – 11.

\_\_\_\_\_. Considerações sobre a estrutura e a função da obra lexicográfica: metodologia, tecnologia e condições de produção. In: *Colóquio de lexicologia e lexicografia*. Universidade Nova Lisboa, 1990, p. 229-241.

\_\_\_\_\_. Da Neologia à Neologia na Literatura. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires & IZQUERDO, Aparecida Negri (org.) *As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia*. 2 ed. Campo Grande: Ed. UFMS, 2001.

BARCELLOS da Silva, Maria Emília. O dinamismo lexical: o dizer nosso de cada dia. In: José Carlos Azeredo. (Org.). *Língua portuguesa em debate; conhecimento e ensino*. Ed. Petrópolis: Rio de Janeiro, 2000, v. 01, p. 142 – 146.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *Teoria Lingüística: lingüística qualitativa e computacional*. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 274 p.

\_\_\_\_\_. A estrutura mental do léxico. In: *Estudos de filologia e lingüística*. São Paulo: T. A. Queiroz, Edusp, 1981. p. 131 – 145.

\_\_\_\_\_. Os dicionários na contemporaneidade: arquitetura, métodos e técnicas. 2001. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires & IZQUERDO, Aparecida Negri (org.). *As Ciências do léxico: Lexicologia, lexicografia, Terminologia*. 2 ed. Campo Grande: Ed. UFMS, 2001.

BORBA, Francisco da Silva. *Organização de dicionários: uma introdução à Lexicografia*. São Paulo: Editora UNESP, 2003. 355 p.

BOSI, Alfredo. *História Concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1976. 528 p.

BOULANGER, Jean-Claude. A criação lexical na modernidade. In: *Le Language et l'homme*. Quebec, 1990. v. I.

BRAZ, Shirley L. da Silva. *Recepção lingüística: o caso dos neologismos lexicais*. Disponível em: <[www.filologia.org.br](http://www.filologia.org.br)>. Acesso em: 2 de fevereiro de 2005.

CÂMARA, Jr. J. Mattoso. *Dicionário de Lingüística*. Petrópolis: Vozes, 1996.

CANDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. - 6. ed. - São Paulo: Ed. Nacional, 1980. 193 p.

\_\_\_\_\_. *Formação da Literatura Brasileira*. 5ª ed. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo, Ed. Da Universidade de São Paulo, 1975. v. 2.

CERÂNTOLA, Juliana R. G. *O vocabulário de Duarte Nunes de Leão em Crônicas dos Reis de Portugal – D. Afonso o V: um estudo semântico-lexical*. Dissertação de Mestrado. Araraquara: UNESP, 2002.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário histórico das palavras portuguesas de origem tupi*. 4 ed. São Paulo: Companhia Melhoramentos, Brasília: UNB, 1998.

COSERIU, Eugenio. *Princípios de Semântica Estrutural*. 2ª ed. Madrid: Ed. Gredos, 1986. 246 p.

\_\_\_\_\_. *Teoria da linguagem e lingüística geral*. Rio de Janeiro: Presença/EDUSP. (1979).

COUTINHO, Afrânio. *A Literatura no Brasil*. 3ª ed. Rio de Janeiro: José Olímpio; Niterói: Universidade Federal Fluminense, 1986. v. 3.

CUNHA, Celso. *Língua Portuguesa e realidade brasileira*. Rio de Janeiro: Ed. Tempo Brasileiro, 1970.

ELIA, S. *O problema da língua brasileira*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1961.

FAULSTICH, Enilde L. de J. *Lexicologia: a linguagem do noticiário policial*. Brasília: Horizonte Editora, 1980. 179 p.

GARCIA, Nice Seróidio. *A criação lexical em Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1977. 131 p.

HALLIG, R. & WARTBURG, W. von. *Système raisonné des concepts pour servir de base à la lexicographie*. Berlin, Akademie Verlag, 1963.

GECKELER, Horts. *Semântica estrutural y teoria del campo léxico*. (trad. Marcos Martinez Hernández, Madrid, Editorial Gredos, 1976.

GUILBERT, Louis. *La créativité lexicale*. Paris: Larousse, 1975.

HAENSCH, G. Et al. *La Lexicologia de la lingüística teórica a lexicografía pratica*. Madrid: Gredos, 1982.

HARRIS, Lorenzi. *Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas do Brasil*. 2ª ed. São Paulo: Ed. Plantarum, 1998. 3 v.

INSTITUTO BRASILEIRO DO MEIO AMBIENTE E RECURSOS RENOVÁVEIS. *Algumas das Espécies da nossa Fauna*. Disponível em: <<http://www.ibama.gov.br/fauna/especies.htm>>. Acesso em: 13 de jan. de 2006.

INSTITUTO DE PESQUISAS E ESTUDOS FLORESTAIS. *Identificação de espécies florestais*. Disponível em: <<http://www.ipef.br/>>. Acesso em: 28 de Jan. de 2006.

IZQUERDO, Aparecida Negri. (Org.). *As Ciências do Léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande, MS : Ed. UFMS, 1998 . 31- 48.

IZQUERDO, Aparecida Negri (Org.). *As Ciências do Léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 1998. p. 99 – 106.

LORENZI, Harri,. *Árvores brasileiras : manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil*. Nova Odessa, São Paulo: Plantarum, 1992-2002.

MARROQUIM, Mário. *A Língua do Nordeste*. São Paulo: Ed. Companhia Editora Nacional, 1934.

MARTINS, E. S. Léxico e Homeopatia. In: Oliveira, A.M.P.P.; Izquierdo, A.N. (Organizadoras). *As Ciências do Léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande : UFMS, 1998, 99 – 106.

MATORÉ, George. (1953), *La Méthode en Lexicologie: domaine français*. Paris: Marcel Didier, 1953.

MELO, Gladstone Chaves de. *Alencar e a língua brasileira*. 3ª ed. Faculdade de Letras da UDRJ, do Instituto de Letras da UFF, do Conselho Federal de Cultura e da Academia Brasileira de Filologia. Conselho Federal de Cultura, 1972.

MENEZES, Raimundo de. *José de Alencar: literato e político*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1977.

MUSEU IMPERIAL. Arquivo histórico. Disponível em: <<http://www.museuimperial.gov.br/>>.

Acesso em 23 de junho de 2005.

NUNES, José Horta. *História do saber lexical e constituição do léxico brasileiro*. São Paulo: Humanitas / FFLCH / USP: Pontes, 2002.

OLIVEIRA, Ana Maria Pires Pinto de. *O Português do Brasil: brasileirismos e regionalismos*. Dissertação de Doutorado. Araraquara: UNESP, 1999.

PINTO, Edith Pimentel. *O Português do Brasil: textos críticos e teóricos, 1 – 1820/1920, fontes para a teoria e a história*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1978.

PITILLO, Giovanni. Ferreira. *O neologismo literário: análise do valor significativo da sufixação em “O Coronel e o Lobisomem”, de José Cândido de Carvalho*. Dissertação de Mestrado. Uberlândia: UFU, 2001.

PRETI, Dino. *Sociolinguística, os níveis da fala*. 3 ed. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 1977.

PROENÇA, M. Cavalcanti. *José de Alencar na literatura brasileira*. Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira, 1966. 147 p.

\_\_\_\_\_. “O Sertanejo”. In *Estudos Literários*, Rio de Janeiro, José Olímpio Ed./INL, 1974.

REVISTA BRASILEIRA DE BOTÂNICA. *Plantas e ervas medicinais e fitoterápicos*.

Disponível em: <<http://www.plantamed.com.br/>> . Acesso em: 11 de julho de 2005.

SALES, Antônio. *Alencar 100 anos depois*. Coleção Antônio Sales. Homenagem da Academia Cearense de Letras ao escritor José Martiniano de Alencar, no centenário de sua morte. Ed. Da Academia Cearense de Letras. Fortaleza, 1977.

SAPIR, Edward. *Linguística como ciência*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1961.

SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. Trad. de Antônio Cheline, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein) São Paulo, Editora Cultrix, 2000.

SILVA, Maria Emília Barcelos. Competência e perspectivas dos estudos de base lexical. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires. ; IZQUERDO, Aparecida Negri (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 1998, 115 – 121.

SOBRINHO, Barbosa Lima. *A língua portuguesa e a unidade do Brasil*. 2ª ed. rev. Rio de Janeiro: J. Olympio; Brasília, INL, 1977.

TAULER, Raul Araya. *Aspectos lingüísticos da neoloxia na língua galega*. Disponível em: <[http://webs.uvigo.es/h03/webh03/MN/documents\\_archivos/aspectos.htm#2](http://webs.uvigo.es/h03/webh03/MN/documents_archivos/aspectos.htm#2)>. Acesso em: 21 de fevereiro de 2005.

VIDAS LUSÓFONAS. *Biografias*. Apresenta biografias de grandes autores da literatura brasileira. Disponível em: <[http://www.vidaslusofonas.pt/jose\\_alencar.htm](http://www.vidaslusofonas.pt/jose_alencar.htm)>. Acesso em 14 de setembro de 2005

VILELA, Mário. *Estudos de lexicologia do Português*. Coimbra: Almedina, 1994.

WARTBURG, W. von. *Problèmes et méthodes de la linguistique*. (traduit par Pierre Maillard). 2ème. Édition, Paris, PUF, 1963.

## DICIONÁRIOS

AULETE, Francisco Júlio Caldas. *Dicionario Contemporâneo da Língua Portuguesa*. Lisboa: Livraria do editor Antonio Maria Pereira, 1888. 2 vols.

BARBOSA, A. Lemos. *Pequeno Vocabulário Tupi-Português*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1995.

CUNHA, A. G. da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

DIAS, A. Gonçalves. *Dicionário da Língua Tupy*. Lipsia: F. A. Brockhaus, 1858.

*Enciclopédia de Plantas Brasileiras*. São Paulo: Ed. Três Ltda, c1988. 3 v.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio Eletrônico Século XXI*. V. 2.0. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

FIGUEIREDO, Candido de. *Novo Diccionario da Língua Portugueza*. Lisboa: Arthur Brandão e Cia, 1899. 2 vols.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua portuguesa*. v. 1.0. Instituto Antônio Houaiss, Ed. Objetiva Ltda, 2001.

LHERING, Rodolpho von. *Dicionário dos Animais do Brasil*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.

SAMPAIO, Theodoro. *O tupi na geografia nacional*. São Paulo: Casa Eelectiva, 1901.

SILVA, Antonio de Moraes (1755-1824). *Diccionario de Língua Portugueza*. FAC – Símile da 2ª ed. Typografia Lacérdina: Ed Lisboa, 1813. 2v.

**ANEXO I - LISTAGEM DOS ITENS LEXICAIS REPRESENTATIVOS DOS  
CAMPOS CONCEPTUAIS DA FLORA E DA FAUNA NA OBRA *O SERTANEJO* DE  
JOSÉ DE ALENCAR**

- 1) Abutre
- 2) Alecrim
- 3) algodoeiro
- 4) Andorinha
- 5) Angelim
- 6) Angico
- 7) Animal
- 8) Anta
- 9) Anum
- 10) Araçá
- 11) Araras
- 12) Aroeira
- 13) Árvore
- 14) Ateira
- 15) Barbatão
- 16) Barbatimão
- 17) Besta
- 18) Bezerro
- 19) Bignônia
- 20) Bilro
- 21) Boi
- 22) Borrego
- 23) Braúna
- 24) Cabra
- 25) Cão
- 26) Caitetu
- 27) Cajazeira
- 28) Cancã
- 29) canindé
- 30) Capim
- 31) Cardo
- 32) Carnaúba
- 33) Carrapicho
- 34) Cascavel
- 35) Cavalo
- 36) Cedro
- 37) Cipó
- 38) Colibri
- 39) Corrupião
- 40) Crauatá
- 41) Cauaçu
- 42) Ema

- 43) Espinheiro
- 44) Flores
- 45) Floresta
- 46) Folha
- 47) Folhagem
- 48) Frango
- 49) Fruto
- 50) Gado
- 51) Galinha
- 52) Galo
- 53) Gameleira
- 54) Garça
- 55) Garrote
- 56) Gavião
- 57) Ginete
- 58) Goiabeira
- 59) Graúna
- 60) Jaçanã
- 61) Jacarandá
- 62) Jaguar
- 63) Janaguba
- 64) Jandaia
- 65) Japécanga
- 66) Jararaca
- 67) Jatobá
- 68) Jibóia
- 69) Juá
- 70) Jurema
- 71) Juriti
- 72) Lagarto
- 73) Língua-de-vaca
- 74) Lobo
- 75) Macaco
- 76) Magnólia
- 77) Maracanã
- 78) Maranhão
- 79) Maracujazeiro
- 80) Marreca
- 81) Mato
- 82) Mimosa
- 83) Mimoso
- 84) Mulungu
- 85) Murta
- 86) Nambu
- 87) Novilha
- 88) Oiticica
- 89) Onça
- 90) Ovelha
- 91) Palmeira
- 92) Panasco

- 93) Patativa
- 94) Pereiro
- 95) Periquito
- 96) Pintos
- 97) Poldro
- 98) Porco
- 99) Preás
- 100) Quati
- 101) Raposa
- 102) Rês
- 103) Rola
- 104) Sabiá
- 105) Sagüi
- 106) Saracura
- 107) Sericóia
- 108) serpente
- 109) Sicupira
- 110) Sofrê
- 111) Suçuarana
- 112) Tamanduá
- 113) Taquara
- 114) Tejuaçu
- 115) Tié
- 116) Tingui
- 117) Touro
- 118) Trepadeira
- 119) Unha-de-gato
- 120) Urubus
- 121) Vaca
- 122) Veado
- 123) Visgueiro
- 124) Xexéu
- 125) zabelê